

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

**LARA LINHALIS GUIMARÃES**

UMA INVENÇÃO DE JORNALISMO: ninjas, xamãs e outras perspectivas

RIO DE JANEIRO  
2016

LARA LINHALIS GUIMARÃES

UMA INVENÇÃO DE JORNALISMO: ninjas, xamãs e outras perspectivas

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Comunicação.

Orientador: Professor Pós-Doutor Renzo Romano Taddei

RIO DE JANEIRO  
2016

## FOLHA DE APROVAÇÃO

LARA LINHALIS GUIMARÃES

UMA INVENÇÃO DE JORNALISMO: ninjas, xamãs e outras perspectivas

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Comunicação.

Aprovada em

---

(Renzo Romano Taddei, Pós-Doutor, Universidade Federal de São Paulo)

---

(Cíntia Sanmartin Fernandes, Pós-Doutora, Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ))

---

(Daniela Tonelli Manica, Pós-Doutora, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IFCS/UFRJ))

---

(Iluska Maria da Silva Coutinho, Pós-Doutora, Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (Facom/UFJF))

---

(Isabel Siqueira Travancas, Pós-Doutora, Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Eco/UFRJ))

---

(Paulo Roberto Gibaldi Vaz, Pós-Doutor, Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Eco/UFRJ))

## AGRADECIMENTOS

### PARTE I – Exílio

Senti-me um protótipo caipira de Frances Mayes, a escritora do filme “Sob o Sol de Toscana” (2003), quando decidi retirar-me na roça da minha família, no interior de Colatina – ES, para me concentrar na escritura desta tese, em setembro-outubro de 2015. Embora não tenha sido agraciada pela beleza inspiradora da cidade italiana, Colatina presenteou-me com o apoio da minha família, que não relutou sequer pequeno instante em dar toda a atenção e os cuidados necessários à minha filha de então quatro anos, a Elis, para que eu pudesse desbravar dados e relatos de campo. Elis se jogava no amor de um núcleo formado por mãe, pai, duas tias, irmão, três cachorros e muito, muito calor (Colatina ostenta a média de temperatura de 40° C). Arrumei meu cantinho debaixo da janela de um quarto no segundo andar da casa das tias, que fica num terreno quase ao lado do sítio dos meus pais. Ali, a labuta da escrita dividia atenção com uma infinidade de cores de pássaros que passavam pela janela à minha frente – e com minhas tias adentrando o quarto de tempos em tempos, trazendo café, água gelada, água de coco e alguma fruta picada pra comer. Ousaria dizer que quase 70% da tese foi escrita nas quatro semanas em que estive exilada naquele quarto, naquela roça, com aquele amor. Ah! E *sem* Facebook. Recebi tratamento de luxo e essa gratidão é irretocável. Assim, agradeço especialmente à minha mãe, Silvia; ao meu pai, Wander; às minhas tias Josefa e Angela; ao meu irmão, Ramon; e à minha cachorra, a Preta (*in memoriam*), que se dedicou em proteger Elis de gansos e outros *perigos* da roça enquanto eu escrevia freneticamente. Agradeço, também em especial, à minha tia Djalse, minha prima Nanda e seu filhote João, pelos banhos de piscina num janeiro colatinense de sensações térmicas indizíveis.

Nessa época de exílio, quando já me sentia dentro da caverna de Platão, recebi a visita *quase* surpresa do meu companheiro, Lucas Soares, vindo de uma então longínqua Juiz de Fora – MG. O propósito era não deixar a saudade ocupar o lugar das reflexões que eu precisava fazer. Essa visita me rendeu uma sobrevida na concentração de ao menos uma semana. Lucas esteve comigo durante a maior parte do doutorado e acompanhou cada descoberta e angústia com zelo, carinho e estímulo. E, antes mesmo do nosso elo amoroso, já ouvia em mesa de bar os rumos de uma pesquisa ainda incipiente. Obrigada, meu amor! A gratidão se estende a toda a família Soares-Barreto, que me acolheu em Juiz de Fora, especialmente à Tê, Rui e Buda, tão queridos por mim e minha filha. Os descansos eventuais na Ibitigranja foram também importantes para manter certa sanidade da alma e da mente quando nada faz desemperrar *aquele* tópico *daquele* capítulo. Agradeço também ao universo por ter me presenteado com uma sogra que é psicóloga. Sem bula e sem contraindicações.

Lá do início da pesquisa e até hoje – também desde tanto tempo! – fazem parte afetivamente meus queridos amigos da conexão Colatina-Viçosa: Edilson, Jória, Ludi, Mafê,

Mistem, Quel, Sal, Vivian e Xand. Agradeço a vocês por serem margem de mim. Cada um sabe bem o valor que tem na minha vida.

E quando eu pensava que minha cota-vida de ótimos amigos estava já alcançada, Juiz de Fora me presenteou com Cibele, Danubia, família “Zan” (os *zansacionais* Andrea, Carlos Fernando, Érica e Gui), Ju Assis, Má, Raphita (que, além da irmandade, carrega na barriga meu primeiro afilhado!), Tio Mário e Van. À maneira de cada um, contribuíram imensamente para o projeto “Eu, pesquisadora”, inclusive quando o objetivo era desvirtuá-lo.

Agradeço também aos meus amados alunos da Facom-UFJF, orientandos, e aos sensacionais “Avenidos” (Carime, Bela, Danilo, Fê, Hyllem, Kerol, Pedren, Tatá, Tiff e Túlio), por ouvirem ao menos 1 milhão de vezes a palavra “tese” para justificar alguma ausência, um ou outro mal humor, diversas olheiras e incontáveis vácuos em *inbox* de Facebook.



Figura 1 - Exílio

\*\*\*

## PARTE II – Tiro, porrada e bomba

As imersões de campo só renderam as discussões aqui propostas porque me abriram as portas no cenário midiativista carioca, de diferentes formas e especialmente, Carioca, Gian Martins, Paula Daibert, Raquel Boechat e Thiago Dezan. Não há palavras que possam expressar a gratidão que sinto ao lembrar o apoio de vocês em tantos momentos precisos. Agradeço também àqueles que disponibilizaram parte de seu tempo para uma conversa comigo, ligeira ou longa, a respeito desta pesquisa, especialmente: Augusto Lima,

André Miguéis, Bernardo Guerreiro, Caroline Leite, Diego Ceciliano, Dríade Aguiar, Edvam Filho, Fábio Santos, Geanini Hackbardt, Gonzalo Pardo, Felipe Altenfelder, Ivana Bentes, Jasmine Giovannini, Nicolas Villalobos, Leonardo Coelho, Lucas Vettorazzo, Otávio Brum, Pablo Capilé, Pedro Prado, Rafael Rezende, Rafael Pira, Rodrigo Modenesi e Teresa Sempere.

A concepção desta pesquisa seria um universo a menos caso não fosse orientada por Renzo Taddei. Todo o referencial bibliográfico e cada traço de inspiração intelectual são crias do que recebi de Renzo ao longo da nossa parceria. Obrigada especialmente pelos milhares de *insights* que me proporcionaram suas palavras. Aproveito ainda para agradecer aos seguintes pesquisadores o aceite em participar da banca de avaliação desta tese: Cíntia Sanmartin Fernandes, Daniela Tonelli Manica, Iluska Maria da Silva Coutinho, Isabel Siqueira Travancas e Paulo Roberto Gibaldi Vaz. Não há dúvidas de que as contribuições de vocês são essenciais para o refinamento e desdobramentos da pesquisa. Gratidão especial à professora Iluska Coutinho, por iluminar meus caminhos de pesquisa desde a época em que orientou minha dissertação de mestrado no PPGCOM-UFJF.

Agradeço ao querido amigo e pesquisador Evandro Medeiros. Nossas *dialogações em equívoco*, embora não registradas formalmente, estão dispersas ao longo deste texto e me sinto bastante tranquila em admitir que Evandro é, para mim, coautor desta tese.

Evandro também fez parte da inesquecível rota JF-RJ-JF para cumprir as disciplinas do doutorado, pré-campo. Além dele, Kelly e Sil foram companheiras de um percurso marcado não raro por duetos afinadíssimos, engarrafamentos *nível* Linha Vermelha e alterações drásticas de temperatura.

Quando precisei de abrigo no Rio de Janeiro, Andrea, Carol, Cibele, Dudu Barba e o querido Luís Telles foram tão carinhosos quanto prestativos. Cada qual à sua maneira, me cederam parte de seus cantinhos para que eu pudesse realizar as imersões de campo desta tese. Muito obrigada!



Figura 2 - Fuck Fifa

\*\*\*

### PARTE III – Pacto

O principal descaminho desta pesquisa, aquele que gerou uma nova rota a ser explorada em investigações futuras, apareceu como opção de trilha a partir de Angelise Nadal Pimenta e Ailton Krenak. Angelise é – apesar de não ser – a primeira xamã que conheci. Depois veio Ailton, em uma revoada de novos saberes que não pude ignorar. Gratidão infinita aos dois por colocar o universo diante dos meus olhos. Isso significou uma nova vida para esta pesquisa.

Por fim, não há pacto mais alucinante que o de sangue:

“Elis, minha filha,

Eu imagino como tenha sido custoso pra você todas as minhas ausências em diversos períodos desta pesquisa, seja durante minhas viagens ao Rio ou quando estive reclusa inúmeras vezes no escritório aqui de casa, *tão perto, tão longe* de você. Você esteve comigo desde que decidi fazer o processo seletivo para o doutorado na UFRJ, em 2011. Nessa época, você mal saía do meu peito. Entre troca de fraldas, papinhas e *mamadas* eternas, eu degustava um livro ou outro, para que um projeto fosse gestado. Agora, temos o que festejar: aqui está o resultado do que estive fazendo nos últimos quatros anos (dentro muitas outras coisas, como cuidar de você!). Minha pequena, você não faz ideia de como é parte disso! Quando seus olhinhos estiverem abertos o suficiente para entender cada uma dessas letrinhas, espero que goste do resultado e seja minha parceira em novas pesquisas!

Mamãe te ama”

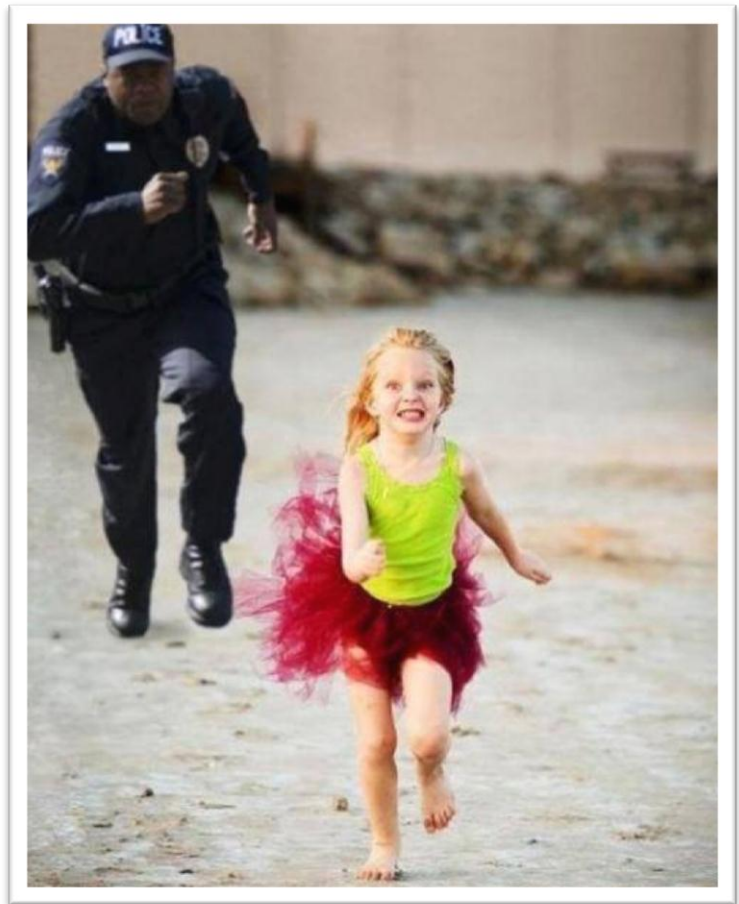


Figura 3 - Pietà (Fonte: internet/descit.com)

“Pode-se com efeito falar de processos de subjetivação quando se considera as diversas maneiras pelas quais os indivíduos ou as coletividades se constituem como sujeitos: tais processos só valem na medida em que, quando acontecem, escapam tanto aos saberes constituídos como aos poderes dominantes. Mesmo se na sequência eles engendram novos poderes ou tornam a integrar novos saberes. Mas naquele preciso momento eles têm efetivamente uma espontaneidade rebelde. Não há aí nenhum retorno ao ‘sujeito’, isto é, a uma instância dotada de deveres, de poder e de saber. Mais do que de processos de subjetivação, se poderia falar principalmente de novos tipos de acontecimentos: acontecimentos que não se explicam pelos estados de coisa que os suscitam, ou nos quais eles tornam a cair. Eles se elevam por um instante, e é este momento que é importante, é a oportunidade que é preciso agarrar. (...) Acreditar no mundo significa principalmente suscitar acontecimentos, mesmo pequenos, que escapem ao controle, ou engendrar novos espaços-tempos, mesmo de superfície ou volume reduzidos. É o que você chama de *pietàs*. É ao nível de cada tentativa que se avaliam a capacidade de resistência ou, ao contrário, a submissão a um controle. Necessita-se ao mesmo tempo de criação e povo.”  
(Deleuze, 2000, p. 217-218)



## RESUMO

Guimarães, Lara Linhalis. **Uma invenção de jornalismo**: ninjas, xamãs e outras perspectivas. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

Junho de 2013 deu visibilidade e fez surgir uma série de coletivos de midiativismo que buscavam comunicar as manifestações brasileiras insurgentes. No Rio de Janeiro – RJ, a Mídia Ninja destacou-se nacional e internacionalmente por transmitir os protestos via *streaming*, a partir de uma perspectiva de inserção radical na ação. Modos outros de fazer e pensar o jornalismo reverberaram dessa experiência, confrontando modelos legitimados pela academia e prática profissional. Considerando um recorte que compreende o período de junho de 2013 a julho de 2014, esta pesquisa buscou – em primeira instância – identificar essas novas visibilidades atreladas ao jornalismo, prioritariamente as urgências envolvidas no desenvolvimento da Mídia Ninja no Rio de Janeiro: os esforços de formação e manutenção do grupo, a teorização dos atores a respeito de suas práticas, o surgimento de controvérsias relacionadas a rotinas produtivas e posturas editoriais, e a atuação dos *streamers* no catártico-drama construído no leito de cada protesto. A partir de vivências de campo e entrevistas com diversos midiativistas no Rio de Janeiro, foi possível a compreensão de que a defesa das parcialidades do repórter no registro do acontecimento, bradada não raro pela Mídia Ninja e tantos outros coletivos de midiativismo, muitas vezes assume o viés de lente de aumento do real. A mesma presunção prevalece nas concepções mais tradicionais acerca do jornalismo, embora o lugar privilegiado de acesso ao real seja *fora* do acontecimento. De fato, as novas insurgências são potenciais no desencanto de valores de um jornalismo que é filho da modernidade, logo, do cientificismo que separa Natureza e Cultura, dado e construído. Também são potenciais na dispersão de outros pontos de vista sobre o mundo que não aqueles tradicionalmente reverberados nos meios de comunicação tradicionais. Entretanto, a combinação das duas tendências existentes – a que acessa o real *de dentro*, e a que acessa o real *de fora* – não necessariamente precipita algo que seja efetivamente poderoso. Por isso, buscou-se inspiração no xamanismo para a tessitura inacabada de uma nova alternativa conceitual, que implica consequentemente uma nova ontologia: o Jornalismo de Perspectivas.

**Palavras-chaves:** Midiativismo. Jornalismo. Xamanismo. Perspectivismo.

## ABSTRACT

Guimarães, Lara Linhalis. **A journalism invention: ninjas, shamans and other perspectives.** Thesis (Doctorate in Communication and Culture) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

June 2013 gave visibility and raised a number of media activism groups aiming to communicate the insurgent Brazilian manifestations at the time. In Rio de Janeiro - RJ, Mídia Ninja stood out nationally and internationally for broadcasting the protests via streaming, from a radical perspective of insertion into action. Other ways of doing and thinking journalism reverberated from this experience, questioning models legitimated by the academy and by professional practice. With an approach that covers the period from June 2013 to July 2014, this research sought - in the first instance - to identify these new visibilities linked to journalism, primarily the urgencies involved in the development of Mídia Ninja in Rio de Janeiro: efforts involving training and group maintenance, the theorization of the actors about their practices, the emergence of controversies related to production routines and editorial positions, and the performance of streamers in the cathartic-drama built in the wake each protest. From field experiences and interviews with several media activists in Rio de Janeiro, it was possible to understand that the defense of the reporter's biases in the event coverage, embraced frequently by Ninja Media and many other media activism groups often acts as a magnifying glass over reality. The same presumption prevails in more traditional conceptions of journalism, although in this case, the privileged access to reality is not within but outside the events. In fact, these new insurgencies are potential in the disenchantment of journalism values that was born from modernity, therefore from the scientism that separates Nature and Culture, given and constructed. They are also potential in the dispersion of other points of view on the world rather than those traditionally reverberated in traditional media. However, the combination of two existing trends - the one which accesses reality from within, and the one that accesses it from an outside point of view - not necessarily precipitates something that is actually powerful. Therefore, we sought inspiration in shamanism for the unfinished structure of a new conceptual alternative, which in turn implies a new ontology: Journalism of Perspectives.

**Keywords:** Media activism. Journalism. Shamanism. Perspectivism.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Exílio.....	5
Figura 2 - Fuck Fifa.....	6
Figura 3 - Pietà (Fonte: internet/descit.com).....	8
Figura 5 - Fotografia tirada na base Ninja do Rio de Janeiro, logo após as primeiras longas entrevistas, na vivência de setembro de 2013. Da direita para esquerda: eu, Carioca, Paula Daibert e Thiago Dezan. ....	53
Figura 6- Primeira Reunião Ninja na base, em Botafogo, no Rio de Janeiro. (Foto: Arquivo Pessoal/Raquel Boechat).....	78
Figura 7 – Postagem de Facebook em meu perfil pessoal, sobre a queda de um drone durante protesto. ....	102
Figura 8 – Fenda no tempo.....	115
Figura 9 – Corpo-nó feito mito. ....	116
Figura 10 – Paula como nó de rede intercontinental.....	119
Figura 11 – <i>Print screen</i> do post em que Carioca anunciou que perdia seu companheiro. ..	128

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO .....	13
1.1	Rumos metodológicos do campo: do <i>eu</i> subtraído ao <i>entre</i> .....	18
1.2	Questões de Fato <i>versus</i> questões de interesse.....	25
1.3	Celebração de Ação de Graças .....	27
1.4	O Equívoco da Manipulação .....	33
2	UM ARRANJO CATÁRTICO .....	41
2.1	Nem tão otimista assim.....	44
2.2	E nos tornamos, todos, ninjas. ....	49
2.3	“[...] virou um tipo de jornalismo, um jornalismo Ninja.” .....	59
3	ALICE ENCONTRA O COELHO .....	74
3.1	A tríade no país das controvérsias.....	78
3.2	O providencial passeio no Teleférico .....	90
3.3	O transe conceitual – jornalista, ativista, midiativista, ativista mídia. ....	93
4	UM DRONE CAIU DO CÉU.....	102
4.1	Uma revoada de entidades.....	106
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	136
5.1	Uma invenção de jornalismo .....	139
5.2	Nada mais próprio que o outro: conversações transespecíficas com Ailton Krenak.....	149
	REFERÊNCIAS .....	156
	ANEXO ÚNICO.....	162

## 1 INTRODUÇÃO

Ao longo dos períodos de imersão reflexiva e trabalho de campo, associando método de entrevistas e vivências etnográficas, o objetivo inicial da tese – etnografar a atuação da Mídia Ninja no Rio de Janeiro – levou-me a outras compreensões, as quais se tornaram, por fim, proposições inacabadas a respeito do jornalismo. A partir dessas compreensões, possíveis pela aliança teórico-metodológica entre perspectivismo e Teoria do Ator-Rede (TAR), proponho uma nova visada sobre a agência “jornalismo”, reunida na expressão *Jornalismo de Perspectivas: uma provocação teórica apadrinhada pela habilidade dos xamãs na cultura indígena*. Não há aqui nenhuma proposição resolutiva para quaisquer problemáticas envolvendo o mundo dos jornalistas. Trata-se muito mais de um experimento conceitual, nó de uma rede em curso, que algo acabado. Em suma, a pesquisa transborda a moldura desta tese e acredito que sua vida depende, justamente, da fuga em direções futuras.

Os apontamentos teóricos, os comentários de campo e as citações de entrevistas, bem como minhas reflexões e propostas teóricas relacionadas ao objetivo da pesquisa, estarão integrados ao longo de todos os capítulos desta tese, não havendo assim separação entre capítulos teóricos e capítulos práticos – embora haja a ocorrência de alguns capítulos mais teóricos ou práticos que outros. Como os leitores irão perceber, o texto final transparece, em sua organização e significados prescritos, meu percurso afetivo em relação ao tema.

O primeiro contato efetivo com a Mídia Ninja (Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação) aconteceu quando da realização de uma conversa no dia 17 de julho de 2013, via Skype, com Gian Martins, colaborador e responsável pela parte audiovisual do Ninja em Belo Horizonte (MG): “[...] é uma experiência de mídia muito nova e radical”,<sup>1</sup> dizia ele. Foram muitas trocas de e-mail até a primeira vivência com os “ninjas” cariocas, entre os dias sete e 13 de setembro de 2013, quando acompanhei a cobertura das manifestações no dia da Independência, o BeijATO no dia seguinte; realizei visitas à Aldeia Maracanã e ao Ocupa Câmara; estive presente na reunião aberta de pauta na Escola de Comunicação da UFRJ. Além disso, conversei com idealizadores e colaboradores da Mídia Ninja e frequentei com assiduidade o apartamento que servia como “base” do grupo – uma espécie de redação

---

<sup>1</sup> Informação fornecida por Gian Martins em 07 jul. 2013.

Ninja. Esse primeiro momento gerou muitos registros fotográficos, algumas horas de conversas gravadas, meu primeiro relato escrito, sobre os protestos do 7 de setembro; e minha primeira transmissão ao vivo – no BeijATO, quando me tornei nó em uma rede internacional de fatos e afetos. Thiago Dezan e Filipe Peçanha (o Carioca), moradores da base, e Paula Daibert, jornalista colaboradora do Ninja, me guiaram nessa primeira vivência. “Você já é Ninja”, disse Thiago, quando acompanhávamos o Ocupa Câmara. Desse primeiro encontro, brotaram, principalmente, grandes afinidades, afetos e projeções esperançosas. Diria que foi arrebatador.

Em outubro do mesmo ano houve a primeira reunião de formação da Mídia Ninja em Juiz de Fora, onde resido atualmente. As escadarias da Câmara Municipal da cidade receberam, nessa primeira reunião aberta, 12 pessoas dispostas a consolidar um núcleo Ninja na cidade. Todos manifestaram o desejo de contribuir na construção de outras narrativas sobre Juiz de Fora, que não as tradicionalmente visibilizadas nos diversos meios de comunicação da cidade. A questão da ocupação urbana recebeu centralidade nas falas através de pautas transversais. A primeira cobertura do grupo em formação foi já no dia seguinte a esse primeiro encontro, no ato chamado “1 milhão pela educação!”. A escolha da foto que integraria o *post* sobre o protesto, que seria divulgado na página do Ninja, gerou debates infundáveis com meus ideais e crenças. Debates esses que, tornados reflexões teóricas, irão guiar a parte final deste texto introdutório.

A segunda vivência no Rio de Janeiro ocorreu entre os dias quatro e seis de novembro de 2013. Aproveitei para visitar a base e registrar em vídeo algumas entrevistas com os ninjas cariocas. Queria mesmo era saber o que trouxe de novo ao trabalho a ressaca do 7 de setembro. Depois de um bate-papo com Carioca, brotaram muitas novas vírgulas, interrogações e algumas compreensões necessárias. A adesão pela Mídia Ninja – em certa medida e em alguns casos – a uma lógica de manipulação de informações, tão contestada por eles em relação à grande mídia, foi justificada como tática numa guerra de significados. Matutei tudo no avião até Brasília, onde iria apresentar um artigo meu, relacionado à pesquisa, no XI Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor). Convidei alguns ninjas de lá do Cerrado para acompanhar a apresentação e participar do debate. A presença de dois deles, o Luis Felipe e a Fernanda Quevêdo, foi um incentivo a mais à pesquisa. De fato, a presença deles no Congresso, realizado pela Sociedade Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, foi uma intervenção por si só. Das muitas questões que surgiram, a ideia de

“novidade” relacionada ao trabalho dos ninjas foi questionada por alguns que ali estavam acompanhando a apresentação. Também emergiu ali o velho embate baseado na dicotomia entre jornalistas “não profissionais” (sem formação acadêmica) e “profissionais” (com formação acadêmica), no que diz respeito à legitimidade do trabalho de um e de outro, bem como a discussão sobre a legitimidade da adoção do termo jornalismo por sujeitos não enquadrados em categorias profissionais legítimas em relação à atividade. Feitos leitores imaginários, as duas categorias de atores são convidadas, ao longo de todos os capítulos desta tese, a despurificar o termo.

Voltei ao Rio ainda no mês de novembro, para acompanhar a programação do Facção – Encontro Latino-Americano de Midiativismo, quando pude ter noção da extensão da rede que é tecida entre aqueles que acreditam na comunicação como modo de intervenção no mundo – embora paradoxalmente a noção de parcialidade, exaltada por muitos, seja evocada como lente de aumento do real, como veremos adiante. “A internet tem se beneficiado de uma nova dinâmica social”, afirmou Marco Dantas, professor da Eco-UFRJ, na abertura do Facção. A Mídia Ninja foi uma das organizadoras do encontro, junto com mais de 30 coletivos latino-americanos, o qual teve como eixos temáticos Ativismo, Políticas Públicas, Tecnologias e Linguagens. Os participantes puderam trocar experiências através de rodas de conversa, momentos de formação livre e oficinas, o que idealmente contribuiria para a criação de uma agenda comum de trabalho. Do público que lotou a Desconferência de Abertura, realizada no Auditório Pedro Calmon do Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ, parte significativa era de alunos do Instituto Empreender e do EnterJovem, ambos programas de orientação profissional. “Precisamos nos armar”,<sup>2</sup> destacou Dríade Aguiar, da Mídia Ninja, em relação à guerra de memes que se desenvolve atualmente. As armas? Narrativas invisíveis agora amplificadas num espectro translocal: “Isso daí vai estar no Youtube, pra geral acessar e postar no Face, postar no Twitter, pra espalhar mesmo, pra espalhar”. Essa é a fala entoada como mantra no final de todos os vídeos produzidos pelo Jornal A Nova Democracia, coletivo que foi parceiro na organização do Facção, e representa bem a convocatória de Dríade, bem como a extensão que essas novas visibilidades podem assumir.

---

<sup>2</sup> Informação fornecida por Dríade Aguiar, no Encontro Latino-Americano de Midiativismo, em novembro de 2013.

Após esse período, e até maio de 2014, mantive contato com os ninjas do Rio, prioritariamente pelo Facebook, seja no bate-papo com alguns deles, em visitas diárias à página do grupo ou por consulta aos materiais produzidos. Em Juiz de Fora, o processo de consolidação de uma base Ninja não encontrou um caminho estável. Parece-me que isso se deu por alguns motivos, entre os quais a não existência de uma figura modelo, um líder ou vários – uma multiliderança, que seja –, com os quais os colaboradores pudessem se identificar, como há no Rio o Carioca e o Dezan, moradores da base e integrantes do Fora do Eixo (FDE)<sup>3</sup>, rede incubadora da Mídia Ninja. De todo modo, Geanini Hackbardt, na época, moradora da Casa FDE de Juiz de Fora, havia mencionado um movimento de desatrelamento do Ninja em relação ao FDE. Segundo ela, não seria mais a Casa que iria “puxar” o processo. Tanto o Carioca quanto o Dezan já tinham me adiantado esse movimento, em entrevista realizada durante a primeira vivência no Rio, em setembro de 2013:

Agora a gente está com uma equipe mais sólida no Brasil inteiro e tem-se essa separação mais clara de que o Ninja está além do Fora do Eixo [...] mas também não existe uma vergonha de falar que nasceu daquela experiência colaborativa ali<sup>4</sup>

Hoje, a Casa FDE de Juiz de Fora está desativada, bem como a promessa de formação de uma base Ninja na cidade.

Durante a Copa do Mundo de 2014, estive em mais uma imersão de campo na cidade do Rio de Janeiro, de 12 de junho a 12 de julho. Realizei dezenas de entrevistas com sujeitos

---

<sup>3</sup> Segundo texto inicial da Carta de Princípios disponível no site do coletivo (<http://foradoeixo.org.br/>), “O Fora do Eixo é uma rede colaborativa e descentralizada de trabalho constituída por coletivos de cultura pautados nos princípios da economia solidária, do associativismo e do cooperativismo, da divulgação, da formação e intercâmbio entre redes sociais, do respeito à diversidade, à pluralidade e às identidades culturais, do empoderamento dos sujeitos e alcance da autonomia quanto às formas de gestão e participação em processos sócio-culturais, do estímulo à autoralidade, à criatividade, à inovação e à renovação, da democratização quanto ao desenvolvimento, uso e compartilhamento de tecnologias livres aplicadas às expressões culturais e da sustentabilidade pautada no uso e desenvolvimento de tecnologias sociais”. A partir da visibilidade da rede, ampliada com a participação de Pablo Capilé no programa Roda Viva, uma série de controvérsias acerca do FDE foram desdobradas, e, no geral, apoiavam-se em críticas à supostas filiações partidárias e ganhos financeiros daí advindos, à exploração do trabalho dos colaboradores e verticalização das relações em um modelo de trabalho que se propunha horizontal. Essas críticas tiveram grande impacto na credibilidade da Mídia Ninja em nível nacional e também no Rio de Janeiro, em razão de a iniciativa ter sido incubada dentro do FDE e das Casas Coletivas. Por conta da amplitude dessa rede desdobrada, o que de fato merece atenção e estudo aprofundados, esta tese não irá se embrenhar pelos meandros dessas controvérsias, embora não raro problematizações a respeito apareçam nas entrevistas ao longo do texto, como o leitor poderá verificar. Para acesso inicial aos dizeres que rompem a estabilidade da rede FDE, consultar Cf. CAVA, Bruno; COCCO, Giuseppe. O preto e a rosa, uma resposta a Rodrigo Savazoni. UniNômade Brasil, 2 set. 2013. Disponível em: <<http://uninomade.net/tenda/o-preto-e-a-rosa-uma-resposta-a-rodriigo-savazoni/>>. Acesso em: 4 fev. 2016.

<sup>4</sup> Informação fornecida por Carioca em set. 2013.



atuantes no cenário midiativista do Rio de Janeiro, produzi outras dezenas de páginas de relatos escritos e algumas horas de relatos gravados, além de fotos e vídeos diversos. Acompanhei a Mídia Ninja e outros coletivos de midiativismo cariocas nas coberturas, *streamings* e realização de atos, protestos e eventos no geral; que buscavam idealmente configurar contranarrativas aos discursos mais comumente visibilizados sobre o evento nos meios de comunicação tradicionais. Os corpos-ciborgues foram protagonistas da maior parte das cenas e configuravam referência visual indiferenciante. Já não era possível estabelecer distinções em primeira instância entre manifestantes, midiativistas e jornalistas profissionais. O capítulo 3 desmembra essa percepção e convida os leitores a mais uma depurificação. Observei também as disputas internas e percebi um processo de descredibilização da Mídia Ninja vivido por parte dos coletivos de midiativismo cariocas, muito em razão de diversas controvérsias surgidas durante e após a Jornada de Junho de 2013. Alguns dos integrantes da primeira geração Ninja RJ formaram um grupo dissidente, o coletivo Carranca, e são eles principalmente que tecem aqui nesta tese a rede infinda de controvérsias, sobre as quais dediquei especialmente o capítulo 2.

Importante destacar a parceria com o amigo, pesquisador e então colega de doutorado Evandro Medeiros na realização do campo durante a Copa do Mundo de 2014. Ele esteve mais atento às invenções de jornalismo a partir do ponto de vista dos jornalistas automeados profissionais, no geral funcionários de grandes corporações de comunicação; enquanto meu olhar mirava as conexões entre midiativistas e imaginários diversos sobre o jornalismo. Tecemos, eu e Evandro, uma espécie de campo em rede, desdobrado a partir das provocações de Eduardo Viveiros de Castro, Bruno Latour e Roy Wagner. Das nossas “dialogações em equívoco” – conversas diárias pós-campo, resultaria um texto de reflexões conjuntas, que seria integrado à tese de um e de outro. Como o vento sopra em todas as direções, entendemos ao fim que não haveria como dispor nossas dialogações em um canto qualquer da tese. O texto inteiro éramos nós. Embora os vieses de um e outro tenham formado redes muitos pessoais de análise e exposição de ideias, Evandro enxameia em cada *insight* meu. Por fim, suspeito que a margem dos dois textos - os nós de encontro - seja especialmente potencial na sistematização de algo ainda relativamente suspenso, porém potencialmente instigante na equação nada racional formada pelas variáveis jornalismo, equívoco e invenção.

### 1.1 Rumos metodológicos do campo: do *eu* subtraído ao *entre*.

O momento fértil dessa pesquisa nasce de fato nos anos 70, no que diz respeito às bases antropológicas que me capturaram e, por conseguinte, constituíram a pesquisa. De lá, ecoa e permanece Roy Wagner: “Uma ‘antropologia’ que jamais ultrapasse os limiões de suas próprias convenções, que desdenhe investir sua imaginação num mundo de experiência, sempre haverá de permanecer mais uma ideologia que uma ciência” (WAGNER, 2010, p. 29). Na sequência do trecho, Wagner emenda a pergunta: *O quanto de experiência é necessário?* Para ele, o pesquisador deve estar comprometido com um rigor baseado na profundidade e abrangência da cultura vivenciada: deve conhecer sua própria cultura e aquela outra simultaneamente, e, dessa forma, se tornar ele mesmo vínculo entre culturas em razão da experiencição em ambas. Esse elo é possível, segundo o autor, quando há um “sinal de igualdade invisível entre o conhecedor (que vem a conhecer a si próprio) e o conhecido (que constitui uma comunidade de conhecedores)” (WAGNER, 2010, p. 30). Dessa relação transformadora, do *contraste experienciado*, o que precipita é a cultura de fato:

A cultura estudada se torna “visível” e subsequentemente “plausível” para ele; de início ele a apreende como uma entidade distinta, uma maneira de fazer as coisas, e depois como uma maneira segundo a qual ele poderia fazer as coisas. [...] Antes disso, poder-se-ia dizer, ele não tinha nenhuma cultura, já que a cultura em que crescemos nunca é realmente “visível” [...]. É apenas mediante uma “invenção” dessa ordem que o sentido abstrato de cultura (e de muitos outros conceitos) pode ser apreendido, e é apenas por meio do contraste experienciado que sua própria cultura se torna “visível”. No ato de inventar outra cultura, o antropólogo inventa a sua própria e acaba por reinventar a própria noção de cultura (WAGNER, 2010, 30-31).

Wagner desenvolve assim uma concepção de cultura evocando a mediação e a criatividade como elementos centrais de seu percurso teórico. Nesse sentido, cultura seria aquilo que resulta do encontro entre duas “diferenças”: ela é a vibração que a alteridade proporciona. Isso afasta o conceito de explicações estruturais ou sistêmicas. Desse modo, Wagner propõe a invenção como uma atividade humana vital e critica a busca desenfreada por análogos quando do trabalho de campo. De fato, observamos a partir de nossos pontos de vista, mas, em outro momento, se vivenciamos a ideia de equivalência (relatividade cultural), passamos por um processo de invenção possível com a experiência da relação,

subvertendo nossos símbolos. “Precisamos ser capazes de experienciar nosso objeto de estudo diretamente, como significado alternativo, em vez de fazê-lo indiretamente, mediante sua literalização ou redução aos termos de nossas ideologias”, acredita Wagner (2010, p. 66), o que se distancia da ideia de interpretação, análise ou exame. Da relação, invenção criativa, surge o que não é o próprio, nem aquilo que é outro. Nasce a cultura.

O conceito de perspectivismo, desenvolvido pelo antropólogo brasileiro Eduardo Viveiros de Castro, avança e aprofunda, a meu ver, a proposta de Wagner. O conceito é baseado na concepção ameríndia, partilhada por vários povos do ocidente, segundo a qual “[...] o mundo é habitado por diferentes espécies de sujeitos ou pessoas, humanas e não-humanas, que o apreendem segundo pontos de vista distintos” (WAGNER, 2010, p. 347). A perspectiva é que cria o sujeito por ela interpelado, o que explora o radical oposto das cosmologias multiculturalistas, império do relativismo cultural, e se apoia na ideia de *multinaturalismo*.

O perspectivismo não é um relativismo, mas um multinaturalismo. O relativismo cultural, um multiculturalismo, supõe uma diversidade de representações subjetivas e parciais, incidentes sobre uma natureza externa, una e total, indiferente à representação; os ameríndios propõem o oposto: uma unidade representativa ou fenomenológica puramente pronominal, aplicada indiferentemente sobre uma diversidade real. Uma só “cultura”, múltiplas “naturezas”; epistemologia constante, ontologia variável [...]. (CASTRO, 2002, p. 379)

Unidade do espírito, diversidade dos seres. A perspectiva, de acordo com o antropólogo, varia segundo a especificidade dos corpos, já que a alma, “[...] formalmente idêntica através das espécies, só enxerga a mesma coisa em toda a parte” (CASTRO, 2002, p. 380). A partir da cosmologia ameríndia, o perspectivismo sugere que “[...] antes de buscar uma reflexão sobre o outro, é preciso buscar a reflexão do outro e, então, experimentarmos nos outros.” (CASTRO, apud SZTUTMAN, 2007, p. 14). A figura do xamã e sua habilidade em ocupar o lado prosopomórfico invisível dos animais – sua humanidade como condição –, é emblemático da radicalidade que o conceito propõe: a capacidade de ocupar outras perspectivas e *ver como*.

O xamanismo amazônico pode ser definido como a habilidade manifesta por certos indivíduos de cruzar deliberadamente as barreiras corporais e adotar a perspectiva de subjetividades alo-específicas, de modo a administrar as relações entre estes e os humanos. Vendo os seres não-humanos como estes se veem (como humanos), os xamãs são capazes de assumir o papel de interlocutores ativos no diálogo transespecífico; sobretudo, eles são capazes de voltar para contar a história, algo que os leigos dificilmente podem fazer. O encontro ou o intercâmbio de perspectivas é um processo perigoso, e uma arte política – uma diplomacia. Se o ‘multiculturalismo’ ocidental é o relativismo como política pública, o perspectivismo xamânico ameríndio é o multinaturalismo como política cósmica (CASTRO, 2002, p. 357-358).

O que significa um ideal de conhecimento oposto à epistemologia objetivista ocidental, segundo a qual conhecer é dessubjetivar: libertar o que do sujeito há no objeto para reduzi-lo a um mínimo ideal. Para o xamanismo ameríndio, “Conhecer é personificar, tomar o ponto de vista daquilo que deve ser conhecido – daquilo, ou antes, daquele; pois o conhecimento xamânico visa um ‘algo’ que é um ‘alguém’, um outro sujeito ou agente” (CASTRO, 2002, p. 358). O conhecimento verdadeiro, nesse sentido, busca a revelação de um máximo de intencionalidades abduzidas de cada ação, pois o objeto é sempre um sujeito *incompletamente interpretado*. Ao destacar o esforço infinito de tradução intercultural dos antropólogos, Viveiros de Castro (2007) entende que essa tradução deve vir acompanhada de uma traição, de modo a colocar “nossos termos” em relações perigosas: “[...] isso precisa ser feito de modo a forçar nossa imaginação a emitir significações completamente outras e inauditas” (CASTRO, apud SZTUTMAN, 2007, p. 122).

Percebe-se que a alteridade aí tem valor primordial: importa aliarmo-nos no movimento de comutações de pontos de vista, inclusive entre o humano e o não-humano. O enlace profundo entre *alter* e *ego* é o que emerge como proposta da teoria antropofágica de interpretação cultural, idealizada no início do século XX por artistas modernistas brasileiros e retomada por movimentos culturais nos anos 1960. Regina Mota (2007) afirma que os ideais antropofágicos foram inspirados em rituais indígenas de devoração do inimigo, o que fez emergir “uma perspectiva analítica que atacava o inimigo para constituir a si mesmo – pelo conflito legitimava o outro como margem da existência do próprio” (MOTA, 2007, p. 3). O perspectivismo ameríndio, por esse caminho, estende o projeto oswaldiano expresso no *Manifesto Antropófago* na medida em que recusa e desestabiliza modelos estéticos, éticos e políticos forjados pelo mundo ocidental-moderno (CASTRO, apud SZTUTMAN, 2007, p. 2007). A antropofagia – como modelo ameríndio de pensar e viver, muito mais que mera refeição cerimonial – invade o pensamento domesticado, selvagizando-o.

A abertura dos corpos para a captura perspectivista e a fome antropofágica potencialmente nos levariam a experienciar a margem como local onde a cultura reside, não como algo definido ou moldura, mas como invenção, força criativa. *Intimidade*. Todo o processo é ainda mais enriquecedor quando o Outro desaparece – no sentido de ser outra coisa que o *eu-fronteira* – e aparece em cena o *entre*, o local da invenção da cultura. Não é o caso de ignorar as diferenças, mas de devorá-las, num processo antropofágico de autoconhecimento. A experiência em campo seria, assim, revestida pela emergência do performativo, pelo vislumbre de uma complexidade permeada por contradições, pela natureza heterogênea dos “ingredientes” que formam os grupos, que enxameiam as ações, os atores.

Sobre a emergência do performativo, Bruno Latour (2012) defende que, mais importante que observar o que já está agregado e age como um todo, é necessário atentar para a natureza do que foi reunido. Para ele, os fatos são híbridos, pois possuem todas as facetas da realidade. Nesse sentido, o social não pode ser definido como um tipo específico de material ou domínio, mas como um movimento de reassociação e reagregação:

[...] o social não é nunca uma coisa visível ou postulável. Só se deixa entrever pelos traços que vai disseminando (experimentalmente) quando uma nova associação se constitui com elementos de modo algum ‘sociais’ por natureza (LATOURE, 2012, p. 27).

Aderindo às orientações de Latour, grande parte delas presente em sua Teoria do Ator-Rede (TAR), busquei rastrear os movimentos envolvidos na composição e (re)composição da Mídia Ninja RJ (do próprio Jornalismo!), as conexões que se tornaram visíveis através da exacerbação de *controvérsias*, cuidando para não interromper esse fluxo com modelações e enquadramentos, tampouco com afirmações resolutivas a respeito. E, mais importante, busquei *seguir os próprios atores* nos desdobramentos instáveis – por isso, visíveis – de seus cosmos: ideias, lógicas, métodos, definições, motivações, “[...] pouco importa quão irracionais pareçam” (LATOURE, 2012, p. 44).

A fim de identificar as controvérsias que compõem a formação de certo domínio do social, Latour propõe o exame de cinco grandes incertezas, baseadas nas principais intuições das ciências sociais: a natureza dos grupos, das ações, dos objetos, dos fatos e o tipo de

estudo desenvolvido sob o rótulo de ciência do social. São essas incertezas que auxiliaram no mapeamento de campo desta tese.

A primeira delas parte da negação da existência de grupos enquanto conjunto estável e silencioso. O que existe, e só assim é visível e deixa rastros, são formações de grupo, “[...] o produto provisório de um rumor constante, feito por milhões de vozes contraditórias sobre o que vem a ser um grupo e quem pertence a ele.” (LATOUR, 2012, p. 55). Latour formula uma lista com alguns elementos presentes nas controvérsias a respeito da formação de agregados sociais. São eles: a existência de porta-vozes que falem pelo grupo, o mapeamento de antigrupos, a mobilização de recursos para a consolidação de fronteiras e o recrutamento de profissionais para uma definição durável do grupo. A orientação que daqui emana é compreender o modo como os grupos se mantêm por algum *esforço* de formação e preservação de sua existência, embora alguma definição possível seja sempre performática. “Se inércia, durabilidade, alcance, solidez, compromisso, lealdade, adesão etc. precisam ser explicados, isso não pode ser feito sem se procurarem veículos, ferramentas, instrumentos e materiais aptos a proporcionar estabilidade.” (LATOUR, 2012, p. 60). E isso implica reconhecer a mediação ativa realizada por cada um dos meios de produzir o social e também quando esses meios se comportam como intermediários sem força de transformação. Ao longo de todos os capítulos desta tese, busco fazer emergir os agenciamentos provocados pelas entidades que se mobilizavam - considerando o recorte temporal desta pesquisa - num esforço de manutenção e perturbação dos nós da rede Mídia Ninja no Rio de Janeiro, malha curta de outras redes associadas. De fato, tais associações configuravam-se como instáveis, e as parcerias, no geral, variavam segundo particularidades circunstanciais.

A *segunda fonte de incerteza* parte do princípio da ação como nó, fatalmente subdeterminada, de modo que o ator é sempre alvo móvel de um conjunto de entidades que enxameiam em sua direção. Latour recorre ao poeta Rimbaud, ao dizer que “nós”, como “eu”, lembram um ninho de vespas. “Je est un autre” (RIMBAUD apud LATOUR, 2012, p. 74). É importante, nessa compreensão, manter o foco nas *incertezas* sobre a ação.

É justamente em virtude de o social ainda não estar pronto que os sociólogos de associações deveriam guardar como seu mais precioso tesouro todos os traços das hesitações que os próprios atores sentem em relação aos ‘impulsos’ responsáveis por seus atos. [...] devemos paradoxalmente, tomar como base todas as incertezas, hesitações, deslocamentos e perplexidades. Assim como estão sempre envolvidos por outros na tarefa de formar e dissolver grupos (primeira incerteza), os atores se empenham em fornecer relatos controvertidos de seus atos e os atos alheios. [...] Qualquer entrevista, narrativa ou comentário, por trivial que pareça, enriquecerá o analista com um conjunto assombroso de entidades para explicar o curso de uma ação. (LATOUR, 2012, p. 76-77)

Latour atenta para o cuidado que o pesquisador deve ter com interpretações nos termos correntes desta ou daquela ciência. “É preciso combater a ideia de que existe por aí um dicionário do qual todas as palavras dos atores possam ser traduzidas nos poucos verbetes do léxico social” (LATOUR, 2012, p. 77). E, para que possamos mapear as controvérsias em torno da ação, o autor elabora outra lista, agora de características presentes nos argumentos contraditórios a respeito dos acontecimentos: as ações são parte de um relato, portanto devem ser percebidas e expressadas pelos atores (de resto, é Teoria da Conspiração, diz Latour, 2012); as ações possuem uma figura qualquer, *actantes* que “[...] fornecem uma imagem, uma roupagem, um corpo à ação” (LATOUR, 2012, p. 85); as ações opõem-se a ações rivais, assim como o esforço de formação de grupos mapeiam antigrupos; são acompanhadas por uma teoria explícita da ação. Existência, figuração, oponentes, teoria da ação. A segunda fonte de incerteza pinta um mundo de agências que estão relacionadas entre si para além da relação direta causa-efeito: é colorido pelo movimento de mediadores, os quais contêm toda ação em si, são plenos. “Assim, a questão-chave da ciência social é determinar se tenta deduzir de poucas causas o maior número possível de efeitos ali presentes *in potentia*, ou se tenta substituir o maior número possível de causas por uma série de atores” (LATOUR, 2012, p. 93). Um grande número de atores passou a solicitar para si o termo jornalismo a partir da Jornada de Junho de 2013. Entre esses solicitantes, estiveram os colaboradores da Mídia Ninja. “Somos todos ninjas” era o grito significativo bradado pelos corpos nas ações envolventes ao grupo. A expressão partia da crença, no geral compartilhada entre os integrantes do coletivo, de que todos somos mídias em potencial, aptos a visibilizar narrativas coletivamente, as quais podem, num plano ideal, transformar o mundo. Essa crença traz discussões importantes ao campo do jornalismo, já que solicita para esses novos comunicadores o lugar de referência no processo de construção de narrativas sobre o mundo – espaço antes ocupado pelos jornalistas de

redação. Em suma, o jornalismo processa seu devir a partir dos equívocos insurgentes, embora as disjunções comunicativas pareçam mais latentes na relação entre os actantes, percepção que será desmembrada de maneira mais enfática no capítulo 2 e nas considerações finais deste texto.

A *terceira fonte de incerteza* parte da aceitação dos objetos enquanto partícipes no curso da ação: entidades tradicionalmente banidas do espectro coletivo e do pensamento social. “Qualquer coisa que modifique uma situação fazendo diferença é um ator”, diz Latour (2012, p. 108). Qualquer curso humano de ação é assinado em coautoria por um objeto, a exemplo da parceria jornalista-internet no compartilhamento de informações mundo afora. Assim, a “[...] continuidade de um curso de ação raramente consiste de conexões entre humanos (para os quais, de resto, as habilidades sociais básicas seriam suficientes) ou entre objetos, mas, com muito maior probabilidade, *zigzagueia* entre umas e outras” (LATOURE, 2012, p. 113). No caso da Mídia Ninja e o modo como realiza o jornalismo, a parceria homem-máquina é contundente: celulares, computadores, geradores, fios de internet, microeletrônica, máquinas fotográficas, capacetes, máscaras que filtram gás lacrimogêneo, óculos contra spray de pimenta; todos esses objetos definem o curso das ações dos ninjas, seus sucessos e insucessos; são partícipes e estão acopladas aos corpos humanos dos midiativistas. Autorizam, permitem, concedem, influenciam, interrompem, possibilitam: matizes metafísicos que vão além da causalidade plena ou inexistência absoluta. Aos ninjas cabe, ao menos provisoriamente, a analogia do Ciborgue, descrito por Donna Haraway em seu *Manifesto* (2000): híbrido de organismo e máquina, que celebra a mutação como potência política. Nesta outra lista que se segue, Latour enumera situações em que há visibilidade dos objetos enquanto atores: inovações; ocasiões em que há uma conjuntura de novidade relacionada ao objeto; acidentes, rupturas e golpe; também arquivos, documentos, coleções de museus, obras de arte e outras maneiras de trazer os objetos de volta ao rol de mediadores. De fato, novas conjunções entre homem e máquina surgiram e se tornaram visíveis a partir da Jornada de Junho. O modo como os acoplamentos sucederam-se será explorado no capítulo 3 desta tese.

A *quarta fonte de incerteza* inaugura a passagem de questões de fato para questões de interesse, enfatizando inicialmente a multiplicidade da própria coisa como construto: termo onde reside sua própria veracidade. Latour explica que “Quando dizemos que um fato é construído, queremos dizer simplesmente que explicamos a sólida realidade objetiva



mobilizando entidades cuja reunião poderia falhar” (LATOURE, 2012, p. p.136), e não em contraposição à existência de coisas reais e não construídas. O construtivismo seria uma espécie de lente de aumento realista, o que se contrapõe à visão mais tradicional das ciências sociais de que o fato científico não é nunca construído, mas um dado da realidade, dispondo assim, dicotomicamente, ciência e social, natureza e cultura. Nada existe se desenvolvendo socialmente “por trás” dos fatos, acredita Latour. O que há, para o autor, são movimentos de associações e reassociações: traduções entre entidades que *coexistem*, povoadas por controvérsias e conexões tão diversas quanto instáveis. “[...] temos de libertar as questões de fato da sua redução à ‘natureza’ exatamente como devemos libertar os objetos e coisas de sua ‘explicação’ pela sociedade” (Latour 201: 161). Dessa discussão irei tratar vigorosamente no tópico seguinte desta introdução.

Antes disso e finalmente: a *quinta fonte de incerteza* trata da escritura do relato e da utilização da rede como ferramenta para a descrição. Latour faz uma analogia entre a escritura do relato e o trabalho que os cientistas naturais realizam em seus laboratórios: o momento da confecção do texto, assim como o manejo das entidades, são espaços de mediação. “Em vez de simplesmente transportar efeitos sem transformá-los, cada um dos pontos no texto pode se tornar uma encruzilhada, um evento ou a origem de uma nova translação” (LATOURE, 2012, p. 189). Essa qualidade, entretanto, não exime o relato da necessidade de se buscar a objetividade, não no sentido da utilização de um estilo objetivo, tampouco atrelada a seu apelo tradicional de vislumbre da coisa concreta, fria e desinteressada: é uma busca pela vivacidade do objeto, em todas as suas controvérsias, tecido como rede de agências. Entendendo que, como pesquisadora, sou parte dessa rede, decidi que o texto fluiria segundo minhas disposições afetivas e intelectuais relacionadas ao tema. Por isso ele pulsa – e evolui – como qualquer entidade em processo vital.

## **1.2 Questões de Fato *versus* questões de interesse**

Como mencionado, a quarta fonte de incerteza proposta por Latour (2012) diz respeito à constituição do fato científico e da atribuição a ele de um caráter construtivo. O pesquisador discorre sobre os significados da palavra construção, a qual remete, em primeira instância, a algo que não surgiu do nada, como em um passe de mágica. A

construção de um edifício traz também a imagem de atores humanos e não humanos reunidos no terreno da obra. Além disso,

[...] quando somos levados a qualquer local de construção estamos vivenciando a perturbadora e estimulante sensação de que as coisas poderiam ser diferentes ou pelo menos de que elas ainda poderiam falhar – sensação essa que nunca é tão profunda quando nos vemos diante do produto final, por mais belo ou impressionante que ele possa ser (LATOURE, 2012, p. 132).

“Foi bem ou mal construído?”. No senso comum, pergunta-se isso sobre construções de edifícios, por exemplo. Não há dúvidas de que são construídos e são reais – justamente porque foram construídos!. A pergunta, assim, centra-se nos ingredientes envolvidos na construção: com quais materiais, que profissionais, qual construtora, quais equipamentos, qual conceito arquitetônico, etc. Em muitos círculos acadêmicos, entretanto, a palavra construção está associada a algo que não é verdadeiro. Por essa via, não raro somos submetidos a uma *escolha altamente improvável*, como frisa Latour: “[...] ou uma coisa era real e não construída, ou era construída e artificial, ideada e inventada, composta e falsa.” (LATOURE, 2012, p. 134). Apesar das acusações envolvendo a utilização do termo, Latour prefere reivindicá-lo, adicionando a ele o adjetivo *social*, no sentido de associação, do modo como a TAR preferiu a ele. Assim, dizer que um fato é construído socialmente significa que a atenção deve estar voltada ao “[...] número de realidades heterogêneas que entram na fabricação de certo estado de coisas” (LATOURE, 2012, p. 136). Sob esse ponto de vista, teríamos nessa mirada um *aumento de realismo*, justamente, e não um *déficit* de realidade.

O social desaparece no sentido de um mundo por trás do mundo real que explicaria o mundo real. Não há nada por trás das associações – o sentido de social almejado pela TAR –, nenhum mundo objetivo, natural, simbólico, subjetivo. O social então é o que emerge do movimento de conexão entre as coisas. “O social não está em lugar nenhum em particular como uma coisa entre outras coisas, mas pode circular em qualquer lugar como um movimento que liga coisas não sociais.” (LATOURE, 2012, p. 158). Desse movimento, faz parte a atuação de mediadores: actantes fadados à coexistência ao traçar ligações em que transformações mútuas são requeridas como vitais. Não são intermediários transportando causas. A relação entre esses mediadores é chamada, na TAR, de *tradução*. São essas traduções que implicam transformações dos actantes – qualquer coisa geradora de ação – e que podem produzir associações rastreáveis. É como entende também André Lemos (2013,

p. 48): “Tradução, mediação, comunicação é toda ação que um actante faz a outro, implicando aí estratégias e interesses próprios na busca da estabilização futura da rede ou da resolução da estratégia ou do objetivo”.

O real estabilizado é produto de rastros inscritos em dispositivos os mais diversos pelos movimentos de tradução. “A inscrição é a instauração da realidade” (LEMOS, 2013, p. 51). Para Latour, um duplo movimento é necessário: “[...] temos de libertar as *questões de fato* da sua redução à ‘Natureza’ exatamente como devemos libertar os objetos e coisas de sua ‘explicação’ pela sociedade” (LATOURE, 2012, p. 161). Um duplo movimento, assim, de *despurificação* – despurificar os fatos da natureza e as coisas da sociedade –, já que sociedade e natureza, como considera a TAR, não são entidades que descrevem domínios de realidade.

A ANT [sigla inglesa de *Actor Network Theory* (Teoria Ator-Rede)] está interessada não apenas em libertar os atores humanos da prisão do social, mas também em oferecer aos objetos naturais uma ocasião para escaparem da cela estreita dada às questões de fato pelo primeiro empirismo (LATOURE, 2012, p. 167-168).

Como vimos, a mirada dessa fuga em massa nada tem a ver com o que propõe o relativismo cultural, que enseja em seu oposto o absolutismo das ciências naturais: uma natureza, várias culturas; um mundo, vários pontos de vista sobre. A fuga de humanos e não humanos de seus domínios purificados prolifera novos mundos, de modo que não estamos falando aqui de flexibilidade interpretativa de uma *mesma* coisa.

### 1.3 Celebração de Ação de Graças

O que isso significa para os estudos e as práticas do Jornalismo? Há uma série de ansiedades purificadoras – tipicamente modernas – dos muitos actantes humanos que participam da legitimação de um jornalismo ideal. Nesse esforço, permanece a busca gloriosa de uma realidade objetiva – a “natureza” dos fatos – através de técnicas eficazes desenvolvidas e testadas com rigor científico ao longo do florescimento da atividade. Há ainda a pretensão de parte dos profissionais de alcançar essa realidade verdadeira. Por outro lado, há quem compartilhe a crença de que, se não é possível alcançá-la, ao menos com os instrumentos certos pode-se aproximar-se dela. Para alguns, essa verdade assume de fato um sentido absoluto, totalitário e uno; para outros, ela é resultado de um processo

seletivo, que envolve também o público, na busca por consensos estabilizadores de um mundo atordoado. Em pesquisa realizada por Bill Kovach e Tom Rosenstiel sobre os valores básicos da profissão, citada no livro *Os elementos do Jornalismo* (2003), a maioria dos profissionais entrevistados disseram acreditar na existência “de um relato verdadeiro e exato de um fato” e na possibilidade de desenvolvimento de um método profissional para cobrir os fatos de maneira justa (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003, p. 75-76). São os autores que dão o veredito, ao perceberem algumas inquietações surgidas com o que eles chamaram, em 2003, de “novas tecnologias” e a proliferação de informações na “cultura da nova mídia”, o que estaria pondo em perigo a “imprensa séria” e o monopólio dos jornalistas de mercado na função de *gatekeepers*.<sup>5</sup> Esse veredito atesta que, apesar da defesa de uma verdade funcional, adquirida processualmente, o conceito ainda assume ares totalitários ao ser contraposto à ideia de inverdade.

Em lugar de correr para acrescentar contexto e interpretação, a imprensa precisa se concentrar na síntese e na verificação. Que tire fora o rumor, a insinuação, o insignificante e engraçadinho e se concentre *no que é verdadeiro e importante de uma história*. À medida que os cidadãos encontram um grande fluxo de dados, eles precisam de mais – e não menos – fontes identificáveis para verificar aquela informação, apontando o que é mais importante para saber e descartando o que não é. Em lugar de elas mesmas expandirem o tempo usado para selecionar informações, uma tarefa que leva cada vez mais tempos por conta do número de fontes, *as pessoas precisam de fontes as quais possam consultar e que lhes dirão o que é verdadeiro e significativo*. Elas precisam de uma resposta para a pergunta: “No que posso acreditar?”. O papel da imprensa então, nesta nova era, é trabalhar para responder a outra pergunta: “Onde está o bom material?”. Verificação e síntese se tornam a espinha dorsal do novo papel de guardião do jornalismo [...]. Em resumo, a necessidade da verdade é maior, não menor, no novo século, considerando que *a presença da inverdade tem sido mais prevalente*. (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003, p. 77, grifos nossos)

Mais à frente, os autores discorrem a respeito do que defendem ser o Jornalismo de Verificação, já que, para eles, “A disciplina da verificação é o que separa o jornalismo do entretenimento, da propaganda, da literatura ou da arte. [...] Só o jornalismo se concentra primeiro em registrar direito o que aconteceu” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003, p. 113). Um jornalismo de método objetivo e disciplina de reportagem deveria cultivar os seguintes

---

<sup>5</sup> No ano em que o livro *Elementos do Jornalismo* foi publicado, em 2003, os autores afirmaram ser impensável a proliferação de *gatekeepers* com o que eles chamaram de cultura da nova mídia. “[...] é impraticável imaginar as pessoas agindo como se fossem seus próprios editores e selecionando fatos dentro de um enorme volume de informações não filtrada” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003, p. 76).

princípios, segundo os autores: nunca acrescentar nada que não exista, nunca enganar o público, ser o mais transparente possível sobre métodos e motivos, confiar só no próprio trabalho de reportagem e ser humilde (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003, p. 123). Há ainda algumas técnicas de verificação que deveriam ser adaptadas aos métodos individuais dos jornalistas, dentre as quais estão: os editores devem checar criteriosamente as informações apresentadas em uma matéria, o que pode ser auxiliado por uma lista de perguntas com vistas a testar a exatidão das informações; os jornalistas devem ser céticos em relação a supostos fatos ou declarações oficiais e o contato com as fontes deve ser sistemático; os jornalistas devem conferir linha a linha cada fato e declaração contidos em suas matérias; e, por último, em caso de utilização de fontes anônimas, o público deve ser informado dos motivos que justificam essa utilização. Por fim, no tópico “As múltiplas raízes da verdade”, Kovach e Rosenstiel (2003) afirmam que os profissionais devem ser “disciplinados na luta para ir além de sua própria perspectiva” (p. 142) – para ilustrar esse movimento, os autores citam Caron Marin, então jornalista de televisão em Chicago:

Quando sentamos à mesa no Dia de Ação de Graças com as nossas famílias e começa então uma daquelas clássicas discussões entre pais e filhos – sobre política, raça, religião ou sexo – assistimos ao papo todo do nosso lado da mesa. E isso acaba ofuscando nossa posição no assunto, porque naqueles momentos também defendemos nossas ideias... Um jornalista é alguém que se afasta da mesa e tenta ver tudo do lado de fora. (MARIN apud KOVACH; ROSENSTIEL, 2003, p. 142)

Em algum momento de minha carreira acadêmica, ficou incompreensível entender porque estar do lado de fora forneceria uma visão privilegiada de alguma coisa que está do lado de dentro. Que lugar é esse *do lado de fora*? De que é feito? Pois de alguma coisa é, já que existe enquanto posição no mundo. Penso que o fato de estar lá, e não do lado de dentro, também implica uma tomada de posição: ver o lado de dentro a partir do lado de fora. Que lugar é esse em que, num passe de mágica, passamos a não defender nossas ideias? Essa separação implica também a criação de uma dicotomia, uma divisão de mundos: o mundo do lado de dentro (o das ideias, opiniões, subjetividades, parcialidades) *versus* o mundo do lado de fora (o ponto neutro, lugar privilegiado para observar as perspectivas do mundo de dentro). Esse lugar existe antes de o repórter ocupá-lo? A mesa permaneceria a mesma mesa que quero compreender ao me distanciar dela?

Poderia elencar mais um tanto de questões sobre essa sugestão. A fuga em massa de mundos purificados na Sociedade ou Natureza, feitas entidades, não mais permite dizer de um lugar privilegiado para observar, como juiz, um mundo real. Mais uma vez, que lugar privilegiado é esse que o jornalista ocupa ao se afastar da mesa? Inspirada inicialmente pela TAR, mas já aclamando o perspectivismo, gostaria de propor o raciocínio inverso ao sugerido: para saber o que acontece do lado de dentro, temos que estar radicalmente dentro para depois ver de fora. E estar do lado de dentro implica habitar os mundos aí existentes – que são muitos! Isso pode significar algumas intervenções na celebração da Ação de Graças: 1) convidar a filha para sentar na cadeira do pai; e/ou 2) convidar o pai para fazer o jantar; e/ou 3) convidar pessoas de fora da família para a ceia; e/ou 4) comemorar o dia de Ação de Graças com outra família; e/ou 5) Não comemorar a data de maneira tradicional e fazer um piquenique com amigos e filhos no parque. Todas essas opções, a meu ver, seriam mais eficientes na *luta para ir além* da minha *própria perspectiva* do que me portar do lado de fora da mesa. Na verdade, a expressão *ir além* também é insuficiente para entender o movimento que estou propondo, como inspiração para os jornalistas em seu cotidiano. Talvez, *deixar-se capturar* por outra perspectiva seja mais preciso. Não *temos* pontos de vista, mas *habitamos* pontos de vista, escolhidos não de maneira aleatória, mas com o peso de intencionalidades que conhecemos e outras que sequer consideramos a existência – tantas agências vindo em nossa direção! E isso implica uma ação radical na celebração de Ação de Graças: cientes da possibilidade transgressora, derrubemos a mesa, ao menos provisoriamente.

\*\*\*

A cobertura dos protestos ocorridos no Brasil em 15 de março de 2015 gerou uma série de comentários envolvendo, principalmente, a divulgação dos números do dia, a exemplo da disparidade entre as medições do público que compareceu ao ato na Avenida Paulista, em São Paulo. Enquanto o Instituto de Pesquisas Datafolha calculou em 210 mil as pessoas “diferentes” que participaram dos protestos na luxuosa avenida ao longo da tarde de domingo (DATAFOLHA, 2015), o *twitter* da Polícia Militar-SP (2015) arredondou em 1

milhão o número de manifestantes na Paulista às 15h40. Na segunda-feira, o jornal O Globo<sup>6</sup> e também o Estado de São Paulo (Estadão)<sup>7</sup> elegeram os números da PM-SP em uma das matérias de cobertura dos protestos. A Folha de São Paulo, à qual pertence o Datafolha, legitimou os números de seu Instituto de Pesquisa.<sup>8</sup> A dança dos números não parou de reverberar em dezenas de periódicos, brasileiros e internacionais (COSTA, 2015). A discrepância entre os números divulgados e a adesão a uma ou outra estatística logo foram condenadas por diversos articulistas e também rechaçadas nas redes sociais, inflando o fantasma que ronda, como martírio, os jornalistas: a Manipulação (em maiúsculo, porque tornou-se entidade).

Também na segunda-feira, a Mídia Ninja divulgou um vídeo em sua *fanpage*, com depoimentos de alguns participantes do ato em Copacabana, no Rio de Janeiro. Nos comentários, a acusação da parcialidade: “Estão ficando tão parciais quanto essa bosta de imprensa que temos por aí”; “O vídeo é tendencioso e desmoraliza as manifestações populares de maneira sutil, quase imperceptível”; “Mídia ninja totalmente imparcial. #sqn. Pegaram meia dúzia de depoimentos de pessoas confusas e fizeram disso uma verdade absoluta”.

Tanto no caso da opção por essa ou aquela estatística quanto no da edição do vídeo da Mídia Ninja, grande parte dos argumentos contrários a tal e qual prática baseia-se na premissa de que a tal da Manipulação seria a ruína do jornalismo. Mais comum que imaginamos, é bom frisar aqui, como afirma Philippe Breton (2012), é a prática de servir-se do termo manipulação para designar conteúdos que carregam opiniões com as quais não concordamos.

No dia 23 de março de 2015, ainda no turbilhão da repercussão política/midiática dos protestos do dia 15, outro acontecimento irrompe para emaranhar ainda mais a teia de condenações. A agência Reuters publicou uma entrevista com o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, reproduzida pelo carioca O Globo, contendo uma sugestão editorial no

---

<sup>6</sup> “Democracia tem novo 15 de março” era a manchete de capa do jornal O Globo do dia 16/03/2015. No corpo do texto, a divulgação dos números dos protestos pelo Brasil: “No dia em que o Brasil completou 30 anos da posse do primeiro presidente civil após 21 anos de ditadura militar, pelo menos 2 milhões de pessoas foram às ruas em todos os estados protestar contra o governo Dilma e o PT, defendendo a democracia em manifestações pacíficas marcadas pelo verde e amarelo. O maior ato ocorreu em São Paulo, onde cerca de *um milhão de pessoas tomou a Avenida Paulista*” (O GLOBO, 2015, grifo nosso).

<sup>7</sup> O Estadão (2015) chegou a divulgar as duas estatísticas, a da PM-SP e a do Datafolha, mas deu destaque ao número divulgado pela PM-SP.

<sup>8</sup> A Folha de São Paulo (2015) também divulgou as duas estatísticas, mas deu destaque aos números divulgados pelo Datafolha.

texto. A expressão “podemos tirar se achar melhor” apareceu no final do parágrafo em que foram associados o esquema de corrupção da Petrobrás e o governo de FHC. No dia seguinte à divulgação do texto, a hashtag #PodemosTirarSeAcharMelhor alcançou o segundo lugar nos *trending topics* do Twitter. A gafe editorial foi corrigida rapidamente, o que não impediu a proliferação de comentários a respeito do caso, grande parte na direção de um julgamento rápido: mídia golpista.<sup>9</sup> Um *post* indignado da Mídia Ninja conclamava, no dia 24/03/15: “Basta de mídia partidarizada e anti-republicana. O Brasil merece informação de qualidade”.

À época da segunda vivência de campo no Rio de Janeiro, em novembro de 2013, discuti com Carioca um episódio que, na minha concepção, fora emblemático da mimetização pelo grupo de uma lógica de manipulação de dados tão ferrenhamente combatida por grupos midiativistas quando a prática é conduzida por empresas de comunicação, reunidas não raro na expressão grande mídia. A situação aconteceu em uma das coberturas do grupo em formação da Mídia Ninja em Juiz de fora, quando da escolha da foto que entraria na postagem sobre uma manifestação de professores na cidade: a imagem escolhida foi aquela que passava a impressão de que muitas pessoas haviam participado do protesto, quando, de fato, ele estava bastante esvaziado. No decorrer da pesquisa, pude presenciar diversas situações parecidas, em que escolhas editoriais do tipo eram deliberadas após um ou outro telefonema, uma ou outra mensagem via Whatsapp ou outro aplicativo de troca de mensagens instantâneas entre o Ninja na rua e aqueles aos quais havia sido atribuído, em algum momento, o papel de editores-chefes: normalmente, os integrantes mais “orgânicos” do FDE, aqueles que estão há mais tempo imersos num universo preciso de ideias. O que me levou a crer que a adoção de uma lógica de manipulação às avessas fazia parte da política editorial do grupo e que certas escolhas mais “polêmicas” deveriam passar por alguém mais “orgânico”.

Para Carioca, esse tipo de escolha deve ser inserido num contexto de luta de significados, de guerra de memes. As narrativas dos diversos movimentos sociais têm pouca visibilidade na mídia tradicional também por opções políticas e interesses específicos que, por sua vez, *preferem* menor ou maior ênfase aos assuntos. Conversei também com Rafael Rezende, então integrante do coletivo carioca Meu Rio, sobre essa questão. Ele contou-me que compreende o uso dessa lógica considerando o discurso das disputas de narrativas, o que corrobora a justificativa de Carioca:

---

<sup>9</sup> Cf. PORTAL FÓRUM, 2015; CARTACAPITAL, 2015.



A mente das pessoas, as mentes e os corações das pessoas, estão em disputa nesse sentido, porque todo mundo tá o tempo inteiro, é, em contato com alguns tipos de comunicação e, normalmente, *um tipo de comunicação muito agressivo*, é, ainda que não pareça. [...] a gente vive um ambiente de bombardeamento de comunicação muito, muito pesado e onde existe tendência, existe manipulação, existe tudo isso, é, e acho que usar a lógica pra tentar amenizar os efeitos desse bombardeamento e, enfim, mostrar que existem outras versões das histórias, etc, eu acho justo, assim, nesse processo<sup>10</sup>

De fato, como acredita Ciro Marcondes Filho (2009), ao discorrer sobre o “fim das ilusões” no jornalismo, a atividade é campo onde se realizam jogos de poder, dos quais fazem parte blefes, guerras psicológicas, cartadas e, como frisa Marcondes, muita encenação. A máscara é a propagação, ainda hoje, de que o Jornalismo dá ciência sobre o mundo, de maneira o mais fiel possível, quando, na verdade, “A imprensa instrumentaliza as informações que colhe, recebe ou mesmo fabrica-as, transformando-as em notícias para usá-las no jogo político-ideológico, em uma palavra, no jogo do poder” (MARCONDES FILHO, 2009, p. 178). É considerando então um contexto de disputas que, para Carioca e Rafael Rezende, seria legítima essa manipulação, já que dá mais visibilidade a narrativas invisíveis. Seria uma maneira de equalizar as forças. Uma manipulação do bem?

Pois bem. Naquele momento, a mimetização de uma lógica da manipulação às avessas tornou-se compreensível, embora ainda parecesse, para mim, um seriíssimo desvio ético e um completo equívoco no que diz respeito à finalidade imaginada: a utilização da mesma arma (discurso) e da mesma lógica (manipulação deliberada), para o mesmo propósito (convencer de algo), geraria outro fruto que não a doutrinação e a criação de mais e mais fronteiras emburrecedoras? Não deveríamos entrar nessa “guerra” com as mesmas armas, mas outras lógicas e outros propósitos?

#### **1.4 O Equívoco da Manipulação**

O fato é que combatemos diariamente a tal da manipulação como se houvesse uma alternativa absoluta a ela, como se fosse possível, através da linguagem, construir um discurso equilibrado, isento e plural – o contrário puro do discurso manipulado. Marcondes Filho teoriza sobre a palavra:

---

<sup>10</sup> Informação fornecida por Carioca em 11 jul. 2014.

*Manipulação não é uma questão moral, mas política [grifo meu]. É uma prática comum nos jogos, institucionalizada no blefe, mas incidente igualmente na política, assim como no processo de informação. É a tentativa de vender o mundo subjetivo, pessoal, particularista, como objetivo, geral, social. É a prática de revelar dados que interessam e de sonegar os que não convém publicar. Não somente o do comunicador, mas todo o ato social que implique transmissão de informação é um processo seletivo. Transmite-se, divulga-se, faz-se publicidade dos fatos, das teorias, das visões de mundo, das crenças que interessam, conscientemente ou não. (MARCONDES FILHO, 2009, p. 182-183)*

Ainda segundo o autor, do lado de quem recebe a informação e a reprocessa, há três elementos que questionam a manipulação, colocando o discurso "contra a parede": a *memória*, que atuaria como juíza em relação à credibilidade do enunciador, a *vivência* sobre o que está sendo representado através de um discurso e o *contexto* (quem está falando, onde está falando). E completa: "Não se exerce aqui nenhum juízo de valor sobre a manipulação ativa em si. De todas as formas, ela é a razão de ser do jornalismo: todos tentam vender seu peixe, seja o dono do jornal, seja o pequeno repórter, que mal entrou na empresa" (MARCONDES FILHO, 2009, p. 186). Assim, o afamado grande mal da imprensa é, para o autor, sua *razão de ser*. O que retira a manipulação (em minúsculo agora, porque já não mais entidade) do lugar de destaque no debate sobre a ética profissional: é uma categoria que não tem, no geral, aplicabilidade.

De fato, há maneiras de se exercitar um certo equilíbrio de perspectivas no discurso. No caso do jornalismo, a exposição de premissas sobre as mais variadas temáticas e argumentos diferenciados sustentados em fontes também variadas e credíveis, insinua o alargamento das possibilidades interpretativas, que vão muito além da simples adesão e/ou repulsa. Nada, absolutamente nada, é garantido. A intenção aqui é destacar a natureza do texto como *projeto*: a projeção da linguagem de nós mesmos, dos hábitos que nos cercam, das hierarquias vividas e sonhadas, da constelação de ideias que envolve cada tecer e ofício de mundo. E todo projeto que se preze defende uma ideia, ou várias. Manipulamos o universo ao nosso redor. Manipulação é o inverso possível da Aleatoriedade – entidade pura de causa, propósito. É possível imaginarmos escolhas de linguagem, olhares, traços, planos, entonação e movimentos corporais puramente despropositados? O próprio ato de imaginar já é seletivo, porque tem o dedo da memória. *Não há jornalismo aleatório.*

A ânsia pela purificação está presente nas críticas mais ingênuas ao caráter manipulador das mídias. Como pontua Lemos (2012, p. 76), "Tudo se passa como se o

mercado e a arena política, em especial os ‘interesses’ e o ‘poder econômico’, fossem permanentes ameaças à pureza ética do trabalho jornalístico”. A responsabilidade pela prorrogação no tempo dessa encenação do Bem e do Mal é, muitas vezes, dos próprios jornalistas, que comumente cultivam o relato heroico da profissão como o “quarto poder” que irá defender a democracia e vigiar os poderes constituídos – quando o próprio Jornalismo é parte dessa rede de poder. Como vimos, também não faltam indicações nas redes sociais de uma certa expectativa do público em relação a um jornalismo atrelado às ideias de neutralidade e imparcialidade, mesmo que isso apareça por vezes indiretamente, como crítica à manipulação. Dois outros exemplos são ainda úteis no vislumbre de uma espécie de luto quando da revelação do jornalismo como agência no mundo. No dia 10 de janeiro de 2016, o jornalista Xico Sá publicou o seguinte *post* em sua página no Facebook:

juro: : ã vou brigar + c/ essa ideia d jornal ser fdp e só publicar dum lado. Dane-se. A escolha agora é essa. Aqui se despede o idiota q achou q jornal é feito p/ relatar minimante a realidade. aqui morre o ex repórter com essa crença. Talvez nunca tenha sido... Nunca foi, mas acreditei e fui repórter com essa crença (SÁ, 2016).

A *morte do ex-repórter* foi curtida por 6.791 pessoas (até o dia 7 de fevereiro de 2016) e grande parte dos comentários reforçava a ideia romantizada de que um bom repórter deve permanecer fiel à realidade. Alguns outros admitiam que interesses diversos desde sempre regem as empresas de comunicação, mas esse raciocínio esteve posto, não raro, sob uma ótica negativa, como se o contrário – uma mídia isenta – fosse possível e/ou desejável. Em junho de 2013, a página Pragmatismo Político publicou um vídeo do Programa Brasil Urgente (Band) em que o apresentador Datena confrontava com suas expectativas pessoais os dados de uma pesquisa sobre a receptividade do público em relação às manifestações a favor do Passe Livre em São Paulo. Neste vídeo, Datena se posiciona de início, de maneira incisiva, ser contrário à realização de protestos que promovam baderna, depredação e obstrução da via pública. “Você é a favor desse tipo de protesto?”. Era a pergunta inicial, disposta na tela, seguida das opções “sim” ou “não”. O público foi convocado a votar por telefone e o resultado era atualizado instantaneamente; divulgado ao vivo. À medida que a opção pelo “sim” foi ganhando vantagem em relação ao “não”, Datena buscava justificar a desvantagem com o fato de que o público não tinha entendido a pergunta direito (“será que nós formulamos mal a pergunta?”) e então solicitou que a produção lançasse uma nova pesquisa com um novo questionamento: “Você é a favor de

protesto com baderna?”. Mesmo com a nova angulação, deliberada ao vivo, a opção “sim” se sobressaiu ao “não”. Datena concluiu o quadro dizendo, com ares de decepção, que presumia um resultado diferente e finalizou construindo uma justificativa para o apoio do público aos protestos com *baderna*. “As pessoas estão apoiando os protestos porque não querem aumento de passagem. Então pode tirar daqui [*a pesquisa*]”. O modo como a página Pragmatismo Político (2013) agendou prescritivamente a recepção do *post* e a maneira como foi acolhido o conteúdo pelos internautas reforçam o luto ao sugerir justamente sua superação pelo público: “O dia em que os telespectadores de Datena não se deixaram manipular”, dizia o *post*, compartilhado por 36.728 pessoas (até 7 de fevereiro de 2016). Os comentários no geral são críticas ao apresentador, não raro com boa dose de ironia: “Nova pesquisa: Você acha que esse Datena deveria ser banido da televisão e ser substituído por, sei lá, Tom e Jerry?” (DOURADO, 2013), provoca o comentário com o maior número de curtidas (1.087 até 7 de fev. de 2016).

Admitir que os jornalistas são actantes poderosos dos acontecimentos (do lado de fora ou do lado de dentro, no helicóptero ou no meio da manifestação, sentado na mesa de Ação de Graças ou em pé observando tudo), é quase uma chaga que se imputa a eles. O conselho de Bill Kovach e Tom Rosenstiel deixa claro a ofensiva possibilidade, que tem implicações profundas sobre a qualidade do trabalho jornalístico:

Podemos imaginar que um jornalista ao mesmo tempo registre os fatos e deles participe, mas a realidade é que ao se converter em participante acaba ofuscando todas as outras tarefas que um profissional de imprensa deve desempenhar. Fica difícil observar as coisas sob outras perspectivas. (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003, p. 149)

E continuam, mais à frente: “[...] é um ato de arrogância, e até mesmo de ingenuidade ou ilusão, pensar que tudo isso não vai atrapalhar nosso trabalho como jornalistas” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003, p. 150). Interessante perceber que, ao desconsiderar-se a centralidade da mediação<sup>11</sup> nas atividades da mídia – o que deve ser combatido, para Kovach e Rosenstiel, pois *atrapalharia* o trabalho dos jornalistas –, a crítica percorre caminhos irreconciliáveis, como analisa Lemos (2013). Condena-se a imprensa “[...] ora por deixar passar o discurso do poder, revelando-se um mero intermediário, ora pela razão oposta, por tornar explícita a sua interferência, sendo acusada de infidelidade”

---

<sup>11</sup> Mediação no sentido de Latour (2012).

(LEMOS, 2013, p. 80). Manejamos os ingredientes de acordo com nossos projetos, apoiados na grande divisão Natureza-Cultura. O jornalismo instaurou-se como microcosmo do que defende o relativismo: existem vários pontos de vista sobre um mesmo mundo, ou, em *jornalês* corrente, várias versões sobre os fatos. O jornalista deve, então, dar conta de todos os lados da história, com o adicional do etnocentrismo: a partir de técnicas de verificação – na prática, mais intuitivas que sistematizadas –, teriam visão privilegiada do mundo, por portarem-se do lado de fora da mesa. Há algo além da encenação da mesa para ser revelado?

O que não mais se sustenta é a dualidade: ideologia-ciência, aparência-essência etc., pois supõem uma verdade por trás do mito, da fábula, da versão, quando, de fato, não há nada “por trás”: só há aparências, ideologias, máscaras, superfícies (MARCONDES FILHO, 2009, p. 178).

\*\*\*

A reflexão proposta anteriormente me leva a crer que o debate sobre qualidade no jornalismo nunca atinge o ponto de mutação – a grande virada profissional – porque, não raro, a discussão está centrada nos modos mais ou menos dialógicos de organização do discurso jornalístico. Ou seja, a ânsia é por descobrir como podemos nos afastar mais e mais do ranço persuasivo, ao nos aproximarmos da utopia da aleatoriedade das escolhas. Sem desconsiderar a importância desse vislumbre, o que deveria estar no centro do debate, a meu ver, é justamente a legítima opacidade do discurso: torná-lo mais e mais cristalino em relação ao universo perspectívico do qual ele emerge e que o constitui. O que nos impulsionaria para a migração de um *Jornalismo de Isenção*, aquele que está sempre buscando algo que não pode atingir, para um *Jornalismo de Perspectivas*: uma ode à performance, à possibilidade primeira e única de intervenção no mundo (e com o mundo), um manifesto à transparente opacidade, como um diamante que ao mesmo tempo preserva e faz reluzir a existência de seus poros. Não estamos advogando, obviamente, pela transparência como método, do modo como propõem Kovach e Rosenstiel (2003). Para eles, a Regra da Transparência é a mais importante em prol do que os autores chamaram de disciplina da verificação: os jornalistas devem informar ao público sobre o que sabem e o que não sabem. “A única maneira prática de dizer ao público o quanto sabemos é revelar o máximo possível sobre nossas fontes e métodos” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003, p. 126). Aqui,

a transparência é sobre os métodos que os jornalistas utilizam para chegar à verdade. Os autores ainda fazem uma analogia entre a possibilidade de um experimento científico confiável – transparente em seu método – ser reproduzido por outro cientista e a possibilidade de uma informação confiável ser reproduzida pelo público.

Trata-se do mesmo princípio que orienta o método científico: explicar como aprendemos alguma coisa e por que nela acreditamos – de forma que o público possa fazer a mesma coisa. Na ciência, a confiabilidade de um experimento, ou sua objetividade, se define pelo fato de se alguém pode ou não reproduzir o experimento. No jornalismo, só explicando como sabemos o que sabemos podemos fazer com que o público possa, queira, reproduzir a informação. É isso o que significa objetividade de método na ciência, ou no Jornalismo. (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003, p. 128)

O que proponho com a expressão “transparente opacidade”, cerne do *Jornalismo de Perspectivas*, é fazer emergir a noção de que a diferença de perspectivas, e todos os equívocos pulverizados com esse vir à tona do eu, funda a relação, e não a silencia, como poderíamos presumir. A presunção deve ser a da existência do equívoco, rumando pelo que defendi ser a transparente opacidade: a total impossibilidade de me comprometer com qualquer verdade que não aquela do movimento de invenção do qual me propus a participar com outros agentes. E isso nada tem a ver com mimetização do outro, já que a experiência proposta está no campo perceptual do devir, assombrando o que se é sem abandonar o que não se quer perder.

Obviamente, há muitas prerrogativas para que essa proposta de migração não defina na tentação de presunção de verdade. Uma delas diz respeito à disposição pelo convencimento, premissa de qualquer ofício que esteja calcado na arte da escuta – o caso do Jornalismo. Outra prerrogativa seria a ampliação imaginária do “auditório” para além daquele que irá se identificar prontamente com a perspectiva cultivada no texto: a beleza do texto está em sua abertura, mesmo que defenda um projeto específico.

Gostaria de propor, ao menos provisoriamente, uma classificação de duas tendências existentes hoje, no Brasil, a respeito do *fazer* jornalístico. O choque das duas não produz necessariamente uma resolução produtiva, de modo que proponho também uma alternativa conceitual que guiará o argumento analítico da tese. Tal classificação ainda necessita ser verificada de maneira mais sistemática e assumo desde já o risco de generalizar os atores partícipes de cada uma das duas tendências.

1. Meios de comunicação que se apoiam num “Jornalismo de Isenção”, cultivando a presunção da verdade, convalidando sob a ilusão do acesso privilegiado ao mundo e condenando a todo custo a prática da manipulação. Nessa categoria estão a grande maioria dos atores midiáticos, arraigados aos mais arraigados valores do jornalismo, como as grandes corporações comunicacionais. *A falsa isenção é seu resultado mais desastroso.*

2. Meios de comunicação que se apoiam no “Jornalismo Ativista”, que também cultiva a presunção da verdade e convalida sob a ilusão do acesso privilegiado ao mundo, embora admita a prática da manipulação, justificada pela inserção do discurso num terreno de luta de significados. Nessa categoria estão parte dos coletivos de midiativismo, como a Mídia Ninja. *A parcialidade tomada como verdade é seu resultado mais desastroso.*

3. Alternativa conceitual: adoção do “Jornalismo de Perspectivas”, que assuma a opacidade como premissa básica de cada trânsito. Embora defenda abertamente projetos, não é eficiente a todo custo. O *Jornalismo de Perspectivas* está sempre disposto a ser capturado por outro universo de ideias e dedica-se a traduzi-lo à “gente comum” durante a captura e após o retorno à perspectiva de origem, de modo análogo aos xamãs na cosmologia ameríndia. *Tomar o ponto de vista daquilo que se busca conhecer é seu ideal de conhecimento, sua tarefa antropofágica.*

O que farei, de agora em frente, é percorrer os passos reflexivos, a partir das vivências etnográficas, que me trouxeram esta compreensão. E, do modo como disse, a ordenação do texto percorre a ordem cronológica dos afetos. Por conta dessa escolha, o xamanismo é apresentado aqui nesta introdução e depois somente nas considerações finais da tese. Isso porque ele emergiu de fato como agência após as imersões de campo. De fato, o perspectivismo em si apareceu antes, como indicação de minha postura em campo: nada além de mais uma agência na (des)ordem dos acontecimentos, capturada que estive pelas perspectivas ali insurgentes. Após a realização do campo, ficou latente para mim a questão dos pontos de vista e dos aprisionamentos. O dualismo “lado de fora, lado de dentro”, como pretensos referenciais na revelação da verdade dos fatos, tão presente no discurso de alguns atores que agenciavam o jornalismo no âmbito das manifestações, instigou-me a buscar o perspectivismo, do modo como propunha Viveiros de Castro (2002), como inspiração para a tradução de mundos pleiteada pelos jornalistas. O conceito emana a perspectividade como atitude, ou seja, a disposição por ocupar pontos de vista diferentes daqueles de origem,

numa transa afetiva e performática em que não cabe pilares conceituais como neutralidade e isenção, ainda tão presentes no imaginário popular, profissional e também acadêmico sobre o jornalismo. Não é possível dizer se o perspectivismo me levou ao xamanismo, a exemplo de uma ordenação linear e evolutiva de construção de conhecimento, já que desde 2013 pude manter contato com lideranças indígenas através de minha atuação como tutora no Curso de Aperfeiçoamento em Cultura e Histórias dos Povos Indígenas (CHPI/UFJF), a qual será apresentada nas considerações finais desta tese. Meu encontro com Ailton Krenak, uma dessas lideranças, levou-me a experienciar vivências *indiretas* no xamanismo, antes mesmo do período da mais longa imersão de campo da pesquisa, durante a Copa do Mundo de 2014. O aprofundamento pós-campo nas leituras sobre perspectivismo, assim, fez fortificar um nó até então pouco visível para mim, que aproximava xamãs e jornalistas na função de tradutores de mundos, embora um e outro ostentem ontologias à primeira vista inconciliáveis. Em razão do caminho afetivo indicado, esse nó volta a aparecer somente nos momentos finais do texto da tese, como provocações acerca da maneira como comunicam os jornalistas no mundo contemporâneo. É lá que amplio a proposição de um *Jornalismo de Perspectivas* e traço algumas alianças demoníacas, com base na crença de que uma nova ontologia é necessária ao jornalismo. Como os leitores poderão perceber nada há de acabado no texto que encerra a tese, e o nome “considerações finais” não denota conclusão. Aliás, talvez, a pretensão de denotatividade seja um dos equívocos fundamentais do modo como o jornalismo (e a academia) purifica suas agências.



## 2 UM ARRANJO CATÁRTICO

O mundo parecia, até pouquíssimo tempo, pulsar em outras vibrações: os Indignados na Espanha, a Primavera Árabe, os protestos na Turquia, o Occupy no coração financeiro dos EUA, entre tantas outras frequências piratas que insistiam em promover o ruído de descontentamento com um mundo exclusivista em seus beneficiários legítimos. Embora atualmente alguns nós dessa rede estejam hibernando silenciosamente ou já não estejam as suas ações ganhando tanta visibilidade nas redes de comunicação globais, Manuel Castells (2013) acredita na emergência de uma *rede de indignação e esperança*<sup>12</sup> que se estende pelo mundo:

[...] foi basicamente a humilhação provocada pelo cinismo e pela arrogância das pessoas no poder, seja ele financeiro, político e cultural, que uniu aqueles que transformaram medo em indignação, e indignação em esperança de uma humanidade melhor (CASTELLS, 2013, p. 7).

Também aqui no Brasil, as ruas foram tomadas durante alguns meses de 2013 e, mais timidamente, durante a Copa do Mundo de 2014, por protestos que gritavam por demandas diferenciadas. São lutas no plural, segundo Renzo Taddei (2013), organizadas por grupos distintos que, a partir de suas agendas específicas, vão tecendo redes de colaboração tão eficazes quando instáveis. A impossibilidade de enquadramento dos protestos recentes dentro de um modelo já conhecido de manifestação recebeu, inicialmente, o ardor das críticas. Houve também uma tendência inicial de descolar a palpitação das ruas de todo um processo de articulação e organização já em andamento no país, e também no mundo, que corre pela insurgência de desejos e demandas altamente reprimidos há tempos. A necessidade de contenção esquemática dessas novas visibilidades e também a abolição de suas histórias, parece-me uma ansiedade própria de sociedades onde o controle é coletivizante (Wagner, 2013): tudo o que irrompe fora de modelos já consumidos e aceitos coletivamente tende a ser marginalizado, readequado ao convencional e/ou criminalizado. De fato, o clamor das ruas, em várias medidas e a cada tempo, fora ignorado, combatido, controlado e eventualmente apoiado quando tangenciava a ordem. Mas raramente fora compreendido em sua complexidade, porque são línguas e linguagens bem diferentes

---

<sup>12</sup> Referência ao título do livro *Redes de Indignação e Esperança: os movimentos sociais na era da internet*, de Manuel Castells (2013).

daquelas consensualmente aceitas como legítimas por esse ou aquele jogo de poder. Taddei (2013, s/n) defende que

Os fenômenos que estamos observando desafiam nossos recursos linguísticos e narrativos. Isso sempre foi assim no que diz respeito aos fenômenos de multidão, e por isso mesmo é que há tanta ansiedade, tanto naqueles que tem no controle público seu trabalho, os gestores públicos, como naqueles que tem como trabalho o controle das ideias, dentre os quais estão os acadêmicos.

Estive na manifestação do dia 20 de junho de 2013, no Rio de Janeiro (RJ), Brasil, que reuniu cerca de 400 mil pessoas em toda a extensão da Avenida Presidente Vargas, da Candelária até a Prefeitura – mas, dali da multidão, parecíamos mesmo um milhão, número que chegou a ser divulgado extraoficialmente. Também acompanhei os vários protestos que se sucederam na capital carioca no dia 7 de setembro de 2013, data em que se comemora anualmente a Independência do país. A experiência da multidão foi arrebatadora: a capacidade de caminharmos juntos, mesmo visibilizando demandas, numa primeira análise, diferenciadas. Era uma imensidão fascinada pela descoberta do poder do “todos unidos”. Modulava-se ali o desejo de que, finalmente, tínhamos encontrado uma maneira de findar tantas violências sofridas diariamente por gente daqui e de acolá. Era catártico: parecíamos nós de rede caminhando solitários, em busca do que nos conectaria, a todos, numa rede minimamente comum. Além da deplorável tática baseada na violência utilizada pela polícia brasileira para lidar com os manifestantes – o que fora mimetizada por alguns deles –, chamou-me também a atenção ali, naquele momento de multidão, e paradoxalmente, a incapacidade de *organicamente* agirmos juntos. Não raro, muitos manifestantes raivosos despejavam ira contra outros manifestantes, pronunciando aos berros palavras vazias contra tudo e todos que pudessem ser enquadrados, por ocasião ou por paixão, como inimigo, a exemplo do fascismo do grito “Fora Partidos!” – embora compreensível de diversos ângulos, que não vem ao caso aqui destrinchar. A construção de um Inimigo com maiúscula, interno e externo à multidão, me intimidou. Cada um tratou de fincar o pé em suas perspectivas de costume, baseando-se em identificações funcionais, históricas, ideológicas, políticas e/ou ocasionais.

Mas, de fato, desde a Jornada de Junho de 2013, há uma maior visibilidade de sujeitos e perspectivas diferenciados. Começou a ser tecido mais arduamente no país um

ambiente favorável para que esses dizeres pudessem ser transmutados numa rede de ação potencialmente eficaz em fazer vibrar suas demandas urgentes. O Outro surge nas ruas a despeito de calendários seguros e identificações presumíveis: novas vozes irromperam, fizeram-se visíveis e interpelaram o *status quo* de maneira incisiva. A era dos *tensionamentos* está a clamar atenção. As ruas em transe são tecidas por uma coalização que cresce aquém de uma matriz identitária essencial partilhada por seus sujeitos. No seu “Manifesto Ciborgue”, Haraway discute um novo modelo de identidade política a partir do que Chela Sandoval (1984) chamou de *consciência de oposição*.

Essa identidade assinala um espaço construído de forma autoconsciente. Sua capacidade de ação não pode ter como base qualquer identificação supostamente natural: sua base é a coalização consciente, a afinidade, o parentesco político (HARAWAY, 2000, p. 54).

Parece-me ser essa consciência o tecelão das redes de protestos que surgem com a Jornada de Junho de 2013, considerando as devidas nuances e temporalidades específicas.

As novas redes de visibilidades e seus nós particulares são amplificados por sujeitos *em* comunicação. Desde o final do século passado, ainda próximo a nós, o monopólio da fala fora dissolvido em alguma medida, e especialmente, *com* a Internet. Os dispositivos móveis de registro e transmissão de informação foram também sujeitos desse processo, partícipes no curso de desenvolvimento do que Castells (2013) chama de “sociedade em rede”:

Trata-se de uma estrutura em rede como forma predominante de organização de qualquer atividade. Ela não surge por causa da tecnologia, mas devido a imperativos de flexibilidade de negócios e de práticas sociais, mas sem as tecnologias informáticas de redes de comunicação ela não poderia existir. Nos últimos 20 anos, o conceito passou a caracterizar quase todas as práticas sociais, incluindo a sociabilidade, a mobilização sociopolítica, baseando-se na Internet, em plataformas móveis. (CASTELLS, 2013, s/n)

Apesar de flexível e adaptável, um modo de organização social em rede, segundo Castells (2006), teria a desvantagem em relação a outros modelos de arranjo do coletivo em razão da dificuldade de coordenação de recursos para a concretização de uma tarefa. Entretanto, as redes de tecnologias digitais, as que temos hoje, permitiriam uma performance descentralizada ao longo dos nós constituintes, a coordenação das ações e a partilha na tomada das decisões. Mais que isso, “[...] a mudança do ambiente comunicacional afeta diretamente as normas de construção de significados e, portanto, a

produção de relações de poder” (CASTELLS, 2013, p. 9). As redes de comunicação tecem também redes de poder, que, a partir de performances descentralizadas, podem ser rearranjadas, segundo o autor:

[...] Se o poder é exercido programando-se e alternando-se redes, então o contrapoder, a tentativa deliberada de alterar as relações de poder, é desempenhado reprogramando-se as redes em torno de outros interesses e valores, e/ou rompendo as alternâncias predominantes, ao mesmo tempo que se alteram as redes de resistência e mudança social (CASTELLS, 2013, p. 11)

Castells acredita ainda que existem aspectos importantes para o desenvolvimento da produtividade, da criatividade e da equidade numa sociedade em rede, dentre eles, “[...] a emergência de comunicação sem obstáculos e auto-organização ao nível sociopolítico, ultrapassando a mediação do sistema de mídia e desafiando a política formal” (CASTELLS, 2006, p. 28). A explosão das redes pretensamente horizontais de comunicação, independentes dos negócios da mídia tradicional e do governo, faria emergir o que Castells chamou de “comunicação de massa autocomandada”:

A comunicação entre computadores criou um novo sistema de redes de comunicação global e horizontal que, pela primeira vez na história, permite que as pessoas comuniquem umas com as outras sem utilizar os canais criados pelas instituições da sociedade para a comunicação socializante. (CASTELLS, 2006, p. 28)

De fato, os novos arranjos formados por sujeitos em comunicação, apoiados pelas redes tecnológicas e imbuídos de uma consciência de oposição nos permitem vislumbrar, numa mirada utópica, o surgimento de lógicas diferenciadas que reagregam o social a partir de devires minoritários. Entretanto, há que se problematizar, ao menos, o surgimento de assimetrias e dominações nesse processo de construção de um novo mundo. Precisamos falar sobre *poder*.

## 2.1 Nem tão otimista assim

O vislumbre do que Deleuze (2000) chamou de “sociedade de controle” ganha contornos múltiplos e difusos na atualidade. A criação e expansão de redes de comunicação, celebradas como trânsitos da interação (*highways* da experiência), traz também a possibilidade do prolongamento de relações de poder solidamente enraizadas no arranjo

social do qual fazemos parte, marcado por um modo de produção capitalista mais flexível, porém não menos controlador. Bauman (2000) chamou esse tempo-espaço de Modernidade Líquida e assim o conceituou a partir da flexibilização das manobras de poder:

O capitalismo leve, amigável com o consumidor, não aboliu as autoridades que ditam leis, nem as tornou dispensáveis. Apenas deu lugar e permitiu que coexistissem autoridades em número tão grande que nenhuma poderia se manter por muito tempo e menos ainda atingir a posição de exclusividade. [...] Parando pra pensar 'numerosas autoridades' é uma contradição em termos. Quando as autoridades são muitas, tendem a cancelar-se mutuamente, e a única autoridade efetiva na área é a que pode escolher entre elas. (BAUMAN, 2000, p. 76)

Fluxos de comunicação potentes percorrem hoje a virtualidade da rede mundial de computadores, por sua vez irradiada essa virtualidade através de tecnologias móveis, imóveis e sempre renovadas. Se não diretamente, ao menos como nó, a Internet abre estrias para o que Deleuze chamou de um “controle incessante em meio aberto” (DELEUZE, 2000, p. 216), a respeito do tipo de controle em profusão na atualidade. Segundo ele, máquinas específicas estão em correspondência com tipos de sociedade. Em se tratando de uma sociedade de controle, a cibernética e os computadores dariam conta de proclamar os fundamentos não escritos de uma certa mentalidade social, mas não seriam, para Deleuze, essas máquinas o gancho explicativo de nada: “é preciso analisar os agenciamentos coletivos dos quais elas são apenas uma parte.” (DELEUZE, 2000, p. 216).

Ao considerar, de fato, que estamos imersos hoje em uma sociedade de controle, como afirma Deleuze, parece-me plausível acreditar que os arranjos e rearranjos múltiplos formadores de agenciamentos coletivos transitam entre espaços de experiência também heterogêneos, marcados por lógicas díspares, mas simbióticas. Janice Caiafa (2011), ao discorrer sobre os aspectos do múltiplo nas sociedades de comunicação, retoma conceituação de Deleuze e Guattari (1980) sobre dois tipos de espaços: o liso e o estriado. Para os autores, ambos são habitados de diferentes maneiras, ligados que estão a práticas sociais e políticas específicas. O primeiro teria como marca a abertura, a heterogeneidade e a multidirecionalidade. O segundo, por sua vez, seria estriado por direcionamentos. Ao contrário do que as nomeações podem evocar, eles não estão em oposição: transitam entre si. Em uma sociedade de controle, quando do surgimento de “novas manobras do capital”, (CAIAFA, 2011, p. 131) esse trânsito é estratégico.

É interessante observar como, na situação que se instaurou com as novas modalidades de exercício do poder, essas atribuições do espaço liso podem ser frequentemente aplicadas ao capitalismo flexível – com seus regimes mais ‘livres’ de trabalhos, seus projetos de incitação ao consumo acompanhadas de declaradas pretensões à arte e ao pensamento, seus rasgos de generosidade ao acolher por conversão a diferença e ao auxiliar com algumas migalhas aqueles mesmos que ele esmaga (CAIAFA, 2011, p. 133).

Observando os novos espaços que são trazidos à vida, agenciados, com a utilização de tecnologias da comunicação num contexto de sociedade de controle, de fato, a discussão proposta por Caiafa é bastante pertinente. A autora elege como principal operação do capital a captura e controle de uma *energia desejante*, deixada à solta quando da pretensa liberação dos indivíduos em relação aos códigos das sociedades tradicionais. Uma certa liberdade relativa foi produzida, mas, segundo Caiafa, o triunfo é do capital, o resultado é sua promoção. “O capitalismo precisa lidar com essa energia desejante para não ser ele mesmo contrariado, recapturando-a a fim de encaixá-la em seu regime subjetivo. [...] é preciso criar obstáculos para que o desejo não seja livre” (CAIAFA, 2011, p. 136).

Triste cena final de todos os processos de resistência ao arranjo de poder constituído? A seguinte pergunta fora direcionada a Deleuze por Toni Negri, em entrevista disposta no “Conversações” (2000): “Existe algum modo para que a resistência dos oprimidos possa tornar-se eficaz e para que o intolerável seja definitivamente banido?”. Ao que Deleuze responde:

Todo mundo, sob um ou outro aspecto, está tomado por um devir minoritário que o arrastaria por caminhos desconhecidos caso consentisse em segui-lo. Quando uma minoria cria para si modelos, é porque quer tornar-se majoritária, e sem dúvida isso é inevitável para sua sobrevivência ou salvação (por exemplo, ter um Estado, ser reconhecido, impor seus direitos). Mas a sua potência provém do que ela soube criar, e que passará mais ou menos para o modelo, sem dele depender. (DELEUZE, 2000, p. 214)

Para ele, ainda, o “povo é sempre uma minoria criadora, e que permanece tal, mesmo quando conquista uma maioria” (DELEUZE, 2000, p. 214). Entretanto, uma insurreição das minorias, considerando que vivemos em uma sociedade de controle, não viria, para Deleuze, a partir de uma retomada da palavra. “Talvez a fala, a comunicação, estejam apodrecidas. Estão inteiramente penetradas pelo dinheiro: não por acidente, mas por natureza. É preciso um desvio de fala” (DELEUZE, 2000, p. 217). Por outro lado, o teórico propõe a criação de “vacúolos de não-comunicação” para fugir ao controle. Se a

comunicação hoje está apodrecida, seguindo Deleuze, e considerando ser justamente a comunicação celebrada aos montes teóricos como potência revolucionária de novos arranjos coletivos (manifestantes, midiativistas, etc.), não restaria pouco de otimismo mirando nosso tempo, no que diz respeito à sua potência transformadora. Mas, talvez, não seja a comunicação que esteja apodrecida na atualidade, porque dela, exatamente, carecemos. Estamos na era do falatório, o que não implica dizer que estamos na era da comunicação. Somos panfletos de nós mesmos, entregando-se a torto e a direito pelas ruas, pelas redes. Comunicação é outra coisa. O retorno a ela, sob a égide de outro conceito, me parece uma saída possível. Isso veremos mais adiante.

\*\*\*

O fato de a produção de conteúdo desenvolvida à margem das grandes corporações de imprensa ser agora em alguma medida visibilizada, adotando lógicas e fazeres pretensamente diferenciados daqueles engendrados nos locais de produção de informação tradicionais, tem promovido a emergência de embates ontológicos entre os tradicionais detentores do monopólio da informação – teórico e prático – e os novos sujeitos que são potencializados em sua visibilidade e poder de fala nesse contexto. Esses novos modos de pensar/fazer jornalismo ou produzir e divulgar informação, a exemplo da experiência da Mídia Ninja e de tantos outros coletivos de midiativismo brasileiros, é geralmente contestado em sua natureza jornalística e grande parte das críticas é apoiada em análogos com a prática jornalística tradicional. O programa de entrevistas Roda Viva, exibido na TV CULTURA (emissora pública brasileira) no dia 05 de agosto de 2013 é emblemático dessa busca. Bruno Torturra, repórter experiente no mercado, e Pablo Capilé, um dos fundadores do FDE, ali apresentados como idealizadores da Mídia Ninja, foram sabatinados por jornalistas da grande mídia ávidos por uma explicação plausível para uma prática jornalística que pensava-se se sustentar, até então, fora do modelo industrial de produção de informação. No centro da roda, os entrevistados tentavam defender, a partir de suas cosmologias, a legitimidade da utilização do termo jornalismo para caracterizar suas ações. De modo geral, não houve diálogo, embora terminemos com a impressão, ao findar o programa, de que os ninjas conseguiram alguma vantagem no total das argumentações. O consenso não era esperado, simplesmente porque não era possível, já que cada um dos

“polos” daquela roda (entrevistados/entrevistadores) habitavam – ainda habitam – perspectivas diferenciadas sobre o Jornalismo. O que começou a jorrar lentamente ali naquele momento – ferida velha, sangue batido – foi o distanciamento cada vez maior entre aqueles que detêm há anos a legitimidade na produção de informação e os novos sujeitos empoderados, representados ali no programa pela Mídia Ninja.

Os holofotes da mídia tradicional sobre aspectos precisos da morte do repórter cinematográfico Santiago Ilídio Andrade, da TV Bandeirantes, quando estava cobrindo os protestos do dia 06 de fevereiro de 2014, no Rio de Janeiro, sugerem uma tentativa de encarceramento da perspectiva “jornalismo”. Santiago fora atingido por um rojão e os acusados são os ativistas Caio Silva de Souza e Fábio Raposo Barbosa, que atualmente respondem ao processo em liberdade (RIO DE JANEIRO, 2016). O editorial do Jornal Nacional (JN), Rede Globo de Televisão, do dia 10 de fevereiro de 2014 ilustra bem a postura geral da grande imprensa em relação ao episódio: a grosso modo e negro humor, adotou-se o cadáver que faltava. O âncora e editor do JN, William Bonner, qualificou o episódio como atentado à liberdade de imprensa e exaltou a função dos jornalistas “profissionais” na construção do conhecimento sobre o mundo: “Foi uma atitude autoritária, porque atacou a liberdade de expressão; e foi uma atitude suicida, porque sem os jornalistas profissionais, a nação não tem como tomar conhecimento amplo das manifestações que promove” (BONNER, 2014). Quando Bonner cita “jornalistas profissionais” deixa de fora do espectro os novos sujeitos dos quais falamos. Na página da Mídia Ninja, um *post* publicado no mesmo dia 10 de fevereiro faz a contranarrativa combativa ao teor dos discursos insurgentes na mídia tradicional sobre a morte de Santiago: “[...] A versão oficial dos fatos está na mão de justiceiros seletivos, que ocultam cadáveres, ocultam violências, até que surja uma que se encaixe em sua narrativa que criminaliza a todos” (MÍDIA NINJA, 2014).

Para além de posturas combativas e defensivas, entre muitas outras matizes possíveis, é difícil pensar o desenvolvimento e visibilidade das manifestações que irromperam no país em junho de 2013, também outros movimentos pelo mundo, como as ocupações urbanas, o 15M na Espanha, os protestos na Turquia, Egito, entre outros; difícil imaginá-los sem a parceria entre redes técnicas e novos comunicadores em visibilidade e colaboração, que reclamam também a legitimidade de suas ações como Jornalismo.

O enveredamento que farei, a partir de agora, busca a compreensão de uma dessas redes estendida diante e sobre nós, sobre a qual está disposta uma série de tensionamentos



e controvérsias acerca do jornalismo, em primeira análise, mas que se estendem a fim de outras compreensões potenciais acerca das manifestações nascidas com a Jornada de Junho de 2013, do cenário midiativista carioca, dos novos coletivos de produção cultural e comunicação. Minha perspectiva de análise, como já tive a oportunidade de dizer, não partirá de suposições ou categorias previamente definidas sobre o jornalismo – ser ou não ser jornalismo –, já que, como retoma Lemos (2013, p. 39), um dos pressupostos pilares da TAR é que “não há qualquer tipo de definição rígida que possa ser aplicada em todas as situações”. As entidades formadoras do coletivo Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação serão, portanto, observadas com o olhar o menos enquadrado possível sobre o que são ou quem são. O desafio que me coube, então, foi “aprender com os atores sem impor a eles uma definição deles mesmos ou de seus mundos” (LEMOS, 2013, p. 46). Estão lançados os dados.

## 2.2 E nos tornamos, todos, ninjas.

**1ª Vivência. Relato de Campo – Data: 07/09/13 – Informações:** Cobertura Ninja do 7 de setembro. Pela manhã, manifestação “Grito dos Excluídos” na Presidente Vargas. À tarde, “Ocupa Câmara Rio” na Candelária e ato do Black Bloc no Largo do Machado. Com Paula Daibert e Thiago Dezan.

Cheguei à base Ninja por volta de 6h20. Encontrei com Thiago Dezan e seguimos de táxi para a Parada Militar do 7 de setembro, na Presidente Vargas, onde estava havendo concentração para alguns protestos que aconteceriam ao longo do dia. Thiago nasceu em Cuiabá, tem 23 anos e é um dos idealizadores da Mídia Ninja. Chegou a cursar alguns períodos de graduação em Audiovisual pela UFMT, mas a militância no Fora do Eixo o levou para outros caminhos, outras cidades, o interpelou com urgências diversas e foi decisão dele abandonar a academia. Mora no Rio de Janeiro há cerca de dois meses, junto com mais duas pessoas, que também trabalham no núcleo Ninja da cidade: a Dríade Aguiar e o Felipe Peçanha (Carioca).

No caminho para a Presidente Vargas, falamos da visita de Caetano Veloso ao apartamento Ninja dois dias antes, do apoio que o artista deu ao trabalho deles, do repúdio do mesmo em relação à proibição do uso de máscaras nas manifestações, das ideias produtivas que trocaram e também da importância desse apoio em vista de várias acusações que irromperam sobre o Fora do Eixo nas últimas semanas.

Chegando à Igreja Candelária, Thiago começou logo o trabalho: colocou o capacete identificado com adesivos da Mídia Ninja, no qual tinha embutida uma câmera de vídeo, montou a câmera fotográfica acoplada a um eixo para estabilização e manuseio, conferiu a máscara e os óculos para protegê-lo do gás lacrimogêneo e spray de pimenta (prevendo que a polícia usaria esses artifícios contra os manifestantes, como realmente aconteceu) e tirou algumas fotos dos militares que por ali estavam se organizando para o desfile.

Depois, seguimos para encontrar os manifestantes, que se concentravam na esquina da Av. Passos com a Presidente Vargas. Não havia muitos, até então. Parece-me que o horário não foi atrativo (7h da manhã!). Além dos manifestantes,

muita gente ali estava por conta da cobertura do protesto, tanto a mídia tradicional quanto a mídia “livre”: pessoas portando celulares para registro de qualquer movimentação ou conflito. Alguns colaboradores da Mídia Ninja também já estavam por ali, todos devidamente identificados com adesivos nos capacetes, nos celulares e nas câmeras. Para o 7 de setembro, houve uma logística diferenciada de cobertura. Os cerca de 20 ninjas presentes trabalharam em duplas: um mais focado no registro audiovisual, fotográfico e na transmissão ao vivo (através do canal da Postv no aplicativo *Twitcasting Live*), outro na coleta e redação de relatos para encaminhar à redação (nesse caso, o apartamento Ninja no Rio, onde outros estavam recebendo, apurando, editando e divulgando informações recebidas do país inteiro, referentes principalmente aos protestos do dia). Acompanhei mais de perto o trabalho de Thiago e de Paula Daibert, jornalista formada, *free-lancer* e colaboradora Ninja.

Paula é natural de Juiz de Fora/MG, e atualmente mora no Rio de Janeiro com a mãe. Colabora com a Mídia Ninja desde junho de 2013. Sua habilidade na construção dos textos é reconhecida pelo núcleo e é recorrentemente solicitada na construção colaborativa dos *posts* publicados na página do Facebook da Mídia Ninja. Na parceria com Thiago na cobertura do 7 de setembro, Paula coletou, apurou, redigiu e repassou informações à redação. Thiago ficou por conta do registro audiovisual e fotográfico, tarefa na qual ele se destaca entre os ninjas e também é reconhecido por essa habilidade pelo grupo.

No passar das horas, mais pessoas chegaram à área onde estavam concentrados os manifestantes e, também, mais policiais, muitos deles, que interditaram o acesso dos que ali estavam à Presidente Vargas. Do cordão “humano” de isolamento para frente, só a imprensa credenciada. Não era o caso da mídia Ninja. A identificação dos colaboradores ninjas era um adesivo e naquele momento Thiago colou um deles no meu celular. Apesar de não nos dar acesso às áreas onde a imprensa tradicional poderia se posicionar, o adesivo funcionava como um passe-livre no meio dos manifestantes: os ninjas eram sempre muito bem-vindos. Seguimos então o trabalho no nosso campo restrito, junto a manifestantes de diferentes grupos: os *Black Blocs*, Corpo de Bombeiros e variados movimentos sociais. Tive a impressão de uma parceria amistosa entre os ninjas e algumas lideranças de movimentos ali presentes, manifestantes e população, que interpelavam por vezes Thiago e Paula para conferir e repassar informações diversas sobre os atos, principalmente aquelas relacionadas a casos de violência policial e direções do percurso.

A questão da proibição do uso de máscaras nas manifestações foi um dos motivos de vários confrontos entre manifestantes e policiais inicialmente. Paula me contou que naquele dia Sérgio Cabral, governador do Rio de Janeiro, havia publicado um decreto que autorizava os policiais a encaminhar qualquer mascarado para a delegacia, mesmo que fosse apresentada identificação oficial. Outros conflitos entre policiais e manifestantes aos poucos ganhavam maiores proporções e as tentativas de dispersão por parte dos policiais começava a transformar a área num terreno perigoso. Uma manifestante foi atingida por um cassetete, outro por uma arma de choque, outros foram perseguidos pelas ruas próximas. Os momentos de pânico começaram a se suceder.

Thiago seguiu firme também nos períodos mais críticos daquela manhã e registrou “de dentro” várias violências que começavam a surgir, principalmente por parte dos policiais em direção aos manifestantes. Mesmo em situações mais efervescentes, Paula relatava tudo à redação, coletava e apurava cada informação com os presentes, dentro de um processo bastante dinâmico e vivo de produção jornalística. Thiago e Paula estavam ali, vivendo, cobrindo e relatando cada nova ação, novo conflito, nova rota.

Dali do ponto inicial, seguimos pelas ruas em protesto pacífico. Da manifestação, alguém jogou uma bomba caseira dentro da DP e os policiais logo revidaram com várias bombas de gás lacrimogêneo. Houve dispersão, correria. Thiago colocou a máscara de proteção e eu, bem menos preparada, senti os efeitos nos olhos e

garganta. Entramos correndo em uma rua por perto, onde havia uma feirinha. Vários comerciantes ali também sentiram os efeitos das bombas. Caminhamos então para nos reunirmos novamente com os manifestantes. De volta à Presidente Vargas, onde ainda acontecia a Parada Militar, encontramos o ato Grito dos Excluídos, que seguia também pacífico. Outros ninjas também estavam ali presentes e a troca de informações entre eles seguiu-se essencial na cobertura. Ficamos sabendo que a polícia jogou bombas de gás lacrimogêneo perto da arquibancada de onde algumas pessoas assistiam o desfile militar. Alguns manifestantes e também ninjas colaboradores relataram que houve pânico e alguns feridos. Soubemos também que, antes da confusão, a plateia na arquibancada, formada principalmente por familiares dos militares, aplaudiu a entrada triunfal de policiais vestidos especialmente para confrontos, conhecidos pelos manifestantes como “Darth Vaders”, em referência à aparência similar daqueles policiais com o personagem Darth Vader, da série de filmes *Star Wars*. Seguimos a pé em busca de informações no hospital Souza Aguiar. Chegando lá, Paula confirmou o número de feridos: cinco pessoas que se sentiram mal por conta do ataque da polícia aos manifestantes embaixo da arquibancada e logo repassou à redação Ninja, por *Whatsapp*. No caminho de volta a Presidente Vargas, um oficial do Corpo de Bombeiros parou Thiago e Paula para relatar que havia sido convocado para começar a trabalhar naquele dia, como muitos outros bombeiros, no início da madrugada; o que segundo ele seria uma ordem desnecessária e abusiva, visto que a Parada Militar estava marcada para as 7h30 da manhã. Pediu então que a mídia Ninja divulgasse sua reclamação. Outros episódios semelhantes – pessoas interpelando Thiago e Paula – se sucederam durante todo o dia. Penso que são indicativos da credibilidade e amplitude de afeto que a mídia Ninja conquistou entre os manifestantes. Paula contou que eles recebem todos os dias sugestões de pautas do país inteiro. Lembrei-me que as mídias comunitárias, principalmente, desempenham há tempos esse papel de dar voz ao cidadão, de articular seus interesses e de atuar como *watchdog* na vigilância, denúncia e investigação. Entre uma e outra parada para troca de informações, denúncias de agressões por parte dos policiais e algumas entrevistas, acompanhamos o fim do desfile na Presidente Vargas e o início da caminhada pacífica dos manifestantes, muitos deles integrados ao Grito dos Excluídos. Paula, Thiago e eu seguíamos na frente do ato fazendo a cobertura: Paula conversando, gravando entrevistas e repassando informações à redação; Thiago fotografando e filmando.

Aos poucos, mais militares foram rodeando o protesto e, na outra pista da Presidente Vargas, um grupo de “Darth Vaders” caminhava em formação, causando uma sensação opressora em todos. Thiago se aproximou deles para fotografar e foi alertado de que deveria se afastar. Alguns passos para trás e novos registros da tropa especialmente vestida para confrontos de risco. O que, a meu ver, não aconteceria ali (e realmente não foi o caso). O que houve a seguir foram alguns pequenos conflitos entre policiais e manifestantes, destacando aqui a truculência policial ao lidar com todos ali presentes.

O ato teve seu fim no monumento de Zumbi dos Palmares. Lá, alguns manifestantes, apoiados pela maioria, queimaram a bandeira do Brasil hasteada ali e ergueram uma bandeira negra. Um documentarista norte-americano chegou para acompanhar o trabalho de Thiago. Ele faria uma reportagem sobre a mídia Ninja.

Eu e Paula pegamos o metrô e seguimos para a Cinelândia, onde estava acontecendo o Ocupa Câmara RJ: uma ocupação externa da Câmara Municipal. Os manifestantes do Ocupa lutam por pautas que priorizam a participação popular efetiva na Câmara, como o acompanhamento da CPI dos ônibus. Muitos integrantes do *Black Bloc* estavam ali reunidos. Após um merecido almoço perto do Cine Odeon, voltamos às escadarias da Câmara para acompanhar a ocupação e seguirmos junto com os manifestantes para o Largo do Machado. A caminhada da Cinelândia até o Largo do Machado foi pacífica e agregou muitos outros manifestantes. No caminho, conversamos bastante. O documentarista americano falava da multidão de policiais que nos seguia. Eram de fato muitos deles, alguns

dispersos em grupos no meio dos manifestantes. Caminhavam, os militares, ao nosso lado, embora, de fato, estivessem ali por motivos bem diferentes. Chegando em Laranjeiras, perto do túnel Santa Bárbara, um cordão de policiais impedia o seguimento da caminhada até o Palácio Guanabara e a cena que preponderou foi de conflito entre os *black blocs* e os policiais. Isso aconteceu por volta de 18h e eu e Paula decidimos ir para a base Ninja em Botafogo. Estávamos sem a devida proteção para o provável confronto que viria e Paula precisava ajudar no trabalho de articulação e publicação de informações sobre o 7 de Setembro.

Depois, tomei conhecimento de um episódio em que alguns manifestantes, refugiados das bombas de gás lacrimogêneo no saguão de um prédio ali de Laranjeiras, onde estava acontecendo o conflito, foram expulsos por um morador que portava uma arma de fogo. A adesão da população às manifestações havia caído bastante desde junho, aparentemente em razão da violência na qual culminavam os protestos de maneira recorrente. Muito também, a meu ver, em razão da criminalização das manifestações pela grande mídia e lideranças políticas empossadas. Isso ficou mais claro em conversas na reunião aberta de pauta que houve na quarta-feira posterior ao 7 de Setembro, na Escola de Comunicação da UFRJ.

De volta ao apartamento, acompanhamos o desenrolar do protesto. Conflitos entre os manifestantes deixaram a situação bem complicada. Fora das ruas, a equipe Ninja continuava trabalhando: recebendo, organizando, apurando e publicando informações recebidas de todo o país – principalmente por email – construindo textos de maneira colaborativa (a maioria para *posts* no *Facebook*) e fazendo contato com os colaboradores na rua por telefone, *Whatsapp* e email para atualizar/repassar informações relevantes ao trabalho. Além disso, acompanhavam a transmissão ao vivo feita pelos ninjas nas manifestações. Era recorrente a preocupação em repassar/publicar informações sobre o curso das manifestações para auxiliar os ninjas em campo e também os próprios manifestantes – muitos deles buscam informações na página da Mídia Ninja para traçarem rotas, decidirem cursos. A “redação” é bastante dinâmica, muitas informações circulando, sendo repassadas, apuradas, discutidas, avaliadas. Havia uma preocupação constante com a confiabilidade das informações recebidas, que eram muitas, e a apuração era recorrente e feita de diferentes formas: telefonemas, consulta a sites, contato via Internet com os ninjas em campo. Entretanto, os contatos por telefone eram feitos de maneira bem cuidadosa: informações importantes sobre as manifestações eram ditas de maneira pouco precisa e bastante breve, pois se temia que o telefone fixo da base e os celulares pessoais estivessem grampeados.

Por volta das 21h resolvi voltar para casa: um apartamento de um amigo em Santa Teresa, bairro próximo à Lapa, no centro da cidade. Chegando à Lapa, toda normalidade própria do lugar: muitos bares abertos, música por todos os lados, barraquinhas, pessoas nas ruas, bebendo, e muita gente também pedindo dinheiro, abandonadas nas calçadas ou perambulando sem rumo. Muitos mundos por ali e todos bem fechados na própria sorte – ou no próprio azar. Entrei em uma lanchonete buscando algo para comer e, de repente, ouvi estouro de bombas e tiros. Em menos de 10 minutos, a Lapa transmutou-se num cenário de guerra. Saí da lanchonete antes de fecharem as portas e me vi sozinha, com meu lanche na mão, entre fumaça, gente correndo e muitos, muitos policiais. Vi um colaborador Ninja passando com uma câmera. Fui até ele, pedi algumas orientações e segui pela Mem de Sá, em busca de um táxi que, se tivesse sorte, pararia para mim no meio daquela confusão. Reparei que havia alguns poucos manifestantes correndo por ali, provavelmente dispersos pela polícia do protesto em Laranjeiras. Os militares formavam cordões ali na rua e em outras próximas que impediam o trânsito de carros e pessoas, numa tentativa de encurralar os poucos que protestavam por ali. Um táxi parou para mim e logo me “desovou” quando soube que o destino era Santa Teresa. Provável que, naquela situação, o taxista preferia ir para bem longe, mas é de praxe taxistas recusarem corridas para o bairro, por razões que ainda desconheço. Pouco depois consegui outro táxi. Assim que entrei, agradei

imensamente por ele ter me tirado dali, pois eu sentia medo dos policiais. O taxista se exaltou, disse que tinha parado para mim achando que eu fugia dos manifestantes que, segundo ele, tinham que “levar porrada mesmo”. Contou-me que alguns depredaram há pouco um ponto de ônibus ali na Lapa e também intimidaram vários motoristas. Eu disse que estava cobrindo as manifestações, que era jornalista e que minha experiência naquele dia, marcada em muito pela violência das ações dos policiais, me levava a temer sim os policiais, não os manifestantes. A discussão foi ficando bem intensa e resolvi amenizar a situação dizendo que entendia o posicionamento dele. Ficou mais claro ali, para mim, a seguinte visão: os vândalos haviam tomado conta dos protestos, o que legitimava a ação violenta dos policiais. Um discurso muito comum, embora não nesses termos, na cobertura da grande mídia daquele dia e também de protestos anteriores. Chegando em casa, segui ouvindo muitos tiros, provavelmente de bala de borracha, e também bombas. Comecei então a assistir a transmissão ao vivo de um dos ninjas, que trabalhava na cobertura dos protestos desde as primeiras horas da manhã. O Ninja exaltava os manifestantes que estavam ali até aquela hora e dizia da importância dessa resistência que simbolizava o descontentamento em relação à política do não-diálogo por parte do governo estadual. A relação entre o Ninja e os manifestantes naquele momento era de afeto e comoção. Depois, resolvi ligar a TV e assistir ao Jornal da Globo, telejornal da Rede Globo de Televisão. “Violência”, “vândalos”, “baderna” eram termos que faziam parte do mantra de criminalização. O olhar distanciava-se do meu. Parecia outro lugar, outras pessoas. Depois percebi que a grande motivação de muitos colaboradores ninjas foi justamente essa: os protestos mostrados na TV não eram os mesmos em que eles estavam. Algo estava errado.



Figura 4 - Fotografia tirada na base Ninja do Rio de Janeiro, logo após as primeiras longas entrevistas, na vivência de setembro de 2013. Da direita para esquerda: eu, Carioca, Paula Daibert e Thiago Dezan.

\*\*\*

A atuação da Mídia Ninja é índice, nó bem visível, de uma rede colaborativa de produção de informação que tece seus fios há anos, potencializada, mais recentemente, pela cobertura dos protestos insurgentes no Brasil. A ação dos ninjas traz à luz vários debates sobre jornalismo, midiativismo e participação das redes tecnológicas na apreensão e divulgação dos acontecimentos. À época da Jornada de Junho, mais intensamente, colaboradores de diversas regiões adotaram a marca do Ninja no trabalho de registrar e transmitir os protestos. As “armas” mais utilizadas por esses sujeitos eram celulares aptos a gravar vídeo em resolução média e a acessar a Internet, muitas vezes para a dispersão das imagens em tempo real (*streaming*), através de programas como *Twitcasting*, *Ustream* e *Livestream*. O ideário que reunia os ninjas, em síntese, passava pela colaboração na produção e gestão de conteúdo, independência editorial em relação a patrocinadores/apoiadores, valorização das parcialidades, experimentação narrativa e inserção radical na ação. “[...] é uma experiência de mídia muito nova e radical”<sup>13</sup>, contou-me Gian Martins, colaborador e responsável pela parte audiovisual do grupo em Belo Horizonte (MG). Seja utilizando um carrinho de supermercado com *mesa de corte*, gerador e bateria ou simplesmente um celular com conexão de Internet, as transmissões eram feitas *de dentro* dos acontecimentos e, em sua maioria, em tempo real.

O jornal carioca O Dia, de 15 de julho de 2013, foi uma das primeiras publicações que trouxeram para a grande mídia uma reportagem sobre o grupo e sua participação nos protestos que se seguiam desde junho (FILHO, 2013). No texto, o jornalista Francisco Alves Filho (2013) apresenta a Mídia Ninja: “Eles vão às ruas com câmeras na mão e uma ideia fixa na cabeça: mostrar as manifestações das últimas semanas ao vivo e sem cortes. [...] Suas transmissões pela internet se tornaram uma espécie de canal oficial dos protestos”. Bruno Torturra, um dos fundadores do Ninja, também à época um dos nomes de referência do grupo, frisa que, apesar da maior visibilidade a partir das manifestações, a mídia Ninja existe há mais de dois anos, “cobrindo” rua e realizando debates políticos independentes (TORTURRA, 2013b).

O laboratório de experiências que levou à formação do grupo foi construído a partir das ações do FDE, rede de coletivos gestada e nascida na cidade de Cuiabá (MT), que desenvolve suas ações a partir das inúmeras Casas Coletivas<sup>14</sup> espalhadas por todo o país. A

---

<sup>13</sup> Informação fornecida por Gian Martins em 17 jul. 2013.

<sup>14</sup> Casas Coletivas ou Casas Fora do Eixo são moradias coletivas dos integrantes da rede.

PosTV – canal de distribuição de *lives* – é uma dessas experiências embrionárias da Mídia Ninja que se desenvolveu mais fortemente depois da ida de alguns integrantes do FDE para São Paulo, em 2011, a fim de montar uma casa do grupo na capital. “[...] se desse certo lá, ia dar certo em qualquer lugar”<sup>15</sup> relembra Thiago Dezan, um dos fundadores do FDE que participou da mudança.

Ele contou sobre uma das primeiras transmissões públicas da PosTV, em 2012: um programa de debates ao vivo entre ativistas reprimidos na Marcha da Maconha em São Paulo e o artista paulista Cláudio Prado, um dos gurus da Mídia Ninja:

A gente já tinha o costume de transmitir as coisas ao vivo, porque era reunião geral, era videoconferência entre coletivos, a gente usava mais comunicação interna mesmo, não como programas falando para fora. Aí a gente pensa em fazer um debate ao vivo, com aquela galera que tinha sido reprimida na Marcha da Maconha, a parada bomba, muita gente assistindo e o Cláudio Prado durante a transmissão chama de PosTV aquilo que a gente estava fazendo e já virou o nome desse canal.<sup>16</sup>

Carioca frisa que a PosTV é resultado de um acúmulo de ferramentas desenvolvidas pelo FDE, como as transmissões de festivais de música promovidos pelo coletivo, e que nasce a partir do desejo de realização de um canal livre, onde pudesse ser exibido todo e qualquer conteúdo sem interrupção por conta de comercial: “[...] a PosTV surge numa perspectiva de politização dessa ferramenta, né? Que aí entra com os outros parceiros fazendo parte, sugerindo temas, conteúdos, repertórios, que começam a permear esse canal [...]”.<sup>17</sup>

É na cobertura da Marcha da Liberdade que a PosTV se consolida de fato. A Marcha propunha discussões para além da questão da legalização das drogas, como o tema da liberdade de expressão e a reflexão sobre novos arranjos pacíficos de manifestação. Segundo Carioca, a ideia de promover a Marcha surgiu também da repressão à Marcha da Maconha e envolveu a sistematização de uma série de processos que até então a PosTV não tinha e que viriam a ser utilizados depois nas transmissões da Mídia Ninja, como o mapeamento da rota da Marcha e o posicionamento estratégico de câmeras:

<sup>15</sup> Informação fornecida por Thiago Dezan em 10 set. 2013.

<sup>16</sup> Idem.

<sup>17</sup> Informação fornecida por Carioca, em 11 set. 2013.

[...] a nossa imersão acabou virando quase que um planejamento tático de guerrilha mesmo, de como que a gente faria a cobertura, de como que a gente ia tá produzindo, ao vivo, o que tá acontecendo, documentando [...].<sup>18</sup>

Para a transmissão da Marcha da Liberdade, Dezan conta que Bruno Torturra, na época, jornalista da Revista Trip, conseguiu uma parceria com a plataforma *Livestream* para o empréstimo de um *mochilink* – mochila contendo equipamentos que possibilitam transmissões ao vivo. Depois de findada a Marcha, a dúvida era coletiva:

“Putz! Será que alguém viu, né? Será que foi legal?”. E quando a gente pede os dados pros caras, eles mandam um relatório pra gente que constava que 90 mil IPs do mundo inteiro tinha assistido aquela transmissão. Aí a gente fala: “Cara, é isso. Dá certo, vam'bora!”.<sup>19</sup>

A partir desse momento, começou a haver um estímulo dentro do FDE para que as Casas coletivas investissem em novas transmissões. Dezan disse que na Casa de São Paulo dois programas de estúdio diários começaram a ser realizados:

Era um à tarde, que era sempre uma banda tocando e sendo entrevistada (a gente tem estrutura de palco lá), e um à noite, mais de debate, [...] com pessoas que a gente chamava para trocar ideia sobre temas específicos.<sup>20</sup>

Em certo momento, segundo Dezan, houve a percepção da necessidade de se criar uma rede de comunicação independente, onde mais pessoas pudessem participar ativamente, mesmo não sendo do FDE:

[...] o Fora do Eixo não era um veículo de comunicação, era um movimento social, uma rede e que a gente teria que criar uma outra parada pra ser essa outra rede de comunicação independente, livre, e que mais gente poderia se aproximar e participar dela.<sup>21</sup>

E, a partir daí, surge o Ninja:

<sup>18</sup> Informação fornecida por Carioca, em 11 set. 2013.

<sup>19</sup> Informação fornecida por Thiago Dezan, em 10 set. 2013.

<sup>20</sup> Informação fornecida por Thiago Dezan, em 10 set. 2013.

<sup>21</sup> Informação fornecida por Thiago Dezan, em 10 set. 2013.



Numa troca de ideias, uma amiga do Bruno [Torturra] sugere esse nome porque é uma palavra que é internacional, que a gente queria isso, uma palavra que pudesse ser igual em todo lugar do mundo. Depois que a gente inventa a sigla que é Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação.<sup>22</sup>

Dríade Aguiar, na época integrante do FDE, editora do Portal do Ninja e responsável pelo atendimento do público, frisou que a Mídia Ninja é resultado de um acúmulo de cerca de 15 anos de debates sobre o que se tem e o que está sendo produzido em termos de comunicação no país e no mundo, e surgiu com uma necessidade de *conversar* com outras iniciativas dentro dos movimentos sociais, e não apenas descrevê-las. A curiosidade exploratória define-se pela seguinte questão: “[...] o que é esse processo de comunicação diferenciado, que não a comunicação institucional, desse movimento?”<sup>23</sup> Para Carioca, a partir das possibilidades potencializadas pelo acúmulo de experiências de cobertura fotográfica, produção de texto e transmissões ao vivo, conformou-se a ideia de uma plataforma de comunicação livre que conectasse mais conteúdos sobre o “Brasil profundo”, muitas vezes ignorados pelas emissoras tradicionais:

[...] foi aí, então, que – ao longo de 2012 – em conversas, em reuniões, a gente viu que o NINJA era uma realidade, né? Era uma possibilidade tangível da gente conectar muito do que já tinha, né? Passando uma proposta clara de uma plataforma de comunicação livre, onde as pessoas podiam produzir reportagens com temas relevantes, com a possibilidade de criar um imaginário de Brasil profundo, que nem mesmo as grandes emissoras dão conta, pelos modelos que ela tem, mais do que pelas estruturas, mas pelo modelo, né? Que ele é muito hierárquico, que ele é muito verticalizado [...].<sup>24</sup>

A primeira transmissão Ninja, oficialmente, foi a cobertura do Fórum Social Mundial, na Tunísia, ocasião em que fora criada a identidade visual e a página do grupo no Facebook, em 2012. “[...] foi quando o Ninja passou a existir pra outras pessoas [...] o Ninja já existia nas nossas cabeças, a gente já entendia que tava numa redação Ninja, a gente já se entendia como Ninja, mas não tava posicionado”, explicou Carioca.<sup>25</sup> Dezan lembrou com humor que no primeiro *post* da página, relacionado à Missão Tunísia, tinha um acento errado em uma palavra: “Eu falei: ‘Porra, galera, tem um acento errado aqui no nosso primeiro post’

<sup>22</sup> Informação fornecida por Thiago Dezan, em 10 set. 2013.

<sup>23</sup> Informação fornecida por Dríade Aguiar, em 1 jul. 2014.

<sup>24</sup> Informação fornecida por Carioca, em 11 set. 2013.

<sup>25</sup> Informação fornecida por Carioca, em 11 set. 2013.

[risos]”.<sup>26</sup> Seguiu-se a essa primeira cobertura Ninja, a Missão Marabala, com o objetivo de cobrir o julgamento do assassinato dos ambientalistas Zé Cláudio e Maria.

Assim, antes de junho brotar em Jornadas de manifestações, a Mídia Ninja dava seus primeiros passos mais firmes na definição de sua natureza e na especialidade de suas técnicas. Com os primeiros protestos, o trabalho do Ninja ganha outra proporção e institui as ruas – e a Internet – como espaço privilegiado de ação. O número de curtidas da página do coletivo começa a crescer exponencialmente, o que fora coroado na manifestação de 18 de junho de 2013, em São Paulo, com a transmissão ao vivo e sem cortes do painel da Coca-Cola<sup>27</sup> pegando fogo – momento que, segundo Carioca (2013), deflagrou um novo modelo de cobertura:

[...] o incêndio ao painel da Coca-Cola no dia 18 de junho, meio que evidenciou, deflagrou, falou: ‘Nossa, tem uma nova coisa aí!’ Que talvez tenha vindo ali primeiro pela questão do ao vivo, do impacto forte que se tem, você acompanha... Eu tava lá, eu fazia parte da equipe que transmitiu esse acontecido, né? E que trouxe as atenções pro NINJA não só como um canal de transmissões ao vivo das manifestações, mas como um veículo, como uma plataforma que aproximava pessoas para trazerem as suas visões, para trazerem uma forma de cobertura voltada para uma parcialidade subjetiva da visão de quem está de dentro dessas manifestações e possíveis reportagens e outras matérias, né? Então, a coisa, ela meio que explodiu ali muito por conta da gente tá preparado, mas também por conta de haver uma insatisfação muito grande sobre como as notícias tão sendo colocadas, né? Como que as informações circulam e como que a grande imprensa, a mídia de maneira geral, controla as informações de seus interesses.<sup>28</sup>

Desse modelo de cobertura, faz parte uma constelação de ideias que move o trabalho de “Ninjas Originais” e “Colaboradores”, cada qual com níveis de adesão específicos a esse ideário. De fato, as controvérsias a respeito de um possível novo modelo já eram alimentadas por jornalistas “profissionais” – ou seja, desde cedo, já havia esse clima de disputa entre o legítimo “velho” jornalismo e a promessa revolucionária do “novo” jornalismo; simbolizando o coroamento desse clima no programa de entrevistas Roda Viva, em que participaram Bruno Torturra e Pablo Capilé, tal qual mencionado anteriormente. Mas, ao menos inicialmente, ele constituía-se como uma caixa-preta bem lacrada por quem atuava dentro da rede, especialmente os integrantes do FDE e parceiros mais próximos.

<sup>26</sup> Informação fornecida por Dezan, em 10 set. 2013.

<sup>27</sup> Ver: [http://twitcasting.tv/pos\\_tv/movie/14323928](http://twitcasting.tv/pos_tv/movie/14323928).

<sup>28</sup> Informação fornecida por Carioca, em 11 set. 2013.

### 2.3 “[...] virou um tipo de jornalismo, um jornalismo Ninja.”<sup>29</sup>

Para que o ideário sobre a Mídia Ninja pudesse ser conformado, e, inicialmente, estabilizado, foram essenciais as percepções daqueles que trabalharam mais proximamente nos processos embrionários do coletivo, muitos deles incubados no FDE, como as transmissões da PosTV. Também fazem parte do mesmo esforço de manutenção da estabilização ideal do grupo os moradores das casas coletivas do FDE, sejam eles deslocados para funções dentro da Mídia Ninja ou não. O discurso do que irei chamar, a partir daqui, de Ninjas Originais apresenta poucas variações em seu conteúdo no que diz respeito aos mais variados tópicos. A expressão Ninjas Originais surgiu de uma declaração do colaborador Leonardo Coelho, que teorizou em sua fala o seguinte aspecto:

LARA: Mas como é que foi essa relação com eles? Você se sentia um Ninja ou não era o seu objetivo mesmo?

LEONARDO COELHO: Não, é, eu não, né? Eu nunca me senti um Ninja no sentido de eu não faço parte do Fora do Eixo, eu não faço parte da vida coletiva que eles têm, eu não participo daquele processo 24h por dia. Eu sempre me posicionei como *colaborador*, né? Porque acredito, é, no projeto, etc. e tal. Nunca me considerei como um *ninja original* e isso me levou a me descobrir como fotojornalista.<sup>30</sup>

Gian Martins é um desses Ninjas Originais, integrante do FDE e um dos responsáveis pela produção audiovisual do grupo.<sup>31</sup> Ele mencionou que, no que se refere ao conteúdo produzido pela Mídia Ninja, a colaboração é capilar, ou seja, implica a visibilidade de textos, fotos e vídeos de diversas localidades – segundo ele, do “Brasil de dentro” –; promove a liberdade de linguagem e conteúdo, além de contribuir na produção de conhecimento sobre o fazer jornalístico, inclusive no que diz respeito à utilização de novas tecnologias de produção e difusão de conteúdo.<sup>32</sup> Carioca – também integrante do FDE e, à época, *streamer* da Mídia Ninja<sup>33</sup> – frisou que os colaboradores tinham centralidade nesse processo, pois mapeavam os temas das ruas e levavam às reuniões gerais, atualizando cotidianamente as pautas. Segundo ele, não existia uma pessoa que definisse o que era feito, a exemplo de

<sup>29</sup> Informação fornecida por Thiago Dezan, em set. 2013.

<sup>30</sup> Informação fornecida por Leonardo Coelho, em 1 jul. 2014.

<sup>31</sup> Gian é de Juiz de Fora (MG), fundou a Casa FDE na cidade, mudou-se depois para a Casa de Belo Horizonte, onde residia na época da Jornada de Junho de 2013. Durante a Copa do Mundo de 2014, Gian integrava a base Ninja do Rio de Janeiro.

<sup>32</sup> Informações fornecidas por Gian Martins, em 17 jul. 2013, via Skype.

<sup>33</sup> Carioca nasceu em Minas Gerais, cresceu no interior do Rio e conheceu o FDE em São Carlos, interior de São Paulo. Virou morador da base Ninja do Rio de Janeiro em meados da Jornada de Junho de 2013 e por lá ficou até recentemente.

uma chefia de redação, mas sim uma tentativa da base de sistematizar e organizar o que está sendo colocado, de maneira que também as opiniões sobre os acontecimentos fossem construídas de modo colaborativo.<sup>34</sup> Também sobre a colaboração, Bruno Torturra pontuou que narrativas independentes sendo contadas nas redes promovem o empoderamento do cidadão como comunicador e o reconhecimento da possibilidade de uma postura ativa enquanto espectador – aquele que questiona – e produtor de informação. Em entrevista ao Programa Capital Natural # 41, Torturra enfatizou, no que se refere ao papel dos novos comunicadores durante os protestos de rua:

[...] a mídia alternativa, o cidadão multimídia, o cidadão que tem uma câmera e entende seu papel de olho público, que antes era uma exclusividade da imprensa oficial, tiveram um papel decisivo em expor o que aconteceu na rua de fato [...].<sup>35</sup>

A cobertura dos protestos de 7 de setembro no Rio de Janeiro, em 2013, é exemplo da adesão do grupo aos processos colaborativos. Os cerca de 20 ninjas presentes nesse dia – entre originais e colaboradores – trabalharam em duplas: umas mais focadas no registro audiovisual, fotográfico e na transmissão ao vivo (através do canal da PosTV e do aplicativo *Twitcasting Live*), outras na coleta e redação de relatos para encaminhar à redação – o apartamento Ninja no Rio, onde outros estavam recebendo, apurando, editando coletivamente e divulgando informações recebidas do país inteiro, referentes principalmente aos protestos do dia. Segundo Paula Daibert, à época colaboradora Ninja que participou da cobertura dos protestos do Dia da Independência no Rio de Janeiro, boa parte do material produzido foi realizado com vídeos editados por outros coletivos, o que dialoga, segundo ela, com a lógica da informação como bem público: “Eu nunca tinha passado por isso, de escrever um texto a cinco mãos [...]. As ideias vão surgindo junto, é muito rico. É a colaboração, o diálogo [...]”.<sup>36</sup> Para Carioca, o modelo colaborativo aproxima ainda mais as pessoas do acontecimento. Essa aproximação começa já nas reuniões de pauta abertas e transita pelos canais de livre acesso ao coletivo, somando pontos de vistas em um “mosaico de parcialidades”:

<sup>34</sup> Informação fornecida por Carioca, em 11 set. 2013.

<sup>35</sup> Em entrevista ao Programa Capital Natural # 41. Disponível em <http://vimeo.com/69417938> Acessado em 17 jul 2013.

<sup>36</sup> Informação fornecida por Paula Daibert, em 10 set. 2013.

A gente fez uso de um sistema aberto, que são as reuniões livres, isso tem sido uma plataforma de aproximação de quem acompanha o trabalho [...]. As pessoas chegam nessas reuniões, ou mandam emails, ou nas transmissões perguntam, emails, no chat, tem vários meios de acessar. A gente como uma plataforma aberta, e é justamente esse o intuito do Ninja, de perder o controle mesmo, de que mais pessoas se apropriem, de que envolva mais gente, de que tenha mais pontos de vista somando dentro do mosaico de parcialidades. [...] Você quer transmitir, você quer fazer foto, você quer ficar lá dando sua visão, você quer mandar mensagem, você quer dar um texto, você quer entrevistar as pessoas, você quer ajudar levando as pessoas de lá pra cá. O Ninja desperta e mostra que é possível de fato as pessoas contribuírem, que num primeiro momento pode parecer pequeno, uma pessoa com seu celular na rua, com sua câmera de foto, perto do que é uma estrutura de comunicação de grandes veículos. [...] Nos dias de hoje, a cultura digital, as redes sociais, a possibilidade de dar o seu ponto de vista como algo muito mais próximo do que esses grandes modelos, que acabam mais se distanciando do que se aproximando da notícia [...]. Na hora do ‘vamos ver’, a gente viu que o nosso modelo de plataforma colaborativa e de correspondência direta e de aproximação dos fatos, ele era muito mais interessante, e ele evidenciava também uma crise do próprio modelo jornalístico atual, não só da cobertura das manifestações, mas de produção de narrativas em diversos outros âmbitos.<sup>37</sup>

Quando estive em campo com os Ninjas em setembro de 2013, as reuniões abertas aconteciam semanalmente em uma sala na Escola de Comunicação da UFRJ (Eco-UFRJ) e atraíam um contingente grande de colaboradores, pesquisadores e curiosos. Na reunião em que estive presente, contei ao menos 40 pessoas. Jasmine Giovannini, responsável pela gestão de recursos do FDE, contou que havia uma parceria muito forte do Ninja com a então diretora da Eco-UFRJ, Ivana Bentes. Através do LabNinja, projeto que era desenvolvido semanalmente na Escola, os Ninjas Originais ofereciam formação técnica aos interessados, funcionando como porta de entrada de colaboradores mais novos. “[...] por conta disso a gente tem as portas-abertas pra trabalhar lá quando for necessário”, disse Jasmine,<sup>38</sup> à época da entrevista.

Perguntei ao Carioca se era possível traçar um perfil dos colaboradores do Ninja no Rio de Janeiro: “Idade, de onde que é, se é acadêmico, se não é, ou não é possível, é muito diverso?”. Ele respondeu então que a idade média era de 20 a 30 anos, com uma grande maioria de 20 e poucos anos. Sobre formação universitária, Carioca disse que variava bastante: desde profissionais formados a pessoas sem qualquer vínculo universitário e/ou comercial com a comunicação. Para esses últimos, o Ninja foi a primeira experiência em

---

<sup>37</sup> Informação fornecida por Carioca em 11 set. 2013.

<sup>38</sup> Informação fornecida por Jasmine Giovannini em 10 jul. 2014.

termos de produção de conteúdo e de jornalismo. “[...] é uma *gurizada* que é geralmente nova, assim, com uma experiência muito em construção”.<sup>39</sup>

Lembrei-me do dia em que conheci dois desses colaboradores, em uma das reuniões abertas na Eco: Diego Ceciliano – o Black Ninja – conhecido *streamer* das ruas cariocas durante a Jornada de Junho, que tinha formação universitária em Enfermagem; e Fábio Santos, formado em Biologia mas atuando profissionalmente na área da Informática, que se aventurava pela primeira vez na maré alta da transmissão dos protestos. O posto de Diego era quase mítico, embora não ostentasse, e nutria uma esperança ingênua e sincera de que poderia, com seu empoderamento, mudar o mundo – embora não dissesse assim, dessa forma.

[...] é o novo jornalismo que nós falamos, assim, do olho no olho, de suor no suor mesmo, assim, de emoção, de raiva, de remorso, de truculência, de viver o que as pessoas estão vivendo ali. [...] isso mexeu muito comigo, a minha parte profissional, pessoal, sentimental, psicológica.<sup>40</sup>

Fábio traduziu desta forma o valor do trabalho que realizava: “Eu nunca tive nada a ver com Jornalismo, mas eu acho que a gente tá fazendo um trabalho que tá mudando a cara da mídia que a gente conhecia, tradicional, né? Eu acho que isso é fantástico!”.<sup>41</sup>

Pedro Prado era outro colaborador que frequentava a base Ninja – e os protestos de rua – com bastante assiduidade. Na época, estudante de Comunicação Social/Publicidade, Pedro acreditava que o Ninja propunha uma quebra de paradigma no modo como se fazia comunicação: “[...] a mídia livre crescendo muito e o Ninja lançando essas contranarrativas, eu acho que pra muita gente ficou bem claro o quão parcial a imprensa tradicional é e eles tão tendo que se movimentar pra poder fazer o trabalho deles de uma maneira diferente”.<sup>42</sup>

Numa mirada geral, Fábio, Diego e Pedro, cada qual com suas especificidades, representam bem o discurso, os desejos, e as motivações dos “Ninjas Colaboradores”. A expressão “Somos Todos Ninjas, Somos Todos Mídia” virou slogan do trabalho de Ninjas Originais e Colaboradores. “[...] a plataforma que o Ninja entrega pras pessoas é de fácil acesso, assim, relativamente fácil pra quem tem acesso às tecnologias e que mostra que

---

<sup>39</sup> Informação fornecida por Carioca em 19 jun. 2014.

<sup>40</sup> Informação fornecida por Diego Ceciliano, por meio de arquivo audiovisual, recebido em 6 nov. 2013.

<sup>41</sup> Informação fornecida por Fábio Santos em 10 set. 2013.

<sup>42</sup> Informação fornecida por Pedro Prado em 6 nov. 2013.

qualquer um pode ser uma mídia, qualquer um pode ser um veículo de comunicação”, acreditava Pedro.<sup>43</sup> Quem teoriza sobre o conceito é Dríade Aguiar, para quem

[...] o Ninja é o brasileiro, o latino-americano, o cidadão mundial que conseguiu entender ou que pelo menos foi provocado a refletir sobre qual é o seu papel na comunicação mundial. Eu acho que tem uma passagem por aí, entendeu? Tipo, de entender, que você não é telespectador consumidor de notícia, você tem um papel ativo naquilo, que a democracia, ela pode ser feita além do voto – pra usar uma outra máxima que existe, é, que a sua conta de Twitter, ela é tão poderosa quanto 30 segundos de VT. Então, como que isso se dá de fato no seu dia a dia? Acho que o Ninja traz essa máxima de possibilidades. Acho que essa é a parada mais louca que a gente faz, entendeu? Não a gente “Ninja”, mas a gente “Midiativista”, a gente dá – pra se falar de um jeito bem, é, *mainstream* até – dá esperança de várias coisas, entendeu? Cria uma abertura do “é possível”. Eu acho que isso é uma coisa fantástica. É, por exemplo, eu fui dar uma, uma oficina de 10 dias em Cabo Verde, na África, sobre midiativismo e sobre o Ninja. E aí, cara, no terceiro dia eu tava começando a ficar angustiada porque é uma oficina extremamente técnica, né? Cê vai, ensina ali a tuitar, a montar um blog, a transmitir, etc. E aí, com isso, eu fui me sentindo ansiosa porque eu não via nas pessoas um “Entendi!”, um “Nossa, vou fazer disso uma coisa que vai realmente ajudar a minha vida”. Parecia um curso técnico. E aí eu falei assim: “Gente, óh, a gente vai continuar dentro do curso, existem outros módulos, a gente tem ainda que passar por toda a nossa área de, é, design e operação visual, mas isso é só uma ferramenta dentro de uma gama de outras ferramentas de empoderamento de você tomar a sua história pra si. É, eu não quero mais ter que ler, na Globo, o que é ser um cabo-verdiano. Eu não quero mais, é, ter que assistir uma novela pra entender a distância entre as nove ilhas de Cabo Verde. Eu não quero mais, eu quero ler através dos olhos de vocês o que é viver nesse, num lugar que é recém-descolonizado, que era colônia até 40 anos atrás. Cês têm uma relação umbilical com Cabo, com Portugal ou não; que tem uma relação diferenciada com a África; como é que ele se entende, como parte de qual continente, de tá no meio do Atlântico, etc. Cês têm tantas coisas pra contar pro resto do mundo e cês não... e a gente não pode deixar, em instância nenhuma, que as pessoas contem a nossa história. [...] Tô só compartilhando com vocês a forma que eu encontrei, ao longo da minha vida, de compartilhar a minha história com o resto do mundo”. Aí eles entenderam o que que era aquilo de fato. Então, eu acho que passa muito por isso, acho que o Ninja, assim como toda essa fauna midiativista, ela é, é... esse *feeling* que é possível. Então é isso que significa “Somos todos Ninja”. E pra ter uma resposta técnica, é, os ninjas são pessoas que partindo desse princípio de insatisfação com outros modelos de produção de mídia, de fazer comunicação, ele tomou pra si a produção de conteúdo e quer propor outras coisas em cima disso. Então, ele não vai só cobrir a Marcha da Maconha, ele entende o que que significa, é, a regulamentação das drogas, o que que significa especificamente o combate às drogas no Brasil, qual que é a parcela que a maconha traz dentro disso [...], ele é militante, entendeu? Ele entende aquilo. Inclusive, quando a gente tava formando o Ninja, era muito disso: a gente não é só comunicador, a gente não é só militante, a gente também trabalha com cultura, a gente monta o palco, a gente tira foto, a gente posta – qual que é o nome de quem faz isso? A gente brincou: Ninja! Então é muito desse processo, entendeu? Da gente conseguir compreender que *os Ninjas hoje, na verdade, eles são pessoas que tão dispostas a mudar a sua realidade de micro a macro, através da comunicação, utilizando a comunicação como base, e milita e produz ação em torno disso, não só produto de comunicação.*<sup>44</sup>

<sup>43</sup> Idem.

<sup>44</sup> Informação fornecida por Dríade Aguiar em 1 jul. 2014.

Paula Daibert afirmou que a questão da autoria individual torna-se irrelevante dentro desse ideário simbolizado pela expressão “Somos Todos Ninja...”. Para ela, “não importa quem fez, importa a informação. A informação está aí, é pra ser usada e entendida”.<sup>45</sup> Entendi melhor as ideias envolvidas em um processo de autoria coletiva, quando estive no lançamento do Projeto Offside Brasil – uma parceria entre a Agência Magnum, o Instituto Moreira Salles, a ESPN, a organização *Save The Dream* e diversos coletivos de fotografia do mundo inteiro.<sup>46</sup> Rafael Vilela, integrante do FDE e fotógrafo na Mídia Ninja, foi um dos convidados para participar do projeto. Após a apresentação de um *preview* das produções fotográficas dos convidados, aconteceu uma mesa de discussão com representantes da Magnum, o ex-jogador de futebol Del Piero – que coordena o *Save The Dream* –, e fotógrafos colaboradores do projeto, incluído aí o Pira, como é conhecido Rafael Vilela. A questão da autoria coletiva recebeu centralidade nas falas, inclusive no que diz respeito à apresentação de controvérsias a respeito, como as hipóteses de que a autoria coletiva funcione como uma negação da “digital” do fotógrafo e também de ser essa opção prioritariamente uma estratégia de *branding*.

“[...] não é uma negação da individualidade, não é uma negação do olhar autoral, eu acho que é a soma de muitas autoridades, né? Construindo esse imaginário coletivo” frisou Pira,<sup>47</sup> em conversa posterior ao debate. Ele explicou que, embora a Mídia Ninja, idealmente, advogue por um processo de autoria coletiva, cada colaborador tem liberdade pra escolher como quer assinar seu trabalho:

[...] tem um monte de gente que assina nome barra Mídia Ninja. Em geral quem tá começando ou algumas pessoas que colaboram uma vez ou outra, né? Quem tá mais orgânico no processo, naturalmente, vai entendendo que não faz sentido aquela assinatura.<sup>48</sup>

Ele contou ainda que assina coletivamente há quatro anos e que essa escolha resultou em uma explosão de visibilidade para suas produções. Além disso, Pira refletiu que a adoção da autoria coletiva é uma estratégia de empoderamento de um número maior de

---

<sup>45</sup> Informação fornecida por Paula Daibert em 10 set. 2013.

<sup>46</sup> Cf. os sites <<http://offsidebrazil.tumblr.com/>> e <<http://bit.ly/1PTAM12>> (endereço encurtado).

<sup>47</sup> Informação fornecida por Rafael Vilela em 3 jul. 2014.

<sup>48</sup> Idem.



fotógrafos e pessoas no geral, partindo de uma percepção de realidade que vai além do filtro individual:

[...] a gente tá olhando pro mundo de uma forma coletiva e o mundo, ele é feito também de forma coletiva, né? Então, não, pra mim não faz sentido assinar uma imagem com um nome sendo que aquela imagem é fruto da relação daquele nome com o resto do mundo.<sup>49</sup>

Nesse mesmo dia, conversei com Felipe Altenfelder, um dos integrantes mais antigos do FDE – e também um dos mais influentes nos processos decisórios do grupo, junto com Pablo Capilé e o próprio Pira –, sobre o tema polemizado na Mesa de Debates. Ele defendeu que a autoria coletiva não desvaloriza a subjetividade, mas, pelo contrário, potencializa a individualidade do autor: “[...] moleque tem 24, 25 anos, ele tá coordenando uma equipe que trabalha em parceria com a Magnum Photos, né? [fazendo referência ao Pira] É a visibilidade que o Ninja, enquanto plataforma, alcançou e conectou ele com essa história”.<sup>50</sup> Altenfelder confirma em sua fala o fato de ser a adoção da autoria coletiva uma estratégia de marca da Mídia Ninja, embora não seja possível supor, a partir disso, que essa estratégia esteja acima – ou abaixo – do desejo de se atribuir outros signatários ao instante fotográfico.

FELIPE ALTENFELDER: [...] quando os primeiros jornais começaram a pedir foto que a gente percebeu. A gente falou: “Cara, se a gente manda essas fotos creditadas não com o nome do fotógrafo, mas como Mídia Ninja, a gente vai tá, pô, *hackeando* um espaço de mídia convencional e imprimindo, pouco a pouco, lá dentro, uma ocupação de uma narrativa coletiva, né?”.

LARA: Uhum.

FELIPE ALTENFELDER: Então... e se se mostrou uma decisão acertada, né? Foi muito poderoso o impacto. Tipo, de repente, cê tinha na Folha: foto, dois pontos, Mídia Ninja, tá ligado?

LARA: Uhum. Os créditos...

FELIPE ALTENFELDER: Os créditos.

LARA: Naquela primeira matéria do Jornal Nacional, quando o cara foi preso.

FELIPE ALTENFELDER: Exato. Exato. Aquilo ali, cara, aquilo, qual que foi a fronteira que foi rompida ali? Até então aquele espaço seria creditado como? Como “imagens de um cinegrafista amador”, né? E a gente consegue trocar o “cinegrafista amador” por um coletivo de mídia. Então, aquilo ali, naquela lógica do “É possível”, foi assim: “É possível”.<sup>51</sup>

Para além da autoria, da adoção desse modelo colaborativo faz parte uma estética do “gambiológico”, na expressão de Dezan, que é também um processo “sevirológico”, segundo

<sup>49</sup> Idem.

<sup>50</sup> Informação fornecida por Felipe Altenfelder em 3 jul. 2014.

<sup>51</sup> Informação fornecida por Felipe Altenfelder em 3 jul. 2014.

definição de Carioca: tanto essa estética, quanto esse processo aposta na experimentação colaborativa como atividade vital para o desenvolvimento de novos modelos de produção e distribuição de informação. Esse viés do improviso diário e da precariedade, de acordo com Carioca, não deve ser encarado como caminho permanente, mas deve ser sofisticado e estruturado para a qualificação de diversos pontos do processo.

Sobre a ideia de “gambilogia”, Dezan explicou:

Não importa se a gente vai ter um repórter em campo, vai ser com esse repórter[...]. Se hoje a gente só está com o celular, a gente vai fazer foto com celular, fazer transmissão com o celular. Quando a gente conseguir uma estrutura melhor, a gente vai migrar para essa estrutura. Eu lembro da gente fazendo transmissão da praça Roosevelt [São Paulo] tendo que descer cabo de Internet de 200 metros do vigésimo andar lá para a praça. A gente brincava que o esporte que a gente era melhor era ‘arremesso de cabo de rede’. A gente enrolava a ponta do cabo de rede, jogava no tronco de uma árvore, aí atravessava a rua com ele, jogava em outro tronco de árvore, puxava, deixava ele esticado numa altura que quando passasse carro ou caminhão não ia estourar o cabo. É um processo completamente gambiológico. Até a gente inventar um carrinho, que tinha gerador, que tinha caixa de som, que tinha tripé, câmera, computador, mesa de corte, não foi da noite pro dia. Não fosse o trabalho cotidiano e empírico, ele não ia surgir.<sup>52</sup>

A precariedade ainda se estendia, em partes, ao modelo de financiamento das ações do grupo. Segundo Carioca, os recursos provinham dos movimentos sociais parceiros do Ninja – através da realização de projetos e intervenções conjuntos –, de doações particulares e do próprio FDE. Mas, principalmente, segundo ele, muito do dinheiro investido no processo colaborativo e independente de produção de informação era gerado a partir dos próprios colaboradores. “O Ninja vem buscando sua sustentabilidade, ainda não tem um modelo satisfatório. As pessoas pagam para fazer as matérias, a gente ainda não tem uma rentabilidade direta”, pontuou.<sup>53</sup> O que foi confirmado por Thiago Dezan: “eu acho que é legal falar que o Ninja, ele não tem incentivo de ninguém, assim: todo repórter Ninja, ele é um cara que tá investindo pra tá ali, saca?”.<sup>54</sup> Ele construiu então uma analogia para explicar essa fonte indireta de financiamento da Mídia Ninja:

---

<sup>52</sup> Informação fornecida por Thiago Dezan em 10 set. 2013.

<sup>53</sup> Informação fornecida por Carioca em 11 set. 2013.

<sup>54</sup> Informação fornecida por Thiago Dezan em 10 set. 2013.

Da mesma forma que eu sou do FDE e a estrutura de caixa coletiva do FDE me financia pra tá desenvolvendo missões Ninjas, o Black Ninja, que é daqui do Rio, é enfermeiro e é o trampo dele de enfermeiro que possibilita com que ele esteja na rua fazendo isso.<sup>55</sup>

Dezan frisou, entretanto, que esse é um modelo precário e que se busca um modelo de autofinanciamento direto. A captação de recursos via *crowdfunding* era uma das estratégias em discussão à época das entrevistas. Para Dezan, “não é um recurso privado, nem um recurso público, é um recurso ‘do’ público: vai vir através daquelas pessoas que querem ver aquela parada rolando e que vão colaborar com isso, se sentir partícipe dessa história toda”.<sup>56</sup>

Eu acho que cada vez mais a gente tem que evitar intermediários. Então, se você pode ter contato, como repórter, como jornalista, direto com aquele público que está consumindo o que você está fazendo, aquele público vai querer te financiar também, porque vai querer que você esteja lá, na rua. O Vidigal, que é um Ninja aqui do Rio, é um belo exemplo disso. O cara era vidraceiro, mas está cada vez mais envolvido com o Ninja, tá fazendo transmissão ao vivo, [...] está lançando o blog dele [...], aí o blog dele recebe apoio de outras pessoas, e vai gerando uma sustentabilidade pra ele. Ele recebe doações de várias coisas. Cada um vai ajudando aqueles repórteres que está em campo de um jeito.<sup>57</sup>

Jasmine Goivannini, uma das responsáveis pela gestão do Banco FDE, lembrou que existe a opção de financiamento coletivo no portal do Ninja, mas que o grupo ainda não se lançou em uma Campanha em prol desse modelo de viabilização de recursos. A convocatória está ainda atualmente disposta no site, a partir do seguinte chamamento:

Uma nova lógica econômica precisa ser criada para o jornalismo e o midiativismo. Para além da relação corporativa e da lógica patrão/empregado é necessário pensar em formas alternativas de sustentabilidade, que possam aumentar a independência e autonomia na produção de conteúdos e pautas (MÍDIA NINJA, s/d).

Por outro lado, Jasmine explicou que o FDE é ainda uma das principais fontes de recursos da Mídia Ninja, e o cerne desse investimento está nos caixas coletivos. Ela contou que existem três “simulacros” de gestão no FDE: a Universidade FDE, que pensa a formação; o Partido FDE, que faz as articulações políticas; e o Banco FDE, que pensa na sustentabilidade do grupo e na gestão das suas ações e projetos. Dessa sustentabilidade faz

<sup>55</sup> Informação fornecida por Thiago Dezan em 10 set. 2013.

<sup>56</sup> Informação fornecida por Thiago Dezan em 10 set. 2013.

<sup>57</sup> Informação fornecida por Thiago Dezan em 10 set. 2013.

parte tanto recursos em reais quanto a moeda complementar – a troca de serviços, de mão de obra: “[...] todos investem aí o seu tempo de trabalho, todos têm o que comer, o que vestir, onde dormir, têm como comprar as coisas na rua, mas não têm necessariamente um salário que *cê* vai gastar com outras coisas, né?”, explicou.<sup>58</sup> O Banco FDE distribui a dinheiro para os “caixas coletivos”: uma tecnologia criada pelo grupo que é considerada por Jasmine como um avanço, já que os gastos são compartilhados pelos moradores das casas coletivas: “[...] todo mundo pode pegar a grana e sair e comprar outras coisas, assim, mas, mas você sabe também que esse recurso, enfim, você otimiza, né?”.<sup>59</sup> Jasmine afirmou que essa estrutura de gestão também era aplicada à Mídia Ninja, já que, “[...] boa parte das pessoas que tão na Mídia Ninja são do Fora do Eixo”:

[...] muitos [projetos] que a Mídia Ninja toca, é, tanto investimento de pessoas quanto investimento de reais, é bancado pelo próprio Fora do Eixo, assim. É claro que tem outras fontes também, tem outras pessoas que tão envolvidas, que também fazem a parada ser *big*, né? Mas boa parte da base ali é de Fora do Eixo. Então, o banco, ele tá, o banco Fora do Eixo, ele tá diretamente envolvido com a Mídia Ninja, porque pensa também os projetos, pensa também a sustentabilidade, como que vai fazer pras coisas acontecerem.<sup>60</sup>

Perguntei à Jasmine se existiam rubricas específicas para a Mídia Ninja nas planilhas dos projetos do FDE. Ela disse que havia um repasse indireto de recursos, via caixas coletivas. Nesse sentido, as rubricas relacionadas a recursos humanos iam para esses caixas, que gerenciavam a redistribuição dos recursos e, por conseguinte, os investimentos na Mídia Ninja. Os gastos com os Ninjas Originais eram basicamente os custos de manutenção da Casa Coletiva e de agenda. “Então, vai desde alimentação até transporte interestadual, municipal, etc. Coisas bem básicas de produção mesmo. Nada muito anormal pra além da manutenção dos equipamentos, etc”.<sup>61</sup> Jasmine frisou que toda essa lógica de gestão de recursos compartilhada pelos integrantes do FDE, logo, pelos Ninjas Originais, é coerente com a relação ressignificada que o coletivo tem com o dinheiro: “é toda uma compreensão, desde quando você entra num coletivo, de entender pra que que serve o dinheiro, como ele serve pra aquilo que você usa, qual são suas necessidades reais e etc.”.<sup>62</sup>

<sup>58</sup> Informação fornecida por Jasmine Giovannini em 10 jul. 2014.

<sup>59</sup> Informação fornecida por Jasmine Giovannini em 10 jul. 2014.

<sup>60</sup> Informação fornecida por Jasmine Giovannini em 10 jul. 2014.

<sup>61</sup> Informação fornecida por Jasmine Giovannini em 10 jul. 2014.

<sup>62</sup> Informação fornecida por Jasmine Giovannini em 10 jul. 2014.

Jasmine disse existir a intenção de se viabilizar, dentro da Mídia Ninja, modos de captação específicos e separados do FDE, mas fez a ressalva de que a questão da independência do coletivo poderia ficar comprometida. E explicou porque o FDE e os caixas coletivos são essenciais na manutenção dos ideais midialivristas: justamente pelo repasse indireto de recursos.

[...] por exemplo, às vezes, a gente pensa que, é, o Fora do Eixo, às vezes, por exemplo, recebeu um patrocínio da Petrobrás pode ser uma coisa viável, assim, é, pode ser uma coisa que role, assim, porque, porque assim, também, é, não, não interessa tanto de onde que o dinheiro vem, nem pra onde que ele vai, assim, tem um pouco disso dentro do Fora do Eixo, porque, tipo: “Tá, chegou da Petrobrás, que não sei que, mas olha o tanto de coisa que a gente pode fazer”, tipo, quando é um projeto específico, como um Congresso Fora do Eixo, sabe? Tipo, é uma coisa, pô, foda de se investir ou, enfim... e daí, mas aí, por exemplo, a Mídia Ninja recebeu um dinheiro da Petrobrás, sendo que ela bate forte na Petrobrás, fez um documentário de mineração, fez não sei que, isso fica muito incompatível, assim, porque aí ela teria que mudar sua política interna, sabe?, de midialivristas, então, fica mais complexo quando a gente pensa em receber o recurso pela Mídia Ninja, né? Porque o Fora do Eixo é um movimento social, né? Tem toda ali, tem que manter as pessoas e tal, mas a Mídia Ninja tem essa pegada política muito, muito forte. Então, é mais complexo de onde pode vir o recurso da Mídia Ninja.<sup>63</sup>

O que Jasmine chamou de “pegada política muito, muito forte” está relacionado ao fato de que os integrantes da Mídia Ninja, no geral, se entendem como proponentes e participantes de ações de intervenção no mundo. Carioca relatou-me uma discussão interna sobre o episódio da possível morte de uma professora por gás lacrimogêneo na manifestação do dia 1º de outubro de 2013, no Rio de Janeiro. Os Ninjas se preocuparam inicialmente com o furo potencial: já tinham feito o texto caso ela tivesse morrido – rotina comum na mídia tradicional. Carioca disse que houve então um questionamento geral: “precisamos mesmo dessa informação, desse furo?”. Para ele, é necessário lembrar que o Ninja é mais que um veículo de *hard news* – cobertura factual, com equipe de rua. É também movimento que elabora narrativas e ações junto com outros grupos, a exemplo do Grito da Liberdade no Rio de Janeiro (31/10/13) – manifestação a partir de performances artísticas organizada por diferentes coletivos, dentre os quais a Mídia Ninja, que reuniu cerca de 200 mil pessoas. O Grito foi fruto de muita reflexão com outros movimentos e transformou-se num ato que transgrediu a ação direta comum, como o “vandalismo”, já que buscou outras ferramentas, outros modos, outras narrativas de ação direta, contou-me Carioca. O

<sup>63</sup> Informação fornecida por Jasmine Giovannini em 10 jul. 2014.

documentário “Enquanto o trem não passa” (2013), que buscou denunciar a exploração do solo brasileiro por empresas mineradoras, é outro tipo de intervenção que vai além da cobertura de rua e foi possível a partir da articulação com movimentos sociais de várias partes do país, através dos quais o documentário foi financiado, segundo me informou Gian Martins. Dezan também frisou o papel de intervenção no mundo que a Mídia Ninja toma pra si. Ele relembra uma dessas ações:

Quando a galera está voltando de Marabá e para em Belém, percebe que está tendo um culto com pregação do Marcos Feliciano. A gente já estava com sangue nos olhos contra o Feliciano e articulamos para fazer uma intervenção e uma foto nessa pregação, que ia ser um casal de lésbicas que ia dar um beijo enquanto ele estivesse pregando. [...] Eu estava embaixo do Minhocão [em São Paulo] fazendo a projeção de um filme do Felipe Bragança, acompanhando no Whatsapp aquele chat maluco dos caras falando que ia fazer isso. [...] E aí vem a foto que é exatamente o Feliciano pregando e as ‘mina’ dando um beijo logo no primeiro plano. E essa foto bomba muito, ela expande, sai do Ninja.<sup>64</sup>

Nessas reinvenções de atores e agências envolvidos no jornalismo, considerando os significados que a Mídia Ninja confere à palavra, a questão da formação para o exercício da atividade vai muito além da universidade. “Não é uma questão de formação acadêmica, mas de experiência. [...] Todo mundo pode ser um bom jornalista”, defendeu Paula,<sup>65</sup> uma das colaboradoras que passou pelo ensino tradicional do jornalismo. Dezan, a partir do mesmo raciocínio, defendeu a importância da formação livre para o exercício da atividade:

É um processo, está todo mundo aprendendo diariamente. Quando a gente fala de Universidade Livre, a gente não está brincando. Tá todo mundo trocando conteúdo, trocando repertório, não só enquanto executor de uma função específica, mas enquanto ser humano.<sup>66</sup>

Dezan completou pontuando que muitos jornalistas detentores de diploma trabalham quase que exclusivamente dentro da redação:

[...] A pessoa não pode se deslocar e ficar olhando do alto da colina pra coisa que está acontecendo, ela tem que se envolver. O Ninja faz muito isso, está de corpo presente, não em um plano superior, em um helicóptero.<sup>67</sup>

<sup>64</sup> Informação fornecida por Thiago Dezan em set. 2013.

<sup>65</sup> Informação fornecida por Paula Daibert em 6 nov. 2013.

<sup>66</sup> Informação fornecida por Thiago Dezan em 10 set. 2013.

<sup>67</sup> Informação fornecida por Thiago Dezan em 10 set. 2013.

São muitas as contraposições bradadas pelos colaboradores da Mídia Ninja em relação ao jornalismo dito “grande mídia”:

Esse jornalismo grande mídia, o modelo que ele funciona, não funciona: só fica sendo uma versão contada que está na cabeça de sete famílias do Brasil e fica um monte de profissional insatisfeito, ganhando mal, fazendo o que não quer.<sup>68</sup>

Carioca sustentou também a tese de que o jornalismo tradicional de redação passa por uma crise de credibilidade, muito em razão se estruturar a partir do “modelo aquário”, como teoriza o Ninja: “[...] um modelo de verticalização do conteúdo que é isso, é o aquário, é onde são decididos todas as diretrizes da empresa jornalística e a produção de conteúdo vai se dar a partir dali”.<sup>69</sup> A notícia aí seria tratada unicamente como mercadoria e não teria compromisso irrestrito com o acontecimento. Assim, esse modelo, segundo Carioca, “[...] necessariamente precisa lidar com a notícia como uma matéria-prima de um produto que vai ser vendido pra dentro de um círculo de interesses, e render a sustentabilidade das pessoas, de uma cadeia que é caríssima”.<sup>70</sup> Para ele, a discrepância entre o acontecimento das ruas e as narrativas visibilizadas no que ele entende como “jornalismo modelo aquário”, geraria uma repulsão por parte dos manifestantes em relação aos profissionais que trabalham nessas empresas, culminando, por exemplo, na hostilidade em relação aos repórteres, como defendeu Dezan:

Eu acho que simbolicamente não tem problema um repórter da Globo ser expulso de uma manifestação, desde que não haja nenhum tipo de violência [...] Isso mostra que está todo mundo cansado de não ser ouvido.<sup>71</sup>

Já Paula manifestou outro posicionamento: “[...] a gente precisa da grande imprensa para dar visibilidade ao processo”.<sup>72</sup> Dríade Aguiar também ponderou a respeito, afirmando que o repúdio não deve ser direcionado aos profissionais diretamente, mas que a disputa é em contraposição à “grande mídia”:

<sup>68</sup> Informação fornecida por Thiago Dezan em 10 set. 2013.

<sup>69</sup> Informação fornecida por Carioca em 11 set. 2013.

<sup>70</sup> Informação fornecida por Carioca em 11 set. 2013.

<sup>71</sup> Informação fornecida por Thiago Dezan em 10 set. 2013.

<sup>72</sup> Informação fornecida por Paula Daibert em 10 set. 2013.

A gente, obviamente, não apoia nenhum tipo de exclusão da mídia de nenhum processo. A gente não apoia expulsão de manifestação, a gente não vai direcionar repúdio a ninguém diretamente. A disputa, ela é contra, contra não, ela é em contraposição à grande mídia, mas ela não é contra jornalista X, ou estagiário Y ou o fotógrafo Z, entendeu? É, e ao mesmo tempo, uma capacidade de reconhecer que existem pessoas lá dentro que tão fazendo o máximo dentro daquilo que elas acham que é o máximo e dentro do que o máximo significa numa redação, pra propor uma coisa nova, uma coisa diferente.<sup>73</sup>

Dríade defendeu ainda que há disputas maiores do que a disputa pelo jornalismo em si: “[...] a gente não tem que se colocar em posição de disputa”.<sup>74</sup> O grupo se dedica muito mais, de acordo com Dríade, a “[...] criar novos espaços ou fomentar espaços interessantes que a gente acha que têm que ter mais visibilidade [...]. A disputa de sociedade, essa é a nossa disputa, né? Estamos disputando sociedade.”<sup>75</sup> Por outro lado, em outro momento da entrevista, Dríade afirmou que o jornalismo é, sim, interessante de ser disputado: “[...] o jornalismo pra gente é interessante disputar, se a gente tá entendendo que a gente tá lutando por um mundo possível, diferenciado”.<sup>76</sup> De fato, o jornalismo, enquanto atividade prática e intelectual, é uma das agências que constitui e é constituída pelo arranjo coletivo em que vivemos. Não é possível separar os atores envolvidos numa rede de existência: porque estão unidos de tal forma, em tal momento, é que vemos seus rastros. Além disso, tal como vimos anteriormente, não há nada que se possa chamar de sociedade, no sentido de algo externo a tudo e todos. Assim, a dicotomia jornalismo e sociedade não é proveitosa em nenhum tipo de explicação ou teorização sobre o real. Dríade mesmo acabou confirmando isso em momentos finais da entrevista:

DRÍADE AGUIAR: [...] é uma coisa que a gente disputa internamente, óbvio, porque estamos trabalhando no meio da comunicação, não tem como fugir disso, mas é permeado de vários... de uma disputa maior, né? *Disputa da sociedade*. Maior, não exatamente maior. Maior não é o termo. É uma disputa mais orgânica e fluida também. Acho que passa muito por esse aspecto.

LARA LINHALIS: É, passa pelo jornalismo, mas envolve outros aspectos, né?

DRÍADE: Não fecha, então, não para no jornalismo.<sup>77</sup>

Assim, a correlação real não é de adição ou oposição entre os termos – disputar jornalismo e/ou disputar sociedade –, justamente porque disputar jornalismo é *também*

<sup>73</sup> Informação fornecida por Dríade Aguiar em 1 jul. 2014.

<sup>74</sup> Informação fornecida por Dríade Aguiar em 1 jul. 2014.

<sup>75</sup> Informação fornecida por Dríade Aguiar em 1 jul. 2014.

<sup>76</sup> Informação fornecida por Dríade Aguiar em 1 jul. 2014.

<sup>77</sup> Informação fornecida por Dríade Aguiar em 1 jul. 2014.



disputar sociedade. E disputar jornalismo envolve tantos outros desejos transversos quanto tantos outros atores que, teoricamente, trabalham sob uma mesma perspectiva ideal da prática. As dicotomias construídas a partir do par midiativismo/jornalismo profissional eram supostas antes da pesquisa de campo. O que eu não poderia presumir é que seriam inscritos mais rastros de uma disputa interna entre os midiativistas no Rio de Janeiro, mais especificamente entre parte dos coletivos de midiativismo e a Mídia Ninja. Isso apareceu para mim no primeiro dia de campo durante a Copa do Mundo 2014, mas já traçava seus caminhos em meados do segundo semestre de 2013, como viria a saber a partir das entrevistas. Talvez, os protestos do 7 de setembro daquele ano, os quais tive a oportunidade de acompanhar junto com a Mídia Ninja, tenham sido os últimos em que havia ainda uma comoção integradora capaz de agregar tantas diversidades no mesmo espaço de luta.

### 3 ALICE ENCONTRA O COELHO

**2ª Vivência. Relato de Campo – Data: 12/06/2014 – Informações:** Dia de abertura da Copa do Mundo do Brasil, Jogo Brasil x Croácia (Itaquerao, São Paulo, SP). Eu e Evandro (pesquisador) acompanhamos as manifestações no Rio de Janeiro (RJ).

A Mídia Ninja RJ já não tem a mesma credibilidade que observei no ano passado, em relação a alguns coletivos de midiativistas. De fato, já vinha observando no Facebook discussões bastante tensas entre os midiativistas, muito relacionadas a disputas pelo protagonismo nas ações. Encontrei com um ex-colaborador Ninja, o Antônio,<sup>78</sup> que trabalhou intensamente na Jornada de Junho junto à base carioca. Sobre o fato indicado acima, ele considerou que existe certo bairrismo dos cariocas nessa crise de protagonismo, pelo fato de a galera da base do Ninja vir de outras cidades, e que existe mesmo uma prepotência, como se nada houvesse sido feito na cidade antes de eles chegarem, no que diz respeito à atuação nas ruas. Essas disputas assim se ampliaram e provocaram um racha no movimento de midiativismo carioca. Inclusive, muitos colaboradores Ninjas que estavam bem orgânicos no ano passado, já não estão mais próximos do coletivo. O ex-colaborador mencionou que isso aconteceu muito em razão de posturas autoritárias vindas de lideranças, inclusive posturas autoritárias na exigência de certa horizontalidade, quando se percebe que o coletivo, na prática, tem posturas verticais de gestão; falta de reconhecimento do trabalho – muitos tratados como se fossem “nada”; e também por discordância do visco bastante orgânico entre a Mídia Ninja e o FDE – quando o ideal seria, para alguns, justamente a liberação do Ninja em relação à estrutura (inclusive simbólica) do FDE. Sobre essa questão, lembro-me de Thiago Dezan afirmando, ano passado, que o Ninja estava em um movimento de desatrelamento do FDE. Também Geanini, moradora da casa FDE de Juiz de Fora, afirmou essa intenção há poucos meses. Pablo Capilé, em entrevista à Folha de São Paulo, também colocou essa questão dizendo que “são duas redes já autônomas” (citado por Sá, 2014). Antônio também comentou comigo que esse era mesmo o discurso, mas que na prática esse desatrelamento parecia não ser desejado. Lembrei-me então de uma fala do Carioca após a banca de qualificação da pesquisa, no dia 04/06/14: segundo ele, a gente devia falar mais do FDE – em referência à crítica de uma das professoras da banca sobre o fato de eu não falar muito do FDE no texto. Encontrei também com Leonardo Coelho, outro ex-colaborador Ninja que era bastante atuante junto ao grupo no ano passado. Ele disse que não é mais parceiro do Ninja por vários motivos, sobre os quais ele falaria comigo em outro momento (ele me deu seu cartão para que eu pudesse entrar em contato), e frisou também que a “galera das antigas” quase toda abandonou o Ninja. Antônio comentou de um episódio ocorrido na Flip 2013 (Feira Literária Internacional de Parati), no Rio de Janeiro. Segundo ele, a Mídia Ninja emprestou um gerador para o evento. Em um momento, apareceu uma faixa criticando o Capilé (um dos fundadores do FDE) e houve uma movimentação de conversas do Carioca pelo celular. Então, Carioca retirou a faixa. Comentei com Antônio que em uma das entrevistas<sup>79</sup> que fiz com Carioca perguntei a ele se a Mídia Ninja era independente a ponto de trazer também críticas ao FDE. Carioca me respondeu dizendo que se essas críticas fossem consistentes, de interesse público, que “sim”. A meu ver, se existe de fato essa proteção do Ninja em relação ao FDE, isso desagrega valor à palavra “independência” cultuada pelo grupo. Sobre a polêmica entrevista com Eduardo Paes,<sup>80</sup> Antônio comentou que ouviu rumores de que

<sup>78</sup> Nome fictício, já que se trata de uma conversa informal.

<sup>79</sup> Entrevista realizada durante a primeira vivência, em setembro de 2013.

<sup>80</sup> Sobre essa entrevista, vale ler artigo de Augusto Gazir (2013), que diz: “A minha suspeita é que o problema foi adotar um paradigma tradicional de entrevista jornalística, e não ter dado vazão a outras referências de

alguém alinhado com o FDE chegou de última hora e monopolizou a situação. Ele ainda indicou a existência de temas que não são discutidos pela Mídia Ninja, principalmente ligados ao Partido dos Trabalhadores, como o Mensalão. Antônio mencionou também que entende que o FDE e, conseqüentemente, a Mídia Ninja estão com a credibilidade baixa na cidade, mas que em outros locais essa tensão talvez não exista, a exemplo de SP e BH. Observei naquele dia muitas pessoas fazendo transmissão ao vivo pelo celular, mas reconheci poucos colaboradores do Ninja. Vi vários colaboradores do Jornal A Nova Democracia, que já trabalha há anos na cobertura dos movimentos sociais, inclusive nas periferias. Todos esses estavam identificados com crachá e com equipamentos de segurança. Sobre a identificação dos Ninjas, Antônio falou que, depois que acabaram os adesivos de identificação com a logo do Ninja, não foi feito mais. Os dois Ninjas que identifiquei porque os conhecia, o Carioca e o Gian Martins, não estavam com nenhuma identificação, tampouco com equipamentos de segurança. Carioca fez transmissão ao vivo todo o tempo e conversou com torcedores nas mesas de bar e na Fan Fest da Fifa, na orla de Copacabana, por onde a manifestação seguia. Objetos técnicos como capacetes, máscaras de gás, mochilas, celulares, câmeras fotográficas e de vídeo integram a ação e corpos dos envolvidos na cobertura: manifestantes, policiais, midiativistas, jornalistas profissionais. O fato é que o acoplamento “organismo-objetos técnicos” permite, a partir de uma análise inicial, a inserção na ação e a segurança dos corpos nus. Considerando que a ideia de ciborgue de Haraway está vinculada a uma consciência de oposição, com potência de transgressão de fronteiras e transformação política, penso ser importante buscar potências ciborgues em corpos identificados mais tradicionalmente com perspectivas de dominação e consenso, como policiais e jornalistas da grande mídia, que cultivem em alguma medida essa consciência de oposição. Preciso conseguir o contato do Vidigal – colaborador do Ninja, morador de favela – para ver como ele está. Antônio disse que ele arrumou outro emprego, não conseguiu a colaboração financeira necessária para se manter como repórter cidadão e seu blog hoje é administrado por outra pessoa.

Preciso voltar à base Ninja e conversar com Thiago, Paula e Carioca.

*Anotação posterior: além de voltar à base, ouvir e acompanhar os Ninjas, lancei-me à busca pelas vozes dissonantes.*

No primeiro dia de campo durante a Copa do mundo de 2014 encontrei logo no início da manifestação o fotógrafo Leonardo Coelho. Conheci Coelho nas manifestações de 7 de setembro de 2013, no Rio de Janeiro. Já nos momentos finais dos protestos relacionados ao Dia da Independência daquele ano, e lá pelas tantas da noite, Coelho foi o único rosto amigo a passar pelo meu caminho quando me vi, solitária, no meio de um fogo cruzado no bairro da Lapa: de um lado, policiais; de outro, manifestantes. Nessa época, Coelho ainda colaborava com a Mídia Ninja e foi ele que me orientou a sair o quanto antes daquela zona

---

práticas e linguagens, à criatividade, que marcaram a atuação ninja nas ruas. O desafio assim não era fazer uma entrevista bem feita, não era nem simplesmente fazer uma entrevista com temas e questionamentos não tratados pela grande imprensa. O grande desafio era fazer da interação com o prefeito uma interação ninja”. Sobre as críticas à entrevista, a Mídia Ninja (2013) se pronunciou em post na sua página do Facebook.

de conflito. O reencontro com Coelho em junho de 2014 me fez querer abrir portas que nunca imaginaria encontrar as chaves. Vi-me Alice numa corrida desenfreada atrás de respostas às questões surgidas após Coelho me fazer querer seguir o caminho que levava ao “não” áspero e direto declamado por ele após minha pergunta inicial: “Você ainda colabora com a Mídia Ninja?”. Seguido do não, outra porta interessante, ali ainda fechada para mim: “E outras pessoas também saíram”.<sup>81</sup> Alice seguiu o Coelho. Um cartão pessoal me levou à primeira entrevista no País das Controvérsias.

Alice estava começando a ficar muito cansada de estar sentada ao lado de sua irmã e não ter nada para fazer: uma vez ou duas ela dava uma olhadinha no livro que a irmã lia, mas não havia figuras ou diálogos nele e “para que serve um livro”, pensou Alice, “sem figuras nem diálogos?”

Então, ela pensava consigo mesma (tão bem quanto era possível naquele dia quente que a deixava sonolenta e estúpida) se o prazer de fazer um colar de margaridas era mais forte do que o esforço de ter de levantar e colher as margaridas, quando subitamente um Coelho Branco com olhos cor-de-rosa passou correndo perto dela.

Não havia nada de muito especial nisso, também Alice não achou muito fora do normal ouvir o Coelho dizer para si mesmo “Oh puxa! Oh puxa! Eu devo estar muito atrasado!” (quando ela pensou nisso depois, ocorreu-lhe que deveria ter achado estranho, mas na hora tudo parecia muito natural); mas, quando o Coelho tirou um relógio do bolso do colete, e olhou para ele, apressando-se a seguir, Alice pôs-se em pé e lhe passou a ideia pela mente como um relâmpago, que ela nunca vira antes um coelho com um bolso no colete e menos ainda com um relógio para tirar dele. Ardendo de curiosidade, ela correu pelo campo atrás dele, a tempo de vê-lo saltar para dentro de uma grande toca de coelho embaixo da cerca.

No mesmo instante, Alice entrou atrás dele, sem pensar como faria para sair dali. (CARROLL, 2002, p. 10)

As controvérsias em torno do surgimento, formação do núcleo e métodos de ação da Mídia Ninja no Rio de Janeiro já haviam nascido de caixas-pretas bem lacradas alguns meses antes de quando me dei conta. Antes que eu me aventurasse por elas, todo um *país* existia. A minha entrada nesse *maravilhoso* mundo iniciou-se naquele 12 de junho de 2013 – com um áspero “não” –, e seguiu em uma entrevista oficial com Coelho num café no centro do Rio (em 1º de julho de 2014). Nesse dia, ele me passou o contato da Raquel Boechat e do Augusto Lima, ambos da primeira geração de Ninjas cariocas. “[...] o Augusto é do Carranca. Ele foi o que criou o Carranca. Ele é que tem mais a discordância do Mídia Ninja”.<sup>82</sup> A identificação e abertura de caixas-pretas é uma das contribuições da Teoria do Ator-Rede aos estudos de jornalismo, como acredita André Lemos (2013). Quando certo projeto é

<sup>81</sup> Informação fornecida por Leonardo Coelho em 12 jun. 2014.

<sup>82</sup> Informação fornecida por Leonardo Coelho em 01 jul. 2014.

colocado em crise por um fator externo, como uma “facção divergente”, a cartografia das controvérsias pode ser acessada para reconstituir disputas.

[...] ainda é possível abrir caixas-pretas quando o seu projeto é colocado em crise por um fator externo, um programa adversário, uma teoria crítica, uma facção divergente, ou seja, sempre que houver necessidade de se questionar o que parecia natural ou de recuperar o que havia de problemático em uma rede estabilizada. Trata-se de apontar inconsistências, exigir a inclusão das demandas de um grupo, ou programa de ação que havia sido esquecido etc. Neste caso, a “cartografia de controvérsias” pode ser aplicada de modo a reconstituir como disputa os dois programas de ação, já que a defesa do objeto disputado implica a mobilização da sua rede para fazer face à crítica. As estabilidades serão postas em crise. As caixas-pretas serão abertas, por um lado ou pelo outro. A controvérsia é já em si a abertura da caixa-preta. (LEMOS, 2013, p. 89)

A entrada nessa toca efetivou-se através de uma longa conversa em 7 de julho de 2014 com Raquel Boechat. Foram quatro horas me sentindo ora pequena demais para tanto trabalho (muitas caixas-pretas desfilavam da boca de Raquel), ora grande demais para lançar uma rede tão complexa nas laudas margeadas de uma tese. Finquei os pés provisoriamente nesse mundo, na tentativa de tentar compreender os desejos que emanavam acerca da Mídia Ninja e do que faziam em termos de produção de conteúdo. Conheci mais profundamente alguns dos que participaram da primeira formação Ninja em um noturno 11 de julho de 2014, quando reuni na mesma mesa de bar a mesma Raquel, Augusto Lima e Otávio Brum, três ex-Ninjas e atuais Carrancas.

O primeiro a chegar foi Otávio. As saudações iniciais logo seriam interrompidas com a fatídica pergunta, direcionada a mim. “O que você está chamando de Mídia Ninja Rio de Janeiro?”. Naquela noite virei entrevistada, como aconteceria outras vezes ao longo daquela conversa naquele bar na Tijuca. Otávio explica que o que tem sido chamado hoje de Mídia Ninja Rio, nada tem a ver com a primeira geração de colaboradores do Ninja, grupo formado ainda durante as primeiras manifestações da Jornada de Junho de 2013. “Realmente teve uma Mídia Ninja Rio de Janeiro, que é basicamente o que é hoje o Carranca”, explicou ele.<sup>83</sup> Aquelas horas de conversa com alguns midiativistas da primeira geração de colaboradores da Mídia Ninja Rio de Janeiro tornam-se aqui fio condutor para as controvérsias surgidas nos entremeios desse caminho Ninja-Carranca, as críticas ao “método implantado” pelo “pessoal

---

<sup>83</sup> Informação fornecida por Otávio Brum em 11 jul. 14.

de São Paulo” e o entendimento da conjuntura onde se inserem – e onde estão em disputa – os coletivos de midiativismo no Rio Janeiro em época de Copa do Mundo.

### 3.1 A tríade no país das controvérsias



Figura 5- Primeira Reunião Ninja na base em Botafogo, no Rio de Janeiro. (Foto: Arquivo Pessoal/Raquel Boechat)

Virar nó na rede da qual fazia parte a Mídia Ninja aconteceu de modo parecido para algumas pessoas que se tornariam, posteriormente, colaboradores do coletivo. A visibilidade deu-se através da Internet. Raquel Boechat, jornalista formada e com uma longa carreira em televisão, soube da existência da Mídia Ninja através de um texto do Observatório da Imprensa. Ela já atuava nas manifestações de junho de 2013, no Rio de Janeiro, quando conheceu o coletivo e foi uma das pessoas que participou da primeira reunião do Ninja, em 29 de junho de 2013, no apartamento que se tornaria posteriormente a base do grupo em Botafogo:

Eu vi uma matéria no Observatório da Imprensa, mencionando a Mídia Ninja, que eu nunca tinha ouvido falar, dizendo que eles tinham sido matéria na mídia internacional, e dando até o e-mail, dizendo que era um grupo de jornalistas voluntários, aí aquilo veio ao encontro assim com a minha alma, foi assim “cara, é o que eu to precisando”, eu preciso de segurança na rua, eu preciso de gente que esteja sofrendo a mesma angústia que eu, e querendo fazer a mesma coisa que eu, porque eu to fazendo sozinha no meu Facebook. Então eu vou amplificar isso, e aí mandei e-mail pra lá numa sexta-feira, dia 28 de junho, dia 29 eu recebi de volta a resposta, que hoje eu sei que foi o Rafael Villela que me respondeu, o Pira, com uma *tripa* de gente copiada, dizendo: “aí galera e tal, hoje eu vou estar no Rio, que tal uma reunião hoje a noite?”. Aí deu o endereço lá do Botafogo, aí eu fui, cerca de 15 pessoas, existe até foto dessa reunião que eu postei.<sup>84</sup>

Também foram textos de Internet os responsáveis por apresentar a Mídia Ninja a outro colaborador, Leonardo Coelho. Ele conta que já habitava os protestos de rua no Rio de Janeiro desde o início de 2013, quando os atos ainda agregavam poucas pessoas e tinham reduzida visibilidade. Nessa época, Leonardo desenvolvia de maneira incipiente uma pesquisa sobre a rede Anonymous no Brasil, suas referências ideais e as correlações da rede com a HQ clássica de Alan Moore. A Mídia Ninja apareceu para ele através dos textos de Bruno Torturra, um dos idealizadores do coletivo. Coelho, então, entrou em contato com Torturra para saber quando a Mídia Ninja viria para o Rio. Nos primeiros grandes protestos de junho de 2013, o coletivo ainda não atuava na cidade. “O Torturra falou pra eu entrar em contato com o organizador do Mídia Ninja na parte de fotografia, que era o Rafael Vilela. Eu entrei em contato com ele e ele falou que ia ter uma reunião dia 29”.<sup>85</sup>

Para Rafael Rezende, integrante da rede de mobilização política Meu Rio, o contato inicial com uma Mídia Ninja nascente deu-se via FDE, em 2011, durante a cobertura da Marcha da Liberdade: “[...] foi a primeira vez que a galera do Fora do Eixo fez transmissão ao vivo de *streaming*, e as reuniões de organização foram todas aqui na Eco” (informação verbal).<sup>86</sup> Na época, Rafael era calouro da Escola da Comunicação da UFRJ e tinha acabado de voltar da Europa, onde foi fazer um curso de inglês. Durante suas viagens por lá, teve a oportunidade de vivenciar o Movimento 15M (cf. ROBLEDO, 2013), em Barcelona. “[...] um momento eufórico bizarro”, segundo ele:

<sup>84</sup> Informação fornecida por Raquel Boechat em 7 jul. 2014.

<sup>85</sup> Informação fornecida por Leonardo Coelho em 1 jul. 2014.

<sup>86</sup> Informação fornecida por Rafael Rezende em 11 jul. 2014.

[...] aí eu comecei a olhar para esse tipo de movimentos, de contexto no Brasil, né? E comecei a conversar com esses meus amigos que faziam parte desse, desse negócio comigo quando a gente era, a gente era mais novo, falando: “Cara, alguma coisa dessa vai rolar no Rio, vai acabar acontecendo e tal, é, a gente tem que ficar ligado, porque é muito foda, tipo, milhares de jovens sentados numa praça discutindo a cidade, discutindo as coisas e, tipo, é um outro mundo que eu nunca imaginei que pudesse existir”.<sup>87</sup>

Quando a Mídia Ninja dava seus primeiros passos, em 2013, Rafael já colecionava coberturas de manifestações e mobilização política pela rede Meu Rio; pelo Jornal Ecos, da Escola de Comunicação da UFRJ; e também através de parcerias com o Fora do Eixo em ações específicas, como a organização da Unicult (Universidade das Culturas) no Rio. Ele esteve presente na primeira reunião da Mídia Ninja Rio, em Botafogo, junto com Raquel Boechat, Leonardo Coelho e outros colaboradores. “[...] eu achava aquilo muito foda e, como estudante de comunicação, achava que era o melhor lugar que eu podia tá, naquele momento, era ali dentro, nessas reuniões e organizando isso”.<sup>88</sup>

Carolline Leite também era aluna da Eco quando da ebulição da Jornada de Junho. Ela conta que já tinha feito vários estágios em Jornalismo e andava desmotivada com a atividade, quando foi então interpelada por uma convocatória do Bruno Torturra, via Internet. Carolline então começou a se comunicar por email e depois pessoalmente com “a galera que tocava a coisa”.<sup>89</sup> Dentre essas pessoas, estavam, segundo Carolline, a Raquel Boechat e o Augusto Lima, hoje integrantes do Coletivo Carranca. Foi também através de Bruno Torturra que Diego Ceciliano, profissional de enfermagem e *streamer* da Mídia Ninja durante a Jornada de Junho, aproximou-se do coletivo. Desiludido com a discrepância entre o que ele experienciava nas primeiras manifestações e a cobertura dos veículos de mídia tradicionais, Diego criou um link no *Twitcasting* e começou a fazer coberturas independentes:

[...] eu fiz o meu *link twitcasting* chamado Black Ninja, né?, um nome bem sugestivo, e... e já na primeira transmissão eu encontrei o... foi o Bruno Torturra, e ele acabou me chamando pra tá participando do coletivo e a partir... eu comecei a ir em todas as reuniões, né? As manifestações, os atos e as reuniões também do coletivo, lá no apartamento do, daquele que nós chamamos de Base do Mídia Ninja Rio, e acabei indo participar de todas as reuniões e entrei no coletivo.<sup>90</sup>

<sup>87</sup> Informação fornecida por Rafael Rezende em 11 jul. 2014.

<sup>88</sup> Informação fornecida por Leonardo Coelho em 1 jul. 2014.

<sup>89</sup> Informação fornecida por Carolline Leite em 9 jul. 2014.

<sup>90</sup> Informação fornecida por Diego Ceciliano, via arquivo audiovisual recebido em 6 nov. 2013.



A vinda para o Rio de Janeiro do “pessoal do São Paulo”, ainda em julho de 2013, e a constituição de uma base onde passariam a morar os Ninjas do FDE, gerou uma série de desentendimentos entre alguns colaboradores já ativos na agenda das manifestações cariocas e os primeiros Ninjas Originais recém-chegados ao Rio no calor dos grandes protestos, em julho de 2013. A partir desse momento, uma rede de controvérsias fora estendida por sobre o coletivo e não foram poucos os nós que a teceram.

Esse foi um dos primeiros pontos polemizados durante a longa conversa que tive com os carrancas Otávio, Raquel e Augusto. Otávio afirmou que a “disputa por espaço” tornou-se o cerne dos embates travados e também a principal motivação da vinda de alguns integrantes do FDE para a cidade:

[...] a gente achava que essa vinda do pessoal de São Paulo se dava porque o quente estava acontecendo no Rio. Só que eu tenho uma desconfiança, de que eles perceberam um grupo orgânico ali funcionando – a gente se encontrava, fazia a pauta, fazia acontecer –, e aquilo me parece que preocupou a Casa Fora do Eixo. Tipo: “esse pessoal não pode ficar sozinho porque eles vão...” [interrupção]  
 RAQUEL BOECHAT: “Fazer o que eles quiserem” [risos].<sup>91</sup>

Carolline Leite confirmou que houve mesmo certa tensão quando da chegada dos paulistas no Rio, algumas semanas após o quebra-quebra dos manequins da Toulon, em 17 de julho de 2013, dia em que realizou sua primeira cobertura pelo Ninja. “[...] depois que os meninos vieram pro Rio, [...] já começou essa, essa tensão, aí o pessoal separou e tal, começou a montar o Carranca”.<sup>92</sup> Ela completou dizendo que quando começou a se desenhar uma possibilidade de separação, ela se absteve e continuou colaborando com o Ninja. Carolline pontuou que desde o início dos trabalhos, todos sabiam que a Mídia Ninja tinha uma linha definida: “Eu acho normal. O pessoal, acho que sabia desde o começo, ninguém também teve ilusão de que era uma coisa, assim, totalmente, né?”.<sup>93</sup> Leonardo Coelho é outro dos colaboradores que vivenciou essa rede de tensões surgida a partir da constituição do núcleo Ninja no Rio de Janeiro, que culminou com a formação do Carranca por alguns colaboradores que fizeram parte da primeira formação. “O pessoal que fez a

<sup>91</sup> Informação fornecida por Otávio Brum e Raquel Boechat em 11 jul. 2014.

<sup>92</sup> Informação fornecida por Carolline Leite em 9 jul. 2014.

<sup>93</sup> Informação fornecida por Carolline Leite em 9 jul. 2014.

primeira reunião comigo, todo mundo saiu por desconfianças ao processo do Mídia Ninja e criou um outro coletivo, o Carranca”.<sup>94</sup>

A dissonância entre o discurso e a prática da “horizontalidade” nas relações entre colaboradores externos e integrantes do FDE, no que diz respeito aos processos produtivos da Mídia Ninja, tornou-se muito cedo um incômodo para Otávio. O mau uso do conceito, segundo ele, talvez tenha sido um dos principais motivos de sua ruptura. Ele contou que chegou a perceber círculos concêntricos de níveis de participação, lógica que atrela o grau de envolvimento de um colaborador ao seu espaço decisório dentro do grupo:

Você via uma hierarquia, e eu tentava encaixar essa hierarquia, dentro dessa teoria de círculos concêntricos. [...] mas mesmo assim não se encaixava. A hierarquia era muito rígida ali dentro.<sup>95</sup>

Leonardo Coelho contou que aos poucos foi percebendo que a horizontalidade alardeada nas reuniões não encontrava ecos sólidos na prática. “[...] pra mim, é como se fosse Minas Gerais: tem picos de autoridade, picos de liderança dentro do Mídia Ninja”. Ele explicou que a maior parte das pessoas, quando procura participar desse tipo de coletivo, está em busca de espaço para fazer valer sua voz. Quando essa expectativa é frustrada, ao longo da experiência, a motivação é a primeira que se esvai. “É a impressão que muita gente teve lá dentro, muita gente que saiu, pelo menos, que eu conheci e falei com”.<sup>96</sup>

No momento em que discutíamos, eu e Otávio, sobre os incômodos em relação à experiência dele no Ninja, Raquel Boechat juntou-se nós. Só mais tarde, Augusto Lima chegaria, formando o que chamo aqui de *tríade de controvérsias*. Raquel enveredou-se, então, no papo sobre a pretensão de horizontalidade e disse ter sido um dos pontos traumáticos para ela em relação à Mídia Ninja. Antes da chegada da “galera de São Paulo”, Raquel afirmou que o grupo inicial era bastante orgânico, as decisões eram tomadas coletivamente: “[...] era uma coisa quase espontânea, a gente não seguia uma cartilha, era uma coisa natural”.<sup>97</sup> A visão romântica do momento inicial não foi o bastante para que Raquel acreditasse na existência plena da horizontalidade. Para ela, o grupo reunido no Carranca trata a equidade dos níveis hierárquicos como uma busca, atravancada, entre

<sup>94</sup> Informação fornecida por Leonardo Coelho em 1 jul. 2014.

<sup>95</sup> Informação fornecida por Otávio Brum em 11 jul. 2014.

<sup>96</sup> Informação fornecida por Leonardo Coelho em 1 jul. 2014.

<sup>97</sup> Informação fornecida por Raquel Boechat em 7 jul. 2014.

outros fatores, por complexas dinâmicas de produção que envolvem a disponibilidade e o envolvimento da equipe em relação ao projeto: “[...] tem gente que some semanas, tem gente que some dias, tem gente que não publica há seis meses”.<sup>98</sup> Raquel conta que antes do Carranca ter um site próprio, os conteúdos eram produzidos principalmente para a página do grupo no Facebook: “Só ia o que tinha pelo menos duas aprovações, além do autor”.<sup>99</sup> Caso o post não recebesse a aprovação necessária, “morria aquele artigo que o cara levou mil anos para fazer, aquela foto que o cara se pendurou de rapel não ia pro ar. Não como Carranca, podia entrar pela página pessoal do Facebook”.<sup>100</sup> Esse esquema de pré-aprovação coletiva das postagens do coletivo, entretanto, esbarrava em alguns entraves operacionais:

[...] porque é uma coisa irritante, para todos nós, ter uma determinada pauta, ou um texto, uma foto, e ninguém curtir, por vários motivos. Absoluto desleixo operacional, ou entrave operacional, não por desleixo, mas por outros fatores extra vontade, e também porque o Facebook não tem direito um sistema de notificação, e também porque a maioria das pessoas não estão tantas horas por dia, numa dedicação integral de pelo menos meio expediente pra ficar toda hora checando o nosso grupo de trabalho, e vendo se aquilo já foi resolvido, se não foi resolvido. E aí muita coisa vai emperrando, e o Facebook tem um sistema de design de mecânica, que as coisas vão descendo, então para você ver uma pauta que foi esquecida, você tem que ficar rolando aquela barra, loucamente.<sup>101</sup>

As escolhas editoriais também foram motivos de frustração de Otávio em relação ao Ninja. Ele lembrou que o material enviado pelos colaboradores raramente era analisado pela base, e no geral só subia material produzido pelos Ninjas do FDE. “A gente ia pra rua, sem receber absolutamente nada, a gente estava lá por um ideal. [...] o mínimo que se pode esperar é que seu material seja analisado”,<sup>102</sup> reclamou. Em entrevista realizada com Carolline Leite, a questão da editorialização também foi problematizada. Mencionei para ela que, em conversa com os Ninjas “das antigas”, muito se reclamou do desperdício em relação ao material produzido pelos colaboradores que iam para as ruas – os “soldados” – e perguntei se ela observou isso de fato. Ela confirmou que existiam certas preferências na hora de subir essa ou aquela foto. “[...] se eles tinham que botar alguma coisa, eles botavam

<sup>98</sup> Informação fornecida por Raquel Boechat em 7 jul. 2014.

<sup>99</sup> Informação fornecida por Raquel Boechat em 7 jul. 2014.

<sup>100</sup> Informação fornecida por Raquel Boechat em 7 jul. 2014.

<sup>101</sup> Informação fornecida por Raquel Boechat em 7 jul. 2014.

<sup>102</sup> Informação fornecida por Otávio Brum em 11 jul. 2014.

da galera deles, sabe? Tinha muito isso. Era bem marcado”.<sup>103</sup> Carolline considerou à época da entrevista que o lançamento do portal do Ninja poderia aumentar o espaço para publicação de material produzido por colaboradores. Entretanto, ela lembrou que escolhas editoriais são inevitáveis:

Sempre vai ter uma escolha. [...] essa ilusão também de que é totalmente livre e aberto... não é, sabe? Por exemplo, eu faço matéria, eu mando pra eles e eles postam. Eles não mexeram em nada na minha matéria, mas, assim, não fui eu que fui lá e postei direto, sabe?.<sup>104</sup>

Leonardo Coelho também nutria, à época da entrevista, expectativas em relação ao portal do Ninja no que diz respeito à maior vazão dos conteúdos produzidos pelos colaboradores. Ele também afirmou a existência de *gatekeepers* que escolhiam os materiais a serem publicados no Facebook e ainda considerou que enviar a foto em tempo real para a base era possibilidade de poucos:

[...] dependia muito de um *gatekeeper*, de um editor, ou seja, a gente tinha que mandar a foto pro e-mail deles e esperar que eles colocassem a foto no ar. Isso não é muito diferente do que acontece num jornal tradicional. Então, assim, muita gente, depois de algum tempo, começou a ficar puta, porque cê vai lá, tem cinco pessoas mandando foto, sendo que pra um feed de Facebook não pode ficar saturando de informação, alguém ali não vai ter a sua foto publicada. Então, numa... num evento de, por exemplo, 5 horas, ia ter – sei lá – quatro posts no máximo. E quem dessas cinco pessoas que tavam mandando foto tem a capacidade de mandar a foto em tempo real? Normalmente, quem mandava as fotos aqui no Rio era ou eu ou o Dezan, que éramos nós que tínhamos as câmeras com wifi. O resto não mandava. Agora, com o – isso é uma coisa que cê pode anotar – é que agora com o portal deles, lá no Oximity, isso pode mudar, e eu não sei exatamente como é que vai acontecer. Porque esse negócio do portal muda tudo. Aí, as pessoas agora vão ter onde colocar as coisas.<sup>105</sup>

Também no Carranca, a existência de um núcleo editorial é confirmada por Raquel Boechat, consolidado a partir do lançamento do site do coletivo. Formado pelos fundadores do Carranca, segundo Raquel, é ele que faz a máquina rodar: “[...] ele é o que fica puxando os colaboradores, o que tem que perceber se fulano está muito fora do ar, se há quanto tempo não publica, o twitter tem que ser alimentado todo o dia [...]” (informação verbal).<sup>106</sup> Considerando que processo produtivo dos Carrancas envolve escolhas editoriais deliberadas

<sup>103</sup> Informação fornecida por Carolline Leite em 9 jul. 2014.

<sup>104</sup> Informação fornecida por Carolline Leite em 9 jul. 2014.

<sup>105</sup> Informação fornecida por Leonardo Coelho em 1 jul. 2014.

<sup>106</sup> Informação fornecida por Raquel Boechat em 7 jul. 2014.

por um núcleo editorial, argumentei com Raquel que a crítica dos Carrancas em relação à editorialização do Ninja não me parecia exatamente direcionada à editorialização em si, mas ao fato de que eles, que faziam parte da primeira geração de Ninjas no Rio, deixaram de fazer parte do núcleo decisório após a implantação da base Ninja na cidade. Para ela, entretanto, o problema maior estava no desperdício do material produzido:

[...] a questão não era decidir o que a gente produzia, a questão era que um percentual alto não era publicado, porque a única página que publicava era a página do Facebook do Mídia Ninja nacional, cujo critério era de uma galera que era que tomava conta do negócio, dono da bola. [...] Eles subiam o que eles queriam, o que eles achavam, a gente não tinha controle, a gente não sabia nem o que tinha subido, e muito do material que a gente produziu foi jogado fora. Aí a gente propôs de fazer a página local, que eu te contei, que eles disseram “não”, até hoje tem lá entre as minhas páginas a “ninja RJ”, como se existisse, como administradora.<sup>107</sup>

Em entrevista com Rafael Rezende (realizada em 11 de julho de 2014), mencionei uma percepção minha de que, observando o cenário de junho de 2013, até mesmo os protestos de 7 de setembro do mesmo ano, e o cenários da Copa do Mundo de 2014, no Rio de Janeiro, a Mídia Ninja declinou na credibilidade que alguns coletivos de midiativismo cariocas nutriam pelo grupo. Perguntei ao Rafael se enxergava esse fato e se poderia me apresentar alguns motivos relacionados a isso. Para ele, a insatisfação é gerada em muito por embates de protagonismo. Rafael considerou que a Mídia Ninja é sustentada e gerida pela rede do FDE, inclusive no que diz respeito aos recursos humanos. Entendendo que os integrantes do coletivo dedicam quase que integralmente o tempo de suas vidas aos trabalhos de interesse do FDE, incluindo aí a Mídia Ninja, seria compreensível que os Ninjas Originais (nomeclatura minha, justificada anteriormente) tenham maior poder decisório que os Ninjas Colaboradores (idem) sobre os processos relacionados ao coletivo. Ou seja, quanto maior o protagonismo, mais chances de tomar decisões. O que geraria certa frustração por parte de quem nutria uma “vontade de protagonismo”, mas trabalhava numa “pegada de voluntariado”. Tanto que, como disse Rafael, outros coletivos de midiativismo foram criados a partir dessa vontade de ter um protagonismo maior, de se sentir mais empoderado. Entretanto, Rafael considerou que a desconfiança em relação a Mídia Ninja, por parte de outros coletivos, construiu-se também em razão da relação entre o FDE e a Mídia Ninja com partidos políticos específicos, como o Partido dos Trabalhadores. O que para ele não deve

<sup>107</sup> Informação fornecida por Raquel Boechat em 7 jul. 2014.

ser negado pelo grupo, mas assumido: colocar de maneira clara qual universo se está ajudando a construir.

[...] acho que o grande desafio para eles foi, foi conseguir, é, administrar uma, uma imagem tão forte que eles conseguiram com a Mídia Ninja, por ser um veículo que defende os manifestantes, um veículo que salvou um meio, né? Que salvou a, as manifestações de várias de prisões, etc., de abusos da polícia e tudo mais; é, de se contaminar com uma política partidária que a sociedade tanto julga também, e que eu acho besteira julgar, mas que a sociedade julga e que, enfim, eles tiveram esse desafio de tentar distanciar as coisas, o que é complicado [...].<sup>108</sup>

A polêmica entrevista exclusiva dos Ninjas com o então prefeito do Rio de Janeiro, Eduardo Paes, em 19 de julho de 2013 gerou uma série de críticas originárias de diversos atores nas redes sociais e mídias no geral (cf. COCCO, 2013; GAZIR, 2013; MAGALHÃES, 2013; MORETZSOHN, 2013; MOURA, 2013). Muitas delas indicavam a desconfiança de que a entrevista teria sido encomendada pelo próprio prefeito, como uma estratégia de visibilidade positiva de Paes em meio à turbulência dos protestos em curso; outras, frisavam o despreparo dos entrevistados, o que teria facilitado “a atuação de quem está acostumado a esse jogo”, como destacou Sylvia Moretzsohn (2013). Um pouco depois da entrevista, em meio à enxurrada de críticas que pipocavam nas redes sociais, a Mídia Ninja lançou um post na tentativa de justificar o fato de ter aceitado a oferta da entrevista, mesmo considerando que dispunha de pouquíssimo tempo para preparar a equipe, já que o convite fora feito na noite anterior.

Depois do bloqueio à nossa equipe na coletiva de Sérgio Cabral, no começo da tarde chegou a nós a oferta de uma entrevista com o prefeito do Rio de Janeiro. Poucas horas antes de sua disponibilidade. Duas opções apenas: topar ou não. Há muitas e cruciais diferenças entre cobrir a rua, a ação dos protestos e encarar um ensaboado governante, tête-à-tête, por mais de uma hora. Mas há uma semelhança que, para nós, determinou a decisão: sejam tropas de PMs violentos ou prefeitos de metrópoles chamando para o ringue, são desafios colocados diante de nós (NINJA, 2013).

Tanto Raquel Boechat quanto Augusto Lima estavam entre aqueles que participaram da controversa entrevista no gabinete do prefeito. Augusto afirmou acreditar que a entrevista foi “encomendada” pelo Paes e que a jornalista que conduziu a entrevista foi “teleguiada”.<sup>109</sup> Em concordância com Augusto, Otávio disse que “Ela [a jornalista] cumpriu

<sup>108</sup> Informação fornecida por Rafael Rezende em 11 jul. 2014.

<sup>109</sup> Informação fornecida por Augusto Lima em 12 jul. 2014.

o papel pra garantir essa compra”<sup>110</sup>. Augusto lembrou que ele e Raquel foram escalados de última hora. “Eu estava na rua desde 7h30 da manhã”.<sup>111</sup> “Aquele dia estava lotado pra gente”,<sup>112</sup> recordou também Raquel.

Essa entrevista não poderia nunca dar certo [...]. Primeiro, assim, ela foi uma deliberação, a gente foi escalado. Então naquele momento não houve de forma alguma a dita horizontalidade que a gente tentava o tempo todo, que era a grande novidade que a gente tava lidando e querendo exercitar. Mas, enfim, a gente não sabia em que contexto, em que circunstância que aquela entrevista tinha sido marcada, nem porque em cima da hora daquele jeito [...].<sup>113</sup>

Sobre o caso Eduardo Paes, o próprio Bruno Torturra, um dos articuladores da entrevista com o então prefeito, considerou um *desastre diante da opinião pública*. Em texto publicado na edição 87 da Piauí, ele atribuiu essa qualificação a rotinas produtivas específicas: “A pressa, o improvisado, a incapacidade de elaborar uma pauta com tanta gente em trânsito e sob o efeito de muita adrenalina transformaram a primeira grande entrevista política da Mídia Ninja num desastre diante da opinião pública” (TORTURRA, 2013a). Rafael Rezende ponderou sobre o fato de o repórter em campo dispor de liberdade criativa e produtiva em relação à redação, e que nem sempre isso é efetivamente positivo:

Ele tá ali preocupado com o seu processo e com o seu momento e isso é muito bom, em vários momentos, mas isso pode ser uma merda quando você bota uma equipe pra entrevistar o prefeito de um dia pro outro.<sup>114</sup>

Outros episódios anteriores e posteriores a essa entrevista viraram mote de críticas das mais diversas direcionadas ao aparelhamento entre a Mídia Ninja e alguns partidos políticos, em especial o Partido dos Trabalhadores (PT) e o Partido Socialismo e Liberdade (PSOL). O direcionamento da cobertura dos fatos relacionados ao mensalão petista e ao leilão de Libra são exemplos lembrados por Augusto Lima, em entrevista realizada por Evandro Medeiros Laia (2014):

<sup>110</sup> Informação fornecida por Otávio Brum em 11 jul. 2014.

<sup>111</sup> Informação fornecida por Augusto Lima em 12 jul. 2014.

<sup>112</sup> Informação fornecida por Raquel Boechat em 7 jul. 2014.

<sup>113</sup> Informação fornecida por Raquel Boechat em 7 jul. 2014.

<sup>114</sup> Informação fornecida por Rafael Rezende em 11 jul. 2014.

Me ligaram um dia no telefone e falaram: “Oh, não, não fala de, de mensalão, não”, na altura do mensalão, que tava explodindo. “Não fala de mensalão no Live, não. Porque, cara, tá superdimensionado, a mídia já tá batendo muito nisso, não vamo falar disso, não, e tal.” [...] Também sentaram em cima da pauta do leilão de Libra. Sentaram em cima, não queriam falar. Aí, eu fui lá pra Barra, fiz a transmissão na marra no canal deles e, inclusive, pelo canal deles, que eu tinha a senha e quem fez o canal nem foram eles, né? [...] Ah, então, fui lá e transmiti na marra, no canal deles. Foi minha última transmissão pra eles.<sup>115</sup>

A não obediência de Augusto deu origem à última transmissão dele pelo canal do Ninja e a primeira visibilidade do coletivo que ganharia força a partir daí: o Carranca. “[...] o leilão de Libra foi a primeira transmissão ao vivo no canal do Mídia Ninja fazendo propaganda do Carranca. O Augusto pirou, porque eles disseram para ele não fazer e ele fez, aí subiu o *streaming* no canal”, lembrou Raquel.<sup>116</sup> De fato, por muitas vezes durante o trabalho de campo, ouvi dos Ninjas a exaltação de suas parcialidades, ruindo as ideias de neutralidade e, obviamente, de imparcialidade. O problema me parece ser quando não há clareza sobre para qual parcialidade se está promovendo engajamento. É o que defendeu Rafael Rezende: “Acho complicado quando eles usam, em alguma medida, quando o objetivo é dar visibilidade e criar engajamento por uma causa que não tá clara ali, né?”.<sup>117</sup>

Rafael levantou essa questão da necessidade de transparência quando conversávamos sobre a ideia de criação naquele ano de uma zona autônoma provisória no Rio de Janeiro que se chamaria “República”, uma espécie de ocupação urbana para discussão e ação políticas idealizada pelo FDE, em parceria com outros coletivos de midiativismo e organizações sociais parceiros. Para Rafael e também para outras vozes dissonantes, como pontuaram também em entrevista Raquel Boechat, Augusto Lima e o *streamer* Rodrigo Modenesi, um dos tópicos controversos surgidos a partir das primeiras reuniões de formação da República está centrado na hipótese de que a ocupação teria um viés eleitoral. “[...] aí vamos admitir pelo menos pra nós mesmos que a gente tá fazendo parte de uma estratégia de marketing eleitoral”, propôs Rafael.<sup>118</sup> “[...] concordo com eles quando eles falam que tem que disputar internamente, tem que tá no Senado, no Congresso, tem que tá nos Ministérios [...]”.<sup>119</sup> Mais enfático, Rodrigo Modenesi considera que o movimento de afastamento de alguns midiativistas em relação à Mídia Ninja efetivou-

<sup>115</sup> Informação fornecida por Augusto Lima a Evandro Medeiros Laia em jul. 2014.

<sup>116</sup> Informação fornecida por Raquel Boechat em 7 jul. 2014.

<sup>117</sup> Informação fornecida por Rafael Rezende em 11 jul. 2014.

<sup>118</sup> Informação fornecida por Rafael Rezende em 11 jul. 2014.

<sup>119</sup> Informação fornecida por Rodrigo Modenesi em 3 jul. 2014.



se justamente a partir das reuniões para formação da República. Segundo ele, muitos ativistas não foram convidados, inclusive ele próprio. O *streamer* citou uma matéria publicada no site Passa Palavra (2014), que expunha documentos – atas de reuniões e troca de emails – “reveladores” das intenções por trás da República proposta pelo FDE.<sup>120</sup> Segundo a matéria, a República seria uma estratégia de marketing do próprio Coletivo. Rodrigo frisou que para muitos a matéria teria sido a cereja do bolo do descontentamento e da desconfiança em relação ao FDE e à Mídia Ninja.

Sobre esse fato, Carioca reconheceu que a proposta da República *despertou amores e ódios*: “E teve [...] uma onda de ataques a uma ideia de organizar um movimento pra fazer uma ocupação aqui no Rio de Janeiro, durante a Copa, envolvendo diversos setores, movimentos sociais, coletivos, movimento estudantil”.<sup>121</sup> Ele sustentou a tese de que houve um esforço de algumas pessoas para criminalizar uma ação política legítima, muitas das quais nutrindo a certeza de que foram as reais causadoras da insurgência de 2013 – “a gente fala que 2013 foi um Big Bang, né?”, completou ele.<sup>122</sup> “Parte dessas pessoas são ativistas que se consideram autonomistas: são ativistas totalmente independentes, não se organizam em coletivo, não estão vinculados a nada”.<sup>123</sup> Carioca defendeu também a importância dos movimentos e organizações sociais de *dialogar institucionalidades*:

Essa galera fala assim: “Caralho, esses caras, é, sentam com o PT, sentam com o PSOL, senta com a UJS, que é – né? – uma juventude do PCdoB, senta com o MTST, com o MST”. Então, tipo assim: o que a gente entende é que há uma criminalização não da República, não do Fora do Eixo, não da Mídia Ninja, só. O que há é uma criminalização ao diálogo institucional, aos novos meios de organização que provocam a institucionalidade. Porque o que que existe, né? Isso, o que que a agente promove com essa parada? Para muita gente que tá em movimento, que quer construir, que quer produzir, que quer fazer mais, olha para República e vê uma potência, né? De falar: “Cara, pode crer! Isso que eu tô pensando, se eu jogar ali, vai entrar com mais uma porrada de coisa, vai virar um processo de combustão e vai ter uma outra potência”. Parte das pessoas, que são, de certa forma, se dizem protagonistas das ruas, porta-vozes do movimento, assembleístas, não tem liderança, onde não existe organização nenhuma, onde o que existe é a multidão. Reivindicam a multidão o tempo inteiro.<sup>124</sup>

O acampamento da República, no final das contas, não aconteceu durante a Copa do Mundo de 2014. E, para além da especulação sobre o fato de a entrevista com o então

<sup>120</sup> A propósito, cf. também MOREIRA, 2014.

<sup>121</sup> Informação fornecida por Carioca, em 16 jun. 2014.

<sup>122</sup> Informação fornecida por Carioca, em 16 jun. 2014.

<sup>123</sup> Informação fornecida por Carioca, em 16 jun. 2014.

<sup>124</sup> Informação fornecida por Carioca, em 16 jun. 2014.

prefeito carioca Eduardo Paes ter sido “comprada” por este ou aquele político, importa aqui perceber como questões relativas ao processo de trabalho do coletivo e às construções imaginárias sobre ele ganham visibilidade e se conectam com outros indícios emergentes a partir dessas controvérsias. A cobertura dos Ninjas da inauguração do teleférico no Morro da Providência, a qual acompanhei em 02/07/2014, traz reflexões sobre problematizações maiores relacionadas à prática do jornalismo na sociedade.

### 3.2 O providencial passeio no Teleférico

**3ª Vivência. Relato de Campo/ Data: 02/07/14, horário: 8h30 às 14h30/ Informações:** Acompanhamento da cobertura dos Ninjas da inauguração do teleférico do Morro da Providência. Presentes: Bernardo Guerreiro (Ninja/FDE), Carolline Leite (Ninja/colaboradora), Gustaf (documentarista estrangeiro, hospedado na casa da Carol), Nicolás Villalobos (M.A.F.I.A.), Gonzalo Pardo (M.A.F.I.A.), Evandro Medeiros (pesquisador).

Na noite anterior, em um barzinho perto da base, Dríade disse que aconteceria a cobertura da inauguração do teleférico, e me colocou em conversa com a Carol Leite, colaboradora Ninja. Inclusive frisou que essa pauta fora proposta pela Carol e aceita pelo grupo. Falamos pelo Facebook, depois whatsapp. Carol disse que me daria um toque na manhã seguinte assim que estivesse saindo de botafogo. Acordei então com a mensagem da Carol dizendo que sairiam de Botafogo em breve. Ela não sabia em que ponto exato aconteceria a inauguração, então, decidimos encontrar todos na de estação de metrô da Central. Segundo Carol, essa informação não estava no release. Evandro decidiu não ir acompanhar o SBT naquele dia, e resolver ir comigo acompanhar a cobertura Ninja.

*Percepções:*

-Pelas vielas do Morro, perguntei à Carol se além dela havia outros colaboradores Ninjas que não moravam na base. Ela citou alguns poucos nomes, disse sobre a galera que estava no início que cada um saiu para fazer suas próprias coisas, seus próprios projetos. Disse que foi um movimento natural. Mesma fala da Dríade na noite anterior.

-Abandono da pauta padrão: a pauta é abandonada em favor do livre fluxo de experiência no momento da ação. Em mãos dos Ninjas, apenas o release do evento retirado do site da prefeitura. Obs: checar com Carol como foi a defesa da pauta para o coletivo. Durante a cobertura, fontes “oficiais” não foram ouvidas, tampouco receberam atenção.

-Por outro lado, a angulação da matéria me pareceu pré-definida: o foco da cobertura foi conversar com moradores para saber dos impactos do teleférico na vida deles. De modo geral, procuraram confirmação nas entrevistas de que a obra não traria os impactos positivos prometidos.

-Trabalho de reportagem: Carol entrevistou várias pessoas as quais ela identificou como moradores. Conversou longamente com alguns deles. Tomou notas, gravou sonoras. Bernardo a acompanhava com a câmera fotográfica, mas nem sempre estava junto com Carol. Ele também, em alguns momentos, fazia reportagem, interpelava os moradores e puxava assunto sobre o teleférico.

-Eu tentei me esquivar de interferir demais com sugestões para a cobertura.

-Percebi que preciso entrevistar jornalistas “profissionais”. Começar a procurar em campo.

-Entrevistei fotógrafos do M.A.F.I.A (Movimiento Argentino de Fotógrafxs Independientes Autoconvocadxs) e percebi que preciso entrevistar outros parceiros nacionais e internacionais do Ninja.  
 -Trocar uma ideia com Gian Martins sobre Portal e com Paula e Dezan sobre vídeos da série sobre violação de direitos humanos.  
 -Cada vez mais tenho a exata noção da participação das tecnologias móveis de comunicação na minha pesquisa. O que seria de mim, nesse fluxo todo, sem um iphone com Internet, Whatsapp, Facebook e uma conta Google? E alguns trocados de créditos no celular. E câmera fotográfica (a do meu iphone deu pane, está travando), e pilhas, e carregador portátil (esse sim salva!), e diferentes fios.  
 -Sinto necessidade de acompanhar mais coberturas Ninjas. Falar com Dríade amanhã sobre acompanhar alguém na sexta.  
 -Fui a uma favela carioca pela primeira vez e consegui embarcar no teleférico sem pânico.

Quando pude entrevistar Carolline Leite com mais calma, alguns dias após a nossa ida ao Morro da Providência, problematizei com ela que muito se discute no campo de estudos do jornalismo a questão da pauta. Alguns vieses inclusive sinalizam ser ela um engessamento do repórter, se a segue a risca, principalmente em televisão. Comentei então com Carolline que tenho observado que nas rotinas produtivas do Ninja o planejamento de pauta é quase que totalmente abolido, embora tenha havido um período em que a Mídia Ninja realizava reuniões de pauta abertas na Escola de Comunicação da UFRJ. Carolline então confirmou a lógica do “Vamos lá ver o que vai rolar”. Considerei o fato de que o banimento da pauta pode gerar também aprisionamentos em perspectivas confortáveis. Relembrei a cobertura de inauguração do teleférico: a ideia era chegar lá e ouvir os moradores a respeito do teleférico, obviamente. Mas tive a percepção de que a busca por entrevistados estava, intuitivamente, direcionada para aqueles que seriam críticos ao teleférico. O engessamento da pauta substituído pela perspectiva engessada. Carolline então ponderou que é impossível fugir totalmente de enquadramentos.

CAROLLINE LEITE: Ah, mas eu acho que não tem como cê fugir disso, né? Essa coisa de assumir uma opinião, assim. Tá, cê pode buscar estar mais aberto e tudo, mas cê tá sempre carregando suas opiniões, as suas... cê vai olhar para aquilo já com o olhar direcionado de alguma forma, mesmo que cê tente se livrar disso. Mas eu não acho negativo isso, não. Eu acho que o importante é assumir isso, assim. Acho que é impossível, acho que é uma ilusão tentar – sabe? – fugir totalmente disso. Não tem como.

LARA LINHALIS: Então, para você, assim, a pauta não fez, não faz falta nesse trabalho?

CAROLLINE LEITE: Não, acho que não.<sup>125</sup>

<sup>125</sup> Informação fornecida por Carolline Leite em 9 jul. 2014.

Posicionamento compartilhado por Rafael Rezende: “[...] eu acho que é uma liberdade que é boa para explorar a pauta de diferentes formas, ela é boa pra, é, chegar no meio e mudar tudo”.<sup>126</sup> Entendi que a controvérsia não pairava sobre o fato de ter ou não ter a pauta enquanto lauda na mão do repórter ou na tela de um *smartphone*. Não era um problema a morte daquilo que dizia o que se fazer em campo. Portanto, esse dado específico – a morte da pauta tal qual concebemos nas rotinas tradicionais – não chegava a ser uma questão para os colaboradores. Por outro lado, o problema estava em não se discutir pautas frias. Carolline mencionou o fato de o Ninja ter muitas coberturas que são emplacadas em momentos do tipo: “Ah, surgiu agora, vamos pra lá, não sei que [...]”.<sup>127</sup> Ela ponderou que “essa coisa do dia a dia” não favorece o desenvolvimento de grandes reportagens, mais estruturadas, que exigiriam um planejamento maior.

Eles não conseguem pensar uma pauta. Já se tentou até, construir pautas, mas acabava morrendo por causa dessa coisa de ‘ah, mas aí surgiu não sei quê’, e daí vai todo mundo pra lá e vai acabando deixando, sabe? Essas coisas, assim, são pra ser pensadas a longo prazo.<sup>128</sup>

Outro processo jornalístico que tangencia a pauta – e dela deriva, diria – fora mencionado na fala de alguns entrevistados como problemático: a apuração. Raquel Boechat comentou sobre uma palestra que participou junto com o Leonardo Coelho na Faculdade carioca Facha. Os dois estavam lá como integrantes da Mídia Ninja, quando uma pessoa da plateia perguntou sobre a questão da apuração: “[...] ela falou: ‘poxa, a gente aprende tanto aqui como são os processos de apuração, como vocês apuram?’” (informação verbal).<sup>129</sup> Ao que Raquel respondeu: “[...] não tem apuração, não é esse processo da fábrica, né? É o impulso. Tem uma outra energia, uma outra pegada. E isso faz com que você tenha coisas maravilhosas como resultado, e você tenha muita merda”.<sup>130</sup> Rafael Rezende mostrou um posicionamento parecido com o de Raquel no que diz respeito à complexidade significativa que sugere um processo produtivo mais livre em relação às rotinas marcadas dos processos jornalísticos tradicionais.

<sup>126</sup> Informação fornecida por Rafael Rezende em 11 jul. 2014.

<sup>127</sup> Informação fornecida por Carolline Leite em 9 jul. 2014.

<sup>128</sup> Informação fornecida por Carolline Leite em 9 jul. 2014.

<sup>129</sup> Informação fornecida por Raquel Boechat em 7 jul. 2014.

<sup>130</sup> Informação fornecida por Raquel Boechat em 7 jul. 2014.

[...] eu diria que a não estrutura dá essa liberdade de ter uma estética mais interessante, de ter uma, uma coisa mais *sexy* e, ao mesmo tempo, às vezes, uma falta de culhão pra enfrentar um prefeito ou uma apuração não ideal e você pega uma notícia que, enfim, ela pode acabar sendo super superficial e, tá ali o olhar de uma pessoa extremamente enviesado que... Não acho ruim, acho que o viés é bom e ele tá em todos os lugares, mas às vezes é demais e é demais no sentido de que a pessoa já tá ali falando verdades absolutas pra você e sem nem ter de se dar o trabalho ou ter... conseguir ter pesquisado o suficiente pra compartilhar o porquê daquele viés, né? O porquê daquela corrente. Então, acho que tem uma, essa questão que, às vezes, pode trazer esse lado negativo.<sup>131</sup>

Rafael defendeu, entretanto, que o lado inovador das rotinas libertárias dos Ninjas e a adoção de uma *estética muito mais sexy* se comparada às utilizações de linguagem nos processos jornalísticos tradicionais, compensa possíveis lacunas de apuração e pesquisa, além de atrair novos colaboradores: “[...] faz com que as pessoas se mexam e criem seus próprios métodos e inovem nas suas vidas”.<sup>132</sup> O que reforça as ideias de “sevirologia” e “gambiologia” expostas por Carioca e Dezan no capítulo 1. No entanto, vimos que a construção dessa estética vem acompanhada de uma série de descontentamentos e conflitos, muitos deles relacionados à dissonância entre o ideário do coletivo, enquanto rede de comunicação colaborativa, e o que era vivenciado por alguns colaboradores na prática. Outro nó controverso é mais amplo, envolve outros atores, outras agências, e vem da utilização pelo grupo do termo Jornalismo em sua sigla (Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação). Afinal, essa é uma questão?

### **3.3 O transe conceitual – jornalista, ativista, midiativista, ativista mídia.**

Essa é uma questão sobre a qual foram articuladas várias respostas e teorizações ao longo das entrevistas. Quando estive conversando com Raquel Boechat sobre segurança de dados dos grupos relacionados de alguma forma às manifestações – uma preocupação dela e de quase todos os midiativistas com os quais tive contato – ela justificou a necessidade de se utilizar tecnologias mais seguras de transmissão de informação em razão de cada vez se tornarem mais comuns práticas de espionagem de dados na Internet por parte do aparelho estatal. Em tese, várias prisões de ativistas foram efetuadas no Rio de Janeiro na época da Copa do Mundo com base no hackeamento de informações. Raquel então proferiu, de

<sup>131</sup> Informação fornecida por Rafael Rezende em 11 jul. 2014.

<sup>132</sup> Informação fornecida por Rafael Rezende em 11 jul. 2014.

maneira espontânea: “[...] não que ninguém tá fazendo nada de ilegal, muito pelo contrário, eu faço jornalismo, eu não faço outra coisa, entendeu? Mas do jeito que as coisas estão, fazer jornalismo virou ativismo”.<sup>133</sup> Em outra ocasião, Raquel narrou um episódio em que discutiu-se a necessidade de alguns colaboradores da Mídia Ninja acompanharem ativistas em um ônibus que os levaria a um protesto nos arredores do Aeroporto Internacional do Galeão. Raquel contou que fez a seguinte ponderação com os presentes: “[...] a hora que entrar dentro daquele ônibus e for para lá e acompanhar essas pessoas não se é mais mídia, muda-se de posição. Então a gente tá diante de uma pergunta que eu já fiz antes: nós somos mídia, ou nós somos o que?”.<sup>134</sup> A conjunção “ou” dá o tom da diferenciação entre Jornalismo e Ativismo, no que diz respeito à natureza de cada um. Também Lucas Vettorazzo, então repórter da sucursal da Folha de São Paulo no Rio de Janeiro, defendeu que o ativismo extrapola o papel de informar. Para exemplificar, ele citou o episódio da expulsão de um repórter da Globo News que fazia *streaming* nas manifestações de 7 de setembro de 2013, no Rio de Janeiro. Segundo ele, o papel de um colaborador Ninja no desenrolar deste fato foi essencial. Ele começou o relato falando da falta de isenção dos *streamers* midiativistas em suas narrativas:

---

<sup>133</sup> Informação fornecida por Raquel Boechat em 11 jul. 2014.

<sup>134</sup> Informação fornecida por Raquel Boechat em 11 jul. 2014.

[...] era uma narração, mas não era uma coisa contextualizada, nem isenta, era sempre um lado da história, invariavelmente. O garoto que tava segurando o *streaming* reclamava com o policial, discutia, batia boca, dava orientação pros colegas, enfim, é, a minha crítica é esta: tecnicamente, no que diz respeito ao jornalismo, eles prestavam serviço por ser uma coisa ao vivo, mas não prestavam serviço completo porque tinha isso, né? Tem um negócio clássico, que eu fiquei bem puto, na verdade, até postei algo no Facebook na época, que no 7 de setembro, um garoto da GloboNews – aí, pra você ver, que engraçado, a GloboNews começou a fazer *streaming* ao vivo também, começou a entrar ao vivo de celular, faz isso até hoje. O Mário Sérgio Conti, o programa dele é ao vivo. Um pouco, é um pouco disso que essa, esse anseio pelo não, pela não edição. A GloboNews tá fazendo isso muito bem... O garoto do Mídia Ninja tava lá no Mídia Ninja transmitindo, aí alguém falou pra ele no *streaming*: “Olha, a imagem que a GloboNews tá mostrando é exatamente igual a sua. O cara da GloboNews deve tá do seu lado”. Aí, ele olhou pro garoto do lado – eu não sei quem era o garoto da Mídia Ninja –, e falou: “Vem cá, cê tá fazendo por onde?”. O garoto da GloboNews tava disfarçado, digamos assim – “Ah, não, tô fazendo por Skype, transmitindo por uns amigos e tal”. Era o Júlio Molica, o filho do Fernando Molica. Aí, o garoto começou: “Não, você é da Globo, você é da Globo” e começou a interpelá-lo até que, com essa interpelação, outras pessoas se tocaram, outras pessoas mais radicais foram pra cima do garoto, o garoto teve que ser escoltado, apanhou, tomou – não apanhou, assim, não foi linchado, mas tomou um chute no saco, tomou uma bomba de, uma bola de tinta na cabeça, teve que ser escoltado pela polícia. Então, assim, esse não é o papel de alguém que se diz mídia, de denunciar um colega de profissão, digamos assim, embora... Com todas as críticas que você possa fazer à Globo, você tá extrapolando o papel de informar. Você tá indo além. Tanto que começou a cunhar, a se cunhar essa, esse negócio de mídia ativista, que é o cara que não separa, que tá ali no meio.<sup>135</sup>

Para Lucas, diferente do que acontece no “jornalismo tradicional” – nesse ponto, ele faz o seguinte adendo: “faz... assim... mas não deveria fazer” – o midiativismo trouxe a prática de o repórter ser notícia e agência no curso dos fatos, como a participação do Ninja na expulsão do repórter da GNews: “Ele não é simplesmente um veículo ou então uma pessoa que tá ali só pra relatar os fatos”.<sup>136</sup> Colocar em oposição de maneira tão enfática jornalismo e ativismo – embora muitas vezes essa oposição seja somente ideal, já que reconhecidamente a práxis profissional da atividade se distancia bastante das teorizações – confrontou-me com a lembrança de uma das primeiras entrevistas que fiz com Thiago Dezan, quando ele assim justificou a utilização do termo jornalismo na sigla Ninja:

<sup>135</sup> Informação fornecida por Lucas Vettorazzo em 11 jul. 2014.

<sup>136</sup> Informação fornecida por Lucas Vettorazzo em 11 jul. 2014.

A gente usou essa palavra, cara, porque a gente acredita que o jornalismo pode ser diferente. A gente usou ela justamente por ser uma disputa, *por a gente achar que o jornalismo não é aquilo que tá sendo feito com ele, saca?* O que se é no momento, ele tem que mudar, porque pra nós, conceitualmente, ele significaria outra coisa. Foi até uma palavra que a gente debatia muito, assim, que a gente vem muito no campo de se intitular midialivista, principalmente antes do Ninja. E aí falava jornalista, a gente já pensava: “Putá, é, que coisa chata, saca? Que coisa...”. E aí “não, velho! *Vamos comprar a disputa dessa palavra, vamos fazer com que o jornalismo possa ser diferente, com que a gente possa fazer um jornalismo ninja então*, que isso represente um avanço, que isso represente aquilo que qualquer um possa ser, é, ser um jornalista e que possa narrar aquilo que tá acontecendo ao entorno dele, que ele possa conseguir *compartilhar informações* com as pessoas e ser livre por isso, saca? E pra isso cê não precisa, necessariamente, ter um diploma dessa parada. Cê precisa ter conhecimento de causa. Cê vai ganhar isso muito mais na rua atuando do que, necessariamente, em uma universidade.[...] A pessoa não pode se deslocar e ficar olhando do alto da colina pra coisa que tá acontecendo. Não, não! *Tem que se envolver, cara!* E eu acho que o Ninja, ele faz muito isso, assim, ele tá de corpo presente; ele tá, não tá num plano superior, ele não tá num helicóptero. Ele tá com olho no olho de tudo que tá rolando e aí ele consegue ver se quem tá com o molotov foi o P2 ou não foi o P2 ou se quem começou o confronto foi a polícia ou foi o manifestante. Então, acho que por isso as pessoas acabam se identificando muito com o Ninja, assim, de se sentir representado e ver que *nós estamos falando o que ele também estaria*, porque ele tava ali vivenciando essa história e, principalmente, por a gente *não ter um patrocinador*, não ter alguém que vai financiar ou não o nosso trabalho, *a gente vai fazer isso do jeito que a gente acredita que tá sendo a verdade daquele momento* ali, que a gente não tem rabo preso com ninguém, certo?<sup>137</sup>

Assim, para Dezan uma prática ideal de jornalismo surgiria quando qualquer pessoa pudesse compartilhar livremente informações e se envolver no acontecimento – “*Tem que se envolver, cara!*” –, assumindo as verdades de outros sujeitos ali presentes que estejam identificadas com as verdades do repórter – “*nós estamos falando o que ele também estaria*”, “*a gente vai fazer isso do jeito que a gente acredita que tá sendo a verdade daquele momento ali*”– e, principalmente, sem o *rabo preso com ninguém*. Essa seria uma boa explicação para o que alguns Ninjas, principalmente aqueles que são também integrantes do FDE, chamam de inserção radical na ação, como vimos anteriormente. Esse ideário de jornalismo se aproxima do conceito de ativismo, já que seus atores produzem conteúdo *a favor* de causas específicas, com as quais há identificação. O envolvimento, a identificação e radicalidade da inserção são, então, seletivos. Embora Dezan tenha me dito, informalmente, que existiram tentativas de entrevistar policiais durante as manifestações, de fato vi poucos movimentos nesse sentido ao longo das vivências de campo. A postura no geral era de enfrentamento de perspectivas contrárias às dos manifestantes – incluídos aí o ponto de vista dos policiais –, não de escuta. Entretanto, há que se considerar que grande parte dos

<sup>137</sup> Informação fornecida por Thiago Dezan em 10 set. 2013.



policiais não estava disponível para o diálogo, ao menos ali, naquele momento. A postura no geral era de enfrentamento de perspectivas contrárias às da corporação<sup>138</sup>.

Augusto Lima complexifica ainda mais a questão do alinhamento ou distanciamento dos termos ativismo e jornalismo, quando diferenciou *mediativista* e *ativista mídia*: “[...] o mediativista entende que ele está na rua primordialmente cumprindo a função de mídia. O ativista mídia tá ali também como mídia, mas ele tá principalmente como ativista. Então, ele não faz essa distância que você tem que ter, analítica e etc.”.<sup>139</sup> Para Augusto, então, o limite entre o ativismo puro e o mediativismo seria a capacidade do segundo de transitar entre as verdades do acontecimento, pela distância analítica. Em uma primeira análise, a teorização de Augusto parece próxima do conselho mais repetido aos calouros dos cursos de Jornalismo pelo país: “ouvir todos os lados da história”, ou “apurar bem os fatos”. Entretanto, ele não mencionou nada parecido com “revelação do fato”, ou, “postura neutra” – ele menciona “distância analítica”, o que não pressupõe neutralidade –, valores basilares do jornalismo praticado em um mercado ainda hegemônico. Como acreditam os pesquisadores Bill Kovach e Tom Rosenstiel (2003), a verdade jornalística – necessariamente uma busca desinteressada- nasceria da tentativa do repórter de desnudamento do fato, possível através de um exame minucioso do acontecimento, e também do compromisso do jornalista com seu público: os cidadãos.

A noção de que os jornalistas não devem encontrar obstáculos na hora de cavar a informação e contá-la com veracidade – mesmo à custa de outros interesses financeiros do dono do jornal – é um *pré-requisito* para dar as notícias não só com exatidão, mas também de forma convincente (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003, p. 83).

De fato, esse pré-requisito ideal – uma postura neutra diante dos fatos – não tem sido cumprido tampouco pela *legítima* prática jornalística: a dos grandes conglomerados de comunicação, que conformam o mercado profissional. E não tem sido cumprido – ou: ele nunca irá encontrar análogos na práxis – porque todo trabalho jornalístico pressupõe mediação enquanto tradução de uma coisa em outra. O jornalista, como mediador, modifica e é modificado na comunicação de qualquer agência. Não há postura neutra possível porque

---

<sup>138</sup> Ao contrário da postura dos policiais nas manifestações de 15 de março de 2015, em várias cidades brasileiras. Nesses protestos, caracterizados por pautas anti-pestistas, favoráveis ao Impeachment da presidenta Dilma Rousseff e ao retorno dos “militares” ao poder, o clima entre policiais e manifestantes era bastante amistoso. Tanto era que os policiais se disponibilizaram para tirar várias *selfies* com os manifestantes.

<sup>139</sup> Informação fornecida por Augusto Lima em 12 jul. 2014.

não há realidade pura a ser desvelada. Assim sendo, a realidade nada mais é que um enunciado estabilizado em suas controvérsias, como acredita Latour (2012), ou, nas palavras de Lemos (2013, p. 82): “[...] uma composição de uma rede de evidências, testemunhos e argumentos, tão firmemente interconectada pelos promotores da verdade que suas associações não podem ser desfeitas facilmente pelos adversários”.

A purificação da realidade, para o jornalismo, é um vício de nascença. Como bem coloca Marcondes (2009), a atividade é a síntese do espírito moderno: aquela que ilumina com a “razão” tudo o que está obscurecido, paradigma potencializado com a Revolução Francesa no século XVIII. Se, como Latour (1994) professa, talvez jamais tenhamos sido modernos, em nossa incapacidade de purificação da vida – dado/construído, natureza/cultura, humanos/não-humanos, entre tantas outras diferenciações que agora reclamam a origem híbrida –, então o jornalismo, tal qual legitimado como “o”, se aproximaria de uma promessa alucinante, assim como o projeto moderno. Marcondes (2009, p. 17) acredita que “[...] por incorporar tão energeticamente esse espírito, ele [o jornalismo] se viu órfão quando balançaram os alicerces da modernidade [...]”. Daí em diante, Marcondes se separa de Latour, ao listar as causas que fizeram ruir a modernidade, e, por consequência, *descaracterizaram* o jornalismo, o que pressupõe a crença em uma essência profissional que fora deturpada por fatores como a falência do discurso humanista, a sedução irracional da TV e a hegemonia das técnicas. Assim, a crise atual do jornalismo teria a ver, de acordo com Marcondes, com a crise da cultura ocidental, movida por um “[...] processo universal de desencanto (defecção do socialismo e das alternativas ao capitalismo), pela crise dos metarrelatos e de todos os sistemas gerais de explicação [...]” (MARCONDES, 2009, p. 22) entre outras causas.

O raciocínio de Marcondes, ao acreditar na descaracterização do Jornalismo em nossos tempos, reafirma o compromisso da atividade com o ideário moderno: esse moribundo falido que tanto tudo expôs que queimou – como as películas de cinema expostas à iluminação exagerada. Reafirma também a crença do autor na eficácia das explicações sociais: a crise da modernidade – feita entidade – ruiu o jornalismo. O que estou dizendo é que o jornalismo, aquele considerado legítimo por muitos, praticado no mercado e ensaiado na academia; aquele dos manuais de redação; o que está estampado no diploma acadêmico; esse filho da modernidade, enfim, é também parte da necessidade moderna de purificação do mundo. E estamos vivendo hoje a revelação não do mundo, mas dos híbridos.

“O sonho de purificação termina em uma vasta proliferação de híbridos” (LEMOS, 2013, p. 72). A Constituição Moderna, sobre a qual discorre Latour (1994), está em colapso. Talvez seja então o momento mesmo de pensar qual e quais jornalismo queremos daqui em diante.

E os rastros dessa resposta podem estar justamente nos encontros entre as agências que pleiteiam o termo, o que, como defendeu Caroline Leite, pode fazer precipitar outro arranjo: “[...] não sei se é tão importante disputar esse campo, sabe? Eu acho que pode ser uma outra coisa, talvez muito mais interessante.”<sup>140</sup> Para Leonardo Coelho, fazendo ou não jornalismo, a Mídia Ninja é um *mal necessário dentro do jornalismo* muito em razão do papel de contra narrativa:

[...] é um mal necessário dentro do jornalismo, porque, tá, a gente tem o... a Globo escrevendo um monte de merda sobre os protestos, mas aí a gente tem um monte de Ninja, um monte de gente midiativista falando um monte de merda também, nas transmissões, mas *mostrando o outro lado*. Então, acho que Mídia Ninja... Mídia Ninja não! O Ninja, né? É um termo... Gosto do termo Ninja, o termo Ninja genérico, é pra qualquer um, qualquer um que tá transmitindo é Ninja, né? Independente de ser do Mídia Ninja ou de qualquer outro coletivo. É... Acho que meio que equilibra, né? *Equilibrar um pouquinho mais o jogo*, que é bastante desequilibrada a questão da mídia no nosso país. Eu acho, não sei se vocês concordam. Então, assim, pra mim é um mal necessário. Tenho muito orgulho de ter feito parte desse mal necessário.<sup>141</sup>

Rafael Rezende caracterizou como “ninjificação” uma forma de comunicação potencializada pela Mídia Ninja, e que, em seu ponto de vista, deveria ser estendida à produção de informação como um todo. “[...] eu acho que tem que rolar esse processo de ninjificação da comunicação, né? Que é o fato de começarem a existir coletivos que fazem *streaming*, que fazem cobertura independente, que fazem mídia”.<sup>142</sup> Para Caroline Leite, o aprendizado maior como colaboradora da Mídia Ninja foi não ter medo de se posicionar: “uma coisa que é muito negada”.<sup>143</sup> Outro aspecto indicado diz respeito à prática da cobertura, segundo ela, “[...] essa experiência de rua mesmo, sabe? De falar com a pessoa, o que é importantíssimo no jornalismo e para comunicação em geral”.<sup>144</sup> A alma encantadora

<sup>140</sup> Informação fornecida por Caroline Leite em 9 jul. 2014.

<sup>141</sup> Informação fornecida por Leonardo Coelho em 1 jul. 2014.

<sup>142</sup> Informação fornecida por Rafael Rezende em 11 jul. 2014.

<sup>143</sup> Informação fornecida por Caroline Leite em 9 jul. 2014.

<sup>144</sup> Informação fornecida por Caroline Leite em 9 jul. 2014.

das ruas<sup>145</sup> deve, então, habitar novamente as práticas jornalísticas. E os conselhos do repórter-literato-flaneur João do Rio, lá do início do recente-passado-distante século XX, seriam, nesse retorno, essenciais. “Para compreender a psicologia da rua não basta gozar-lhe as delícias como se goza o calor do sol e o lirismo do luar. É preciso ter espírito vagabundo, cheio de curiosidades malsãs e os nervos com um perpétuo desejo incompreensível” (RIO, 2008, p. 31-32). Ainda, para acessar as ruas em sua alma, é preciso ser *flaneur*, “[...] possuidor de uma alma igualitária e risonha, falando aos notáveis e aos humildes com doçura, porque de ambos conhece a face misteriosa e cada vez mais se convence da inutilidade da cólera e da necessidade do perdão” (RIO, 2008, p. 32). Quando o *flaneur* se propõe a penetrar certo aspecto da alma das ruas, ele se dedica a observar o que os outros quase não podem entrever. E reflete.

O jornalismo disputado por alguns colaboradores da Mídia Ninja, também por midiativistas de coletivos diversos, em sua faceta mais interessante, remete à figura do *flaneur*, do modo como é entendida por João do Rio. Mas vai além desse interesse *perambulatório* pelas almas-ruas. A devoção ao acontecimento implica a transmutação do *flaneur* em xamã, empenhado agora em ocupar o mundo e *contá-lo*. Raquel Boechat reconhece essa “coisa mais linda do mundo”, mesmo “ao custo de se violar tecnicamente o jornalismo em várias questões”. Ela comentava comigo sobre a popularização do *streaming* pela Mídia Ninja e a conseqüente disseminação de *streamers*:

---

<sup>145</sup> Referência ao livro *A alma encantadora das ruas*, de João do Rio (2008), pseudônimo de Paulo Barreto. Para o repórter, “a rua é um fator da vida das cidades, a rua tem alma! Em Benares ou em Amsterdão, em Londres ou Buenos Aires, sob os céus mais diversos, nos mais variados climas, a rua é a agasalhadora da miséria. Os desgraçados não se sentem de todo sem o auxílio dos deuses enquanto diante dos seus olhos uma rua abre para outra rua. A rua é o aplauso dos medíocres, dos infelizes, dos miseráveis da arte. Não paga ao Tamagno para ouvir berros atenuados de leão avaro, nem à velha Patti para admitir um fio de voz velho, fraco e legendário. Bate, em compensação, palmas aos saltimbancos que, sem voz, rouquejam com fome para alegrá-la e para comer. A rua é generosa. O crime, o delírio, a miséria não os denuncia ela. A rua é a transformadora das línguas. Os Cândido de Figueiredo do universo estafam-se em juntar regrinhas para enclausurar expressões; os prosadores bradam contra os Cândido. A rua continua, matando substantivos, transformando a significação dos termos, impondo aos dicionários as palavras que inventa, criando o calão que é o patrimônio clássico dos léxicos futuros. A rua resume para o animal civilizado todo o conforto humano. Dá-lhe luz, luxo, bem-estar, comodidade e até impressões selvagens no adejar das árvores e no trinar dos pássaros.” (RIO, 2008, p. 30-31).

[...] você tem as pessoas que estão no *streaming* e que não são jornalistas, e que falam uma monte de merda e que xingam as pessoas ao vivo e que não contextualizam nada, não tem um discurso, não vamos dizer político, mas às vezes nem mencionando o porquê aquela manifestação estava acontecendo, e o que aconteceu na de ontem e na de antes de ontem, e que ficava só “e aí, gatinha”, e não sei o que. Mas, assim, eu achei isso lindo, *pela primeira vez eu achei que não ter diploma era conveniente*, porque eu sou a favor do diploma, eu defendo o diploma, mas eu acho que, eu achei lindo, *eu defendo essa realidade de olhares assim, porque eu achei que ela é documental, e que tem uma ousadia de um jornalismo não comprometido*, não pautado por uma editoria vertical dos donos do jornal, dos interesses daquela corporação, foi assim que *eu enxerguei então aquela ousadia, que é a coisa mais linda do mundo do Dezan [Thiago] ficar dormindo dentro da ocupação, não só o Dezan, mas tô citando ele, o Dezan, o Renan, ficavam dormindo dentro da ocupação, ficavam praticamente vinte e quatro horas, o tempo todo ao vivo com a porra do negócio ligado*, não sei como é que não deu tendinite nos caras. Claro que às vezes a narrativa não era nada, era quase que um *big brother* do próprio cara do que alguma coisa que estava acontecendo, “as quentinhas chegaram, as quentinhas chegaram”, aí mostra a quentinha, mas, enfim, é o documento de um..., é um documento! A gente deve isso a essas pessoas: a todas, não só à Mídia Ninja.<sup>146</sup>

Ao que completo com a sentença de João do Rio: “A alma da rua só é inteiramente sensível a horas tardias” (RIO, 2008, p. 34).

\*\*\*

Embora o papel de disseminar contra narrativas seja legítimo e evocado por alguns colaboradores como função relevante da Mídia Ninja, veremos mais à frente que usar a tática do embate para equilibrar o jogo – uma guerra de significados – talvez não seja a solução mais eficiente se queremos inventar novas maneiras de nos comunicar. Também, a questão do envolvimento é essencial que seja problematizada e ampliada. De todo modo, há que se conhecer antes os atores que transmutaram seus corpos em busca de uma certa compreensão do acontecimento.

---

<sup>146</sup> Informação fornecida por Raquel Boechat em 7 jul. 2014.

#### 4 UM DRONE CAIU DO CÉU



Figura 6 – Postagem de Facebook em meu perfil pessoal, sobre a queda de um drone durante protesto.

**LUIZ ROBERTO LIMA:** a Folha é responsável.

**LARA LINHALIS:** o problema é que, provavelmente, cada vez mais drones irão agenciar os acontecimentos e cada vez menos gente irá se responsabilizar por eles...e aí? alguém consegue visualizar a cena?

**LARA LINHALIS:** primeiro relegamos os objetos técnicos ao nível da não existência. Agora, trazemos eles de volta pq a culpa tem que ser alguém. Fato: humanizamos e desumanizamos todos os seres à nossa revelia.

**EVANDRO MEDEIROS:** Sério? Gente é coisa demais acontecendo. Os objetos estão falando. Gritando! E agora ferindo pessoas.

**LARA LINHALIS:** Renzo Taddei, estou ansiosa por sua impressão desse acontecimento. Inauguramos o Tribunal das Coisas, não o Parlamento, sugestão de Latour. É isso?

**LARA LINHALIS:** seria esse drone réu primário? rs

**EVANDRO MEDEIROS:** Depende do crime Lara Linhalis. Aqui em NY o policial que matou Eric Garner com uma gravata depois dele gritar 11 vezes que não conseguia respirar não foi indiciado. Mas o rapaz que registrou os acontecimentos com um smartphone foi, justamente por ter feito isso. Neste caso, registrar o fato seria um crime que o drone cometeu antes de cair. Certo?

**LARA LINHALIS:** rs...depende do que ele estava cobrindo e para quem. Considerando que o acontecimento era o 15M "às avessas" e que sua "dona" era a

Folha de São Paulo, não era um drone subversor. Caso fosse, xadrez na certa: subversor, midiativista e, além do mais, vândalo.

LARA LINHALIS: Blac Block Drone – primeiros capítulos...

EVANDRO MEDEIROS: Se fosse no 15M “às avessas” ia fazer selfie com PMs. Já imaginou?

LARA LINHALIS: o drone ou eu?

LARA LINHALIS: rs

EVANDRO MEDEIROS: Ao menos de duas coisas temos certeza: 1) ele não é branco, 2) subiu de status durante a “maldita” ditadura de esquerda petista, já que antes disso não existia, era invisível socialmente.

EVANDRO MEDEIROS: Vá para Cuba seu drone comunista!

LARA LINHALIS: hahahaahha é a feixxta da democracia dronística!

EVANDRO MEDEIROS: Democracia das coisas. (LINHALIS, 2015)

Desde que tive contato com a ideia de um Parlamento das Coisas, proposta por Latour (1994), ativei imagens mentais das mais surreais. Nunca imaginei um Parlamento, mas um Tribunal, onde objetos dos mais variados seriam julgados por seres também variados, incluindo aí outros objetos. Mas o Juiz Supremo, o definidor último, nunca consegui tirar sua cadeira do humano, em sua forma mais moderna. Ou seja, em minha ficção, trouxemos de volta à vida os objetos e outros seres relegados a alguma epistemologia, celebramos o hibridismo dos corpos e o pós-humano, mas assumimos nossa forma mais tradicional quando *alguém* deve decidir *algo* sobre outro *algo*. Foi mantido, em meu Tribunal mental, o lugar de alguéns e o lugar de algos. O diálogo acima, *printado* de um post do meu Facebook (LINHALIS, 2015), considera toda a surrealidade da cena de julgamento de um drone que caiu do céu, e, de maneira irônica, atesta nossa tendência de diferenciação eterna: seja da natureza (tornada transcendente ou imanente de acordo com sua funcionalidade), da sociedade (tornada imanente ou transcendente de acordo com nossa disposição à mudança ou à estabilização) ou, até mesmo, dos híbridos. Reconhecidos os híbridos, não cairíamos posteriormente na tentativa de nos purificar *deles*? Até porque, como frisa Lemos (2013, p. 130), “O humano é desde sempre ‘pós-humano’, já que ele não é natural no sentido de se constituir fora de qualquer relação simbiótica com o artificial, ou com o mundo como externalidade”. Se sempre fomos pós-humanos, ciborgues, híbridos de organismo e máquina, homologar essa existência seria o bastante para aplacar nossa sede por dominação? “É pouco homologar publicamente aquilo que já se faz?”, pergunta Latour (2012), de maneira retórica. Penso que sim, considerando a possibilidade utópica de uma democracia das coisas. Por outro lado, colocando em outra escala, referenciada pelas variáveis *exílio* e *visibilidade*, homologar a existência dos híbridos é afastá-los do exílio, e

isso, nessa escala, é o bastante. De fato, como disse meu amigo e pesquisador Evandro Medeiros no diálogo *facebookiano* acima: “Os objetos estão falando, Gritando!”. Não é difícil detectar que quanto mais exilamos os seres dos quais buscamos nos diferenciar, mais eles se reproduzem e gritam em intencionalidades. E essas novas agências trazem consigo controvérsias bem estabilizadas em caixas-pretas lacradas com a Constituição Moderna.

Lemos (2013) faz uma leitura com base na TAR sobre o carro autônomo que estaria sendo desenvolvido, desde 2010, pela empresa Google. Um carro que dirige sozinho constitui-se a partir de um novo tipo de mediação/delegação que, certamente, traz à vida outras dimensões éticas, políticas e morais. Lemos cita a questão proposta em uma matéria no New York Times, a respeito do carro autônomo: “[...] quem se responsabiliza em caso de acidente, ‘the person behind the wheel or the maker of the software?’” (LEMOS, 2013, p.132), considerando que o algoritmo nesse caso é um dos protagonistas da ação.

A ação de dirigir é delegada a computadores, sensores, GPS. São estes não-humanos que guiam o carro pelas ruas (que devem estar adaptadas aos sensores do carro, ter cobertura GPS, etc) e o fazem se relacionar com outros veículos, motoristas, objetos, pedestres. Nessa experiência, a ação humana ainda está presente, mas apenas para evitar que falhas no sistema aconteçam. Ele passa de protagonista a figurante no processo, de mediador a intermediário (LEMOS, 2013, p. 132).

A cada vez que gritam os híbridos, reclamando o posto, por vezes, de protagonistas da ação, somos interpelados a pensar a especificidade do que entendemos durante muito tempo como *humanos*. De fato, a problemática envolvida nessa resposta deriva em muito da própria noção legitimada e totalitária de humanidade, que contrapõe o humano a todos os outros seres e coisas que habitam o mundo. Para Latour, deve-se devolver ao humano a outra metade de si mesmo: a parte das coisas. “Enquanto o humanismo for feito por contraste com o objeto abandonado à epistemologia, não compreenderemos nem o humano, nem o não-humano” (LATOURE, 1994, p. 134). De que é feito então o humano? Máquinas, objetos, política, religião, economia, natureza. “Aí está ele, delegado, mediado, repartido, enviado, enunciado, irreduzível” (LATOURE, 1994, p. 136). O *antropos* seria um recombinação de morfismos: quanto mais visível essa qualidade e menos isolada sua forma em busca de estabilidade, mais humanidade poderíamos localizar.



Quando redistribuímos a ação entre todos os mediadores perdemos, é verdade, a forma reduzida do homem, mas ganhamos uma outra, que devemos chamar de irreduzida. O humano está no próprio ato de delegação, no passe, no arremesso, na troca contínua das formas. [...] O humanismo só pode manter-se dividindo-se entre todos os seus enviados. A natureza humana consiste no conjunto de seus delegados e de seus representantes, de suas figuras e de seus mensageiros. (LATOURE, 1994, p. 136)

Uma das garantias do que Latour chama de Constituição Não Moderna – emenda à Constituição Moderna – substitui a proliferação desenfreada de híbridos (reação aos mecanismos de purificação modernos) por mecanismos que reduzam e regulem sua cadência – uma democracia ampliada – justamente ao legitimarem e tornarem visível a produção desses híbridos. “A quarta garantia, talvez a mais importante, é a de substituir a louca proliferação dos híbridos por uma produção regulamentada e consensual dos mesmos” (LATOURE, 1994, p. 140). E completa: “Se não mudarmos o parlamento, não seremos capazes de absorver as outras culturas que não mais podemos dominar, e seremos eternamente incapazes de acolher este meio-ambiente que não podemos mais controlar.” (LATOURE, 1994, p. 143). Instituído o Parlamento, estaria ele livre de ser capturado pela minha ficção do Tribunal? Essa energia desejanste, voltando a Caiafa e a Deleuze, em suas reflexões sobre o exercício do controle, estaria livre de mecanismos de dominação e sujeição? “Talvez seja a hora de voltar a falar em democracia, mas de uma democracia estendida às coisas em si”, afirma Latour (1994, p. 140). A proposta de democracia ampliada pressupõe a ampliação de algo necessariamente positivo, estendido às coisas. Essa sugestão me parece o mesmo tipo de explicação mágica ou enquadramento genérico tão polemizados por Latour quando de suas defesas acerca da irredutibilidade das associações. A ideia de um Parlamento, assim, me parece distante. No entanto, a escala aqui é outra, como indiquei acima. “Não há mais verdades nuas, mas também não há mais cidadãos nus. Os mediadores dispõe de todo o espaço” (LATOURE, 1994, p. 142). Todo o espaço das manifestações iniciadas em junho de 2013 no Brasil, e tantas outras pelo mundo, foi vivificado por mediadores que dispunham de corpos “ciborgues”, provisoriamente no sentido de Lemos: “[...] a parte mais contemporânea desse hibridismo, uma relação mais complexa entre o orgânico e os dispositivos digitais cibernéticos” (LEMOS, 2013, p. 130).<sup>147</sup>

---

<sup>147</sup> Um sentido mais ampliado do termo ciborgue será desenvolvido mais abaixo, a partir de Donna Haraway (2000).

#### 4.1 Uma revoada de entidades

[...] eu acho um pouco rápido demais, pouco pensado, eu detestava ver streaming quando eu não estava nos protestos. Só falavam merda atrás de merda, um monte de pessoas que não sabia o que estava falando, sem contexto nenhum, informação... com uma informação aqui e depois, cinco minutos de fala. [...] Acho importante, mas não me agrada.

*Leonardo Coelho, fotógrafo-colaborador Ninja*

O diálogo que ocorreu, assim, foi na época do *streaming* ao vivo. Aquilo foi uma coisa muito interessante. [...] esse negócio de transmitir ao vivo foi uma coisa que, assim, muitas vezes a redação falava: “Não, dá uma olhada no Ninja antes de ir pra lá”, ou então: “Pô, eu fico aqui acompanhando no Ninja e você vai pra lá”.

*Lucas Vettorazzo, repórter da sucursal da Folha no Rio de Janeiro.*

[...] eu não aprendi nada com a Mídia Ninja, a não ser a parte tecnológica do streaming, que eu não sabia realmente, aquilo para mim foi uma coisa linda, eu tenho até uma foto que eu postei que tá próxima na minha *timeline*, que foi do dia quatro de julho [...] que eu ainda botei “um ano que eu conheci o Dezan e o Carioca”, que é um laptop que eu boto, “pra quem é dinossauro que nem eu de televisão, isso aqui é nosso caminhão [...]”, isso pra mim foi muito forte.

*Raquel Boechat, ex-colaboradora Ninja e integrante do Coletivo Carranca.*

Que mundo é este que nos obriga a levar em conta, ao mesmo tempo e de uma só vez a natureza das coisas, as técnicas, as ciências, os seres ficcionais, as economias e os inconscientes? É justamente nosso mundo. O qual deixou de ser moderno depois que substituímos cada uma das essências por mediadores, delegados e tradutores que lhe dão sentido.

(LATOUR, 1994, p. 127-128)

Na abertura da Copa do Mundo de 2014, dia 12/06, o jogo era Brasil e Croácia (Estádio Itaquerão, SP). Era o início de mais um *campo* no Rio de Janeiro, quando acompanhei as manifestações daquele dia. Objetos técnicos como capacetes, máscaras de gás, mochilas, celulares, câmeras fotográficas e de vídeo integravam a ação e os corpos dos envolvidos na cobertura do ato: manifestantes, policiais, midiativistas, jornalistas profissionais. Os objetos técnicos me diziam quem eram os policiais.<sup>148</sup> A não incorporação deles também me dizia sobre alguns pouquíssimos manifestantes não preocupados com o registro do ato. Entretanto, já não me permitiam com tanta clareza discernir entre midiativistas e jornalistas profissionais, a não ser quando havia signos de identificação precisos em crachás, canoplas de microfone, capacetes e câmeras. O acoplamento entre

<sup>148</sup> A não ser os infiltrados, e me parecia que haviam muitos, que mimetizam a perspectiva dos manifestantes, por ocasião de propósitos precisos: sondar as táticas, provocar ações que vinculem o grupo à ideia de violência, etc.

organismo e objetos técnicos na cobertura das manifestações foi observado inicialmente em junho de 2013, a partir dos midiativistas e policiais, embora com aparatos diferenciados no geral.<sup>149</sup> Os jornalistas profissionais adotavam posturas de distanciamento da manifestação, não raro: ora de mimetização do aparato dos midiativistas para se “infiltrarem” no protesto, sem identificação da empresa para a qual trabalhavam; ora adentravam *como* jornalistas profissionais e eram comumente expulsos pelos manifestantes. Posteriormente, esse acoplamento foi efetivado. O estopim parece ter sido a morte do cinegrafista da Band, Santiago Andrade (cf. G1, 2014; REVISTA FÓRUM, 2014), atingido por um rojão na cabeça durante a cobertura de um protesto contra o reajuste das passagens de ônibus, em fevereiro de 2014, na capital carioca. Santiago estava sem capacete.

A terceira fonte de incerteza, proposta por Latour em sua TAR, parte da aceitação dos objetos enquanto partícipes no curso da ação: entidades tradicionalmente banidas do espectro coletivo e do pensamento social, como vimos. O corpo não domesticável do *streamer* é símbolo de um acoplamento total, ciborguiano, no sentido de Haraway (2000): híbrido de organismo e máquina que celebra a mutação como potência política. Um corpo mobilizador, provocador, selvagem. Os *streamings* – transmissões ao vivo via dispositivos móveis – caracterizam-se como um modo de distribuição de conteúdos via Internet em que não há armazenamento das informações, tampouco violação de direitos autorais. Os *streamers*, como são conhecidos os protagonistas desse modo de difundir informação, são enxameados pelas ideias de instantaneidade, mobilidade, atuação em rede, produção colaborativa e compartilhamento de conteúdos. Também corporificam certa cultura do *livestreaming*, modo de existência em que somos interceptados e constituídos por um fluxo contínuo de informações em tempo real.<sup>150</sup> O corpo ciborguiano, encarnado pelos *streamers*, concede permissão, entre outras agências, à *Experimentação Estética*, à *Rede Informacional*, à *Inserção na Ação*, à *Segurança dos corpos e intimidação do Inimigo*.

\*\*\*

---

<sup>149</sup> Muitos policiais também faziam a cobertura dos protestos com câmeras de celular.

<sup>150</sup> As ininterruptas atualizações e visualizações da *timeline* da rede social Facebook são indicativas dessa cultura do *livestreaming*.

**1) Experimentação estética:** dela faz parte a precariedade executiva de um catártico-drama, do qual são marcas a personalização do relato, a primazia do ruído, a comunicação imperfeita e suspensão do espaço-tempo. A precariedade executiva, como já mencionado, era marca também de diversos outros processos produtivos da Mídia Ninja, considerando o recorte temporal desta pesquisa. Tanto os modelos de financiamento quanto o planejamento e a execução das ações funcionavam de modo Sevirológico e Gambiológico, da maneira como expressaram Dezan e Carioca acerca dos modelos operativos do grupo.

THIAGO DEZAN: [...] até a gente inventar um carrinho, que tinha gerador, que tinha caixa de som, que tinha tripé, câmera, computador, mesa de corte, não foi da noite pro dia, assim, mas se não fosse o trabalho cotidiano e empírico nessa parada, ele não ia surgir. O carrinho mesmo surgiu quando a gente tava lá pra transmitir um bloco de carnaval, pelo Google+, quando ele surgiu, ele teve um *hangout*, né? Que é essa plataforma de transmissão deles, eles falaram: “Ah, a gente não liberou o *hangout* pra todo mundo ainda, mas a gente tá vendo a PosTV, então, seria muito legal se eles fizessem uma transmissão também, mais de teste, pra falar o que que cês acham, a gente libera um canal pra vocês transmitirem o carnaval”. E aí, no primeiro dia, a gente foi lá e montou – numa pracinha que era onde era a saída do bloco – nossa infra e aí começamos a transmitir o bloco. De repente, a gente: “Cara, mas o bloco vai andar, não vai ficar aqui, daqui, tipo, meia hora vai ter só nós, ridicularmente, aqui e o que que vai virar essa transmissão, né?”. E aí: “Pô, velho, a gente tá com gerador, a gente tá usando Internet de 3G, então a gente, tipo, não tá amarrado, a gente pode tentar carregar as coisas. E como que faz?”. Aí olha pro outro lado da rua tem um Extra [supermercado]. Fala: “Cara, vou lá pegar um carrinho”, e aí fui lá e peguei um carrinho e aí... o Extra tava *bombando*, então eu só consegui pegar um daqueles carrinhos que eram menores, assim, embaixo e em cima. Aí peguei e saí andando do supermercado com um carrinho vazio, com a maior cara de pau do planeta e atravessei a rua e cheguei na praça, a galera falou: “Cara, não cabe nesse carrinho”, “Não tem carrinho livre!”, “Tenta!”, “Não cabe, não cabe, não cabe”, “Beleza, vou voltar”. Aí, pego o carrinho e volto, entro no supermercado de novo. Aí, articulo com alguma pessoa que tá com o carrinho cheio de compras, “Cê pode trocar de carrinho comigo? Precisava de um carrinho maior, não sei o que”. Pego o carrinho grande, saio do supermercado de novo, sem ninguém falar nada, assobiando, aí vai, coloca tudo dentro do carrinho e manda bala, cara. E aí saí andando com aquele carrinho na maior felicidade do planeta, assim. [...] E aí, depois disso, o carrinho também foi sendo aprimorado, começamos a fazer, soldar coisa nele, fazer coisa, então, cara, é um carrinho vivo. [...] Mas é isso, já teve transmissão que a gente, tipo: “Putá, véio, *tamo* num lugar *mó* longe de casa”, enfia a estrutura inteira dentro do carro e, putz, pra levar o carrinho ia ter que fazer mais uma viagem. Aí passa um morador de rua: “Esse carrinho aí é de vocês?”, “Não, esse carrinho é seu cara, pode ficar pra você. Vamos embora daqui, saca? Aí, depois a gente arruma outro”.

LARA LINHALIS: [risos]

THIAGO: Mas é isso, é disposição de fazer a parada rolar e aí vai dar um jeito, cara; vai, a solução aparece e cê tem que mentalizar e fazer por onde.<sup>151</sup>

<sup>151</sup> Informação fornecida por Thiago Dezan, em 10 set. 2013.

Os processos executivos dos *streamers* eram muito mais baseados no improviso que em planejamento e, embora fosse possível traçar alguns parâmetros de ação semelhantes entre um e outro *streamer*, ficou evidente que cada um é regente de si próprio. Até porque a formação profissional, a formação acadêmica e a própria experiência com manifestações de rua e adesão a este ou aquele corpo tecnológico, eram extensamente variadas entre os *streamers*. Por outro lado, paradoxalmente, o empoderamento de si, a autorregência, só funcionou porque, mesmo localizados em si, estiveram conectados a outros em rede. É como se cada um se bastasse, mas cada um se basta justamente porque esteve ligado a outros. A potência individual vinha da potência coletiva: dela dependia e, ao mesmo tempo, dela esteve liberta. Era nó autossuficiente e fio vibrando porque ligado a outros nós. Orquestrações externas que quisessem se impor, no sentido de orientar editorialmente, seriam tão improdutivas quanto tentativas de domesticação de animais selvagens, já que provocariam o estado de revolta iminente.<sup>152</sup> O corpo do *streamer* não era um corpo dócil. Para onde ir, como ir e se comportar, com quais objetos técnicos, que tipos de narrativa produzir; eram questões *resolvidas* a cada ação por cada nó, que estendia suas deliberações aos outros nós por reconhecê-los como o mesmo corpo.

No que diz respeito ao arranjo narrativo das transmissões, poderia dizer tratar-se de uma *narrativa dramática eufórica*, com início, meio e fim. Um *catártico-drama*. Modelo que, à primeira vista, se aproxima de um esquema narrativo reproduzido com frequência nas matérias telejornalísticas das mais tradicionais, feitas ao vivo ou não. A pesquisadora Iluska Coutinho entende que a narrativa dos telejornais caracteriza-se “como uma construção textual que valoriza a estrutura e o elemento dramáticos” (COUTINHO, 2003, p. 102). O encadeamento das ações numa narrativa dramática pressupõe a existência do conflito como estopim ou instaurador dos passos a serem percorridos pelos personagens em um drama. Sejam eles conflitos narrativos ou sociais reais,

[...] é a partir de um conflito e/ou de uma intriga que se desenrolam as ações, na medida em que nos são dados a conhecer os personagens e ainda os outros elementos daquela estória, tais como cenário, contextos, referências temporais (COUTINHO, 2003, p. 119).

---

<sup>152</sup> A exemplo da negativa de Augusto Lima e posterior rompimento com a Mídia Ninja, quando, segundo ele, foi orientado a não cobrir o Leilão de Libra.

Além disso, Coutinho observa que as fontes são referenciadas tendo em mente estereótipos presentes em obras ficcionais. Ainda de acordo com ela alguns tipos de personagens-padrão podem ser encontrados em material telejornalístico: “[...] mocinho, vilão, herói, vítima, expert, parceiro/aliado, mediador, concorrentes e ainda o de “musa” ou troféu em disputa” (COUTINHO, 2003, p. 149), entre outros. Tanto entrevistados quanto o repórter e a própria emissora podem desempenhar papéis no drama do cotidiano. No entendimento de Coutinho, essa atribuição se relaciona com a frequente encenação mítica da luta Bem x Mal nas narrativas, de modo a reforçar valores morais e de conduta. A ordem e/ou encadeamento dessas narrativas reserva papel de destaque à apresentação de uma lição de moral: um exemplo a ser seguido, uma avaliação sobre certo aspecto da realidade, como reforço de uma ideia tomada em seu sentido consensual.

De fato, é possível observar uma dramaturgia do *streaming*, como Coutinho observou a dramaturgia do telejornalismo: a instauração do conflito que dispersa as ações – no caso do *streaming*, o momento de confronto entre policiais e manifestantes-; a distribuição de papéis com base na mítica disputa entre o Bem e o Mal – no geral, manifestantes como mocinhos, policiais como vilões, *streamers* como heróis-; e o acionamento de lições de moral ao longo do relato – não raro em prol de certa mobilização política. Mas, as singularidades do que chamo de catártico-drama, todas as outras mobilidades que aciona considerando uma rede informacional bem específica, são mais evidentes que os paralelos com uma dramaturgia da narrativa informacional na televisão. A personalização do relato é um dos pontos excedentes. “São imagens que carregam a marca de quem afeta e é afetado de forma violenta, colocando o corpo/câmera em cena e em ato”, como bem coloca Ivana Bentes (2014, p. 333). O tempo do relato, incluídas aí a utilização, disposição e duração de códigos de linguagem – imagem, som ambiente, silêncio, fala, texto –, é o tempo do percurso do *streamer* em sua epopeia pessoal, marcada por descrições das ações e dos cenários onde se desenvolvem; por conversas com manifestantes, outros *streamers* e pessoas ao entorno do protesto; por enfrentamentos diretos com a polícia; por discursos de mobilização política; pedidos de socorro e pedidos ou cessão de orientação de rota; e momentos de pura deriva silenciosa. Em alguns desses, o silêncio é apenas da fala, enquanto as digitais são impressas na tela do *smartphone* numa conversa frenética e ruidosa com as vozes textuais do chat da transmissão.

O ruído caracteriza esse catártico-drama instaurando a imperfeição como estética vital das transmissões. Isso vai muito além da questão da velocidade do sinal de Internet – muitos *streamers* utilizavam a rede 3G, que dispunha de pouca estabilidade –, o que já ocasionaria por si só a baixa qualidade das imagens e do som e eventuais interrupções na transmissão. Como o tempo de *streaming* é o tempo *do streamer*, as transmissões recebiam as mesmas inscrições que o corpo orgânico. “O meio não é extensão, mas constituição do homem”, profere Lemos (2013, p. 161) quando discute a participação das mídias sociais nos levantes sociais da Primavera Árabe. Nesse caso, assim como no campo de análise desta pesquisa, não é possível separar corpo orgânico de objeto técnico. Não há procedimento de purificação que possibilite visualizar um *streamer* sem o dispositivo móvel de transmissão. E vice e versa. Ao refletir sobre a célebre afirmativa de McLuhan, Lemos acredita que seu limite é “[...] o de pensar a relação como extensão e não como ‘mediação’ no sentido e constituição do híbrido” (LEMOS, 2013, p. 163). Sendo híbrido, as cronologias de seus rastros estão equalizadas. Ousaria dizer, a título de provocação irônica, que a transmissão é o *registro fiel* da experiência do acontecimento pelo *streamer*. E dessa experiência fazem parte frequentes interrupções na linearidade do arranjo de ações e imperfeições do ponto de vista de qualquer padrão Global de qualidade. Essas interrupções e imperfeições, mais que “defeitos” da transmissão, constituem uma estética própria: imagens borradas, falas sobrepostas, falha no sinal, findar da bateria do celular, redundância na utilização dos códigos de linguagem, informações desencontradas, narrador não especializado. O tempo *do streaming* é o tempo *do streamer*. Portanto, a ideia de câmera-corpo trazida por Bentes me contempla a esse respeito:

Essa materialidade das imagens se imprimem em rastros, testemunhos, operações poéticas, fluxo informe, pixelado, ruídos, rastros de luzes, telas pretas, que se confundem e são operações de ordem subjetivas. Expressam o posicionamento do corpo que precisa parar para respirar, correr e parar momentaneamente desnortado, cego, surdo pelos ataques recebidos ou pelo ambiente hostil que tem que percorrer. Animal paranoide que combate e foge (BENTES, 2014, p. 337)

Dessa experimentação estética faz parte ainda a construção de uma temporalidade específica, cindida daquela ritmada passo a passo no cotidiano dos transeuntes pelo espaço público. Em partes, o próprio isolamento das áreas de conflito entre manifestantes e policiais promoveu esse deslocamento espaço-temporal, entretanto outros ingredientes

seriam a esse fato adicionados. A sensação que se tinha, no momento do confronto, é que nos movíamos, suspensos, por uma zona autônoma. Toda a vida comum acontecia fora dali e as transmissões ao vivo funcionavam dentro mesmo dessa lógica quase ficcional, quase realidade: uma encenação real do real. Isso ficou mais latente nas manifestações que ocorreram no Rio de Janeiro durante a Copa do Mundo de 2014, marcadas pela não adesão da população aos atos convocados. A ritualística dos manifestantes seguia um protocolo tão rígido quanto a ritualística repressora, e o roteiro assim era encenado em locais fortemente emoldurados por cordões de policiais. As cenas seguiam-se na mesma ordem: reunião de policiais, reunião de manifestantes, palavras de ordem mobilizadoras, caminhada, mais palavras de ordem, pequena dispersão, aproximação entre aparelho repressor e manifestantes, enfrentamentos mútuos, agressões mútuas, detenções, reações às detenções e à repressão e dispersão final. Nessa obra ficcional, no sentido de deslocada de uma certa realidade comum, o *streamer* assume o papel duplo de ator-cinegrafista, embora seja impossível determinar o quanto há de encenação a rigor nesse papel. Tive essa exata sensação – a de ser partícipe-figurante de uma obra ficcional, transmitida via *streaming* – especialmente em três momentos, todos eles vivenciados durante os protestos de junho e julho de 2014. O primeiro foi durante uma manifestação que terminou na Lapa. Diferente daquele descrito no primeiro capítulo, quando a Lapa transformou-se num campo de guerra, todos os bares foram fechados e ruas evacuadas; dessa vez a banda passou e nenhuma porta de nenhum bar sequer desceu pela metade. Vi-me em certo momento solicitando afobada que as pessoas saíssem das mesas das calçadas, já que atrás de mim começavam a estourar bombas de cores fortes. Entretanto, quase não recebi sequer algum olhar. Perto de mim, manifestantes, *streamers*, midiativistas, policiais, jornalistas profissionais; todos cumpriam o roteiro mencionado acima, sem o vigor de atuação dos protestos anteriores. Nesse dia, o *streamer* Carioca foi detido em um momento da manifestação, levado a uma DP e solto logo em seguida, de modo que pôde retornar ao mesmo protesto e voltar a transmitir ao vivo, quando estávamos já na Lapa. No início do ato, na Cinelândia, eu mesma assumi o papel de manifestante indignada e fui entrevistada por vários jornalistas de várias partes do mundo. Improvisei uma catarse mobilizadora com base no que repetidas vezes tinha ouvido em tantas entrevistas, embora tenha dito tudo com a honestidade *daquela* alma. Um pouco antes do meu improviso – nada *fake* –, Carioca tinha sido detido por portar uma bateria de *notebook* na mochila, interpretada pelos policiais



como objeto perigoso e, como mencionei, logo depois liberado. Tudo dentro do esperado naquela fenda temporal, aplacada ao final do protesto por um ou outro convite para tomar cerveja.

Outro momento em que tive a sensação de suspensão temporal, registrada devidamente por celulares, câmeras, holofotes e microfones, foi durante um ato convocado pelo Movimento Passe Livre (MPL), em 17/06/14, que percorreu a Avenida Presidente Vargas, dia em que a seleção brasileira de futebol jogaria no Maracanã, às 16h. Nesse mesmo dia, um ano antes, iniciava-se a Jornada de Junho com milhares de pessoas nas ruas, orquestrada em seus primórdios justamente pelo MPL. No ato de 2014, uns poucos manifestantes, muitos midiativistas, jornalistas profissionais e no mínimo uns 100 policiais caminhavam juntos, embora separados na intenção do percurso. Era um caminhar quase fúnebre. Em uma esquina, o pequeno grupo de manifestantes parou a fim de deliberar o que fazer. Em volta, um cordão de equipamentos de registro, de certa forma, protegia os manifestantes do cordão subsequente de policiais. A estratégia da polícia me pareceu direcionada a intimidar aglomerados – naquele momento, claramente, assumiram a direção da obra. Os midiativistas e jornalistas da imprensa brasileira e internacional, que estavam ali aos montes, se aglomeravam em torno de qualquer início de tumulto, a fim de protagonizar o registro da ação, o furo da melhor perspectiva, o melhor ângulo de cena. Um homem que tomava cerveja na calçada disse, descontente, ao ser interpelado pelo protesto: “não sabem nem os nomes dos jogadores do Brasil!”. Os policiais, não secretamente, também reclamavam: “bando de *playboizinhos* e maconheiros, nunca precisou esquentar um pão com manteiga quatro horas da manhã”. Outro policial observou: “é isso que eles querem, ficar filmando tumulto”. Além da triste intimidação da polícia ao direito de se manifestar – o que tornou fúnebre aquela Marcha –, chamou-me a atenção a quantidade de *streamers* e produtores de conteúdo no geral indo para lá e para cá com seus corpos acoplados ao sinal de qualquer tumulto, ávidos pelo furo-sangue; e a total crise de identificação entre manifestantes e o universo ao redor: policiais, torcedores, viaturas, a indiferente via pública – só a calçada abria caminho para nós, a não ser quando era habitada por uma reunião de torcedores fazendo churrasco ou coisa parecida. Habitávamos e registrávamos uma temporalidade só nossa.

Por último, a sensação de *reality show* foi coroada na última manifestação daquela Copa do Mundo, em 13/07/14, data da final entre Alemanha e Argentina, que acontecia no

Maracanã, Rio de Janeiro. O ato todo seguiu o roteiro já indicado, com todos os ingredientes dos protestos anteriores, talvez um pouco mais dramático pela tensão que as circunstâncias impunham: alguns ativistas haviam sido presos um dia antes dos protestos da final, numa intenção clara de intimidar e desmobilizar os manifestantes. Duas situações, entretanto, me perturbaram em minha encenação real e irromperam em meu registro – eu não estava transmitindo, por uma falha na câmera de vídeo do meu celular, mas registrei em vídeo com outra câmera partes do ato, “simulando” uma transmissão. Num dos momentos de maior tensão, quando estávamos acuados na Praça Seans Peña, na Tijuca, por centenas de policiais, bombas de efeito moral, gás lacrimogêneo e balas de borracha; eu registrava os tumultos e a chegada da cavalaria na praça, quando minha “transmissão” foi capturada por um senhor idoso sentado em um banco da praça bem ao meu lado. Ele fumava um cigarro e era acompanhado por um livro de aparência antiga, repousado ao seu lado no banco, e um copo de Guaraviton, disposto no chão perto dos seus pés. A cena da qual o senhor idoso era protagonista mal *pixelizava* ao estouro de bombas próximas. Aquilo me tirou de rota e quase caí da fenda temporal em direção a um buraco negro que tudo sugava, inclusive a mim. Como era possível resistir à encenação? Logo retornei ao tempo da transmissão quando ouvi gritos de alguém sendo detido, ou espancado, ou revistado; e fui naquela direção. Já nos *finalmentes* da manifestação, quando todas as bombas já haviam estourado e poucos manifestantes e mídias haviam restado por ali, tentei sair da praça para seguir para Copacabana, onde estava alocada na casa de uma amiga. Entretanto, quando cheguei próximo à barreira policial, fui impedida de seguir em frente: eu e tantos outros deveríamos ficar naquele local por tempo indeterminado, por motivos indeterminados. As câmeras devidamente guardadas em mochilas, *cases*, penduradas no pescoço feito rede de cochilo; voltariam a transmitir aquele ato final não programado que seguiria o mesmo roteiro do capítulo anterior: bombas, correria, detenções, discursos mobilizadores. A diferença era que só tínhamos uma locação possível: o interior da praça, cercada em sua margem por um cordão de contas bem ajustadas. Carioca e seu celular foram agredidos por policiais e bradariam juntos depois um discurso de mobilização, que fora acompanhando por dezenas de câmeras, microfones e celulares, em solidariedade. Depois começamos todos a perceber que somente seríamos liberados daquela prisão pública – daquele filme– quando fosse encerrado o jogo da final da Copa do Mundo. E assim aconteceu. Voltando para Copacabana, fui aos poucos me desvinculando dos muitos papéis que assumi, ali, naquela praça da Tijuca,

e o corte final veio em forma de lamento: centenas de argentinos chorando pelas calçadas de Copacabana a derrota para a Alemanha.



Figura 7 – Fenda no tempo.

**2) Rede informacional:** agentes coletivos, pois, tanto simbolicamente como na física da ação, os *streamers* eram constituídos pelas múltiplas vozes de seus corpos acoplados. Dessas múltiplas vozes, faz parte o que Ivana Bentes chama de pós-telespectador de uma pós-tv, conceitos dos quais fazem parte os manifestantes virtuais, “[...] que participam ativamente dos protestos/emissões discutindo, criticando, estimulando, observando e intervindo ativamente nas transmissões em tempo real [...]” (BENTES, 2014, p. 331). Essas vozes eram nós de rede que orientavam rotas dos protestos, sugeriam entrevistados ou imagens, entoavam expressões de estímulo ou “gritos de guerra”, compartilhavam e viralizavam o link ativo.

Esse pós-telespectador faz parte do ao vivo de forma distinta da audiência televisiva tradicional, apontando para uma televisão reversa, em que o chat de comentários mais poderia ser outra câmera em diálogo, se constitui como parte de uma intensa demanda por sentido e montagem que ativa o “ex-pectador” tornado interator (BENTES, 2014, p. 335).

As múltiplas vozes que constituem o *streaming* já não suportam a separação entre quem age e quem olha, quem transmite e quem assiste a transmissão. Mesmo que, em alguns momentos, o *streamer* empoderado pelo celular parecesse assumir o papel de protagonista

da ação – a exemplo de quando há detenções de alguns deles pela polícia, gerando comoção em torno de suas figuras –, o fato de ele ser nó de rede foi tão definidor de sua não-essência individual que quase pude imaginá-lo fantoche do chat de vozes entrando no camburão e sendo, depois, liberado. A clássica prisão de Carioca durante manifestação de 22/07/2013 é emblemática desse ponto. O *streamer* não interrompeu a transmissão quando estava já dentro do camburão porque isso lhe custaria, simbolicamente, a *vida*: não seria mais *streamer*, estariam cortados os fios da rede do qual sua não-essência faz parte (NINJA, 2013). Estaria interrompido o rastro de sua existência. Importante lembrar que o celular de Carioca estava com a bateria descarregada ao entrar no Camburão e, não fosse algum manifestante emprestar a ele um outro *smartphone* – um *smartphone* “pessoal” somente à primeira vista, então –, nada haveria além de mais um Ninja detido (como outros Ninjas foram detidos nesse mesmo dia, além de manifestantes). Só Carioca saiu carregado da 9ª DP.



Figura 8 – Corpo-nó feito mito. Fonte: facebook/midiaNINJA

\*\*\*

Diego Ceciliano tornou-se Blackninja em junho de 2013: um dos *streamers* mais ativos da jornada de protestos daquele ano. Diego contou que a defasagem entre o que ele vivenciava quando acompanhava alguma manifestação e o que se apresentava nos meios de comunicação tradicionais foi o estímulo para a adoção do novo corpo. “A partir daí eu criei

um link no *twitcasting* para estar divulgando o que realmente acontecia na manifestação, sem corte, sem censura e ao vivo, ali, olho no olho, suor com suor”, relata.<sup>153</sup> Diego, assim como muitos outros nós da rede informacional tecida nas manifestações, foi enxameado pelo desejo de fidelidade ao que, para ele e para tantos, *acontecia* nos protestos. E a concretização desse retrato fiel vinha justamente através da transmissão “sem corte, sem censura”, viabilizada principalmente pelo acoplamento organismo-celular, feito arma de dispersão de uma contra narrativa.

Eu sou um Ninja porque na minha vida de ativismo eu percebi, até nessa etapa de junho pra cá, eu percebi uma grande manipulação da grande mídia.[...] Aí eu ficava pensando: “Será que aquilo é um jornalismo?” [...] a partir daí eu decidi criar um link no *twitcasting* pra tá divulgando o que que realmente acontecia na manifestação, sem cortes, sem censura e ao vivo ali ó, olho no olho, suor com o suor. Então, é... isso acabou me levando a ser um Ninja: a grande manipulação e edição ridícula que a grande mídia fazia, não passando a verdade das manifestações.<sup>154</sup>

Outro dos *streamers* das ruas cariocas, Rodrigo Modenesi, nem de longe lembra alguma figura associada ao seu codinome, o que ele utilizava no *twitcasting*: MorreDiabo72. Contou-me, em entrevista (realizada em 3 de julho de 2014),<sup>155</sup> sobre a paixão de estar nas ruas, impulsionado pelo motivo “não sei explicar”. A exemplo de alguns, caminhava solitário e não esteve vinculado diretamente a nenhum coletivo de mídia, mas fez questão de exaltar a rede de solidariedade entre *streamers* nas manifestações. Disse-me que iria começar naquele ano de 2014 uma pesquisa de doutorado sobre a utilização dos celulares como armas contra o poder estabelecido. Nas ruas, o acoplamento técnico permitia o surgimento do novo corpo: um solitário nó de rede.

Rodrigo contou-me que sua história como *streamer* começou no Ocupa Cabral.<sup>156</sup> Sensibilizado, Rodrigo levava água e alimentos para os ocupantes e, certo dia, um celular caiu na sua mão. O corpo estranho repousou ali por alguns minutos; só uma pelada esquentou as coisas. Black blocs *versus* Ocupantes: a primeira transmissão ao vivo de Modenesi. A primeira digital de MorreDiabo72. Ganhou o codinome de alguém que assistia,

<sup>153</sup> Trecho do depoimento em vídeo gravado pelo *streamer* em 6 nov. 2013. Quando retornei para o campo da Copa do Mundo de 2014, Diego já não estava mais na ativa. O *Blackninja* deixava de ser nó de rede.

<sup>154</sup> Trecho do depoimento em vídeo gravado pelo *streamer* em 6 nov. 2013.

<sup>155</sup> No dia da entrevista, Rodrigo parecia preocupado com os (des)caminhos do movimento, com hipotéticas perseguições que vinha sofrendo e com a não-segurança de dados na rede.

<sup>156</sup> Ocupação em frente à residência do então governador do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral, no bairro Leblon, durante os meses de junho, julho, agosto e setembro de 2013.

nesse dia, a transmissão de outro *streamer*, o Blackninja. “Olha lá, o Morre Diabo, passou ali”. Morre Diabo é, originalmente, Emílio Eduardo da Rocha Devesa, transformado em meme quando foi detido em 2010, na cidade de Cerro Azul (PA), suspeito de ter assassinado a mãe. Incomodado com um dos jornalistas que tentava entrevistá-lo, Emílio lançou o imperativo que faria sucesso. Anos depois, diria alguém, no *streaming* do Blackninja, sobre Rodrigo: “Igalzinho o ‘Morre Diabo’”. Rodrigo dizia não ser um *streamer* de linha de frente, de “combate”. Por isso, mapear os afetos antes do início do ato sempre foi importante para ele: localizava os advogados ativistas, os socorristas, as rotas de fuga possíveis em caso de confronto violento entre manifestantes e policiais. Seu ponto-forte, segundo ele, é a conversa. Rodrigo procurava compreender por que as pessoas presentes no ato estão naquele lugar, quais suas motivações. Além disso, dialogava com quem está acompanhando o protesto pelo chat da transmissão, não raro solicitando doações em caso de necessidade. Rodrigo potencializava a rede informacional.

Paula Daibert não fazia a linha *streamer* em todas as manifestações. Sua habilidade com redação de texto a deslocava para outras funções dentro da Mídia Ninja, com a qual colaborava. Conheci Paula quando ela fazia dupla com Thiago Dezan na cobertura dos protestos do dia da Independência em 2013: ele fotografava enquanto Paula apurava, entrevistava e enviava informações para a base. No dia seguinte às manifestações do 7 de setembro houve um ato em frente à embaixada da Rússia, no Leblon, o BeijATO: um protesto carnavalesco e bem-humorado, embora tratasse de assunto dos mais sérios. O gancho eram resoluções homofóbicas do presidente russo Wladimir Putin, mas os manifestantes ampliaram a pauta em protesto aos muitos casos de homofobia existentes também no Brasil. O ponto alto do ato foi a projeção de um vídeo-protesto no muro da embaixada russa, em que diversos ativistas se beijavam. O momento conclamava a que todos ali fizessem o mesmo. O embaixador da Rússia no Brasil não deu as caras, mas aquele protesto me rendeu meu primeiro *streaming* e uma das experiências mais complexas em termos de sentir-se nó numa rede informacional. Quem me convidou para o BeijATO foi a Paula, que, nesse dia, junto com a também *streamer* Júlia Mariano faria a transmissão ao vivo do protesto. Paula me convocou então a também transmitir. Intuitivamente, embora acessando a memória de transmissões que havia acompanhado, construí minha transmissão com base na descrição das ações que se desenvolviam e, principalmente, em entrevistas com pessoas ali presentes. Só me dei conta que pertencia a uma rede bem maior quando

alguém no chat começou a conversar comigo. A voz em texto dizia ser da Rússia e me informou que lá um grupo de ativistas também se manifestava no mesmo momento pelas mesmas leis homofóbicas de Putin. Pedi então para informar aos manifestantes brasileiros que de lá os estavam apoiando. Para que a mensagem chegasse a todos, fui a uma das lideranças do ato, que portava um megafone, e pedi que anunciasse o apoio dos ativistas russos. Ela então bradou pelo megafone o anúncio, o que fora aplaudido por todos ali presentes. Através da minha transmissão, o chat também se movimentou em aplausos após acompanhar a cena. A rede que se formou no ato final conectava aplausos intercontinentais através de um celular de última geração e um megafone. Paula contou-me depois que também uma pessoa que se identificou como ativista russo estabeleceu um diálogo com ela pelo chat, e chegou a narrar a violência que sofriam por lá, naquele momento, alguns manifestantes.

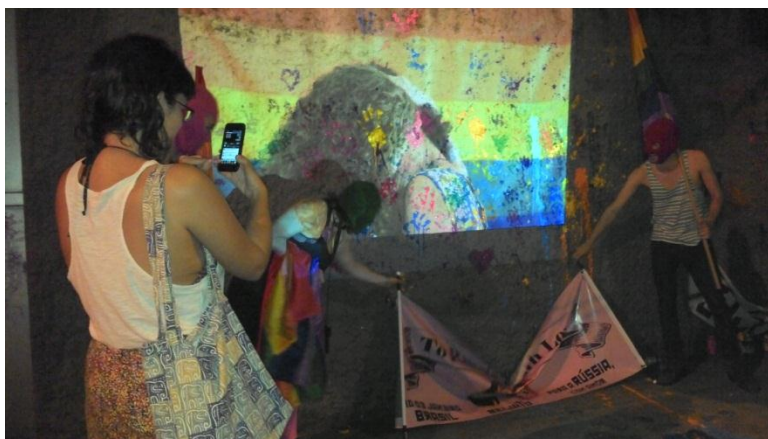


Figura 9 – Paula como nó de rede intercontinental.

**3) Inserção na ação:** nesse caso, há variantes de intensidade consideráveis. Da vestimenta básica para que produtores de conteúdo fossem reconhecidos como tais *dentro* da manifestação fazia parte um celular ou qualquer outro dispositivo móvel de registro. Complementarmente, capacetes, carregadores portáteis, máscaras e óculos de proteção, integravam o corpo ocasionalmente aceito como dócil: aquele que está *do lado* dos manifestantes, mesmo que os protestos agregassem uma variedade tão grande de perspectivas que, na prática, fosse impossível se identificar com todas elas. Digamos que esse acoplamento seja uma espécie de crachá de entrada. Houve vários modos de inserção na ação, dependendo do tipo de adesão ritualística do corpo individual ao corpo coletivo.

Chamou-me a atenção dois deles: o *provisório* e o *radical*. Frequentemente, jornalistas profissionais de grandes empresas de comunicação inseriam-se nas manifestações omitindo o vínculo empregatício, dispensando crachás, canoplas ou marcas de quaisquer tipos – objetos técnicos que iriam *entregar* uma *verdadeira* identidade corpo-profissional. O acoplamento padrão – celular em punho – servia, nesse caso, como disfarce. O disfarce servia como proteção contra agressões físicas e simbólicas executadas pelos próprios manifestantes, que associavam o funcionário à empresa, e a empresa à prática, combatida ali, de manipulação de informações a favor de interesses de grandes corporações – generalizando ao máximo as pequenas acusações generalizantes entoadas nos momentos de descoberta e expulsão de jornalistas profissionais. A perspectiva não os capturava totalmente, havia adesão parcial ao ritual e sobravam, assim, arestas identificáveis: um caminhar solitário, um rumo incerto, a narração que não saia, um telefonema suspeito. Presenciei alguns momentos em que jornalistas profissionais “desencarnaram” e logo foram banidos do ritual.<sup>157</sup> Só *provisoriamente* estiveram encarnados, autorizados pelo acoplamento técnico reconhecível. O caso clássico da expulsão de um jornalista da GNews durante os protestos de 7 de setembro de 2013 no Rio de Janeiro também é exemplificador desse desencarne, que virou *hit* no falatório sobre os atos daquele dia muito em razão de o profissional expulso ser filho do jornalista carioca Fernando Molica.<sup>158</sup>

Quando se trata de inserção *radical* na ação, os únicos autorizados plenamente pelo corpo coletivo eram os midiativistas, embora tenham existido alguns poucos jornalistas profissionais bem aceitos. Eles eram reconhecidos pela intimidade com o protesto: portavam-se como músicos de uma orquestra feita de quaisquer números de sonoridades. Cada passo-nota era preciso: o registro certo do alto do andaime, do meio do conflito; a narração épica, dramática, com início, meio e fim; a câmera empunhada como arma, de

---

<sup>157</sup> Em 15/06/2014, um domingo, foi o dia do primeiro jogo da Copa do Mundo a ser realizado no Maracanã-RJ. Argentina e Croácia. Acompanhei as manifestações que seguiram da Praça Saenz Peña até o referido estádio. Já no fim do ato, um homem chegou perto do grupo que eu estava acompanhando e disse que havia jornalistas da Globo ali por perto. Interpretei o aviso como algo do tipo: “Vamos lá que vai ter confusão!”. Quando chegamos até o local indicado, já havia certa aglomeração. A equipe de reportagem da GNews estava sendo expulsa do ato por manifestantes e midiativistas. Alguns que estavam ao redor dos jornalistas, bradavam gritos de expulsão (“Ei, Globo, vai tomar no cu!”), enquanto empunhavam seus celulares como arma de ataque (ou defesa). Os jornalistas foram recuando e os manifestantes seguiram expulsando-os. Muitos midiativistas estavam ali reunidos, gravando a cena, e, alguns, bradando as mesmas ofensas.

<sup>158</sup> Nesse dia, acompanhei os protestos do 7 de setembro junto com Dezan. Acompanhei da base Ninja a repercussão do episódio. Sobre o fato, ver capítulo VI (“Quando o celular é uma arma”) do livro *Jornalismo Século XXI – o modelo #MídiaNINJA*, de Elizabeth Lorenzotti. Ver também o texto publicado por Fernando Molica (2013) em seu blog no dia posterior à expulsão de seu filho do protesto.



ataque, de defesa; a transmissão ao vivo da prisão; e a troca de informações com outros corpos reconhecidamente “mediativistas”. Gian Martins frisou que procura estar sempre na linha de frente dos acontecimentos: “É um jornalismo que está inserido na ação: quando a mídia tradicional está no helicóptero ou assistindo ao longe, em cima dos prédios, a gente está dentro da ação, na linha da frente”.<sup>159</sup>

Transmuta-se assim o papel tradicional do repórter: de comunicador dos acontecimentos, aquele que busca eximir-se de suas parcialidades para a revelação de um fato “concreto”; para interventor no mundo, aquele que legitima e valoriza sua condição de agência em relação aos fatos. Paula Daibert contou-me sobre um episódio em que questionou diretamente um político durante a CPI<sup>160</sup> dos ônibus, em 2013, no Rio de Janeiro:

Era uma reunião fechada, que não foi amplamente divulgada [...]. Acabou a reunião, eu fui conversar com um dos vereadores da CPI, eles estavam falando que os interesses populares estavam sendo levados em consideração na CPI. Aí eu falei: “Quais interesses populares? Você já foi lá fora conversar com as pessoas que estão ocupando a entrada da Câmara há meses?”. Aí ele disse: “Não, não”. Aí eu falei: “Eu acho importante que você vá”. Aí ele disse: “Prometo ao vivo aqui na Mídia Ninja que eu vou lá fora”.<sup>161</sup>

Segundo Paula, o vereador foi até a Ocupação, desenrolou um discurso vazio e foi vaiado por todos ali presentes. A função social do jornalismo, para ela, seria justamente a de cobrar as autoridades sobre assuntos de interesse público: “Se os jornalistas não levam para o colo deles, os temas não vão ser debatidos [...]. A Mídia Ninja causou esse ato político a partir do momento que contrastou uma coisa básica”, defendeu Paula,<sup>162</sup> referindo-se à falta de participação popular efetiva nas decisões políticas. Outro exemplo da atuação do Ninja como agência nos acontecimentos, inseridos radicalmente na ação, é o episódio de retomada da Aldeia Maracanã – antigo Museu do Índio- em agosto de 2013, após o julgamento que negou a concessão do prédio para que os indígenas pudessem ocupar, em favorecimento de obras relacionadas à Copa do Mundo de 2014. “Eles [indígenas] dizem isto: por a gente estar lá gravando, a polícia não abusou como eles sempre fazem”, contou-me Paula.<sup>163</sup>

<sup>159</sup> Informação fornecida por Gian Martins no dia 17 jul. 2013, via Skype.

<sup>160</sup> Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI): investigação conduzida pelo poder legislativo.

<sup>161</sup> Informação fornecida por Paula Daibert em 10 set. 2013.

<sup>162</sup> Informação fornecida por Paula Daibert em 10 set. 2013.

<sup>163</sup> Informação fornecida por Paula Daibert em 10 set. 2013.

\*\*\*

“Papo de 10 horas, deixa eu pegar um cigarro ali”.<sup>164</sup> À época de minhas vivências de campo, Thiago Dezan morava na base do Rio de Janeiro e atuou intensamente na cobertura das manifestações, principalmente como fotógrafo. Ele citou o episódio da retomada do prédio da Aldeia Maracanã como exemplo de envolvimento radical entre os Ninjas e os indígenas que ocupavam o local:

Fomos de *busão* com os índios até o Maracanã e entramos, invadimos o prédio juntos, ficamos lá no telhado junto com eles, com o Choque [Batalhão de Polícia] lá embaixo. Os índios falando com a Secretária de Cultura: “Vem aqui”. A secretária não queria vir, até que eles falam: “Estamos ao vivo, estamos no Ninja”. E aí a Secretária aparece.<sup>165</sup>

Dezan argumentou que o jornalismo praticado pela Mídia Ninja é mais cidadão que aquele desenvolvido pelas corporações midiáticas, pois valoriza o “olho no olho” e está comprometido com a construção de um novo mundo possível. Para isso, segundo Dezan, o envolvimento entre repórter e acontecimento é imprescindível: “O Ninja faz muito isso, está de corpo presente, não em um plano superior, em um helicóptero”.<sup>166</sup> Sobre sua participação no Ocupa Câmara Rio<sup>167</sup>, em 2013, ele contou:

Eu lembro que eu estava na ocupação da Câmara aqui do Rio, já tinha cinco dias. Aí eu falei: “Galera, vocês tem que aprender também, eu não vou poder mais ficar aqui, tem um monte de coisa acontecendo na rua”. [...] Fiquei *127 horas*, escrevi um “relatão”. E aí eles falaram: “Se você sair a gente vai sair também, a gente vai apanhar”. Aí eu falei: “Vocês podem transmitir também”. Aí eu dei uma oficina de Ninja para os moleques. E eles estavam lá, transmitindo ao vivo depois (informação verbal).<sup>168</sup>

Da primeira formação de colaboradores da Mídia Ninja no Rio de Janeiro, fez parte a jornalista Raquel Boechat. Ela relatou-me que sua atuação na jornada de junho foi ao encontro de uma série de angústias pessoais relacionadas a questões políticas e ao seu papel como cidadã. Mas foi o dia 13 de junho de 2013 que a “tirou da cama” de fato:

<sup>164</sup> Informação fornecida por Thiago Dezan em 10 set. 2013.

<sup>165</sup> Informação fornecida por Thiago Dezan em 10 set. 2013.

<sup>166</sup> Informação fornecida por Thiago Dezan em 10 set. 2013.

<sup>167</sup> Ocupação em frente à Câmara de Vereadores do Rio de Janeiro, ocorrida nos meses de agosto e setembro de 2013.

<sup>168</sup> Informação fornecida por Thiago Dezan em 10 set. 2013.

Eu estava assistindo ao vivo, da Globo News de São Paulo, e a violência da polícia paulista, e eu comecei na Internet, paralelamente com a TV ligada, a catar informações sobre o que estava acontecendo, e eu comecei a ver que tudo que eu estava vendo [na TV] era completamente diferente das oito mil versões da Internet.<sup>169</sup>

A dissonância entre informações a levou para a rua, numa atitude de descontentamento e revolta. “Aí eu falei: ‘A Globo tá mentido para mim’, e que porra é essa de ficar batendo nas pessoas na rua? Vou para a rua também!”<sup>170</sup>

O acoplamento técnico era prerrogativa da nova identidade e, como para tantos outros midiativistas, permitia que Raquel estivesse imersa radicalmente na ação, a exemplo da “Batalha das Laranjeiras”<sup>171</sup>, no dia 11 de julho de 2013. A jornalista contou que estava em um ato em frente ao Palácio da Guanabara, no Rio de Janeiro: segundo ela, um dos mais violentos daqueles tempos. Alguém avisa: “Tem gente sendo presa no hospital!”. Raquel corre até lá. Um primeiro bombardeio já havia ocorrido, muita gente dentro do prédio que tinha passado mal por conta do gás lacrimogêneo estava sendo assistida. Ela e outros midiativistas, além de auxiliar na assistência às vítimas, aproveitam para carregar equipamentos e *upar* fotos. “Eu tava no hospital, aí o Massachi [outro midiativista] falou: ‘Sabe a minha [bateria], empresta a minha bateria.’ Aquelas bateriazinhas que na época ninguém tinha, mas como o Massachi era japonês, o pai dele deu no Réveillon”, lembrou ela.<sup>172</sup> Foi quando novas bombas de gás começaram a chover na entrada do hospital. A primeira delas cai bem ao lado de Raquel, que fotografava o ataque. Ao correr de volta para o prédio, nem a porta *blindex* a para.

---

<sup>169</sup> Informação fornecida por Raquel Boechat em 7 jul. 2014.

<sup>170</sup> Informação fornecida por Raquel Boechat em 7 jul. 2014.

<sup>171</sup> Raquel escreveu um relato sobre o que ela chamou de “Batalhas das Laranjeiras” no blog do Coletivo Carranca (BOECHAT, 2014).

<sup>172</sup> Informação fornecida por Raquel Boechat em 7 jul. 2014.

Aí eu falei: “cara se você quer saber eu vou aqui fora então, vou fotografar”. E lá fui eu no outro celular, na beirinha assim, subi num canteirinho fiquei atrás da grade de onde as bombas estão, ai começou a vir bomba assim em cima, [...] foram quatro bombas, uma delas bateu aqui em mim e aquela fumaça branca e a gente tampou a fugir pra um canto assim desse pedaço de garagem, tinham uns tapumes, tinha uma obra. As pessoas fazendo assim [tirando o tapume] e aí o tapume não dava em nada, dava numa parede, ai ficou aquele meio pânico, tinha uma moto, todo mundo atrás da moto.

LARA: E você tava de máscara?

RAQUEL: Eu tava, porque eu comprei pra Copa das Confederações depois do trinta de junho. Eu falei: “não vai dar”. Aí, quando o menino atrás de mim falou “eu não tô aguentando, eu não tô aguentando, eu não vou respirar, não vou respirar”, eu tinha sido a última a entrar ali no cantinho, tive que ser a primeira a sair, fui correndo desembestada pra voltar pro hospital [...] tinha umas quatro bombas estourando ali, esqueci que tinha uma porta, esqueci.

LARA: Sentou a cabeça na porta.

RAQUEL: Entrei correndo, entrei com tudo correndo.<sup>173</sup>

De fato, a inserção radical na ação só era permitida, no geral, aos midiativistas. Entretanto, alguns jornalistas profissionais insistiam em fazer valer o direito de estarem nas ruas cobrindo a manifestação. Conheci Lucas Vettorazzo pelo crachá, no meio de uma manifestação que foi parar na Lapa. Nesse dia, ele carregava a identificação: repórter da sucursal no Rio da Folha de São Paulo. A radicalidade de sua inserção, ao contrário do que acreditava grande parte dos midiativistas, estava justamente na ocupação irrestrita do acontecimento, o que significava, para ele, não tomar partido de lado algum da história. A personalização do texto, narrado ou escrito, não contribui, segundo Lucas, para a isenção que o repórter deve ter:

Eu acho que, na real, eu ainda sou, ainda penso naquele conceito antigo de jornalismo de que o repórter não deve aparecer no texto. [...] eu acho que personalizar o narrador contribui para um fato menos isento, não no que diz respeito à linha editorial, mas isento nos fatos, ali na hora, né? Você tem que narrar o que tá acontecendo e não se a polícia é truculenta ou se o manifestante é vândalo.<sup>174</sup>

Lucas disse que o dia do quebra-quebra na loja de roupas Toulon, em 17 de julho de 2013, foi a primeira vez que esteve de fato *vestido* a rigor: “[...] de máscara, capacete, no meio do confronto, a porrada acontecendo”, contou.<sup>175</sup> Às três horas da manhã, quando chegou em casa, um relato em primeira pessoa deu conta do ocorrido. Entretanto, o editor de São Paulo alertou: “Olha, o que aconteceu no bairro mais nobre do Rio de Janeiro é maior

<sup>173</sup> Informação fornecida por Raquel Boechat em 7 jul. 2014.

<sup>174</sup> Informação fornecida por Lucas Vettorazzo em 7 jul. 2014.

<sup>175</sup> Informação fornecida por Lucas Vettorazzo em 7 jul. 2014.

do que o que aconteceu com o repórter”.<sup>176</sup> De primeira, o texto passou para terceira pessoa: “Madrugada de caos assusta moradores da zona sul do Rio” (VETTORAZZO, 2013), pretensamente a favor do que o jornalista defendia ser uma postura narrativa que prezasse pela isenção:

Eu fiquei do lado dos garotos e a polícia adotou uma tática aquele dia que ela não passou de uma determinada barreira, que era basicamente quando terminava a esquina do governador. Então, os caras quebraram muita coisa, botaram fogo, fizeram barricada e tal e ficou um território, assim, meio uma zona de ninguém ali. E eu tava passando tudo por telefone. Então, assim, até então, nem as TVs nem ninguém não tinha tido a dimensão do negócio. A medida que o... foi passando a noite, a coisa começou a ficar mais complicada, porque a polícia não aparecia, aparecia às vezes de motocicleta e tal, os garotos continuando quebrando, quebraram praticamente todas as agências bancárias do Leblon até Ipanema e barricadas de fogo na rua, já não se via mais ninguém e aquilo foi uma... Eu adorei fazer aquela cobertura, foi muito legal. Foi ali que eu comecei, que eu gostei do negócio, entendeu? Porque é foda, adrenalina é uma coisa...[...] E assim, eu relato, o meu relato na matéria é: “A manifestação começou de um jeito, rolou um confronto, a partir do primeiro confronto, a polícia ficou uma hora sem responder, digamos, ao confronto, o que permitiu que os ativistas quebrassem o Leblon inteiro e só depois, horas mais tarde, a polícia, de fato, foi pra rua pra tentar parar o que tava acontecendo”.

LARA: E aí você faz uma reflexão sobre isso ou não? Na matéria...

LUCAS VETTORAZZO: Olha, na matéria, não. Na matéria a ideia é que a gente narre os fatos e o leitor tire as suas próprias conclusões. A minha conclusão é muito simples e, assim, é... não precisa ser um grande gênio, né?

LARA: Uhum.

LUCAS: Acho que talvez essa condescendência da polícia em não evitar isso fosse uma manobra pra mudar a opinião pública de lado. Isso aconteceu mais de uma vez aqui no Rio de Janeiro.<sup>177</sup>

**4) Segurança dos corpos e intimidação do Inimigo:** a intimidade com qualquer objeto de registro, feito corpo, era condição tanto para se proteger de agressões físicas e simbólicas quanto para intimidar, com o celular feito arma, os corpos inimigos. Para os midiativistas, especialmente os *streamers*, o celular empunhado na direção de um inimigo, funcionava como instrumento de contra vigilância e intimidação. Thiago Dezan sintetizou bem a relação dos midiativistas com os dispositivos móveis, que transcendiam a função de ferramentas de registro: “Hoje a gente não precisa mais pegar em armas, nossas armas são câmeras. A gente consegue ter outras linguagens para estabelecer uma disputa simbólica”.<sup>178</sup> Os inimigos mais *diretos*, presentes nos protestos, eram os policiais, entendidos ali, em sua maioria, como agentes de repressão direta, não raro violenta, e

<sup>176</sup> Informação fornecida por Lucas Vettorazzo em 7 jul. 2014.

<sup>177</sup> Informação fornecida por Lucas Vettorazzo em 7 jul. 2014.

<sup>178</sup> Informação fornecida por Thiago Dezan em 10 set. 2013.

agentes de vigilância do poder repressivo. Nessa relação, midiativistas-policiais, o celular, para os primeiros, dizia para os segundos: “Estou te vigiando! Se você me agredir, o mundo inteiro vai *ver*”. Ele vigiava o vigilante e, ao mesmo tempo, intimidava com a promessa muda de que as imagens iriam reverberar provas incontestes de abusos e agressões. A câmera *disparava* contra os policiais. Os midiativistas e, especialmente os *streamers*, tornaram-se protagonistas da intimidação, ao aliarem-se a uma câmera combativa que, como frisa Ivana Bentes, “[...] usa o poder/potência de exposição *on line* contra as autoridades policiais, com o monitoramento dos muitos e a multidão em tempo real” (BENTES, 2014, p. 334). Interessante perceber que o registro da ação, como estratégia de segurança e\ou vigilância nos protestos, não era exclusivo dos midiativistas. Também os policiais passaram a fazer uso dessa estratégia, inaugurando um embate direto câmera com câmera. Foram muitas as vezes em que encontrei policias nos protestos empunhando dispositivos de registro. No dia do primeiro jogo da Copa do Mundo a ser realizado no estádio do Maracanã, no Rio de Janeiro, em 15/06/2014, abordei um policial que estava transmitindo ao vivo a manifestação com um *mochilink*. Indaguei sobre a função da transmissão. Segundo ele, o motivo era o resguardo de sua segurança, embora parecesse funcionar muito mais como uma estratégia de mídia tática, já que a posse de imagens da manifestação em tempo real conferia aos policiais um maior controle sobre os rumos do ato, bem como a identificação de seus atores, a fim de planejar ações repressivas imediatas ou futuras. Antes de abordá-lo, empunhei meu celular na direção dele, ação que logo fora retrucada com a mesma disposição: sua câmera foi logo direcionada a mim e assim ficou até que eu desviasse minha arma daquela farda. Nos protestos da final da Copa do Mundo, outro policial transmitia portando um *mochilink*, e o mesmo duelo entre câmera e celular aconteceu. Da mesma forma, me rendi, por precaução. Bentes destaca justamente essa dupla qualidade que as imagens combativas assumem no protesto: são salvo-conduto, mas também inimigos a neutralizar.

A câmera usada como arma de combate, ostensiva ou escondida, é um dos principais alvos dos inimigos. Câmera que é atacada diretamente ou tapada, quando usada ostensivamente como salvo-conduto para testemunho de uma ação arbitrária ou violenta da polícia. As imagens provocam situações de segurança/insegurança. São o salvo-conduto para que um manifestante ou o próprio cinegrafista não seja atacado ou detido, mas as imagens são também o “inimigo” a neutralizar (BENTES, 2014, p. 337)

Carioca nasceu nas Minas Gerais e cresceu na região serrana do Rio de Janeiro. Em 2008, o *streamer* mudou-se para São Carlos (SP) para cursar Imagem e Som na Universidade Federal da cidade (UFSCar). Foi quando conheceu o trabalho do FDE e começou a colaborar com a rede. Em 2012, largou a faculdade para seguir mais intensamente a vida fora do eixo. “Não tranquei nada, não peguei nenhum documento, simplesmente não fui mais”.<sup>179</sup> Carioca era *streamer* conhecido nas ruas do Rio de Janeiro e já foi detido diversas vezes durante sua atuação nas manifestações. O celular em punho, provocativo, direcionado aos policiais, era responsável, não raro, pelas frequentes idas do *streamer* às delegacias. Paradoxalmente, o objeto também assumia a função de protagonista de suas liberações. Em sua detenção emblemática, durante a cobertura da chegada do Papa Francisco à capital do Rio de Janeiro, Carioca seguiu transmitindo sua detenção ao longo do percurso até a delegacia. O seguinte post foi publicado na página do Ninja (2013) no momento da detenção do *streamer*: “Urgente, repórter Ninja preso pela tropa de choque por transmitir a manifestação. Ele segue ao vivo no camburão em [www.twitcasting.tv/midianinja](http://www.twitcasting.tv/midianinja). Espalha! #midianinja”. Em outro momento, durante as manifestações que aconteceram no dia da final da Copa do Mundo, Carioca fora agredido por policiais e seu celular não fora poupado. Após as agressões, o *streamer* deu continuidade à transmissão e, com o celular empunhado, discursou em tom de protesto e mobilização:

É uma vergonha a polícia militar do Rio de Janeiro [...] eu fui documentar a polícia chegando com suas motos e de uma forma totalmente arbitrária vieram pra cima de mim e começaram a me agredir, [...] quebraram meu celular, mais uma vez, caiu meu equipamento.

Depois, conversando com uma pessoa próxima ao cordão de policiais, Carioca disse em tom de provocação aos ouvidos atentos: “[...] tem 1.7000 pessoas assistindo, já passaram pela transmissão 7.000 pessoas, que viram essa porra, essa babaquice, sacô?”.

No dia 18 de maio de 2015, Carioca lamentou em post a morte de seu “chapa”:

---

<sup>179</sup> Informação fornecida por Carioca, em 11 set. 2013.

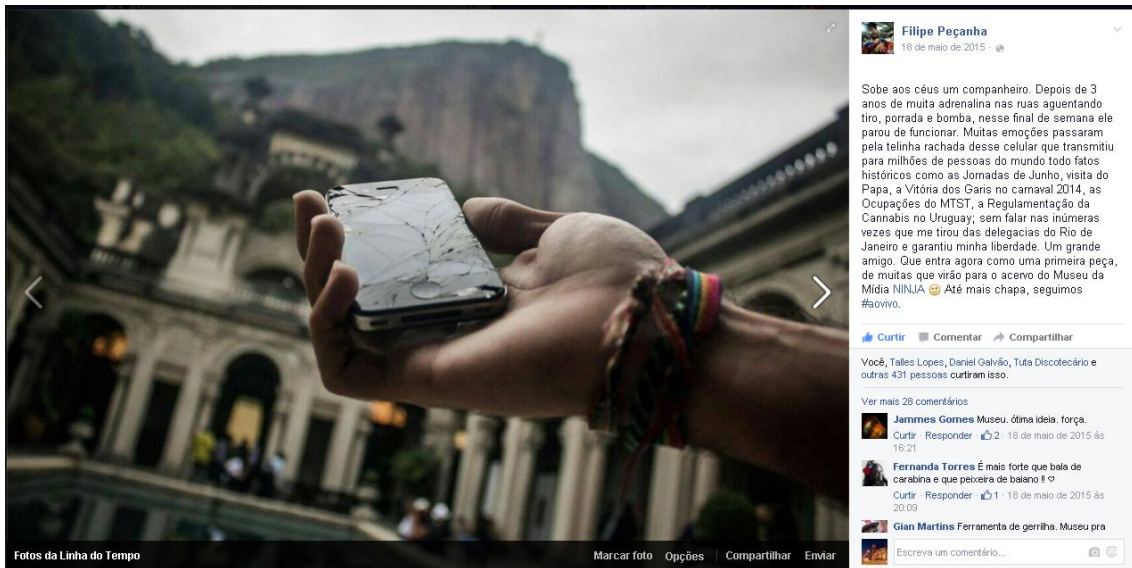


Figura 10 – Print screen do post em que Carioca anunciou que perdia seu companheiro.

Raquel Boechat não assumia o mesmo estilo intimidador que Carioca, embora se valesse do agenciamento técnico para garantir sua segurança nos protestos. Raquel contou que no dia em que atravessou a porta *blindex* do hospital para fugir de bombas de gás lacrimogêneo lançadas pela polícia, ela estava já devidamente paramentada. Em protesto anterior foi que percebeu que sem viseira, ao menos, não poderia enxergar nada durante os confrontos, já que o gás lançado, não raro, em algum momento de cada manifestação embaçava seus óculos de grau:

[...] aí eu comprei a viseira, a máscara e tal, e comprei um negócio de carregar ferramenta, que prende no cinto, pra operário mesmo, electricista, parece uma super cartucheira, e ali eu enfiava tudo: câmera, carregador, e eu ia sem bolsa e sem mochila (.<sup>180</sup>

A segurança dos dados que circulavam por sua rede de comunicação também era uma preocupação de Raquel, assim como do *streamer* Rodrigo Modenesi. Tanto Raquel quanto Rodrigo desconfiavam que seus celulares fossem grampeados e utilizavam programas e aplicativos que oferecessem a melhor segurança contra roubo de dados na Internet, como a rede social Telegram e o navegador Tor: “[...] qualquer rede social criptografada. Que não seja norte americana, que não seja Whatsapp e nem Facebook”,<sup>181</sup> explicou ela sobre o que há de mais seguro em termos de troca de informações na rede mundial de dados. Raquel

<sup>180</sup> Informação fornecida por Raquel Boechat em 7 jul. 2014.

<sup>181</sup> Informação fornecida por Raquel Boechat em 7 jul. 2014.



pondera em seguida: “Não é o sistema mais seguro, mas é um sistema que quebra um pouco o galho, né? No meu caso, assim, pra gente que trabalha com isso, tenho uma necessidade muito grade pra mim, desde agosto do ano passado”,<sup>182</sup> referindo-se aos protestos de agosto de 2013, no fervor inicial da Jornada de Junho. A segurança de dados recebia mais atenção do *streamer* Rodrigo Modenesi que a segurança de seu corpo no momento do protesto. Sua preocupação maior era cercar-se de códigos de fala, aplicativos, programas e também do cuidado sobre o que dizer e para quem dizer. Ele chegou a me relatar alguns episódios em que recebeu telefonemas suspeitos, preenchidos pelo silêncio de quem estava do outro lado da linha. Nas manifestações, entretanto, a parceria era a básica: celular em punho e óculos de proteção. Num exercício de reversibilidade, Rodrigo me perguntou se eu me protegia durante os protestos. E, daí, desenvolvemos uma reflexão bastante interessante.

RODRIGO MODENESI: Você tem equipamento? Tem capacete?

LARA LINHALIS: Não, capacete não. Óculos e máscara, só.

RODRIGO MODENESI: É, eu tenho óculos.

LARA LINHALIS: Capacete é essencial.

RODRIGO MODENESI: É, mas eu acho que capacete, eu não comprei até hoje porque eu acho que, não sei se eu vou me sentir bem transmitindo com capacete, sabe? Fica estranho. O Carioca não usava capacete, sabia? Ele passou a usar agora.

LARA LINHALIS: É.

RODRIGO MODENESI: Ele não usava.

LARA LINHALIS Ahã. O Dezan já usava.

RODRIGO MODENESI: Já, já, mas o...

LARA LINHALIS: O Carioca não.

RODRIGO MODENESI: Não, é.

LARA LINHALIS: Até no protesto que teve na Saens Peña, no primeiro.

RODRIGO MODENESI: Tava sem.

LARA LINHALIS: Ele tava sem.

RODRIGO MODENESI: Eu sei. Engraçado, o Augusto [do Carranca] não usa capacete. Tem um óculos também só, que até é parecido com o meu, mas não usa. *O streaming tem essa coisa de, os fotógrafos todos usam capacete, mas os streamers não, né cara? É engraçado.*

LARA LINHALIS: É mesmo?

RODRIGO MODENESI: É. Cê já notou?

LARA LINHALIS: Eu não reparei isso, não.

RODRIGO MODENESI: A gente é mais maluco. O Pardal não tem capacete.

LARA LINHALIS: É.

RODRIGO MODENESI: Eu não tenho, o Pardal não tem, o Carranca não tem.<sup>183</sup>

A constatação de Rodrigo, de alguma forma, suspendeu a inclusão dos *streamers* na hipótese de que a morte do cinegrafista da Band Santiago Andrade, no início de 2014, tenha

<sup>182</sup> Informação fornecida por Raquel Boechat em 7 jul. 2014.

<sup>183</sup> Informação fornecida por Rodrigo Modenesi em 3 jul. 2014.

produzido a proliferação da parceria entre organismo e equipamentos de proteção no âmbito das manifestações. Verifiquei depois, conferindo fotos e observando os atos subsequentes à entrevista com Rodrigo, que não era de fato padrão a utilização de capacetes pelos *streamers* durante os protestos relacionados à Copa do Mundo de 2014. Os jornalistas profissionais, esses sim, a não ser raríssimas exceções, dispunham de um aparato de segurança bastante completo, diferente das vestimentas padrão utilizadas em algumas manifestações iniciais da Jornada de Junho e especialmente nos protestos do dia da Independência em 2013, no Rio de Janeiro. As motivações para a adesão ou não ao uso do capacete por esses profissionais, bem como sua possível relação com a morte do cinegrafista Santiago Andrade são objetos de investigação interessantes, embora não esteja no espectro reflexivo desta tese explorá-los. De todo modo, Lucas Vettorazzo acredita que antes da morte de Santiago já havia uma preocupação das empresas no geral em disponibilizar todos os equipamentos necessários para a proteção dos jornalistas nas manifestações. Na Folha, especialmente, as máscaras e capacetes de ciclista foram adquiridos após o episódio em que a repórter da Folha, Giuliana Avallone, foi atingida por uma bala de borracha no rosto, em 13/06/2013, quando cobria um protesto contra o aumento das tarifas de transporte coletivo em São Paulo. Lucas, pontuou, entretanto, que a Bandeirantes tem um histórico de atitudes relapsas no que diz respeito à segurança de seus profissionais.

LUCAS VETTORAZZO: [...] quando o Santiago morreu, em fevereiro desse ano, nós... na Folha sempre, mas, assim... os colegas que eu vi, já usavam equipamento.

LARA LINHALIS: É?

LUCAS VETTORAZZO: A Band tem um histórico de não equipar os seus profissionais. A Band tem esse histórico. O Gelson [Domingos] morreu numa troca de tiros, né? Ele era da Band, ele trabalhava como motorista do carro e cinegrafista, ele tinha um colete que não aguenta, é, tiro de fuzil. É, ele não tinha um capacete balístico, por exemplo; é, então, assim: não acho que foi um divisor de águas, não, no que diz respeito a, à maneira como a, a cobertura é feita no chão, né? na rua. Nós, repórteres, já tínhamos pego um pouco desse *know how* de como se proteger, de como evitar ser agredido. A morte do Santiago trouxe para gente, inevitavelmente, é – eu sou um pouco mais ponderado, entendeu? é, do que vários colegas –, mas, assim, trouxe para gente essa sensação, sim, de que a imprensa era vista um pouco como inimiga e que, se por um lado os manifestantes, é – isso me incomoda demais – é, não toleram nenhuma violência contra eles, né? Enquanto os manifestantes não toleram nenhuma violência contra eles, eles se permitem tolerar violência contra jornalistas.<sup>184</sup>

\*\*\*

<sup>184</sup> Informação fornecida por Lucas Vettorazzo em 7 jul. 2014.

A discussão que Jacques Rancière promove em *O espectador emancipado* (2012) vislumbra, entre outros pontos, a emancipação intelectual do espectador para além da existência de posturas intelectuais ativistas que assumem para si o poder de alertar certa comunidade de espectadores sobre, entre outros males, a alienação que o espetáculo promove, em suas mais diversas manifestações. Rancière caminha em outra direção, que, em certa mirada, está simbolizada também no tipo de circuito comunicacional que o *streaming* faz acontecer. O autor defende a necessidade de abolição inicial de dicotomias como acontece no par ver/agir, apoiando-se na crença de que a atividade imaginativa, o trabalho poético da construção do conhecimento, se desenvolve na relação em si, não sendo privilégio de somente um dos pólos clássicos do espetáculo (o corpo que se exhibe/age e o corpo que vê).

Por essa via, Rancière não constrói hierarquias entre os tipos de espetáculo e a capacidade de cada um, em si, em ativar certo posicionamento do espectador. Para ele, há sempre um terceiro termo, aquele que vai mediar a relação especular, seja esse terceiro termo um aparelho televisivo, uma performance teatral ou uma projeção cinematográfica. Ou, ainda, na nossa interpretação, a performance do *streaming*. A afetação do espectador, também daquele que se exhibe, vem da disponibilidade desses sujeitos de se deixarem afetar pela experiência na qual estão imersos, tecendo uma rede de conhecimento através daquilo que transborda na memória de cada um, num trabalho de tradução criativa. “Isso significa a palavra emancipação: o embaralhamento da fronteira entre os que agem e os que olham, entre indivíduos e membros do corpo coletivo” (RANCIÈRE, 2012, p. 23).

O embaralhamento dos polos envolvidos numa relação especular, do modo como coloca Rancière, transposto à relação jornalista-público, convida o repórter a participar de uma experiência emancipadora. Para isso, a meu ver, ele precisa se colocar *em* margem: o local onde a comutação dos corpos inventa outra poética. Colocar-se em margem difere de colocar-se na margem, porque não estamos pleiteando a existência de uma margem em contraposição a existência de um centro, do qual deveríamos nos afastar caso queiramos participar de uma experiência emancipadora. Concordo com Latour quando diz que “a defesa da marginalidade supõe a existência de um centro totalitário” (LATOURE, 1994, p. 122). Tanto um polo quanto outro são ilusões totalitárias, purificações modernas ajustadas ao desejo humano incontrolável de dicotomizar a existência e estabelecer entre os polos relações de dominação e subordinação. Emissores e receptores. Meio e mensagem. Texto e

contexto. De fato existem localizados, mas porque associados. Então, tudo que há é margem. Precisamos apenas homologar *a vida*, e não um *lugar* específico, como esse local de invenção e criatividades constantes. Por isso, a emancipação do repórter depende de seu posicionamento *em* margem.

O *streamer* na manifestação era totalmente margem, embora sua emancipação estivesse direcionada a certo local da margem da vida: a vida cultivada *dentro* da manifestação – que envolve obviamente outras vozes externas ao protesto, como aquelas do chat da transmissão, mas identificadas no geral com as mesmas perspectivas – e que se encerrava no cordão policial. Aliás, o cordão policial que separava manifestantes do resto do mundo, isolando-os num espaço público feito cárcere, é contemplado pela imagem de uma fronteira geográfica das mais disputadas, seja formada por uma barreira policial, seja por construção que inviabiliza ou impede o trânsito de um lado a outro, seja pela apatia humana diante da dor do mar inteiro a atravessar. Às vezes, a fronteira é mesmo só um pontapé que diz: “daqui você não passa!”. O enfrentamento ao pontapé da fronteira viria através da visibilidade, da posse da palavra. Ivana Bentes acredita no papel dos *streamers* e midiativistas no geral na profusão de um grito desestabilizador. “[...] tomar posse da palavra é o modo de desestabilizar a partilha do sensível e produzir um deslocamento dos desejos e constituir o sujeito político multidão” (BENTES, 2014, p. 332). Essa multidão nas ruas, heterogênea e autogovernada de maneira policêntrica, inauguraria o que Bentes chama de Revoluções P2P: “Enquanto os poderes se reorganizam para um contra-ataque e guerra em rede, a multidão surfa nesse ‘devir mundo do ocupar’ através de narrativas colaborativas que mais que difundir as lutas são a própria luta” (BENTES, 2014, p. 332). A ideia de um grito como contra narrativa me inquieta no que diz respeito ao que isso promove de fato. Que tipo de agência desperta? Tornar-se visível é o bastante para gerar tensionamento de perspectivas e invenções de outras poéticas de vida, considerando que tornar-se visível hoje – se posicionar sobre algo- torna-se quase um imperativo? O que nos falta depois de proliferar panfletos diagramados sob o signo do capital? Deleuze, quando indagado sobre as potências revolucionárias no âmbito de uma sociedade de controle, dispara:

Você pergunta se as sociedades de controle ou de comunicação não suscitarão formas de resistência capazes de dar novas oportunidades a um comunismo concebido como 'organização transversal de indivíduos livres'. Não sei, talvez. Mas isso não dependeria de as minorias retomarem a palavra. Talvez a fala, a comunicação estejam apodrecidas. Estão inteiramente penetradas pelo dinheiro: não por acidente, mas por natureza. É preciso um desvio de fala. Criar foi sempre coisa distinta de comunicar. O importante talvez venha a ser criar vacúolos de não-comunicação, interruptores, para escapar ao controle. (DELEUZE, 2000, p. 217)

Faria parte dos vacúolos a que Deleuze se refere a não disposição dos manifestantes a serem objetos de registro de jornalistas profissionais, culminando na expulsão de jornalistas dos protestos essa tentativa de escape às lentes que se combate? Lembrei-me de um episódio em que Bernardo, integrante da FDE e fotógrafo na Mídia Ninja, fora detido em uma das manifestações durante a Copa do Mundo, a do dia 20/06/14. Bernardo comentou comigo, assim que foi liberado, que acabou não gravando uma entrevista solicitada pela Rede Record sobre sua detenção e posterior soltura. Ele disse que lançou no chat que queriam uma entrevista com ele: “[...] os caras da Record tão querendo gravar, eu tô de boa, o que vocês acham?”.<sup>185</sup> Segundo ele, Carioca orientou que gravasse, mas Dezan sugeriu pessoalmente que não o fizesse. Bernardo seguiu Dezan. “[...] nada a ver essa entrevista, já saiu, saiu...”, disse ele (informação verbal).<sup>186</sup> Isso me indicou na época dois caminhos: que eles estavam sendo cuidadosos com declarações públicas e/ou que não queriam dialogar com empresas de comunicação que geralmente criminalizavam o movimento. De todo jeito, seria essa também uma forma de escape ao controle, de vacúolo de não-comunicação? Janice Caiafa, a partir da leitura de Deleuze, também reflete sobre essa questão. Diz ela: “Seria possível tentar informar o mínimo, fugir em alguma medida à insistência para que nos coloquemos, para que nos inscrevamos nesses repertórios? [...] Precisamos de uma zona de alguma sombra e silêncio nos fluxos de comunicação” (CAIAFA, 2011, p. 144). A restauração da prática da recusa, nesse influxo, seria essencial.

Seria preciso talvez construir algum tipo de recusa ao poder contemporâneo, que vive também de anunciar que tomou conta de tudo e que se encarrega agora ele mesmo de produzir os espaços de contestação. Esse anúncio produz a crença – às vezes explicitada, mas de toda forma bem compartilhada – de que só é possível agir concedendo alguma coisa ao poder e operando dentro de seu domínio. A restauração da prática da recusa – contra a docilidade tão facilmente obtida hoje – me parece fundamental para a luta contra os dispositivos contemporâneos. (CAIAFA, 2011, p. 144)

<sup>185</sup> Conversa informal com Bernardo em 20 jun. 2014.

<sup>186</sup> Conversa informal com Bernardo em 20 jun. 2014.

Não necessariamente uma zona de silêncio, mas de imperfeição e ruído, o *streaming* conduzido pelo corpo nada dócil do *streamer* clamava, a meu ver, por essa nova poética, também política. Interessante retomar Haraway no que ela chama de política do ciborgue: “[...] é a luta pela linguagem, é a luta contra a comunicação perfeita, contra o código único que traduz todo o significado de forma perfeita [...]. É por isso que a política do ciborgue insiste no ruído e advoga a poluição” (HARAWAY, 2000, p. 96-97). Pois está reconhecida a potência política da *streamer*, organismo e máquina, pelas mobilidades e agências que evoca, pela experimentação estética de um catártico-drama enxameado por uma série de vozes, personalistas e coletivas: ruidosas *dilacerâncias* de padrões. Se não um vacúolo de comunicação, no sentido imaginado por Deleuze, ao menos a recusa à comunicação perfeita, no sentido de Haraway.

A dispersão de perspectivas contrárias, desconfiadas ou indiferentes à manifestação, no âmbito da narrativa, ainda me parece uma questão a ser pensada. Qual o valor das tentativas de comunicação dos *streamers* com os policiais e a população no geral ao entorno da manifestação, por exemplo? Esse chamamento poderia ser enquadrado, a meu ver, no que Regina Mota (2007) chama de estética da provocação como forma tropicalista de diálogo, a rememorar o que se propunha Glauber Rocha em sua passagem pela televisão, de forma a convocar o espectador para uma queda de braço. Considerando a rede informacional tecida com o *streamer*, esse espectador emancipado encarnava-se também nas vozes diversas participantes do chat e também nos próprios policiais, ao menos quando provocados a participar da transmissão pela câmera combativa. Mota propõe assim o conflito como categoria estética que “se manifesta pela construção de um olhar penetrante, que procure o invisível do visível, num diálogo reflexivo que possa libertar, não dominar a sensibilidade do espectador” (MOTA, 2007, p. 4). Alto canibalismo, baixa domesticação.

O que vi entre perspectivas diferenciadas nas manifestações, no geral, esteve mais próximo ao confronto dispersante que ao convite provocador, alicerçado no respeito e na consideração do outro como *margem da existência do próprio*. Isso gera novas questões a esta pesquisa, que, em conjunto com outras urgências até agora apresentadas, serão reformuladas à luz de novas criatividade reflexivas no tópico final. Para que a postura antropofágica possa ser mobilizada na invenção de uma nova alternativa conceitual para o jornalismo, é necessário, antes, compreender a cosmologia da qual esse ritual de devoração faz parte. Já que todo mundo é índio, exceto quem não é, como afirma Viveiros de Castro

(2012), não vai ser tão complicado como parece pensar a relação entre jornalistas e xamãs.  
A questão que me move inicialmente é: como *conhece* o xamã, quando quer conhecer?

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na introdução desta tese, foram traçadas algumas observações sobre o conceito de perspectivismo, de Viveiros de Castro (2012), posteriormente aplicadas ao trabalho de campo. Ou seja, o universo de ideias esquematizado anteriormente habitou a relação provisoriamente estabelecida entre os atores e agências envolvidos nesta pesquisa. Neste momento, a cosmologia própria ao conceito será ampliada e estará voltada à arquitetura do diálogo entre jornalismo e xamanismo, com vistas à lapidação de outro conceito ainda bruto, em estado de efervescência teórica: *o Jornalismo de Perspectivas*.

Como vimos, o perspectivismo designa uma “atitude metafísica fundamental do pensamento indígena” (CASTRO, 2015). Essa atitude reclama a personitude, ou perspectividade, isto é, a capacidade de ocupar um ponto de vista diferente daquele de origem de quem (ou do que) se dispõe a conhecer um outro – *ver como* um outro –, interpenetrando menos conceitos que perceptos. Os xamãs, na cosmologia ameríndia, seriam os “mestres do esquematismo cósmico”, dedicados especialmente a habitar e comunicar perspectivas cruzadas. Nesse sentido, em rituais xamânicos, há um movimento de ida e vinda: o xamã assume outra corporiedade, que é também outra natureza no sentido de outro conjunto de afecções (não diz respeito à morfologia, embora possa estar eventualmente relacionada); *vê como* esse outro e, posteriormente, volta a assumir seu ponto de vista de origem, mas agora inebriado pelo que do outro há em si. O deslocamento xamânico ameríndio almeja a interlocução transespecífica, entre humanos e não-humanos, vendo os não-humanos como eles se veem, ou seja, como humanos.

[...] a forma manifesta de cada espécie é um envoltório (uma ‘roupa’) a esconder uma forma interna humana, normalmente visível apenas aos olhos da própria espécie ou de certos seres transespecíficos, como os xamãs (CASTRO, 2002, p. 351).

O perspectivismo ameríndio, de acordo com Viveiros de Castro, reconhece que o estado originário de indiferenciação entre humanos e animais tem berço nas narrativas mitológicas, onde no geral a diferenciação entre os pontos de vista são, simultaneamente, anuladas e realçadas.



Ponto de fuga universal do perspectivismo, o mito fala de um estado do ser onde os corpos e os nomes, as almas e as ações, o eu e o outro se interpenetram, mergulhados em um mesmo meio pré-subjetivo e pré-objetivo. Meio cujo fim, justamente, a mitologia se propõe a contar. (CASTRO, 2002, p. 355)

O xamanismo ainda, segundo Viveiros de Castro, pressupõe um certo ideal de conhecimento – mais que uma forma de conhecer – alojado no extremo oposto do que ele chama de epistemologia objetivista cultivada na modernidade ocidental, de acordo com a qual *conhecer é objetivar*: despir o objeto de toda presença da sujeito – dessubjetivar – de maneira a reduzi-lo a um “mínimo ideal”, ou, de forma a reduzir a intencionalidade das agências a zero (CASTRO, 2002, p. 358). O inverso desse modo de conhecer em que a forma do outro é a coisa, apoia-se na crença de que *conhecer é personificar*:

[...] tomar o ponto de vista daquilo que deve ser conhecido – daquilo, ou antes, daquele; pois o conhecimento xamânico visa um ‘algo’ que é um ‘alguém’, um outro sujeito ou agente. A forma do outro é a pessoa (CASTRO, 2002, p. 358).

Nesse caso, “[...] o sucesso interpretativo é diretamente proporcional à ordem de intencionalidade que se consegue atribuir ao objeto ou noema” (CASTRO, 2002, p. 359).

Para além da cosmologia indígena, esse movimento xamânico de assumir a perspectiva do outro e atuar numa espécie de *entre-mundos*, é também parte constitutiva do pensamento intelectual de escritores e artistas diversos. Na introdução desta tese, está indicada a percepção de Viveiros de Castro (2007) de que o perspectivismo ameríndio, como modelo de pensamento, estende o projeto oswaldiano materializado no Manifesto Antropófago. A captura perspectivista inundada pela fome antropofágica é central também na obra de Guimarães Rosa, em especial no conto “Meu Tio, o Yauaretê”, um monólogo constituído a partir do diálogo transespecífico. “Eu oncei”, pontua naturalmente o narrador. Filho de branco com índio, o onceiro que *vira* onça perturba o leitor ao atuar em uma e outra perspectiva. A metamorfose gradual do homem em onça – embora desde cedo no texto de Rosa a experienciação do *entre-lugar* seja explicitada – oferece ao leitor o ponto de vista da onça sobre o mundo humano, radicalizando a ideia de alteridade, tal como entende Mota (2007).

Habitar outros pontos de vista e comunicá-los, não raro, é processo permeado por conflitos de mundos. No caso da perspectiva analítica presente no Manifesto de Oswald de Andrade, a devoração do outro pressupõe a diferença dos mundos como sendo o intervalo

de *ser* do que é próprio: o conflito, aqui, legitima a existência do entre-lugar, local onde as afecções das *gentes* em seus próprios departamentos (humanos e não-humanos) podem cruzar. No caso da novela de Rosa – estória tecida na margem perspectivica –, as traduções interespecíficas estão embebidas na defasagem metafísicoontológica dos materiais em contato, da forma como entende Rattes (2009, p. 118).

O que coloca em cena a estória lauretê, com intensidade ainda mais contundente, é o confronto de mundos no entre-mundos, em um modo no qual os choques entre materiais apresentam-se de maneira vigorosa. A saber: o antropofagismo e a mitologia ameríndios em contato complicado com a metafísica católicocristã e a estética ocidental, a partir de uma autonomia cultural, ainda que descentrada, do narrador que é selvagem e que, no confluir da estória, é constituído em uma atmosfera devedora daquele fundo reverberante da figura de um outro atemorizante. (RATTES, 2009, p. 118)

Importante salientar que, por esses campos reflexivos apresentados acima, não ronda a ideia de representação, tampouco há com ela tangenciamento possível. Por essas vias, um ponto de vista não é, de maneira alguma, uma opinião subjetiva sobre algo. Nas comutações de perspectivas, o que muda é o próprio mundo, não a *forma de ver* o mundo (CASTRO, 2002, p. 378). O *ver como*, assim, não deve ser entendido como *forma de ver*, mas como processo que envolve a ocupação de um novo corpo perspectivico. Esse corpo refere-se menos a uma específica constituição morfológica e mais ao feixe de afecções e capacidades singulares de cada espécie. Ele é o que diferencia os seres do cosmos. É nesse plano central onde a alteridade pode ser apreendida em sua plenitude. Daí o fato de não estarmos tangenciando o multiculturalismo, mas, sim, o que Viveiros de Castro chama de multinaturalismo.

Outra ideia associada ao multinaturalismo – uma cultura, várias naturezas –, é o relacionalismo. Não há existência sem coexistência. Viveiros de Castro mostra que essa assertiva é mais fácil de ser visualizada a partir de relações estabilizadas “socialmente”. Alguém só é pai porque existe alguém de quem esse alguém é pai, ou, alguém é professor porque existe um aluno com o qual o professor estabelece uma relação. O perspectivismo, sendo relacional, radicaliza a questão: qualquer corpo, sendo leito e origem da perspectiva, só existe como tal em relação com outro corpo. “[...] algo também só é peixe porque existe alguém de quem este algo é o peixe” (CASTRO, 2002, p. 384). É nesse sentido, mais uma vez, que o perspectivismo atua ao longe da ideia de representação do mundo. Assim é também

que um ponto de vista não é uma opinião subjetiva sobre algo. Acessando Deleuze (1981, apud CASTRO, 2002, p. 385), o antropólogo acredita que não há pontos de vista sobre as coisas, já que os próprios corpos – seres, coisas – é que são pontos de vista. Por essa direção, não haveria diferenciação entre fatos “reais”, possível matéria-prima de um possível mundo objetivo, e fatos “sociais”, constituídos pela espécie humana; ou, nas palavras de Viveiros de Castro, entre qualidades primárias e secundárias. A ontologia que esse raciocínio traz é radicalmente relacional, já que qualquer forma substancial ou substância individual do cosmos não se constitui como realidade última.

### **5.1 Uma invenção de jornalismo**

A proliferação de mediadores em nosso arranjo social não inviabiliza a existência daqueles legitimados em certo coletivo, obviamente agora tensionados à exaustão por outras agências. Essa não é uma afirmativa valorativa, apenas constata que, nos mais diversos coletivos, há sujeitos que se destacam na função de tradução do mundo, seja por habilidades adquiridas de modo pragmático, epistemológico e/ou por qualidades natas. Outros ainda tornam-se mediadores privilegiados em certo momento da vida, por instituição de outras agências, e recebem a função como dom, nada próximo de algum utilitarismo. Dom ou trabalho – e também os dois ao mesmo tempo –, jornalistas e xamãs se encontram na labuta de traduzir o mundo aos demais membros de certo coletivo. Aos jornalistas, cabe a lógica cientificista: mais conheço quando me afasto. Aos xamãs, a (des)lógica ameríndia: mais conheço quando me aproximo. Como aproximar os dois, na bruteza reducionista de um conceito: Jornalismo de Perspectivas? O jornalismo, em seu viés de serviço prestado à sociedade por meio de empresas de comunicação, cresceu com o desenvolvimento capitalista. Os xamãs, em sua natureza transespecífica e conciliadora, seguram o céu prestes a cair por conta de ambições alimentadas por um modo hegemônico de produção de riqueza que é predatório. Não poderiam estar mais diametralmente opostos. Mas estão. Não raro as lutas indígenas – das quais, ironicamente, somos todos beneficiários, e, por isso, o interesse público dessa pauta é mais que critério de noticiabilidade, é questão de vida, de morte – são inviabilizadas no espectro de radiodifusão concedido pelo estado a um outro que, olhando bem as contas, são os mesmos cinco ou seis. Inviabilizadas, além de combatidas e/ou reduzidas ao lugar reservado a exotismos e maniqueísmos: o altar ou o túmulo.

A boa ironia é que, suponho, uma invenção possível de jornalismo inspira-se justamente no xamanismo, essa prática-vida de tradução do mundo que possibilita o diálogo transespecífico nas cosmologias ameríndias. E está no xamanismo, como inspiração, por ao menos dois motivos: pela legitimidade e reconhecimento da natureza performática da tradução de mundos realizada e pelo modo como os xamãs encaram o outro – como próprio.

No livro *A queda do céu*, fruto de um “pacto xamânico”<sup>187</sup> entre seus signatários, o xamã Yanomami Davi Kopenawa e o antropólogo Bruce Albert, entrelaçam-se narrativas escolhidas, organizadas e codificadas em que a denotatividade e a busca desenfreada por análogos carecem de protagonismo. De modo geral, não há analogias que não algumas poucas expressadas pelo próprio Davi em seu esforço para fazer-nos entender as teorizações próprias de seu povo. É o que fez, por exemplo, quando comparou a colheita dos cânticos nos *amoa hi* com a utilização de gravadores pelos brancos.

Os cantos dos espíritos se sucedem um após o outro, sem trégua. Eles vão colhê-los nas árvores de canto que chamamos *amoa hi*. *Omama* criou essas árvores de línguas sábias no primeiro tempo, para que os *xapiri* possam ir lá buscar suas palavras. Param ali para coletar o coração de suas melodias, antes de fazerem sua dança de apresentação para os xamãs. Os espíritos dos sabiás *yõrixiana* e dos espíritos *japim ayokora* – e também os dos pássaros *sitipari si* e *taritari axi* – são os primeiros a acumular esses cantos em grandes cestos *sakosi*. Colhem-nos um a um, com objetos invisíveis, parecidos com os gravadores dos brancos. Mas são tantos que nunca conseguem esgotá-los! (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 113).

A grande maioria dessa *pele de imagem*<sup>188</sup> de setecentas e tantas páginas, parece-me um tratado sobre o devir outro, considerando as mais nucleares camadas performáticas envolvidas no encontro da diferença – seja na iniciação xamânica, a exemplo dos primeiros encontros com os *xapiris*; seja no contato inicial e subsequentes com os brancos, ambos processos altamente complexos e transformacionais para os indígenas. Tal empreendimento implica uma compreensão do outro que visa uma relação intelectual entre duas ou mais variedades de fenômenos (WAGNER, 2010) e uma disposição político-afetiva, que, em uma de suas instâncias, solicita a legitimidade da penumbra – as interdições de saber – e advoga

<sup>187</sup> No prefácio da referida obra, Eduardo Viveiros de Castro cita que nas entrelinhas de *A queda do céu* estabelece-se um pacto xamânico. Mais que uma tradução de universos, os autores permitem-se uma tradução mútua, alicerçados por três décadas de convivência.

<sup>188</sup> Kopenawa dispõe, ao final do texto “Palavras dadas”, que é parte da abertura do livro *A queda do céu*: “Eu, um Yanomami, dou a vocês, os brancos, esta pele de imagem que é minha” (KOPENAWA, 2015, p. 66).

pela não-denotatividade. “[...] As coisas que melhor podemos definir são as que menos valem a pena definir”, profere Wagner (2010, p. 80) ao discorrer sobre a denotatividade absoluta como ilusão fundada na não-relação. “O significado é pois produto das relações” (WAGNER, 2010, p. 80), acredita. Não fosse a mediação da convenção, não fosse “a ilusão de que algumas associações de um elemento simbólico são ‘primárias’ e autoevidentes” (WAGNER, 2010, p. 80), ele seria sempre relativo. Sendo assim, a denotação absoluta é tautológica, diz Wagner, ou seja, uma ilusão fundada na não relação, e “[...] proporciona o bom e confortável (e um tanto surrado) sentimento de estar usando uma palavra tal como ela foi feita para ser usada” (WAGNER, 2010, p. 80). De tão autoevidente, destitui-se o sentido. Não há nada a compartilhar.

Quando disserta sobre o poder da invenção na precipitação da cultura, Wagner afirma que os diversos contextos de uma cultura significam a partir da relação entre eles, e que a sensação de que um ou outro é essencial ou inato é uma ilusão cultural necessária. Ele diferencia dois modos de controle a partir dos quais esses contextos são delineados: o coletivizante e o diferenciante, e deixa claro que qualquer empreendimento, em qualquer uma das duas direções, gera seu oposto. No entanto, diz muito sobre certa porção de humanidade o fato de um coletivo de atores advogar por “fazer as coisas do seu jeito”, de modo a tornar os controles temas para a improvisação inventiva; ao invés de esse coletivo de atores advogar por “fazer as coisas como devem ser feitas”, de modo a tornar os controles temas para a coletivização do individual. Os relatos contidos em *A queda do céu* deixam claro que a imprevisão do mundo dá tom das ações entre os kopenawas e orchestra o modo como o inato (o convencional, para esses povos) será experienciado inventiva e performaticamente a partir do indivíduo, delineando uma tradição diferenciante. No caso dos xamãs, isso é levado ao extremo, já que são eles que acessam e fazem precipitar o universo – o que é inato, dado, inexplicável – a partir de performances muito próprias. Davi Kopenawa conta que assim ensinou-lhe seu sogro a ouvir o canto dos espíritos:

Se você quer mesmo tornar-se xamã, deve responder à voz deles imitando seus cantos e falando com eles. É claro que no começo você não vai conseguir. Mas aos poucos eles vão lhe revelar suas palavras. Sua boca não deve ter medo (KOPENAWA, 2015, p. 147).

O xamanismo é pura relação e nada há de autoevidente. Sobre a vida nos coletivos que se organizam a partir de modos de ação diferenciantes, Wagner (2010, p. 145) diz que é “[...] metafórica e paradoxal, um comprometimento com uma coisa em nome da outra, e, portanto, sua intenção e impactos essenciais são totalmente perdidos se tomados literalmente”. É justamente o que defende Davi Kopenawa:

Longe de nossa floresta, há muitos outros povos além de nós. Contudo, nenhum deles tem um nome semelhante ao nosso. Por isso devemos continuar vivendo na terra em que *Omama* nos deixou no primeiro tempo. Somos seus filhos e genros. Mantemos o nome que nos deu. Desde que nos encontraram, os brancos não param de nos perguntar: “Quem são vocês? De onde vêm? Como se chamam?”. Querem saber o que nosso nome, Yanomami, significa. Por que tamanha insistência? Alegam que é para pensar direito. Achamos que, ao contrário, isso é ruim para nós. Que resposta lhes daremos? Queremos proteger nosso nome. Não nos agrada repeti-lo a torto e a direito. Seria maltratar a imagem de *Omama*. Não é assim que falamos. Por isso, ninguém quer responder às suas perguntas. (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 39)

A resistência à denotatividade, convoca o interlocutor – branco, no caso – a se relacionar, entrar em performance, para que uma compreensão mútua seja possível. Para Taddei (2012, p. 19),

A performance é uma dimensão fundamental dos processos através dos quais grupos e indivíduos constroem e administram suas identidades (BAUMAN and BRIGGS, 1990; GOFFMAN, 1959), como representam diferenças culturais (WAGNER, 1981), e mesmo como significados são associados a coisas e eventos (WAGNER, 1989).

Taddei atribui essa dimensão às previsões do futuro: “são ações performativas, no sentido de que são construções discursivas que afetam as formas através das quais os sujeitos e coletividades percebem e vivem o tempo.” (TADDEI, 2012, p. 4). Mais que meros registros informacionais sobre dada circunstância, as previsões de futuro agem sobre o modo como as pessoas se relacionam com as perspectivas de ação *sugeridas* e, logo, interferem no mundo, afetam a existência.

[...] um enunciado que é performativo com relação à construção de temporalidades pode, em certas circunstâncias, tornar-se um nó existencial, um ponto de articulação na experiência da realidade ou da vida-mundo, para usar o termo sugerido por Ingold (2000), onde as relações sociais e a percepção do ambiente são indissociadas. (TADDEI, 2012, p. 5)

Essa dupla identidade – agência de descrição do mundo e de organização da percepção sobre o mundo –, acredita o antropólogo, é potencialmente geradora da sensação de que nosso mundo “[...] é mais racionalmente organizado do que este é efetivamente”. (TADDEI, 2012, p. 17). Um raciocínio análogo pode ser aplicado ao jornalismo: ao informar sobre o mundo, age sobre ele. Muniz Sodré (2010), quando afirma que a sociedade contemporânea é regida pela *midiatização*, fazendo surgir uma nova instância da existência – o *bios* midiático –, dá centralidade ao agendamento prescritivo das tecnologias comunicacionais, expressões materiais da tecnocultura.

As tecnologias comunicacionais fazem nascer aquilo mesmo que elas iluminam – donde o visionarismo mítico-religioso das imagens – por meio de circuitos proteiformes, ao mesmo tempo tecnológicos, geográficos, econômicos, políticos, etc. A produção/reprodução imagística da realidade não se define, portanto, como mera instrumentabilidade, e sim como princípio (ontológico) de geração de real próprio. (SODRÉ, 2010, p. 73)

Esses *dispositivos geradores do real* (SODRÉ, 2010) abrigam uma infinidade de conjuntos de narrativas, dentre as quais aquelas que pretensamente buscam apropriar-se da realidade para posteriormente informá-la. Dessas narrativas, emerge o que Sodré qualificou como *uma espécie de fetichismo da realidade*: “As neotecnologias da informação empenham-se em ‘restituir’ a realidade (na verdade ajudam a produzi-la) em tempo real, mediante a encenação de uma atualidade, que pretende fazer coincidir mundo histórico e virtual” (SODRÉ, 2010, p. 76). Essa restituição, via tecnologia, operaria de modo a reduzir o *sentimento de dependência para com o indeterminado*, afetando o sagrado enquanto *experiência radical da transcendência* e transferindo certa religiosidade, mesmo que desencantada, aos dispositivos geradores de real.

A ideia de constituição do real a partir de ações performáticas é central tanto na ação dos produtores de informação em nossa sociedade ocidental contemporânea – reinado da tecnocultura, como prefigura Sodré –, quanto na ação dos xamãs na cosmologia indígena. Entretanto, os últimos devem à indeterminação do presente e à complexidade do mundo a legitimidade de sua agência na improvisação criativa da vida, atribuída por Wagner (2010) aos povos tribais, religiosos e camponeses, e que atribuímos aos povos indígenas a partir de Viveiros de Castro (2002), Bruce Albert (2015) e Davi Kopenawa (2015).<sup>189</sup>

---

<sup>189</sup> Mais à frente, essa ideia virá também através de Ailton Krenak.

Por outro lado, a maneira como a mídia em geral contabiliza e cria um novo *bios* – o miditático – prevê, segundo Sodré, a ado o de regime s gnico indiciário, onde imperam mais representa es de situa o – considerando um processo dinâmico de significa o – que conceitos. Dessa ânsia indicativa certamente faz parte a literalidade significante, especialmente no jornalismo. Há poucos espaços legítimos para a existência conotativa: a tudo se deve atribuir um nome, *denotar*, em consonância com a *razão tecnomercadol gica*, de modo a tornar a coisa batizada obra de sua própria cria o.

D -se na prática uma epifania banal, que adv m do poder midiático de prescrever o nome adequado para as coisas, de “batizar”, segundo os cânones da modernidade tecnológica e comercial. Nomear, como bem se sabe, implica apropriar-se de algum modo daquilo que se nomeia, mas pode também implicar a própria cria o daquilo que fala, do mesmo modo que a observa o de um fen meno   capaz de modificar tanto o observado quanto o observador. (SODRÉ, 2002, p. 61)

Talvez por medo dessa captura, Kopenawa insista em proteger seu nome Yanomami quando indagado pelos brancos sobre seu significado, do mesmo modo que seus parentes o fazem. Para os Yanomamis, os nomes não se referem – não denotam! – unicamente as pessoas que nomeiam de imediato, mas a uma multidão de agências.

[...] quando se diz o nome de um *xapiri*, não   apenas um espírito que se nomeia,   uma multidão de imagens semelhantes. Cada nome   único, mas os *xapiri* que designa são sem número. São como as imagens dos espelhos que vi em um dos hotéis onde dormi na cidade. Eu estava sozinho diante deles mas, ao mesmo tempo, tinha muitas imagens idênticas espalhadas neles. Assim há um só nome para a imagem da anta *xama* enquanto *xapiri*, mas existem muitíssimos espíritos anta que chamamos de *xamari p *.   assim com todos os *xapiri*. Há quem pense que cada um   único, mas suas imagens são muito numerosas. Apenas seus nomes não o são. São como eu, de p  diante dos espelhos do hotel. Parecem únicos, mas suas imagens se justapõem ao longe sem fim. (KOPENAWA, 2015, p. 117)

Por fim, considerando os meandros apresentados sobre essa primeira inspira o – a *legitimidade e reconhecimento da natureza performática da tradu o de mundos realizada* –, a categoria manipula o não se aplicaria ou pouco se aplicaria de fato aos conteúdos jornalísticos. “Acusar o jornalismo de manipula o   incorreto porque isto tem a ver com o debate lógico entre essência e aparência, real e falsifica o. [...]   uma atividade ficcional e não se pode acusar uma fic o de deturpar o real.   apenas fic o”, retomando Marcondes Filho (2009). Ao invés de manipula o, falemos de performances: a primeira pressupõe a



existência da aleatoriedade, do discurso neutro – seu oposto; a segunda carrega em si a ideia de intervenção no mundo, e, admitindo-a como sina de toda construção discursiva, faz transparecer a opacidade a todos os atores envolvidos no processo comunicativo. Sodré já indicava em sua *Antropológica do Espelho* (2002) a dificuldade da categoria manipulação, “que implica pura linearidade ou instrumentabilidade absoluta do *medium* e a hegemonia de uma consciência sobre a outra” (SODRÉ, 2002, p. 28). Se consideramos essa categoria a partir da ideia de *bios* midiático de Sodré, ela se torna ainda menos plausível, já que esse novo âmbito da existência pressupõe uma nova forma de consciência coletiva, com um modo específico de produzir efeitos que nada tem a ver com doutrinação ou determinação. A hipótese da *agenda-setting*,<sup>190</sup> assim, torna-se insuficiente para Sodré (2002, p. 57):

A agenda existe como função, mas não isolada, à maneira de um instrumento à parte do sujeito. O agendamento só funciona por força das prescrições de natureza moral, potencializadas pela *iluminação* da tecnologia e do mercado, em consonância com a profunda afetação da vida comum pela tecnocultura.

Tanto o xamanismo como o jornalismo – e considerando as duas expressões como atividades performáticas – pressupõem a relação entre perspectivas diferenciadas de mundo, a exemplo do par *xapiri* e xamãs, no primeiro caso; e fonte e jornalista, no segundo – dentre outros deslocamentos infintos possíveis. O modo como o xamanismo administra o encontro de perspectivas, ou, ainda, a maneira como permite o deslocamento de si para conhecer o outro é também fonte de inspiração para o que estou aqui chamando de Jornalismo de Perspectivas. Kopenawa é enfático quando condiciona a compreensão do outro ao devir: “Sem virar outro, mantendo-se vigoroso e preocupado com o que nos cerca, seria impossível ver as coisas como os espíritos as vêem” (KOPENAWA, 2015, p. 70).

Nas práticas xamânicas, a narrativa desse deslocamento, que, em última instância, nada mais é que um deslocamento interno – já que o outro é margem da existência do mesmo –, é comunicada ao restante da aldeia através do corpo-linguagem, num exercício radical de alteridade. Para Aparecida Villaça (2000), que analisou a relação entre xamanismo e contato interétnico a partir da etnografia *wari'* (grupo de língua Txapakura da Amazônia Meridional), esse movimento é análogo a um jogo de espelhos.

---

<sup>190</sup> A *agenda-setting* – ou Teoria do Agendamento – foi cunhada pelos norte-americanos Maxwell McCombs e Donald Shaw na década de 70.

[...] as imagens são refletidas ao infinito: o xamã se torna animal, e é como animal que adota a perspectiva dos seres humanos, *wari'*, passando a ver os Wari' como *karawa*, não-humanos. Nesse sentido, o xamã propicia aos Wari', à sociedade como um todo, a experiência, indireta, de um outro ponto de vista, o ponto de vista do inimigo: de *wari'* passam a se ver como presas, *karawa*, porque sabem que é assim que o xamã os está vendo naquele momento. O que ocorre é uma dupla inversão: um homem destaca-se do grupo tornando-se animal e adotando um ponto de vista humano (*wari'*) para que o resto do grupo, permanecendo humano (Wari'), possa adotar o ponto de vista animal (VILLAÇA, 2000, p. 64).

Fazer parte desse jogo de espelhos significa, para o jornalista, estar disposto e proporcionar a tantos leitores, espectadores, audiências, públicos, consumidores, colaboradores e afins; a experiência, indireta e permeada de si, de um outro ponto de vista. Como isso pode ser exercido na prática? O ponto de partida é pretensioso, e pressupõe inevitavelmente uma nova ontologia para o campo: não há fatos a serem narrados, externos à experiência, tampouco há lugar aqui para representações. O jornalismo, assim como o xamanismo, põe em relação mundos diferentes e, assim agindo, esquematizam – afetam! – a existência própria desses mundos. A largada, em suma, é considerar o que chamei poucos parágrafos atrás de primeira inspiração para uma invenção de jornalismo. O movimento subsequente delinea-se a partir de uma diferença de posição do eu – o que implica necessariamente uma diferença de postura do jornalista. O convite é abandonar-se à margem de si mesmo: local onde reside a perspectiva do outro, que, para os jornalistas, são os entrevistados, as fontes, os envolvidos em dado acontecimento que se deseja compreender e do qual o jornalista tornar-se inevitavelmente agência; e, por fim, é seu próprio público – sua aldeia. Isso não significa *tomar partido* de qualquer lado – com o risco do aprisionamento numa dada perspectiva – mas buscar observar *como* esses outros sujeitos as dobras de realidade, suas profundidades significantes, os níveis relacionais entre as agências do acontecimento. O *lead*, assim, aparece no plural: porquês, comos, ondes, o quês, quandos, “quem’s”. Retornando a Wagner (2010), a cultura é precipitada em dois movimentos, próximos ao deslocamento preterido pelos xamãs: a *visibilidade* – a apreensão do outro como uma entidade distinta – e, posteriormente, a *plausibilidade* – o reconhecimento de que se podem fazer as coisas de maneiras distintas. Transmutando seu corpo-jornalista naquele corpo específico com o qual busca estabelecer compreensão, o jornalista passa a ver seus pares, e todo o resto do mundo, como outro. Assim, sendo Outro sendo o Mesmo – e o que produz a partir disso, em termos de narrativa audiovisual, textual, imagética, sonora –, propicia que sua aldeia e seus pares sejam colocados, indiretamente,

numa relação com o Outro, ali disposto, no texto, como o Mesmo, revelado pela assinatura – seja coletiva, seja individual. Está aí o protótipo de um Jornalismo de Perspectivas.

As inversões perspectivísticas praticadas pelos xamãs, em sua dimensão constitutiva, dizem respeito ao estatuto relacional presa-predador (CASTRO, 2002, p. 353). A então presa ou mesmo o grande predador – o animal em que se é transmutado –, tem algo a comunicar para os outros, e o xamã dá conta dessa comunicação. Esse algo produz efeitos palpáveis no ponto de vista do xamã e muitas vezes a perspectiva do animal incorporado continua existindo no corpo do xamã – presa ou predador. É possível observar também na prática jornalística, o par presa-predador no par fonte-jornalista, ou, acontecimento-jornalista – não necessariamente nessa ordem relacional dos fatores, já que fonte e acontecimento podem se comportar ora como presa, ora como predador; assim como os jornalistas. Entretanto, a relação de predação no jornalismo é extremamente utilitária, já que é estabelecida para fins precisos e cada vez mais instantâneos. De fato, é assim que muitos jornalistas vão a campo em busca de suas fontes privilegiadas e do protagonismo do fato. Também, é assim que as fontes não raro veem os jornalistas: assim que o objetivo é alcançado, descarta-se a relação. Esta aí o inverso do protótipo de um Jornalismo de Perspectivas.

Parece-me proveitoso seguir, com vistas a contribuir ao desenho dessa proposta ideal, a ideia de equivocação controlada, delineada por Viveiros de Castro (2013). Considerando que não há pontos de vista sobre o mundo, mas mundos diferenciados postos em relação, o antropólogo acredita que a própria possibilidade de comunicação entre perspectivas deve partir justamente da impossibilidade de comunicá-las, já que cada ponto de vista abriga um quadro referencial ontológico que ordena percepções diferentes sobre o mundo mesmo e o mundo outro. Dizendo em outros termos: os interlocutores não falam a mesma coisa e são os equívocos daí nascentes que impelem a relação. A equivocação, assim, aparece como o meio de comunicação por excelência entre variadas posições de perspectivas. “Para traduzir é preciso presumir que uma equivocação sempre existe, e é isso que comunica as diferenças ao invés de silenciar o outro presumindo uma univocidade – a similaridade essencial – entre o que o Outro e nós estamos dizendo.” (CASTRO, 2004, p. 8). Quando esse *descompasso* é ignorado é que surgem as disjunções comunicativas: a comunicação a todo o custo produz inevitavelmente a não-comunicação.

É o que acontece, não raro, nas relações estabelecidas entre as agências que compõem o jornalismo e/ou os jornalismo: as disjunções comunicativas continuam a vibrar

em primeiro plano, incompreendidas, desembocando num mar de polarizações. O equívoco aqui é justamente o abandono da compreensão do equívoco de nascença. E isso tem alimentado a necessidade de uma espécie de proteção identitária por parte dos autores envolvidos na agência jornalismo, que passam a disputar o termo (no caso de midiativistas e jornalistas de redação) e/ou a estabelecer a partir dele relações utilitárias (no caso do estatuto relacional jornalista-fonte). Em seu Manifesto Ciborgue, Haraway (2000, p. 50) diz: “[...] meu mito do ciborgue significa fronteiras transgredidas, potentes fusões e perigosas possibilidades – elementos que as pessoas progressistas podem explorar como um dos componentes de um necessário trabalho político”. Haraway grita pelo ser autônomo, emancipado: o ciborgue, híbrido de máquina e organismo, recurso imaginativo e ficção. Mais que isso: é um manifesto pela legitimidade da incompletude: o não enquadramento da condição humana em modelos totalitários e identitários. É, a meu ver, o grito da margem como encontro. É o transbordamento do equívoco, sua ode. A compulsão maníaca por encontrar um Inimigo – um oposto feito entidade unívoca – atua, a meu ver, contra a possibilidade de subversão existencial defendida por Haraway e esperançosamente creditada a um Jornalismo de Perspectiva.

O manifesto atrelado a essa proposta ideal brada pela migração de uma Política Opositora para uma Política do Equívoco, local onde a transparente opacidade e a disposição ao cruzamento perspectivístico coordenem a necessidade de se buscar maneiras de tecer enlacs ao invés de embates, pousarmos nos equívocos e povoarmos legitimamente outras perspectivas – assumindo sua historicidade e sua metamorfose, seus riscos e suas lutas. Fora dessa proposta, potencialmente estaremos encharcados, acredito, das mesmas dicotomias/perspectivas de sempre, e as mudanças possíveis com tanto ódio – sujeito dos embates atuais –, serão em sua maioria aquelas relacionadas a posições de poder (ainda seremos somente nós mesmos, velhacos nas mesmas dicotomias de sempre, embora em outras posições de poder). Não que o ódio seja ilegítimo. Ele é apenas insuficiente. Ainda no Manifesto Ciborgue, Haraway defende que “uma visão única produz ilusões piores do que uma visão dupla ou do que a visão de um monstro de múltiplas cabeças” (HARAWAY, 2000, p. 51). Ou habitamos a perspectiva do outro, assumindo a incompreensão como essência do processo comunicativo (não necessariamente algo a ser combatido, algo negativo, mas algo inerente a todas as relações) ou seremos cegos de uma única visão.

## 5.2 Nada mais próprio que o outro: conversações transespecíficas com Ailton Krenak

Entendi que era importante conversar com Ailton Krenak logo que me saltou aos olhos a analogia entre o procedimento de deslocamento perspectivístico que constitui o xamanismo e o movimento de tradução de mundos preterido pelos jornalistas. Estaria já amparada pelo aporte teórico-conceitual destacado anteriormente, mas ansiava pela narrativa da experiência. Ailton é índio, jornalista e profundo conhecedor da cosmologia ameríndia. Nada mais próprio.

Meu encontro com Ailton começou em 2013, quando iniciei a atuação como tutora no curso de aperfeiçoamento em Cultura e Histórias dos Povos Indígenas (CHPI), oferecido pelo Centro de Educação à Distância da Universidade Federal de Juiz de Fora (Cead-UFJF). Ainda hoje, Ailton atua colaborando com a formação de dezenas de professores e demais interessados em compreender as desventuras dos povos que originaram a terra sobre a qual caminhamos. Nesse mesmo ano, começava a florescer um novo viés de minha pesquisa de doutorado, muito em razão do despertar promovido quando cursei uma disciplina ministrada pelo antropólogo Renzo Taddei, orientador dessa travessia. Por essa via foi que conheci os escritos teóricos de Eduardo Viveiros de Castro, dentre outras referências que amparam esta pesquisa, como o antropólogo Bruno Latour. Também em 2013 foi quando irrompeu a Jornada de Junho, e, com ela, veio à tona outros modos de conceber e praticar Jornalismo. Nisso tudo, a ideia de Invenção trazida por Roy Wagner parecia ser o nó de esperança que enlaçava essas insurgências. Era preciso *encontrar* para florescer um novo jornalismo.

Na maturidade dos escritos deste texto, dispus a certeza de que o modelo de jornalismo hegemônico que temos até hoje, ou seja, aquele que parte de uma visão cientificista do mundo – jornalista de um lado, acontecimento de outro –, era insatisfatório na compreensão do mundo. A falsa isenção travestida de verdade dos fatos, como disse anteriormente, é um dos resultados mais desastrosos desse modelo, a meu ver. Percebi num segundo momento que a inserção radical na ação, proposta pelos novos coletivos de midiativismo, dentro os quais a Mídia Ninja, poderia ser uma alternativa ao modelo que brada a dádiva do acesso privilegiado ao mundo com seus métodos (im)precisos de verificação. Entretanto, percebi que uma vez dentro "radicalmente" do acontecimento, de lá esses novos sujeitos não mais saíam: ficavam aprisionados, míopes em relação ao resto das

outras perspectivas de mundo menos alinhadas com os pontos de vista ocupados. Assim, compreendi que a parcialidade tomada como verdade é também um resultado desastroso, no que diz respeito à compreensão do mundo. E do outro.

Tanto em um quanto em outro caso, a presunção de verdade e de acesso privilegiado ao mundo – olhando do lado “de fora” ou olhando do lado “de dentro” – estão mantidos, no geral. A primavera preterida por mim, a partir das visibilidades emergentes com a Jornada de Junho, veio como meio-inverno para o jornalismo. Meia-primavera. Órfã de uma inspiração a partir do que eu via em termos de produção jornalística daqueles que se dizem jornalistas – e não somente daqueles considerados jornalistas –, entendi que era o momento de respirar teoria. E ela veio através de uma prática.

Comecei a ser conduzida pelos escritos sobre xamanismo, muito através de Eduardo Viveiros de Castro, e também da escuta do que dizia sobre a cosmologia ameríndia Ailton Krenak, Álvaro Tukano e Kaká Werá, ao longo das aulas presenciais do curso CHPI. Essas sementes teóricas brotaram de vez quando me tornei órfã e enraizaram a crença de que o movimento xamânico de entrar "radicalmente" na perspectiva do outro, mas continuar sendo quem se é; seria a chave para se pensar um novo modelo teórico sobre o jornalismo. Para mim, essa relação seria a redenção da atividade, ao menos, de novo, como inspiração. E, por acreditar nisso, fui reconduzida ao movimento de aproximação física com Ailton.

Essa recondução deu-se através de Angelise Nadal Pimenta, professora do curso CHPI e articuladora do Instituto Sociambiental (ISA). Angelise já caminhou por dezenas de territórios indígenas brasileiros, outros ainda latino-americanos, travessias que a constituíram na perspectiva ameríndia como *Tromehent*, a Estrela da Manhã. Muitas dessas andanças foram na companhia de Ailton Krenak – se não *com* ele, *através* dele. Por tudo isso que ela é, por residir parte do tempo em Juiz de Fora, e por sentir-me acolhida em sua presença, a reaproximação com Ailton começou de fato numa conversa com Angelise, um dia antes de encontra-lo. Naquela sexta-feira, 30 de novembro de 2015, entre idas e vindas de assuntos e indicações de leituras sobre xamanismo e deslocamento perspectívico e, já sabida da possibilidade de encontrar Ailton no dia seguinte, disse para Angelise que estava receosa em apresentar o tema a ele por parecer demais invasiva e leviana, em diferentes dimensões, mas principalmente por quatro motivos: pela profundidade de um tema que necessitava ser tratado em poucas palavras em razão do tempo escasso de intimidade que tínhamos nos próximos dias; pela possível leviandade da própria relação que tentei

estabelecer (xamanismo e jornalismo); por não pedir "permissão" anterior para adentrar essa cosmologia que me é totalmente desconhecida enquanto experiência própria; e, enfim, por fazê-lo pensar sobre uma relação que talvez não lhe caiba pensar ou se preocupar nesse momento. Decidi que o receio deveria tomar forma numa postura de abertura: deixaria que a conversa acontecesse e fosse encaminhada sem ansiedade.

No dia seguinte, a convite de Angelise, fui à aula presencial de encerramento do segundo ano de curso CHPI, agora uma "Especialização".<sup>191</sup> Quando encontrei Ailton no intervalo entre duas atividades, logo disparei: "Preciso de sua ajuda!". Toda a ansiedade reprimida esteve naquele momento saindo da minha boca em forma de pedido de socorro. Ao que Ailton respondeu com uma prestativa afirmativa. Expliquei em brevíssimas palavras que, em resumo, solicitavam dele uma reflexão sobre a possibilidade de ser o xamanismo inspiração para o jornalismo, no que diz respeito à transmutação de perspectivas. Naquele instante, Ailton deteve-se sereno, perguntou-me se conhecia os escritos de Viveiros de Castro, ao que respondi que sim, mas enfatizei o fato de que precisava conversar ele. Então, dispôs-se a me ajudar e ali nasceu a promessa não dita de uma conversa que aconteceria de fato na manhã seguinte, no Jardim Sensorial da UFJF-MG. O nublado do dia dava o tom melancólico, introspectivo e pouco urgente daquele encontro: a ansiedade da manhã anterior havia transmutado em paciência e eu já não aguardava um momento a sós com Ailton para a efetivação da conversa. Poderia apenas ter estado junto a ele, naquele jardim, observando como cada planta estava em seu lugar, embora algumas delas teimassem em crescer fora do vaso. Recebi uma intimação: "Vamos conversar? Daqui a pouco não teremos mais tempo, daqui já vou embora". Para Belo Horizonte partiria Ailton depois daquela manhã. Embora aquele encontro e o modo como a conversa fora encaminhada ainda tenham o frescor na memória dos *poucos dias atrás*, parece-me pouco possível que eu consiga traduzir aqui o mapa de sentido e afetações recíprocas que depois daquela pergunta foram tecidos. O início me pareceu logo deslumbrante, de trágico: quando perguntei se o xamanismo, por implicar o deslocamento perspectívico, poderia ser inspiração para o jornalismo, Ailton emendou: "De que jornalismo você está falando?". Comentei então que buscava inspiração para pensar justamente novas práticas ou, ainda, novos modelos teóricos. Nesse ponto, o movimento das mãos de Ailton como que abraçava alguns pés de alecrim e ao mesmo tempo parecia buscar no aroma exalado algo revigorante. Ali, naquele

---

<sup>191</sup> No primeiro ano do curso, em 2013, quando atuei como tutora, o curso era de Aperfeiçoamento.

momento, percebi que aqueles poucos minutos seriam árduos, ao menos para mim. Eu estive num deserto quando Ailton proferiu – em outras palavras que não estas que seguem – que não encontrava mais importância em pensar o jornalismo, esse sujeito histórico, por ter sido corrompido pelo capital, como tantas outras esferas de nosso mundo. Cada palavra proferida por ele, dali em diante, parecia ter o peso de não sei quantas íntimas decepções, desilusões, frustrações e violências, as quais nunca poderei compreender, tampouco enumerar. Ou seja, cada frase dizia ainda outros dizeres e me conectava a outros universos. Fui deslocada. A cada tentativa de reconexão com aquele espaço-tempo, naquele Jardim Sensorial, sentia-me sacolejada ao emergirem as respostas de Ailton: uma profusão de presságios sobre o futuro das narrativas jornalísticas. Esse tempo por vir traria também a completa inutilidade de tantos dizeres jogados ao vento. De nada irão servir, proferiu.

Ailton foi o protagonista da última edição (2015) da Coleção Encontros, que reuniu textos e entrevistas feitas com o líder indígena de 1984 a 2013. Em uma dessas entrevistas, publicada originalmente pela revista *Nau* em dezembro de 2013, Ailton falava da necessidade de mais acesso aos lugares simbólicos de reconhecimento. A disputa pelo lugar na *tela* seria uma maneira de vocalizar vozes não-hegemônicas e, assim, disputar lugar no mundo. “Quando você consegue ocupar esse lugar simbólico, da representação, você se potencializa para ocupar o lugar de fato, reivindicar o território” (KRENAK, 2015, p. 256). Ailton disse ainda que o imaginário caricaturado sobre os índios só começou a se desfazer depois que começaram a aparecer em programas de tv. Ainda em uma época em que “só tinha general mandando” no Brasil, Ailton foi protagonista do início de uma aliança afetiva a favor dos direitos dos povos indígenas, que culminou com a conquista das garantias constitucionais no texto de 1988. “Os jornais não davam notícia do que acontecia com os índios, que existiam menos ainda do que hoje. Hoje eles conseguem invadir a tela, invadir terra e tela, duas paisagens que eles aprenderam a ocupar” (KRENAK, 2015, p. 244). A garantia de visibilidade seria suficiente?

“Vou tentar encontrar algum sentido de esperança no que estamos conversando”, insisti. Ainda articulei algum raciocínio, dizendo dos recém-surgidos coletivos de midiativismo, que se propunham a dar visibilidade às causas invisíveis e/ou fazer um contraponto ao modo como são enviesadas nos meios de comunicação tradicionais. Disse também que estive por muito tempo inspirada pela proposta de inserção radical na ação – aquela dos Ninjas – mas que percebi o aprisionamento numa perspectiva, menos que o



deslocamento por entre pontos de vista diferenciados. Ailton falou então sobre o modo como a ciência acessa o mundo, a coisa do distanciamento necessário. Nem como última expectativa num alfabeto infinito de letras eu imaginaria ouvir de Ailton que era importante certa postura de distanciamento. “Você acredita nisso?”, disparei sem pensar. O modo como gaguejou me disse de alguma incerteza, embora não tenhamos explorado isso. O que veio depois fez a densidade aumentar. Já não falávamos de jornalismo.

Retomou o momento em que expressei a tentativa de encontrar algo de esperança no que ele vinha dizendo. “Não é falta de esperança, mas atenção aos perigos”. Em uma entrevista publicada originalmente em 2013, Ailton discorria sobre o fato de que nos afastamos da ideia de sagrado atrelada à natureza, como se a ordem de conceitos desse âmbito fosse propriedade solitária da cultura. Ao que ele contrapôs: “[...] sagrado pode ser tudo aquilo em que botamos os olhos, a depender dos olhos com que enxergamos o mundo” (KRENAK, 2015, p. 231). Ailton foi então interpelado pelo seguinte questionamento: “Como nadar contra essa correnteza?”. A resposta dada à época por Ailton parece eco do que ele me disse na manhã em que nos encontramos. E ela veio em forma de parábola:

Quando você me pergunta como nadar contra a correnteza, o que eu digo é que não devemos nadar contra a correnteza. A lição da água é você acompanhar o movimento dela. Agora, acompanhar o movimento da água como uma tábua é uma coisa, e acompanhar esse movimento como um peixe vivo é outra. Há uma parábola muito bonita sobre isso que ouvi da Gurumai, continuadora de uma tradição de grandes gurus. Meses antes da tsunami na Ásia, ela sonhou que estava no mar com as amigas. Era um mar de corais, e o céu estava tão maravilhoso e azul. De repente, elas foram surpreendidas por um turbilhão que não deu a elas tempo de fugir para a praia. As amigas que sabiam surfar jogaram a prancha para cima e seguiram a onda. Ela, ao contrário, ouviu uma voz que disse: ‘Respire e mergulhe o mais fundo que puder’. Quando finalmente retornou do fundo das águas, viu que as amigas que pegaram a primeira onda estavam esmagadas no rastro de toda aquela destruição. A lição da água não é nadar contra a corrente, é mergulhar fundo. Quem quer nadar contra a corrente é o velho homem. E mergulhar fundo significa aceitar os nossos defeitos, as nossas incapacidades. Enquanto não fizermos isso, aceitaremos que somos capazes de sermos maiores que nós mesmos. (KRENAK, 2015, p. 232)

Rememoro agora a pergunta que ele me fez, naquele momento: como poderia ele caminhar no alto de uma colina com diversos perigos em volta e ignorá-los ingenuamente? Ailton já suportou a dor de feridas tão íntimas que só aquele olhar mirando o meu poderia descrever. Viu parentes sendo incinerados. Suportou. Hoje, de tão amortizado, já nem sentiria se seu braço fosse queimado. Resignou-se? Está na luta. Aí está o sentido de

esperança que eu buscava. A minha batalha, no fim das contas, encontra a dele quando encontramos a onça.

\*\*\*

Era uma vez uma mamãe jacaré com seus filhotinhos. Um dia, uma onça faminta apareceu naquela parte da floresta. Mamãe jacaré então correu logo com seus filhotes para debaixo de um grande punhado de folhas e tratou de acomodá-los sob seu ventre, bem protegidos. Mas naquele abrigo não cabia a majestade de sua cauda, que ficou desprotegida. A onça avistou aquela cauda enorme e começou a abocanhá-la, devagarzinho. Nem a respiração da mãe fez a onça suspeitar que, protegidos pelo punhado de folhas e embaixo de um ventre de vida, haveria filhotinhos de jacaré. O animal faminto, já saciado, foi embora então com o logro de uma cauda devorada.

“O que haveria de acontecer se mamãe jacaré optasse por enfrentar a onça, em defesa de seus filhotes? Foi mesmo uma boa ideia deixar amputar uma parte de seu corpo para que a cria não fosse descoberta?”. Ailton me dirigia essas perguntas sem perguntar. E a moral da história, para mim, veio a partir da identificação que senti com aquele bicho acuado, mas disposto a perder algo importante em nome de algo ainda mais valioso. Não seria essa postura também uma forma de luta?

Estive eu aqui, no caminho desta tese, a tentar preservar o que vejo de mais valioso no jornalismo, como agente de tradução do mundo e produção de conhecimento: a potencialidade de cruzar compreensões, mesmo à custa de certas amputações conceituais. O que vem emergindo nesses termos, deve ser observado com atenção. De fato, nada insurgente me parece completamente poderoso – nem tão do lado de fora, nem tão do lado de dentro –, mas nenhuma totalidade é tão potente quando a divergência. Por isso a atitude maternal não deve ser direcionada aos anos e anos de constituição de um corpo teórico e prático que define o jornalismo tal qual ele deve ser. A atitude maternal deve proteger justamente os enfrentamentos a esse modelo. Só assim ele deixa de ser modelo e torna-se vivo, passível de reinvenção. Não me interessa modelos, só o que não pertence a ele, numa atitude radical de alteridade. Só me interessa o outro, para constituir-me. “Lei do Homem, Lei do antropófago”.

\*\*\*

Ailton parecia querer sair dali, tornou-se inquieto. Chorei no caminho para o carro. Ainda falamos de Guimarães Rosa, do conto do lauretê, sobre o qual Ailton discorreu com conhecimento, como discorre sobre todas as coisas. Dias depois da nossa conversa no Jardim Sensorial, o rio avô dos Krenaks foi inundado pela lama de resíduos da mineradora Samarco, em um dos maiores crimes ambientais que se tem notícia no Brasil. O modo como os grandes conglomerados de jornalismo tratou a matança, no geral, fez ressoar em minha memória a postura *em alerta* que Ailton demonstrava já dias antes do ocorrido. Acreditam os Yanomamis que os *xapiri* estão já há algum tempo a segurar o céu, prestes a cair. O que faremos, nós, jornalistas, em termos de produção de conhecimento sobre o mundo, para auxiliar os mestres do esquematismo cósmico na tentativa de sobrevivência desse mesmo mundo? Vê-se que nossa tarefa é imensamente maior que a tentativa desenfreada de estabelecer fronteiras epistemológicas e demarcar posições corporativas. O nascimento de uma nova ontologia é questão de sobrevivência: do mundo, do jornalismo.

## REFERÊNCIAS

ALVES FILHO, Francisco. O lado ninja do protesto. **Jornal O Dia Rio**, 15 jul. 2013. Disponível em: <<http://odia.ig.com.br/noticia/rio-de-janeiro/2013-07-15/lado-ninja-do-protesto.html>>. Acesso em: 18 jul. 2013.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

BENTES, Ivana. Estéticas insurgentes e mídia-multidão. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v.10, n.1, p.330-343, maio, 2014. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/liinc/index.php/liinc/article/view/704>>. Acesso em: 15 fev. 2016.

\_\_\_\_\_. Respeitosamente Vândala. **Revista Cult**, n. 188, março 2014. São Paulo: Bregantini, 2014.

BOECHAT, Raquel. Salve-se quem puder! Dia 5 é você e a urna. **Coletivo Carranca**, Rio de Janeiro, 2 out. 2014. Disponível em: <<http://coletivocarranca.cc/salve-se-quem-puder-dia-5-e-voce-e-urna/>>. Acesso em: 14 fev. 2016.

BONNER, William. Editorial do Jornal Nacional, 10 fev. 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=jvqaTbOWqQc>>. Acesso em: 11 fev. 2016.

BRETON, Philippe. Como convencer? Da comunicação argumentativa à manipulação. Trad. Flávia Silva Machado e Moisés Olímpio Ferreira. EID&A – **Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. 3, p. 117-132, nov. 2012.

CAIAFA, Janice. **Aventura das cidades: ensaios e etnografias**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

\_\_\_\_\_. Aspectos do Múltiplo nas Sociedades de Comunicação. **Contracampo** – Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação – Universidade Federal Fluminense, Niterói, n. 22, fev. 2011.

CARTACAPITAL. “Podemos tirar, se achar melhor”. São Paulo, 24 mar. 2015. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/blogs/midiatico/podemos-tirar-se-achar-melhor-podemos-2154.html>>. Acesso em: 6 fev. 2015.

CASTELLS, Manuel; CARDOSO, Gustavo (orgs). **A sociedade em rede: do conhecimento à ação política**. Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2006.

\_\_\_\_\_. **[Opinião sobre o potencial libertário da internet e da nova sociedade global]**. Entrevista concedida a Carlos André Moreira para o Jornal Zero Hora em 9 de junho de 2013. Disponível em: <<http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/cultura-e-lazer/segundo-caderno/noticia/2013/06/a-rede-torna-mais-dificil-a-opressao-diz-manuel-castells-4164803.html>>. Acesso em: 27 jun. 2013.

\_\_\_\_\_. **Redes de Indignação e Esperança: movimentos sociais na era da Internet.** Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2013.

CARROLL, Lewis. **As aventuras de Alice no país das maravilhas.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. **A inconstância de alma selvagem.** São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

\_\_\_\_\_. **[Opinião sobre a situação dos povos indígenas no Brasil]**. Entrevista concedida à Revista CULT em 2015. Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2015/07/entrevista-eduardo-viveiros-de-castro-fotografo/>>. Acesso em: 15 fev. 2016.

\_\_\_\_\_. **Perspectival anthropology and the method of controlled equivocation.** Tipiti – Journal of the Society for the Anthropology of Lowland South America, San Antonio, v. 2, n. 1, 2004. Disponível em: <<http://digitalcommons.trinity.edu/tipiti/vol2/iss1/1>>. Acesso em: 15 fev. 2016.

COCCO, Giuseppe. O preto e a rosa, uma resposta a Rodrigo Savazoni. **Quadrado dos Loucos.** 2 set. 2013. Disponível em: <<http://www.quadradodosloucos.com.br/3908/o-preto-e-a-rosa-uma-resposta-a-rodriigo-savazoni/>>. Acesso em: 14 fev. 2016.

COSTA, Luciano Martins. A classe média vai ao paraíso. **Observatório da imprensa.** São Paulo, 16 mar. 2015. Disponível em: <[http://observatoriodaimprensa.com.br/caderno-da-cidadania/a\\_classe\\_media\\_vai\\_ao\\_paraiso/](http://observatoriodaimprensa.com.br/caderno-da-cidadania/a_classe_media_vai_ao_paraiso/)>. Acesso em: 6 fev. 2016.

COUTINHO, Iluska. **Dramaturgia do telejornalismo brasileiro: a estrutura narrativa das notícias em televisão.** São Paulo, 2003. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo, 2003.

DATAFOLHA. **Manifestação na avenida Paulista** – 15 mar. 2015. São Paulo: DataFolha, 2015. Disponível em: <<http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2015/03/17/manifestacao-15-03.pdf>>. Acesso em: 6 fev. 2016.

DELEUZE, Gilles. Controle e Devir. In: \_\_\_\_\_. **Conversações.** Rio de Janeiro: editora 34, 2000.

\_\_\_\_\_. Post-Scriptum sobre as sociedades de controle. In: \_\_\_\_\_. **Conversações.** Rio de Janeiro: Editora 34, 2000.

DOURADO, Betinho. [comentário pessoal]. **Facebook.** 13 jan. 2015. Disponível em: <<https://www.facebook.com/PragmatismoPolitico/videos/589153654449712/?pnref=story>>. Acesso em: 7 fev. 2016.

FILHO, Francisco Alves. Lado ninja do protesto. **O Dia**, Rio de Janeiro, 15 jul. 2013. Disponível em: <<http://odia.ig.com.br/noticia/rio-de-janeiro/2013-07-15/lado-ninja-do-protesto.html>>. Acesso em: 12 fev. 2016.

FOLHA DE SÃO PAULO. Protestos ocorrem em todos os Estados. São Paulo, 16 mar. 2016. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2015/03/1603421-protestos-ocorrem-em-todos-os-estados.shtml>>. Acesso em: 6 fev. 2016.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Editora Vozes, 1975.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

\_\_\_\_\_. Aula de 14 de março de 1979. In: \_\_\_\_\_. **Nascimento da biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GAZIR, Augusto. Mídia NINJA: jornalismo de mais ou de menos? **Canal Ibase**, Rio de Janeiro, 29 jul. 2013.

G1. Cinegrafista atingido por rojão em protesto no Rio tem morte cerebral. Rio de Janeiro, 10 fev. 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2014/02/cinegrafista-atingido-por-rojao-em-protesto-no-rio-tem-morte-cerebral.html>>. Acesso em: 14 fev. 2016.

HARAWAY, Donna. Manifesto Ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). **Antropologia do Ciborgue: As vertigens do pós-humano**. Autêntica: Belo Horizonte, 2000.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami**. Trad. Beatriz Perrone-Moisés. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo**. Trad. Wladir Dupont. São Paulo: Geração Editorial, 2003.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**. Rio de Janeiro: ed. 34, 1994.

\_\_\_\_\_. **Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede**. Trad. Gilson César Cardoso de Souza. Salvador: Edufba, 2012; Bauru, São Paulo: Edusc, 2012.

LEMOS, André. **A comunicação das coisas: Teoria do ator-rede e cibercultura**. São Paulo: Annablume Editora, 2013. (coleção Atopos).

LINHALIS, Lara. [comentário pessoal]. **Facebook**. 17 mar. 2015. Disponível em: <<https://www.facebook.com/laralinhalis/posts/816578071743700>>. Acesso em: 14 fev. 2016.

MAGALHÃES, Vera. Efeito Mídia NINJA. **Veja**, Radar Online, São Paulo, 2 ago. 2013. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/radar-on-line/brasil/eduardo-paes-e-o-efeito-midia-ninja/>>. Acesso em: 14 fev. 2016.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Ser jornalista: o desafio das tecnologias e o fim das ilusões**. São Paulo: Paulus, 2009.

MEDEIROS, Evandro; LINHALIS, Lara. O Equívoco da Manipulação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 38., 2015, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2015.

MOLICA, Fernando. Ideário NINJA 1. **Pontos de Partida**, 8 set. 2013. Disponível em: <<http://www.fernandomolica.com.br/blog/2013/09/ideario-ninja-1.php>>. Acesso em: 14 fev. 2016.

MOREIRA, Carlos André. Pablo Capilé: "Rolou um salto quântico de consciência no Brasil". **Zero Hora**, Porto Alegre, 24 jan. 2014. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2014/01/pablo-capile-rolou-um-salto-quantico-de-consciencia-no-brasil-4399656.html>>. Acesso em: 14 fev. 2016.

MORETZSOHN, Sylvia Debossan. A militância e as responsabilidades do jornalismo. **Observatório da Imprensa**, São Paulo, 23 jul. 2013. Disponível em: <<http://observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/ed756-a-militancia-e-as-responsabilidades-do-jornalismo/>>. Acesso em: 14 fev. 2016.

MOTA, Regina. A terceira margem da televisão. **Revista Contemporânea**, n.9, 2007/2. Disponível em: <[http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed\\_09/contemporanea\\_n9\\_02\\_rmota.pdf](http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_09/contemporanea_n9_02_rmota.pdf)>. Acesso em: 27 ago. 2015.

MOURA, Bernardo. Os ninjas na Prefeitura do Rio. **O Globo**, Rio de Janeiro, 22 jul. 2013. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/rio/os-ninjas-na-prefeitura-do-rio-9116788>>. Acesso em: 14 fev. 2016.

\_\_\_\_\_. [comentário pessoal]. **Facebook**. 22 jul. 2013. Disponível em: <<https://www.facebook.com/midiaNINJA/photos/a.164308700393950.1073741828.164188247072662/206821286142691/?type=1&theater>>. Acesso em: 14 fev. 2016.

\_\_\_\_\_. [comentário pessoal]. **Facebook**. 24 mar. 2015. Disponível em: <<https://www.facebook.com/midiaNINJA/photos/a.235526863272133.1073741870.164188247072662/470182423139908/?type=1&theater>>. Acesso em: 7 fev. 2016.

\_\_\_\_\_. **Financie o NINJA** – campanha de financiamento colaborativo. Disponível em: <<https://ninja.oximity.com/partner/ninja/donate>>. Acesso em: 13 fev. 2016.

\_\_\_\_\_. Morte e vida nas ruas [comentário pessoal]. **Facebook**. 10 fev. 2014. Disponível em: <<https://www.facebook.com/midiaNINJA/posts/275474159277403>>. Acesso em: 11 fev. 2016.

\_\_\_\_\_. Pós Paes [comentário pessoal]. **Facebook**. 19 jul. 2013. Disponível em: <<https://www.facebook.com/midiaNINJA/posts/205781782913308>>. Acesso em: 13 fev. 2016.

O ESTADO DE SÃO PAULO. Cálculos da PM. São Paulo, 15 mar. 2015. Infográficos. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/infograficos/politica,calculos-da-pm,385453>>. Acesso em: 6 fev. 2016.

O GLOBO. Rio de Janeiro, 16 mar. 2015. P. 1. Disponível em: <[http://portal.newsnet.com.br/portal/schneiderelectric/pdf.jsp?cod\\_not=1158712](http://portal.newsnet.com.br/portal/schneiderelectric/pdf.jsp?cod_not=1158712)>. Acesso em: 6 fev. 2016.

PASSA PALAVRA. República Fora do Eixo: estratégia de apropriação dos movimentos autônomos. 25 maio 2014. Disponível em: <<http://www.passapalavra.info/2014/05/95577>>. Acesso em: 14 fev. 2016.

POLÍCIA MILITAR – SP. [comentário pessoal]. **Twitter**. 15 mar. 2015. Disponível em: <<https://twitter.com/pmesp>>. Acesso em: 6 fev. 2016.

PORTAL FÓRUM. Erro da Reuters gera mobilização de internautas contra blindagem da mídia tradicional. São Paulo, 24 mar. 2015. Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/2015/03/24/erro-da-reuters-gera-mobilizacao-de-internautas-contra-blindagem-da-midia-tradicional/>>. Acesso em: 6 fev. 2016.

PRAGMATISMO POLÍTICO. [comentário pessoal]. **Facebook**. 17 jun. 2013. Disponível em: <<https://www.facebook.com/PragmatismoPolitico/videos/589153654449712/?pnref=story>>. Acesso em: 25 jan. 2016.

RANCIÉRE, Jacques. **O espectador emancipado**. Trad. Ivone Benedetti. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

RATTES, Kleyton. **O mel que outros faveiam: Guimarães Rosa e Antropologia**. Rio de Janeiro, 2009. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009.

REVISTA FÓRUM. Depois da morte do cinegrafista Santiago Andrade. 11 fev. 2014. Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/2014/02/11/depois-da-morte-do-cinegrafista-santiago-andrade/>>. Acesso em: 14 fev. 2016.

RIO, João do. **A alma encantadora das ruas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

RIO DE JANEIRO. Tribunal de Justiça. Processo N<sup>o</sup> 0045813-57.2014.8.19.0001, da 3<sup>a</sup> Vara Criminal do Estado do Rio de Janeiro. Autor: Ministério Público Do Estado Do Rio De Janeiro.



Acusados: Fábio Raposo Barbosa e Caio Silva de Souza. Rio de Janeiro, 8 fev. 2014. Disponível em: <<http://www4.tjrj.jus.br/consultaProcessoWebV2/consultaMov.do?v=2&numProcesso=2014.900.004112-0&acessoIP=internet&tipoUsuario>>. Acesso em: 11 fev. 2016.

ROBLEDO, Pedro. **Movimiento 15m**, 27 jul. 2013. Disponível em: <<http://www.movimiento15m.org/>>. Acesso em: 14 fev. 2016.

SÁ, Nelson de. Mídia Ninja prepara portal para transmitir 'outro lado' da Copa. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 11 mai. 2014. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2014/05/1451908-midia-ninja-prepara-portal-para-transmitir-outro-lado-da-copa.shtml>>. Acesso em: 13 fev. 2016.

SÁ, Xico. [comentário pessoal] **Facebook**. 10 jan. 2016. Disponível em: <<https://www.facebook.com/xico.sa/posts/10154407891091686?pnref=story>>. Acesso em: 24 jan. 2016.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do Espelho**: Uma teoria da comunicação linear e em rede. 5.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

SZTUTMAN, Renato (org). **Encontros** – Eduardo Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2007. (coleção Encontros – Eduardo Viveiros de Castro).

TADDEI, Renzo. Anthropologies of the Future: on the social performativity of (climate) forecasts. In: KOPNINA, Helen; SHOREMAN-OUIMET, Eleanor (eds.). **Environmental Anthropology**: future directions. London: Routledge, 2013, pp. 244-263.

\_\_\_\_\_. **[Opinião sobre as manifestações no Brasil]**. 2013. Entrevista concedida a Marcos Nepomuceno para o blog Uma (in)certa antropologia, em 8 de julho de 2013. Disponível em: <<http://umaincertaantropologia.org/2013/07/08/o-sentido-das-manifestacoes-nao-se-resume-a-esperar-uma-resposta-do-estado-o-mundo-e-muito-maior-que-o-sistema-politico/>>. Acesso em: 10 jul. 2013.

TORTURRA, Bruno. Olho da rua. **Revista Piauí**, Questões de Mídia e Política, São Paulo, dez. 2013. [2013a] Disponível em: <<http://revistapiaui.estadao.com.br/materia/olho-da-rua/>>. Acesso em: 14 fev. 2016.

TORTURRA, Bruno. **[Opinião sobre as manifestações de junho de 2013]**. Entrevista concedida a Fernando Gabeira no Programa Capital Natural # 41: Democracia carregando, em 30 de junho de 2013. [2013b] Disponível em: <<http://vimeo.com/69417938>>. Acesso em: 13 fev. 2015.

VETTORAZZO, Lucas. Madrugada de caos assusta moradores da zona sul do Rio. **Folha de São Paulo**, Poder, Rio de Janeiro, 18 jul. 2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2013/07/1312881-madrugada-de-caos-assusta-moradores-da-zona-sul-do-rio.shtml>>. Acesso em: 14 fev. 2016.

VILLAÇA, Aparecida. O que significa tornar-se Outro? Xamanismo e contato interétnico na Amazônia. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 15, n. 44, out. 2000.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. São Paulo: Cosac & Naify, 2010.

## ANEXO ÚNICO

### Pós-entrevistas

A pesquisa que resultou nesta tese foi desenvolvida a partir de um recorte temporal específico, que vai desde as primeiras grandes manifestações de junho de 2013 até o findar da Copa do Mundo de 2014, quando também irromperam diversos protestos pelo país. O modo como o jornalismo foi interceptado enquanto conceito e prática por diferentes atores no âmbito dessas manifestações contribuiu para o desenho de um experimento conceitual chamado aqui de Jornalismo de Perspectivas. Entretanto, como mencionado na introdução mesmo deste texto, nada há de acabamento conclusivo nesta pesquisa, já que o jornalismo e suas agências estão em constante ebulição inventiva. Desde a Copa do Mundo de 2014, uma série de novos arranjos foi observada no cenário em questão. De modo que, após a conclusão desta etapa da pesquisa, senti a necessidade de realizar novas entrevistas com alguns dos atores que se comportaram aqui nesta tese como nós de redes de controvérsias, a fim de entender possíveis deslocamentos perceptivos em relação a temas ainda urgentes como midiativismo e manifestações.

Entrei então em contato, através do Facebook, com Raquel Boechat, Carioca, Thiago Dezan, Carolline Leite e Diego Ceciliano. Raquel, que ainda atua no coletivo Carranca, me respondeu prontamente as questões enviadas por email, assim como Thiago Dezan, hoje desvinculado tanto da Mídia Ninja quanto do FDE. Carioca (Mídia Ninja/FDE), Diego e Carolline - ambos ex-colaboradores - se dispuseram a responder, entretanto, após o envio das perguntas, não houve retorno concreto. Segue então, abaixo, as duas entrevistas efetivadas.

\*\*\*

**1) Junho de 2013 e Junho de 2014 expuseram cenários bastante diferentes por onde transitava o midiativismo no Rio de Janeiro. No primeiro, a catarse da agregação. No segundo, uma dispersão por vezes sofrida, por vezes raivosa. Um luto, embora a vida tenha seguido resignada (houve protestos, havia midiativistas...). A Mídia Ninja (MN) esteve no centro de uma série de controvérsias envolvidas nesse luto. De heróis e vilões: não seria exagero assim qualificá-los dentro de alguns círculos? De que maneira você**

**entendeu esse deslocamento de imaginário sobre a MN? Houve uma percepção coletiva do grupo MN sobre isso?**

THIAGO DEZAN<sup>192</sup>: Sobre a catarse da agregação, eu acho mais que seria, além de catarse da agregação, meio que uma catarse do descobrimento, também. Porque, em junho de 2013, estava meio que todo mundo começando. Mesmo quem já vinha fazendo coisa e tinha mais experiência, tipo a galera do Ninja. Quem estava se juntando e fazendo outros coletivos estava meio que se descobrindo. Todo mundo ou era cineasta ou era, sei lá... Filmava ou fazia foto. Cada um fazia uma coisa, mas de forma isolada. E muitos coletivos começaram a se juntar e todo mundo também tinha uma expectativa muito grande, com o que estava acontecendo, que era uma coisa inédita na nossa geração, de tipo: muita gente indo pra rua, protestos, vira repressão à manifestante... A nossa geração não tinha visto isso assim. Então, eu acho que foi um momento que os ânimos estavam meio que exaltados e a percepção da realidade estava afetada por essa expectativa numa situação, num momento histórico. E eu acho que, por isso, as leituras sobre tudo estavam também mais intensas. Era mais fácil amar e depois odiar uma pessoa e não sei o que, ou um grupo, ou tal coisa. E, ao mesmo tempo em que, em 2014... Você fala aqui que primeiro a catarse da criação, segundo a dispersão sofrida e raivosa. Eu acho que também isso se dá por fruto de ter meio que... Essa galera que estava mais engajada ter meio que sofrido uma certa decepção pelos movimentos terem perdido força, pela mídia ter conseguido criminalizar um por um, da mesma forma que começou criminalizando o Ninja e depois acabou. Teve Veja com a capa com foto da Emma e depois com a Sininho, aquela prisão de quase 200 pessoas, ao mesmo tempo em que fizeram pra acabar com o "Ocupa Câmara". Então, tudo estava muito saturado também. E o ritmo da Copa chegando e dos movimentos não conseguindo fazer o que fizeram no outro ano, porque já tinha, não só sido criminalizado, mas também perdido a força por muita ruptura interna, eu acho que, sei lá... Eu não chamo de luto, que é o que você fala depois, assim, porque teve coisas tipo... Tiveram algumas manifestações. Embora que não seja forte, cada um estava meio que tocando a sua parada. Eu acho que de certa forma, um ranço que um certo nicho de pessoas ficaram com o Ninja, foi pelo Ninja ter feito muito mais coisa, ter sido o coletivo que *bombou* primeiro que todo mundo. Eu acho que a galera ficou também, de certa forma, ressentida por causa disso e projetou, às vezes,

---

<sup>192</sup> Entrevista realizada com Thiago Dezan por email em 27/01/2016.

frustrações que tinha nos outros e acabou achando uma justificativa fácil pra descredibilizar o que o Ninja estava fazendo e falar que o deles era melhor, sabe? E por causa de toda criminalização que tava tendo da mídia, depois daquele Roda Viva... Porque até o Roda Viva, o Ninja tava, sei lá... O Carioca tava sendo solto, tava tudo bem. Não tinha problema nenhum. Todo mundo amava o Ninja. Mas aí depois, foi quando começou a ter aqueles relatos sobre o Fora do Eixo, que foi uma campanha coordenada, sabe? Aquilo foi também uma justificativa fácil de querer descredibilizar o que o Ninja tava fazendo e uma galera da esquerda comprou isso porque era mais fácil ter predisposição de não gostar do Fora do Eixo naquele momento, que tinha gente falando mal, do que realmente entender o que a parada é e o que faz. Então, eu acho que essa foi uma das paradas que aconteceu.

Sobre se houve uma percepção coletiva, como você coloca... Bom, houveram vários momentos de percepção e debate e não sei o que, mas o que eu falei é meio que a minha percepção, mas que, também, eu fazia parte desse grupo da percepção coletiva, igual todo mundo que estava lá naquele momento.

**2) Normalmente nutrimos expectativas em relação aos projetos que participamos. Por ter morado na base Ninja do Rio e ser integrante do FDE, imagino que a MN tenha ocupado grande parte do seu cotidiano e também das suas projeções de futuro. A MN, tal como ela está hoje, se parece em alguma medida com o que você esperava dela? Quais motivos você atribui a isso?**

THIAGO DEZAN: Eu acho, Lara, que, obviamente, como eu morava lá e não só morava “residia”, mas, também, fazia parte daquilo tudo e era uma das pessoas que estava construindo aquilo, então, obviamente, eu nutri expectativas e eu, como mais uma pessoa lá, estava num momento de muita... Decidir onde tava dando muita garra pra fazer a parada toda rolar. E, inclusive, pra fazer a campanha de criminalização e difamação acabar e tentando alertar as pessoas que tavam no meu entorno, e pra quem eu poderia falar que “Cara, não entra nessa”. Eu acho que quem está no campo da esquerda e comprou o argumento da direita pra criminalizar o Fora do Eixo e o Ninja tá vacilando muito. Porque mesmo... Tem uma galera que... Se for analisar a galera que criminaliza o Ninja e a... Por que criminalizam o Ninja? Porque o Ninja, num momento decisivo, tomou posição, sabe? Tomou

uma postura, que acho que foi mais ou menos nas eleições e falou: "Não, a gente vai declarar apoio à Dilma, porque a gente não vai deixar o Aécio ganhar". E a Dilma ganhou por muito pouco e a Dilma tem todos os defeitos que ela tem, mas eu acho que, ainda assim, ela é uma presidenta melhor que seria o Aécio. Mas, enfim, eu acho que foi esse um dos momentos decisivos que a galera comprou uma briga com o Ninja. E eu acho que o Ninja estava certo de ter feito o que fez, porque não dava pra não tomar lado no momento em que o país tava. Se você tem... Se você tá preocupado com o país, você tem que tomar posição num momento decisivo e acho que defender o voto nulo naquele momento tava errado, sabe? Eu acho que o Ninja fez a coisa certa e isso rendeu muita treta.

Eu acho que o Ninja teve um papel muito importante, sabe? Inclusive estimulou com que todos os coletivos de mídia independente do Rio fossem o que eles são hoje. Quer dizer, acho que estimulou eles a... Naquele momento, estimulou eles a fazer melhor e fazer mais do que eles estavam fazendo. Porque todo mundo tinha uma referência pra olhar, porque o Ninja tava fazendo um trabalho revolucionário e cobrindo coisas no país inteiro, que ninguém tava fazendo, postando foto foda em tempo real, fazendo transmissão ao vivo pra centenas de milhares de pessoas assistir, transmissões que, às vezes, duravam cinco ou seis horas. Eu acho que isso foi uma referência pra que todo mundo pudesse pensar em como fazer melhor as suas próprias paradas. E estimular os coletivos a verem que, sei lá, que podiam ser vistos por muita gente, que a voz deles também poderia ecoar bastante. Eu acho que ele teve esse ciclo que ainda rola hoje. Tem ato do MPL acontecendo em São Paulo de novo, e o Ninja lá, cobrindo. Mas eu acho que o Ninja já teve o seu ápice e aí, depois desse grande ápice, eu acho que agora ele vai manter as ações e criar outras coisas. O Ninja já teve o seu papel fundamental, ainda existe, ainda vai ter coisa acontecendo, mas não necessariamente ele tenha que estar no ápice agora. Porque a história das coisas também é cíclica, então pode ser que daqui a pouco a parada volte a ser outra coisa gigante. Então, eu acho que também isso com o tempo vai mexendo.

**3) Foi bastante visível pra mim que sua atuação na MN durante e pós Copa do Mundo foi bem menos intensa (afetivamente e quantitativamente) que em outros momentos que estivemos juntos. A que você deve esse movimento?**

THIAGO DEZAN: Eu acho que, a coisa mais maneira que eu fiz durante a Copa foi... Eu comecei a fazer, na real, dois meses antes da copa; foi uma campanha junto com a Justiça Global e a *Frontline Defenders* que é uma ONG de direitos humanos internacional e que o Ninja participou. Quem tava participando do Ninja nessa campanha era eu e a Paula e o Gian. E a gente fez 11 minidocumentários sobre 11 defensores dos direitos humanos pelo país inteiro. Então, o Gian fez quatro, eu fiz quatro e eu e a Paula fizemos sete. E a gente ficou viajando, foi em vários territórios indígenas, territórios caiçaras, de quilombolas, fazer esses curtas-metragens de sete minutos mais ou menos cada um, sobre essas pessoas. E foi irado. Isso foi lançado logo antes da Copa, só que foi lançado pela Justiça Global e, sinceramente, eles não fizeram um trabalho bom. Não rolou uma... Rolaram algumas exposições, no Santa Marta foi maneiro, mas, virtualmente, a parada não pegou muito. O que é uma pena, porque os vídeos são muito irados. Posso te mandar os *links* depois disso. Mas, então, e aí, acho que, sei lá, essa foi minha grande contribuição. E quando eu tava no Rio, durante a Copa, eu fui cobrir protesto e tal, mas já tava um pouco mais distante, mas não... Eu acho que isso que é importante de frisar pra você, não quer dizer que eu discorde ideologicamente de nada no Ninja, do que foi feito, ou do que aconteceu, porque eu também fazia parte daquilo tudo ali, sabe? Eu não tava fazendo coisas que eu não queria. Eu tava ali fazendo o que eu acreditava e ainda acredito, de certa forma. Eu não me vejo como uma pessoa que saiu do Ninja igual quem saiu e foi fazer aquelas cartas. Eu saí por achar que... Não saí, mas me afastei. Não por esse tipo de discordância, mas por coisas pessoais minhas. Por achar que eu precisava – que preciso ainda, na real – buscar outras fontes de conhecimento também, pra conseguir evoluir mais e, futuramente, voltar e poder agregar mais. E não voltar pro Ninja ou pro Fora do Eixo, especificamente, mas pra estar envolvido em coisas mais coletivas. Só que eu acho que é importante pra mim, nesse momento que eu estou da minha vida agora, viajar mais e conhecer mais coisas, produzir mais coisas, pra poder agregar mais. Eu passei quase dez anos, tipo nove anos, dos meus 16 até os meus 24, 25, com essa mesma galera e a gente fez coisa pra caralho no Brasil inteiro. Começou botando Cuiabá na rota da música, com a gente criando uma rota da música, e depois um circuito cultural, e aí também queria veículo de comunicação e aí vai pra São Paulo, criamos uma casa foda que virou referência de arte lá. E a parada foi bola de neve, então rolou muita coisa. Mas eu também achei que agora eu queria dar outros voos e eu não sei o que vai acontecer mais pra frente ainda.

**4) Você tem participado de projetos de âmbito nacional e internacional e chegou inclusive a morar um tempo em São Francisco (EUA). Quais são esses projetos? Em que as ações que você desenvolve nesses projetos se diferenciam daquelas que você desenvolvia quando participava mais ativamente de ações do FDE e da MN?**

THIAGO DEZAN: Eu tô em São Francisco ainda, eu e a Paula. Tá bem maneiro aqui, tem quatro meses que a gente tá aqui. A gente chegou ano passado. Então, agora eu to fazendo um projeto, tirando bastante foto de rua e eu quero fazer o que eu acho que vai ser um livro, mas falando sobre, tentando desenhar uma linha sobre... Basicamente tentando conectar lutas por terra ao redor do mundo. Eu quero fazer... É um livro de foto. Mas só mostrando fotos que vão conectar as indígenas que estão perdendo terra para os fazendeiros, com os indígenas maias da Guatemala, que estão perdendo terra para as mineradoras, com os *homeless* do Silicon Valley, que um monte de gente que tá perdendo as casas porque as empresas de tecnologia, tipo o Google, o Twitter, Facebook, vieram pra cá e aí trouxeram um monte de funcionário que ganham muito dinheiro e isso tá gentrificando a cidade. Tá todo mundo perdendo casa. E eu quero visitar outros lugares, onde tá acontecendo esse movimento de expulsão, de ocupação. Também fui em assentamentos do MTST. Então eu quero fazer um livro de foto, meio que juntando isso tudo. Eu já to selecionando uma parte, mas eu acho que preciso fotografar mais ainda, inclusive no Brasil, território indígena. Então, é um projeto de longo prazo, mas que tá acontecendo agora, que eu acho que é maneiro citar, mas sei lá. Fora isso, tô fazendo uns *trampo*, to fazendo uns *freela*. É diferente porque eu não tô num coletivo mais, vivendo cotidianamente num coletivo. É muito diferente quando você vive numa casa com 20 pessoas e quando você mora sozinho, ou com a sua namorada.

\*\*\*

**1) O modo como o coletivo Carranca organiza e realiza suas atividades hoje, se diferencia em quais aspectos da forma como as ações eram desenvolvidas nos primeiros meses de gestão e durante a Copa do Mundo? Houveram mudanças significativas, relacionadas à linha editorial e à equipe?**



RAQUEL BOECHAT<sup>193</sup>: Fundamentalmente o que mudou é que desde a Copa de 2014 não temos mais o *streamming* como carro-chefe a impulsionar a audiência da nossa página, e também não nos restringimos a uma página no Facebook. Não havia mais espaço na rede social para nossos álbuns de fotos temáticos por pauta, ou para outras vontades estéticas e editoriais. Desde Maio de 2014 temos no ar o primeiro *site* de mídia independente nascida na cena do Rio, feito e mantido por alguns de nós mesmos. Apesar dessa conquista e até da Copa e do bom posicionamento e da credibilidade que angariamos junto ao público desde 2013, ao mesmo tempo em que nosso número de colaboradores triplicou, com voluntários em vários estados brasileiros, esse mesmo volume de braços diminuiu a seguir, o que impactou, a partir de 2015, em nossa capacidade de produção.

Importante lembrar que o Carranca nunca quis restringir-se à rua, nem ao *streamming*, nem ao Facebook, nem a breves posts que informassem o instante de uma ocupação ou de uma manifestação, apenas mobilizando o público sem reflexão ou aprofundamento. Artigos longos, crônicas, entrevistas, matérias, vídeos, ensaios de fotos, artes plásticas e até uma coluna sobre como viajar sem um tostão no bolso com a paga, apenas, da solidariedade humana e do trabalho, são nossos projetos em construção desde a nossa origem. Isso não mudou, somos os mesmos em termos editoriais e na busca de uma estética mais complexa de se produzir e sofisticada, como uma revista em relação a um jornal diário. Sempre fomos e continuamos muito mais *low profile* e artísticos que vários de nossos companheiros da mídia independente (o sensacionalismo é uma característica da Internet), não postamos vídeos com cenas fortes, nem matérias sem apuração ou fontes e, muito raramente, conteúdo externo.

Como critério de plataforma, saindo do confinamento do Facebook, o *site* passou a ser nosso acervo e canal com o universo WWW; o Youtube, um acervo de vídeos; o Facebook, território de chamada para os conteúdos do *site* (que eventualmente já trarão o vídeo do Youtube como parte do seu conteúdo), e o Twitter é um canal não só para chamadas, mas para informações factuais – e aí, sim, podemos dizer que a Guarda Municipal está expulsando moradores de uma comunidade “neste momento”. Querendo saber como foi ou

---

<sup>193</sup> Entrevista realizada com Raquel Boechat por email em 03/02/2016.

ver um ensaio fotográfico sobre seus moradores e suas casas e vidas destruídas ou ler um artigo de opinião crítica sobre a política habitacional da prefeitura que botou aquelas pessoas ao relento, entre no site, ou no Face ou no Twitter para acessar o *link* do site.

A sustentabilidade do projeto é que é uma constante preocupação, mas isso desde 2013. Viver em torno de uma Jornada de Junho é um sacerdócio incompatível com a vida prática de pagar contas, estudar, trabalhar, ter vida pessoal e familiar, já que não se tem patrocínio para bancar nosso trabalho e o custo fixo do projeto com servidor e domínios. Esse conflito afastou, naturalmente, vários cofundadores e colaboradores que, ao longo dos anos, tomaram suas vidas como prioridade. Essa perda na equipe impactou no fluxo de postagens sobrecarregando os poucos que sobraram na equipe. Até perto da Copa, conseguia-se postar quase que diariamente ou dia sim, dia não. Os números de publicações foram caindo paulatinamente a partir do Mundial, paradoxalmente no mesmo momento em que lançamos o site – que dá mais trabalho e exige mais tempo que um *post* colado apenas no Facebook –, mas buscou-se manter a mesma qualidade e proposta editorial. Já com apenas dois editores, o Carranca bateu alguns marcos como, antes de qualquer veículo, grande mídia ou independente, publicar, com suítes e colaboradores em Hong Kong, os atos da *Umbrella Revolution*. A Rede Globo deu uma semana depois. Nas mesmas condições de equipe reduzidíssima, foram furos seguidos as notícias e denúncias sobre todas as mudanças, por imposição da Casa Civil do governo federal, de nossa política de licenciamento ambiental, fragilizando todas as autarquias, beneficiando empreiteiras, mineradoras e madeireiras e mudando, a fórceps, nossa legislação – essa pauta nenhum da grande imprensa deu, somente o Carranca e de modo bastante completo. Vários *sites*, inclusive no exterior, repercutiram. Seguimos no crescente com nossa produção com alguns novos colaboradores que se envolveram com o projeto, ainda naquele ano. Calculamos o custo de cada deputado de São Paulo, fizemos entrevistas exclusivas, acompanhamos as audiências dos 23 manifestantes acusados de atos violentos no Rio, a xenofobia e a cultura do ódio nas redes, as eleições e o crescimento da direita. Dois mil e quinze começou e já contávamos com uma colaboradora no Irã.

Foram muitas as buscas e experiências na construção de nosso modo de produção, mas o que mudou foi basicamente o aplicativo. Nossa redação ainda é virtual, temos comunicação

diária e constante, colaboradores com características diversas e o Núcleo Editorial passou a ser, com o tempo, posto ocupado conforme o perfil, o tempo disponível e o envolvimento com o projeto. Estar entre os editores não é mais, portanto, território exclusivo dos fundadores, como na origem.

E, para nossos alívios, o trabalho continua sendo coletivo, mas sem o critério absoluto de só “subir” a matéria se pelo menos dois colaboradores aprovarem, e isso depois de todos quantos quisessem mexerem no material. As produções, desde 2014, tornaram-se mais livres, mas sempre disponibilizadas antes para o grupo avaliar e sugerir ajustes, ou participar junto, mas nada que inviabilize a publicação – a não ser que o caso seja extremo, o que não tem ocorrido. Ainda em 2013, o grupo sofria muito com produções que caíam inéditas porque os demais não tiveram tempo de avaliar no momento ideal para a publicação, ou quando avaliada era tanto ajuste que o material original se perdia. Desburocratizar, mantendo a coerência editorial do Carranca na veia, tem nos permitido dispensar pautas e, até, repassar algumas a outros coletivos de melhor perfil para elas.

Seguimos no ar sem dinheiro, sem marketing, sem patrocínio de *posts*, sem compartilhamento com páginas ou perfis *fakes* e um público mensal de cerca de 6 mil leitores no site. Em 2016, um cofundador com saudade e gana pelas pautas pediu para cobrir dois atos e tivemos, quase dois anos depois de nenhum *live* no ar, dois *streamings*.

**2) Você, Augusto e Otávio apresentaram uma série de controvérsias a respeito da Mídia Ninja RJ, algumas das quais foram decisivas para a saída de vocês do Ninja. Algumas críticas baseavam-se em hipóteses. Quais delas efetivamente foram comprovadas?**

RAQUEL BOECHAT: Ao longo da nossa experiência, e não só conosco, pessoalmente, observamos que manipulação e cooptação são uma vulnerabilidade da “mídia independente” e de qualquer um nas redes, onde estamos sujeitos às ações de marketing ou de grupos de mobilização ou de coletivos com vestes de “movimento social”.

Na época (Julho de 2013) em que começaram a surgir denúncias públicas de pretensas vítimas da ONG Fora do Eixo (FDE) e de uma provável ligação da ONG com o PT, essas

hipóteses, além de racharem a primeira formação da Mídia Ninja no Rio e gerarem a primeira dissidência oficial, que foi o Carranca, instaurou o conceito, entre alguns ativistas e movimentos sociais, de que a Mídia Ninja era um “problema” na cena, quase um “infiltrado”, tanto para a “mídia independente” quanto para os movimentos sociais.

Pouco tempo se passou e FDE/Mídia Ninja não conseguiram – ou não quiseram – esconder sua relação com o PT. Em 2014, seus membros publicaram fotos e *posts* com candidatos, em palanques e no Instituto Lula, com o próprio ex-presidente comemorando seu aniversário e a vitória de Dilma. Importante ressaltar que a proximidade se mostrava estreita e não só com o ex-presidente, mas com candidatos à Câmara Federal – e não só do PT, mas de outros partidos de base. Comportavam-se para muito além de meros correligionários ou eleitores entusiasmados. Saíam na foto, subiam no palanque, faziam campanha, postavam diariamente sobre eles e gravavam programas de entrevistas. O editorial que a Mídia Ninja postou, à época das eleições, de modo transparente, afirmando que tinha lado e que apoiava Dilma no pleito presidencial, foi quase o de menos.

Bastante incensado, também, foi o ex-ministro da Cultura, Juca Ferreira, realçado à pasta. Membros da FDE e simpatizantes próximos foram contratados no MinC; entre esses, assumiu a Secretaria da Cidadania e da Diversidade Cultural do Ministério da Cultura (SCDC/MinC) a acadêmica Ivana Bentes, ex-diretora da ECO/UFRJ, histórica entusiasta do modelo FDE. Entre os demais empossados, uma residente da casa FDE de São Paulo que operava, diretamente, a Mídia Ninja, durante as transmissões e postagens na página do coletivo no Facebook, durante as jornadas.

Se há liame entre o perfil de produtores culturais e mobilizadores conduzindo uma fórmula de marketing político, o que não é oficial, não é possível provar com documentos, nem há estampado na fachada o atestado de “agência”, lembremos que o movimento “Existe Amor em SP” (2012), que salvou o candidato Haddad da derrocada que teria na disputa com o candidato Celso Russomanno, consta do histórico da FDE, em seu site.

Esses dados estão em um artigo científico que produzi, ainda inédito, fundamentado não só em conteúdos coletados na rede ao longo dos últimos anos, mas em estudos em curso sobre

o contexto das Jornadas de Junho e da cena da mídia independente nascida ou popularizada em 2013. O projeto de mestrado da Universidade do Porto “A Nova Mídia do Rio de Janeiro”, por Marcela Canavarro Martins, é um deles. Seus dados e grafos apontam a existência de comunidades de páginas, no Facebook, que “curtem” umas às outras – o que ocorre dos dois lados, também da oposição. Do lado governista, a pesquisa identifica Mídia Ninja, Revista Fórum, blogs Brasil 247 e Pragmatismo Político.

Em 12/03/2015, véspera da manifestação “vermelha” em contrapartida à da oposição no dia 15, foi inaugurada a página “Jornalistas Livres” cuja cobertura, observamos, foi em parceria com Mídia Ninja: as respectivas marcas (Ninja e Jornalistas Livres), com *hashtag*, assinaram vários *posts* compartilhados por membros do FDE, em suas páginas pessoais, com entusiasmo. Praticamente ao mesmo tempo em que surgia a nova página no Facebook, havia matéria sobre a iniciativa em *blog* vinculado à Carta Capital. Em cerca de três meses, dezenas de milhares de curtidas, um fenômeno para quem não tinha uma rede pré-estabelecida – e, consideremos, na cena dos primeiros atos “vermelhos e azuis” de 2015.

Os mesmos integrantes do FDE repercutiram bastante o *crowdfunding* da nova marca. A campanha ultrapassou as expectativas de arrecadação, para além dos R\$ 100 mil, o que foi comemorado com um show em praça pública, em São Paulo, bem ao estilo dos festivais e eventos produzidos pela ONG. A marca Ninja, depois dessa nova frente com tão próspera repercussão, pareceu – deliberadamente – entregar o bastão.

**3) O Carranca, a Mídia Ninja e tantos outros coletivos de midiativismo foram celebrados durante a Jornada de Junho de 2013 no que diz respeito ao potencial de tensionar o modo como se pensa o jornalismo e se pratica o jornalismo nas grandes empresas de comunicação. Ou seja, à época, creditou-se um potencial transformador a essas iniciativas, atreladas que estavam às ideias de inovação tecnológica e inserção na ação. Como você avalia isso hoje? Em algum sentido esse potencial se realizou?**

RAQUEL BOECHAT: Não tenho dúvida que sim. Claro que em 2013, com o Ninja *boomer*, a proliferação de tantos “ninjas” (virou adjetivo) solitários com seus celulares e dos coletivos de mídia independente, ainda mais com os atos nas ruas naquelas proporções, o

tensionamento era mais evidente, mas foi transformador e repercute. Só o fato desses coletivos ainda existirem, e em contato, quase três anos depois – e estamos falando da cena do Rio e de menos de dez (pouco, mas praticamente um tanto dos mesmos de constante repercussão) – e ativos e sem dinheiro e com projetos para um futuro incerto, mas que aponta para uma vontade de crescimento, isso significa que o movimento não só não morreu como tem ambições, nem que seja apenas a de seguir se adaptando para chegar “lá”, que não se sabe ao certo o quê é ou onde, mas tangenciado pela necessidade. Nem que seja apenas, para alguns, uma nostalgia de Junho, a chama tá lá. Não poucos ficaram bastante perdidos com o fim das manifestações e com os resultados das eleições e a forte repressão estatal que ajudou a arrefecer os movimentos e a afastar vários midiativistas da cena política, mas fato é que o modo de se pensar, fazer e consumir jornalismo mudou – mesmo para os que ainda não conseguiram, na prática, mudar. Mesmo que em pequena escala, ante nossa dimensão continental, a proporção arrebatadora de aparelhos de televisão versus Internet, o tipo de público para conteúdos de esquerda – não raro, opinativos demais, combativos, piegas ou apelativos.

É um trabalho “de formiguinha”, que talvez não consiga, nem tão cedo, talvez nunca, quebrar o poder da grande mídia no que se refere ao seu papel de manutenção do *status quo* e de subserviência aos interesses políticos e comerciais. Estamos falando de grandes conglomerados, fortunas, poder imbricado com o Poder, mas é da base que se mina e que se constrói a estrutura. Então esse não é, necessariamente, um movimento com resultados imediatos, como aparentou em 2013. Ele se infiltra. Senta nos bancos escolares e universitários, provoca reavaliações da categoria, estabelece choques e conflitos porque questiona, tem seu público que reverbera amiúde e em rede.

Com o advento da Internet, as possibilidades de uso dessas novas tecnologias e o exemplo libertário que essas novas mídias e midiativistas trazem enquanto personalidade e possibilidade, e isso em paralelo a um mercado de jornalismo falido e de demissões em massa e sem a obrigatoriedade do diploma, quem ainda não entendeu que está mudando ou que já mudou e que pode pular de um trem para outro para tentar ficar melhor, está morto. Eu tendo a acreditar que esse reconsiderar já existe dentro das redações, inclusive. Conheço jovens jornalistas que assinam páginas da grande mídia que, mesmo sem o evidente peso da

experiência, pensam criticamente bem melhor que muito jovem como a que eu fui, que não criticava nada.

É claro que sempre existe “quem assine” no lugar do que se negou, isso é da humanidade, mas é dela também a construção histórica de conquistas que tendem sempre a um jusnaturalismo, talvez por instinto de sobrevivência da espécie, que seja.

O midiativismo, nesse sentido, não é simplesmente uma “revolta” feita por jornalistas e por não jornalistas em momento político tão expoente de nossa História, mas um olhar subjetivo inserido na perspectiva do oprimido, do mais fraco, do injustiçado, do enganado. Levanta um véu, mostra um outro lado, traz o cabo de aço que faltava à verticalidade imperativa e até então dominante dos jornais escritos, falados e televisionados. E o importante disso tudo é que começou. Não importa, agora, nesta minha rasa reflexão, onde vai dar exatamente e de que forma (até porque não sei), porque já está dando.

**4) É possível traçar um cenário do midiativismo carioca hoje? Quem são os grupos mais atuantes, do seu ponto de vista? Como o Carranca se posiciona nesse possível cenário?**

RAQUEL BOECHAT: Sim, o cenário existe, diferente de 2013 por força da nova realidade – sem manifestações como naquele ano, sem os tantos coletivos ativos como eram e sem os midiativistas solitários proliferados como antes. Observa-se um reflexo direto do arrefecimento das ruas e das redes nesses grupos ou indivíduos. Muitos dos que nasceram e existiam fundamentados apenas nos atos de rua, ou desapareceram da cena ou têm tentado encontrar uma nova linguagem ou modo/espço de expressão. Um exemplo está nas marcas MIC e Mariachi, que desde o segundo semestre de 2015 passaram a publicar seus conteúdos e de outros portais (não necessariamente das mídias nascidas naqueles dias) em um único site ([midia coletiva.org](http://midia coletiva.org)) – lembrando que apenas dois coletivos de mídia independente tinham *site* desde antes da Copa de 2014: Carranca e Rio na Rua. O impulso para a iniciativa dos caçulas no *www* foi porque a página do Mariachi, no Facebook, saiu do ar por uma denúncia de um *post* à empresa de Zuckerberg; acreditaram que tivesse sido “censura” do governo do Estado do Rio de Janeiro a uma reportagem e, com esse gancho, criaram e propagandearam o *blog* rapidamente.

A ideia de um único portal, aliás, não é uma novidade: Mariachi já tinha posto a proposta a vários coletivos cariocas, desde 2014, e houve reuniões que o Carranca participou. O cerne do projeto era a construção de uma associação de todas essas mídias independentes em um único portal, criando assim um mecanismo de junção de forças sob a proteção de uma figura jurídica que pudesse se estruturar para potencializar produção e criar frente ante a mídia hegemônica e as correntes comprometidas com estruturas governamentais e/ou partidárias. A proposta não foi adiante, a meu ver, por várias questões debatidas ao longo do processo de construção do projeto, dentre elas, a diferença editorial e de produção entre os coletivos pareceu um dos maiores entraves. Outro ponto discutido foi que, se os associados não seriam apenas os coletivos já conhecidos entre si, já que, individualmente ou em grupos, seria permitida a livre associação, como controlar não só administrativamente, mas também enquanto linha política-editorial e conteúdo? Então haveria um conselho editorial sobre todos os coletivos e indivíduos? Só poderiam os de esquerda? A segurança desses fatores e a identidade, per si e em todos esses e em vários outros aspectos, mostrou-se um imbróglio a ser vencido e a ideia não avançou, pelo menos até o momento. A característica anárquica desses movimentos sociais na comunicação em cabo de aço com ela mesma se revelou, também, em posicionamentos sobre como criticar o sistema se entregando a ele. Foi interessante o debate sobre como sobreviver, de modo sustentável e com “força para luta” sem fugir do DNA de si mesmo.

Dos nascidos a partir de 2013, no Rio, além do Coletivo Carranca tínhamos as mídias independentes Mariachi, Rio na Rua, Mídia Independente Coletiva (MIC), Mídia Informal e Olhar Independente, bastante atuantes. Em 2015, cheguei a ver um *post* do Rio na Rua, que estava desaparecido. Já existia, há 12 anos, mas ganhou notória visibilidade com 2013, A Nova Democracia (AND). Alguns ativistas também se destacaram e arrefeceram, como o humorista Rafucko, com seus vídeos de humor crítico, que chegou a anunciar o fim da produção de seus vídeos com festa de despedida, ano passado. O Coletivo Projetação, de designers e cineastas, famoso por suas projeções nos paredões de edifícios, também por realizar cineclubes debaixo de viadutos e em comunidades; conseguiu criar um “produto”, mas não há como mensurar suas aparições sem os atos de rua. A exceção de Rafucko, Projetação e AND, que já fizeram arrecadação por financiamento coletivo, todos os demais



pensaram ou se organizam para como obter meios de financiamento com “dinheiro limpo”. Enquanto movimentos anárquicos sem figura jurídica para concorrer em alguns editais e fechar contratos, o financiamento público ainda parece o melhor caminho, o problema, a meu ver, é que a arrecadação não depende só de campanha com planejamento, organização e metas, mas também da mobilização de seus seguidores, muito apegados ao impulso de notícias mais sensacionalistas ou a fatos muito graves e contundentes para acharem que vale a pena, quem sabe, pagar por algo que se propõe de graça, independente e livre, na Internet. O Facebook também derrubou a audiência dessas páginas para forçar o patrocínio de *posts*, o alcance das postagens não chega a 2% do número de curtidores, o que significa que se teria que ter uma ação integrada e dinheiro para se investir em Zuckerberg, mesmo para se arrecadar mais dinheiro de modo “independente”. Deve-se levar em conta, ainda, que se um desses coletivos, que possui o mesmo público dos demais, abre sua campanha, entrar na concorrência vai fazer alguém, ou “os dois”, sair prejudicado.

A polarização dos atos de 2015 não movimentou esses coletivos como em 2013; desconfiados, talvez, e com menos voluntários. Seguem, entretanto, ainda vivos, com aparições conforme os atos de rua ou conforme suas novas formas de expressão.

Para o Coletivo Carranca, a mudança da cena de rua só impacta na audiência e na mobilização de voluntários aguerridos com o momento político, porque nunca buscamos exclusivamente as manifestações como pauta, mas um aprofundamento sobre suas razões, sobre a sociedade e não apenas sobre a política, sobre a rede e não somente sobre a rua, e muito comportamento, investigação, análises de dados e opiniões. Então, apesar de desde a Copa de 2014 não termos mais o *streaming* como um carro-chefe a impulsionar a produção e a audiência dessas demais leituras sobre o nosso tempo e o nosso ao redor, nossa característica editorial e de linguagem não só se manteve como se consolidou e tentou novos recursos. Mas mantivemos nosso maior capital, imagino: não somos o coletivo que está no topo dos líderes de audiência entre curtidas e compartilhamentos, mas somos fonte, temos uma personalidade reconhecida pelo público e buscamos manter nosso diferencial de conteúdo, arte e credibilidade. Oxalá, possamos seguir no melhor caminho, cumprindo o papel da resistência, que é o que, enquanto movimento social, talvez nos defina.